

**Universidade Federal Fluminense**  
**Instituto de Ciências Humanas e Filosofia**  
**Programa de Pós-Graduação em Filosofia**

ÁDIL BULKOOOL BERNSTEIN

**A PRODUÇÃO DESEJANTE EM FREUD E DELEUZE & GUATTARI:  
DA PULSÃO AO DESEJO EM *O ANTI-ÉDIPO***

**Niterói**  
2024

ÁDIL BULKOOL BERNSTEIN

A PRODUÇÃO DESEJANTE EM FREUD E DELEUZE & GUATTARI:  
DA PULSÃO AO DESEJO EM *O ANTI-ÉDIPO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana de Toledo Barbosa

Niterói  
2024

[Ficha Catalográfica]

ÁDIL BULKOOOL BERNSTEIN

A PRODUÇÃO DESEJANTE EM FREUD E DELEUZE & GUATTARI:  
DA PULSÃO AO DESEJO EM *O ANTI-ÉDIPO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mariana de Toledo Barbosa

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mariana de Toledo Barbosa  
(PFI/UFF) – orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline Sanches  
(DPI/UEM-PR) – arguidora

---

Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto  
(ECO/UFRJ) – arguidor

Niterói  
2024

## Agradecimentos

À minha orientadora, Mariana de Toledo Barbosa, meu sincero agradecimento pela generosidade, alegria, dedicação e rigor com que acompanhou meus estudos e produções, acolhendo as necessidades do percurso com sensibilidade.

Agradeço profundamente a minha família. Aos meus pais, Andréa e Salomão, pelo amor e confiança transmitidos em cada momento. A meu pai, por inspirar alegria e encantamento pela vida. À minha mãe, por toda paciência e encorajamento, sempre me incentivando a explorar novos caminhos. A meus irmãos, Idries e Tárík, avó Marina e tio Paulo, por acompanharem essa jornada.

Agradeço à minha companheira Flávia, por todo amor e carinho, pela companhia e paciência, sempre disponível a acolher as alegrias e angústias do trajeto, estando junto e respeitando os momentos em que precisei me afastar para mergulhar no processo de escrita. Por me permitir ser e me refazer. Por compartilhar sua família, Álvaro, Myriam, Taís, Pedro, Clara, Daniel, Lelê e Nuno, com quem pude desfrutar de tantos momentos felizes.

Agradeço a todas as amigas que fiz ao longo das errâncias universitárias, e aos mestres com quem tive a oportunidade de aprender e aprender a aprender.

Agradeço aos colegas, amigas e amigos do grupo de pesquisa Deleuze: Filosofia Prática, especialmente Daniela, Henrique, Frederico, Caio, Letícia, Ivan e Thiago, por tornarem o trabalho acadêmico um campo aberto, colaborativo, afetuoso e potente, sempre inspirando com suas pesquisas e estudos.

Agradeço aos amigos e amigas que compõem a minha história e que acompanharam direta ou indiretamente a experiência do mestrado. Ao Daniel, Miguel, Vinicius, Jean e Gabriel, pelas partilhas filosóficas, psicanalíticas, pelas escaladas e trilhas, pelos cafés. Às amigas *psis* Verônica, Janaína e Marcela, à Juliana, Rachel, Desiree, Gabriela, ao Victor e Lucas, pelas derivas, alegrias e conversas.

Agradeço ao departamento de filosofia da UFF e aos professores do PFI, pela construção conjunta de um ambiente harmônico e humano, empenhado no cultivo dos melhores pesquisadores e pesquisas.

Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado, que permitiu a plena dedicação à pesquisa e à construção desta dissertação, amparando meu processo formativo.

## **DESOBJETO**

*O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo. O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado a musgo. Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente.*

Manoel De Barros, *Memórias Inventadas*

## RESUMO

Esta dissertação investiga o conceito de *produção desejante* à luz da psicanálise e da esquizoanálise, traçando sua trajetória desde a sua "grande descoberta" em Sigmund Freud até a sua plena formulação em *O anti-Édipo* (1972), obra inaugural da colaboração entre Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nossa hipótese inicial foi a de que a noção freudiana de pulsão mantém uma relação mais próxima com a dimensão produtiva do desejo e do inconsciente, tal como explorada e valorizada por Deleuze e Guattari, além de apresentar afinidades com a criação desses autores. O objetivo da pesquisa foi investigar como a pulsão sexual e as teorias pulsionais de Freud foram apropriadas para a conceituação do inconsciente e do desejo em *O anti-Édipo*. Para isso, realizamos uma leitura sistemática da teoria pulsional em Freud, articulando-a com a análise da obra de Deleuze e Guattari. A dissertação está organizada em três eixos principais: (1) a caracterização da descoberta psicanalítica da produção desejante nos textos de Freud que apresentam e sistematizam o conceito de pulsão sexual, a saber, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *Pulsões e seus Destinos* (1915); (2) o estabelecimento dos problemas que, por um lado, culminaram em uma espécie de derrocada da descoberta psicanalítica e, por outro, delinearam o campo problemático que impulsiona e permeia a criação do conceito de produção desejante em *O anti-Édipo*; (3) a análise dos problemas e críticas que Deleuze e Guattari dirigem à psicanálise, com ênfase no modo como esses autores retomam elementos das teorias pulsionais freudianas, cujos desdobramentos e revisões foram examinados principalmente em obras como *O Recalque* (1915), *Introdução ao Narcisismo* (1914) e *Além do Princípio de Prazer* (1920). A hipótese inicial foi corroborada pela constatação da presença decisiva de noções relacionadas à pulsão freudiana, como a libido, não só na demarcação da descoberta da produção desejante, mas também na concepção da produção desejante e do inconsciente produtivo por parte dos franceses. Nesse processo, a crítica e o remanejamento de elementos conceituais das teorias pulsionais mostram-se importantes combustíveis à criação deleuzo-guattariana e à operação de subversão interna da psicanálise.

**Palavras-chave:** produção desejante, Freud, Deleuze & Guattari, pulsão sexual, máquinas desejantes.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the concept of *desiring-production* in light of psychoanalysis and schizoanalysis, tracing its trajectory from its "great discovery" in Sigmund Freud to its full formulation in *Anti-Oedipus* (1972), the inaugural work of the collaboration between Gilles Deleuze and Félix Guattari. Our initial hypothesis was that the Freudian notion of *drive* is more closely related to the productive dimension of desire and the unconscious, as explored and emphasized by the french authors, in addition to presenting affinities with their creation. The objective of the research was to investigate how the sexual drive and Freud's drive theories were appropriated for the conceptualization of the unconscious and desire in *Anti-Oedipus*. To this end, we carried out a systematic reading of drive theory in Freud, articulating it with the analysis of the mentioned work of Deleuze and Guattari. The dissertation is organized into three main axes: (1) the characterization of the psychoanalytic discovery of desiring-production in Freud's works that present and systematize the concept of the sexual drive, namely, *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905) and *Instincts and their Vicissitudes* (1915); (2) the establishment of the problems that, on the one hand, culminated in a kind of collapse of the psychoanalytic discovery and, on the other, delineated the problematic field that drives and permeates the creation of the concept of desiring-production in *Anti-Oedipus*; (3) the analysis of the problems and criticisms that Deleuze and Guattari address to psychoanalysis, with emphasis on the way in which these authors take up elements of freudian drive theories, whose developments and revisions were examined mainly in works such as *Repression* (1915), *On Narcissism: An Introduction* (1914) and *Beyond the Pleasure Principle* (1920). The initial hypothesis was corroborated by the observation of the decisive presence of notions related to the freudian drive, such as the libido, not only in the demarcation of the discovery of desiring-production, but also in the conception of desiring-production and the productive unconscious on the part of the french authors. In this process, the critique and the rearranging of conceptual elements of drive theories prove to be important fuel for Deleuze and Guattari's creation and for the operation of the internal subversion of psychoanalysis.

**Keywords:** desiring-production, Freud, Deleuze & Guattari, sexual drive, desiring machines.

## RÉSUMÉ

Ce mémoire explore le concept de production désirante, en retraçant son évolution depuis sa « grande découverte » chez Sigmund Freud jusqu'à sa formulation complète dans *L'Anti-Œdipe* (1972), œuvre inaugurale de la collaboration entre Gilles Deleuze et Félix Guattari. Notre hypothèse initiale était que la notion freudienne de pulsion entretient une relation plus étroite avec la dimension productive du désir et de l'inconscient, telle qu'explorée et valorisée par Deleuze et Guattari, et présente des affinités avec la création de ces auteurs. Le but de la recherche était d'examiner comment la pulsion sexuelle et les théories pulsionnelles de Freud ont été appropriées pour la conceptualisation de l'inconscient et du désir dans *L'Anti-Œdipe*. Pour ce faire, nous avons effectué une lecture systématique de la théorie pulsionnelle chez Freud, en l'articulant avec l'analyse de l'œuvre de Deleuze et Guattari. Ce mémoire s'organise en trois axes principaux : (1) la caractérisation de la découverte psychanalytique de la production désirante dans les textes de Freud qui présentent et systématisent le concept de pulsion sexuelle, à savoir *Trois essais sur la théorie sexuelle* (1905) et *Pulsions et destins des pulsions* (1915) ; (2) l'établissement des problèmes qui, d'une part, ont abouti à une sorte d'effondrement de la découverte psychanalytique et, d'autre part, ont délimité le champ problématique qui propulse et imprègne la création du concept de production désirante dans *L'Anti-Œdipe* ; (3) l'analyse des problèmes et des critiques que Deleuze et Guattari adressent à la psychanalyse, en mettant l'accent sur la manière dont ces auteurs reprennent des éléments des théories pulsionnelles freudiennes, dont les développements et les révisions ont été examinés principalement dans des ouvrages tels que *Le refoulement* (1915), *Pour introduire le Narcissisme* (1914) et *Au-delà du principe de plaisir* (1920). L'hypothèse initiale s'est avérée par la constatation de la présence décisive de notions liées à la pulsion freudienne, à l'instar de la libido, non seulement dans la démarcation de la découverte de la production désirante, mais aussi dans la conception de la production désirante et de l'inconscient productif par les penseurs français. Dans ce processus, la critique et le remaniement d'éléments conceptuels des théories pulsionnelles se révèlent être d'importants moteurs de la création deleuzo-guattarienne et de l'opération de renversement interne de la psychanalyse.

**Mots-clés:** production désirante, Freud, Deleuze & Guattari, pulsion sexuelle, machines désirantes.

## LISTA DE ABREVIATURAS

*AE - O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*

*TES - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

*IaN - Introdução ao narcisismo*

*PsD - As pulsões e seus destinos*

*REC - O recalque [A repressão]*

*ICS - O inconsciente*

*APP - Além do princípio de prazer*

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>Crítica e criação: considerações sobre o procedimento filosófico d’<i>O anti-Édipo</i> .....</b>	<b>18</b>
Sobre a relação d’ <i>O anti-Édipo</i> com a psicanálise, segundo seus autores e Sibertin-Blanc .....	18
Do problema ao procedimento: aspectos do fazer filosófico deleuziano conforme Abreu .....	20
A filosofia como criação de conceitos e o empreendimento d’ <i>O anti-Édipo</i> , de acordo com Machado .....	21
<b>Cartografia do deslocamento pulsão-desejo e lançamento de hipóteses .....</b>	<b>23</b>
<b>PARTE I – A DESCOBERTA PSICANALÍTICA DA PRODUÇÃO DESEJANTE .....</b>	<b>31</b>
<b>I.1. Os termos da descoberta segundo <i>O anti-Édipo</i> .....</b>	<b>31</b>
I.1.1. A marginalidade de Édipo diante da sexualidade infantil .....	39
<b>I.2. Da produção desejante das pulsões parciais ao conceito metapsicológico de pulsão.....</b>	<b>44</b>
I.2.1. Notas gerais sobre o discurso da pulsão .....	44
I.2.1.1. Os momentos da teoria pulsional freudiana .....	48
I.2.1.2. Sobre o traço especulativo da teoria pulsional: um discurso para além da Biologia e da Psicologia .....	49
I.2.1.3. O conceito de <i>Trieb</i> e a questão da tradução: instinto, impulso ou pulsão? .....	51
I.2.2. A criação do conceito de pulsão sexual nos <i>Três ensaios sobre a teoria da sexualidade</i> (1905): a descoberta da sexualidade, da libido e da produção das pulsões parciais.....	54
I.2.2.1. As edições dos <i>Três ensaios</i> : reflexos dos desdobramentos da teoria pulsional .....	56
I.2.2.2. Apresentação da pulsão sexual e o problema dos desvios: libido, objeto e meta da pulsão... ..	57
I.2.2.3. Objeto da pulsão: o componente mais variável .....	58
I.2.2.4. Dos desvios da meta sexual ao caráter composto ou polimorfo da pulsão: as pulsões parciais .....	61
I.2.2.5. A relação entre neurose, perversão e “normalidade” e o problema da diferenciação das pulsões .....	68
I.2.2.6. Conclusões gerais do primeiro ensaio e a passagem para o segundo: a sexualidade perverso-polimorfa e infantil.....	70
I.2.2.7. O sexual ampliado e as características fundamentais da sexualidade infantil: florescimento em dois tempos, autoerotismo, teoria do apoio e zonas erógenas.....	75
I.2.2.8. As pesquisas sexuais infantis e as fases de organização da libido.....	80
I.2.2.9. A questão da escolha de objeto e as fontes da sexualidade infantil.....	83
I.2.2.10. Da sexualidade infantil às transformações da puberdade: o terceiro ensaio .....	85
I.2.2.11. Prazer infantil, prazer final e o problema da excitação sexual .....	89
I.2.3. A pulsão como fundamento da metapsicologia em <i>As pulsões e seus destinos</i> (1915) ...	93

I.2.3.1. A pulsão como conceito fundamental.....	94
I.2.3.2. A pulsão como conceito-limite ou conceito fronteiro.....	96
I.2.3.3. Da distinção entre pulsão e estímulo ao princípio regulador do aparelho psíquico: cruzando as fronteiras .....	97
I.2.3.4. A tríplice definição de pulsão e seus quatro aspectos ou componentes.....	99
I.2.3.5. Do conceito de pulsão às diferentes pulsões: a ambiguidade não resolvida do dualismo pulsional .....	101
I.2.3.6. Pulsão e representação: uma relação problemática? .....	104
I.2.3.7. Do conceito de pulsão a seus destinos: a economia pulsional em funcionamento .....	108
I.2.3.8. O exame da ambivalência entre amor e ódio e as três polaridades do aparelho psíquico ....	112
<b>PARTE II – O PROBLEMA DA PRODUÇÃO DESEJANTE EM <i>O ANTI-ÉDIPO</i> .....</b>	<b>118</b>
<b>II.1. Da descoberta à derrocada .....</b>	<b>118</b>
II.1.1. Considerações gerais acerca do Édipo psicanalítico.....	119
II.1.2. O problema de Édipo: da descoberta à soberania .....	124
II.1.3. Problema da liquidação da libido.....	126
II.1.4. Dessexualização e sublimação: a libido restringida ao território familiar .....	128
II.1.5. Pulsões e objetos parciais: por uma crítica ao Falo e à castração .....	129
<b>II.2. Da derrocada à retomada: a esquizofrenia como processo de produção desejante ....</b>	<b>131</b>
<b>II.3. A produção desejante em Deleuze e Guattari.....</b>	<b>136</b>
II.3.1. A proposta de uma psiquiatria materialista: a retomada da dimensão produtiva do desejo e a imanência das produções .....	136
II.3.2. Da noção de máquina às máquinas desejantes: o primeiro polo da esquizofrenia .....	137
II.3.3. A antiprodução como segundo polo do processo: o corpo sem órgãos .....	140
II.3.4. Do processo de produção aos três sentidos de processo .....	143
II.3.5. Os momentos do processo de produção e o dinamismo da produção desejante.....	147
II.3.6. Multiplicidade, molar e molecular .....	154
II.3.7. As coordenadas do conceito de desejo como produção e suas implicações .....	156
II.3.8. Pulsão e fantasma de grupo, desejo e campo social: a afirmação da univocidade da produção .....	159
<b>PARTE III – A RETOMADA DA TEORIA PULSIONAL NA CRÍTICA À PSICANÁLISE .....</b>	<b>165</b>
<b>III.1. “Nem psiquismo, nem familismo”: a remontagem do sistema repressão-recalcamento e a desedipianização do inconsciente .....</b>	<b>165</b>
III.1.1. Repressão e recalcamento no plano constitutivo da produção desejante .....	165
III.1.2. A teoria metapsicológica do recalque.....	168
III.1.3. O sistema ou aparelho de repressão-recalcamento .....	185

III.1.4. A revolução materialista diante da metafísica psicanalítica de Édipo: paralogismos e usos das sínteses do inconsciente .....	193
<b>III.2. Da limitação à liquidação da libido: os dualismos freudianos em perspectiva .....</b>	<b>206</b>
III.2.1. A revisão da teoria da libido em <i>Introdução ao narcisismo</i> (1914).....	207
III.2.1.1. Considerações preliminares sobre o estatuto da noção de “Eu” .....	208
III.2.1.2. Notas sobre os <i>dois princípios do funcionamento psíquico</i> .....	209
III.2.1.3. A introdução ao conceito ampliado de narcisismo: de perversão a aspecto fundamental do desenvolvimento da libido .....	211
III.2.1.4. Libido objetal e libido narcísica: mudanças na teoria pulsional .....	214
III.2.1.5. As movimentações da libido nos casos de doença orgânica e hipocondria .....	216
III.2.1.6. A libido e as relações objetais .....	218
III.2.1.7. Aprofundamentos na psicologia do Eu à luz do narcisismo: formação do ideal do Eu, instância crítica e recalçamento.....	220
III.2.1.8. Narcisismo, amor-próprio, erotismo e outras considerações .....	223
III.2.2. A pulsão sexual diante do novo dualismo pulsional de <i>Além do princípio de prazer</i> (1920).....	225
III.2.2.1. A abrangência e os limites do princípio de prazer: considerações preliminares.....	229
III.2.2.2. O perigo, o traumático e a brincadeira infantil: repetição e desprazer como indícios de um <i>além</i> .....	232
III.2.2.3. Tendências além e aquém do princípio de prazer: a compulsão à repetição.....	234
III.2.2.4. Da proteção contra estímulos aos sistemas psíquicos: uma especulação a partir dos organismos primitivos .....	238
III.2.2.5. O pulsional, a falta de proteção contra os estímulos internos e a dor: perturbações econômicas da ordem do traumático .....	240
III.2.2.6. Confluências e dissonâncias entre o pulsional e a compulsão à repetição: chegando ao caráter regressivo e conservador da pulsão .....	244
III.2.2.7. Retorno ao inanimado e repetição: o pulsional entre a vida e a morte.....	247
III.2.2.8. Os agrupamentos em perspectiva: problemas e revisões na teoria pulsional.....	250
III.2.2.9. Pulsões de vida e pulsão de morte: o problema da morte natural .....	251
III.2.2.10. As forças pulsionais e a aplicação da teoria da libido ao nível celular: a apresentação de Eros e a consolidação da nova teoria .....	254
III.2.2.11. O mito platônico como arremate da relação entre pulsões sexuais e compulsão à repetição .....	258
III.2.2.12. Ressalvas sobre a nova teoria e outras considerações.....	261
III.2.3. Instinto, pulsão e desejo: o dualismo freudiano revisitado.....	264
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>273</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>278</b>

## INTRODUÇÃO

A grande descoberta da psicanálise foi a da produção desejante, a das produções do inconsciente. Mas, com o Édipo, essa descoberta foi logo ocultada por um novo idealismo: substituiu-se o inconsciente como fábrica por um teatro antigo; substituíram-se as unidades de produção inconsciente pela representação; substituiu-se o inconsciente produtivo por um inconsciente que podia tão-somente exprimir-se (o mito, a tragédia, o sonho...)<sup>1</sup>

Nas linhas dessas afirmações de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) em *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I* (1972)<sup>2</sup>, que trazem alguns pontos enaltecidos em meio a críticas direcionadas à psicanálise, o presente trabalho pretendeu explorar a referida “grande descoberta” psicanalítica e se deter sobre as facetas de uma apropriação conceitual que parece perpassar a própria teoria do desejo proposta pelos pensadores franceses. Partindo do pressuposto de que, para esses autores, a criação filosófica envolve procedimentos de rearticulação de múltiplos elementos heterogêneos, e considerando a psicanálise em seu momento inaugural, ou seja, a obra de Sigmund Freud (1856-1939), constitui o objetivo geral desta pesquisa a investigação do modo como o conceito freudiano de *pulsão sexual* é apropriado por Deleuze e Guattari para se pensar o inconsciente e o desejo em *O anti-Édipo*. Dito de outra forma, pretendemos explorar o tema da produção desejante, desde sua descoberta, em Freud, até sua retomada, na criação conceitual da referida obra deleuzo-guattariana, passando pelas características do que compreendemos como a derrocada da descoberta do psicanalista. Para tanto, nosso objetivo geral se desdobrou em objetivos específicos: (1) realização de uma leitura sistemática do conceito de pulsão e da teoria pulsional em Freud, buscando pensar especialmente a pulsão sexual e o alcance que ela ganha ao longo da obra freudiana; (2) análise da teoria do desejo presente em *O anti-Édipo*, centrada no conceito de *processo de produção desejante*, e apuração das diversas objeções e críticas direcionadas à psicanálise, especialmente aquelas relativas à maneira como se encaminhou a referida descoberta e concernentes ao processo de *edipianização* do inconsciente; (3) verificação do modo como a teoria pulsional freudiana se desdobra nas concepções de produção desejante e de inconsciente, propostas por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*. Com a intenção de atualizar o debate crítico em torno das teses psicanalíticas e desenvolver uma articulação do pensamento

---

<sup>1</sup> *AE*, p. 40 [31]. Para as citações subsequentes das obras de Deleuze e de Guattari em que haja indicação da paginação do original em francês, a adicionaremos entre colchetes, como nesta ocorrência.

<sup>2</sup> *AE*. Doravante referido em texto como ‘*O anti-Édipo*’ ou ‘*Anti-Édipo*’.

freudiano com o pensamento deleuzo-guattariano sob o ponto de vista das apropriações, consideramos que a execução desses objetivos propostos possa beneficiar os estudos de ambos os campos e somar aos trabalhos existentes nesse perfil.

Freud estabelece a psicanálise, propriamente, como campo prático e discursivo, clínico e teórico, a partir da formulação da noção de inconsciente e o faz por meio de duas vias principais: do desejo e da pulsão, referentes às obras *Interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).<sup>3</sup> Deleuze e Guattari, ao escreverem *O anti-Édipo*, travam um diálogo crítico direto com a psicanálise da época, tanto em seus aspectos clínicos e político-institucionais, quanto em seus aspectos conceituais, buscando restituir sua potência: recuperar a dimensão produtiva do inconsciente e do desejo. A insurgência crítica presente há de ser pensada para além de um esforço meramente destrutivo: “acreditamos na possibilidade de uma subversão interna que faça da máquina analítica uma peça indispensável do aparelho revolucionário”.<sup>4</sup> Isto nos leva a indagar sobre os alcances da crítica: o que ela preserva e o que destitui? Qual a criação conceitual aí efetuada? Se a retomada da referida dimensão produtiva do desejo implica a subtração das coordenadas da representação e da falta – o “idealismo” de que falamos –, o que acontece com o desejo a partir dessa operação? Como isso impactou a psicanálise e em que sentido essa crítica ainda se mostra atual e necessária? A psicanálise enquadrada e pensada nesse texto certamente não se resume à empreitada de Sigmund Freud, se estendendo à situação concreta do campo na época e passando por conceitos de outros psicanalistas, como Melanie Klein e Jacques Lacan, dentre outros. O programa de “subversão interna” se vale de formulações da psicanálise, sem dúvida efetuando torções e promovendo invenções, seguindo na direção de retomar a dimensão produtiva do desejo e do inconsciente, cujo alcance será ontológico: uma ontologia das máquinas desejantes que coincide com a produção do real.<sup>5</sup> Nesse sentido, um problema central que atravessou a pesquisa aqui exposta pode ser formulado da seguinte maneira: onde encontramos na produção freudiana a elogiada dimensão produtiva do desejo? A esse respeito, Guattari expressou, certa vez, não haver diferença entre pulsão e inconsciente, mas uma relação de imanência.<sup>6</sup> Dentre os elementos que parecem fomentar a criação de Deleuze e Guattari, a pulsão parece ser um conceito

---

<sup>3</sup> A diferença discursiva entre essas duas vias é indicada por Octave Mannoni (1976) e publicizada no âmbito brasileiro por Garcia-Roza (1985). Aprofundaremos suas indicações mais adiante, na parte da introdução dedicada ao deslocamento entre pulsão e desejo, bem como no capítulo I.2.

<sup>4</sup> *AE*, p. 113 [97].

<sup>5</sup> Acerca de uma tal ontologia, cf. MAGIOLI, 2022.

<sup>6</sup> COSTA; GONDAR, 1992/1995, p. 102.

decisivo, ainda que eles a pensem em termos de desejo e máquinas desejanter. Nossa hipótese inicial foi de que, na obra de Freud, o conceito de pulsão sexual guarda em maior medida a dimensão produtiva do desejo, a ser apropriada e aprofundada na concepção de um inconsciente maquínico em *O anti-Édipo*. Para corroborá-la, perseguindo os objetivos expostos, buscamos não apenas percorrer e investigar a teoria pulsional freudiana como também levantar as inúmeras menções à pulsão no livro de Deleuze e Guattari, analisando o contexto dessas aparições, os elementos conceituais envolvidos e seus modos de uso. Assim, podemos oferecer ao leitor interessado nessa seminal obra dos pensadores franceses o aprofundamento de algumas de suas linhas de composição.

*O anti-Édipo* comemorou, há pouco, 50 anos desde sua publicação e mantém uma potência conceitual que não cessa de se atualizar. Em que pese a crítica feita à psicanálise, explorar esse campo de tensões nos permitiu extrair delas certas consequências proveitosas, sem a pretensão de traçar uma saída dogmática para um lado ou para o outro, nem apaziguar e resolver todas as tensões. Se Deleuze afirmou certa vez que o *Anti-Édipo* fracassou<sup>7</sup>, isso indica que efeitos ainda podem ser esperados da obra. Quais seriam as consequências clínicas de pensar o desejo para além das coordenadas da falta e da representação? Quais as consequências ético-políticas que a pulsão e o inconsciente implicam? A operação fundamental de introduzir o desejo na produção e a produção no desejo<sup>8</sup> seria de algum modo pareável, no âmbito de Freud, a inserir o discurso da pulsão – das forças, intensidades e exigências de trabalho – no discurso do desejo – das fantasias inconscientes e do triângulo edípico? Ou a dimensão representativa subsume de modo incontornável a atividade pulsional?

Os resultados dessa investigação serão apresentados em três eixos principais, antecedidos por capítulos introdutórios acerca de alguns temas mais amplos e de teor preliminar. As seções seguintes irão abordar tópicos de teor metodológico e exploratório. Apresentaremos algumas considerações acerca do estilo de criação filosófica deleuzo-guattariana e dos procedimentos característicos de seus textos, e um mapeamento dos deslocamentos observáveis entre os conceitos de pulsão e de desejo, valorizando as discontinuidades em Freud e as continuidades e articulações em Guattari e Deleuze. Os três eixos principais de desenvolvimento reúnem conjuntos temáticos

---

<sup>7</sup> No prefácio à edição italiana do *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*: “O *Anti-Édipo* obtivera muito sucesso, mas esse sucesso se duplicava em um fracasso mais profundo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/2011, p. 9).

<sup>8</sup> *AE*, p. 54 [43]. Nos referimos à “dupla operação” da psiquiatria materialista ou esquizoanálise: “introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a produção no desejo”.

que foram delimitados da maneira que se segue. A *parte I* é constituída pela demarcação dos termos da *descoberta* psicanalítica, tal como apresentada em *O anti-Édipo*, e pelo exame do que seria a produção desejante no próprio texto de Freud – seja no âmbito da formulação da pulsão sexual em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, seja no contexto de sistematização do conceito de pulsão, com *As pulsões e seus destinos*, de 1915. A *parte II* se dedica a estabelecer o *campo problemático* da produção desejante, passando pela noção de Édipo na psicanálise e pelos problemas da edipianização, do familismo e do idealismo, que marcariam a *derrocada* da descoberta psicanalítica. Essas considerações preparam o terreno para a apresentação do projeto de Deleuze e Guattari, lido como uma *retomada crítica* da descoberta psicanalítica, e para a análise da criação, propriamente dita, do conceito de *produção desejante*. Por fim, a *parte III* se detém sobre algumas vertentes da crítica deleuzo-guattariana à psicanálise edipiana e ao Freud, contextualizando os atravessamentos da teoria do recalque (erigida nos artigos metapsicológicos) na formulação do sistema repressão-recalcamento; comentando as distinções de uso das sínteses do inconsciente e os paralogismos psicanalíticos; e abordando o problema da limitação ou liquidação da libido colocado em *O anti-Édipo*, o que enseja um exame das revisões da teoria pulsional freudiana, passando pela *Introdução ao narcisismo* (1914) e indo até o segundo dualismo de *Além do princípio de prazer* (1920).

Tendo em vista a distribuição dos temas e a composição deste trabalho, que reúne os achados de uma investigação que, embora imbricada, se realizou num duplo movimento – um voltado à obra freudiana, outro orientado pelo texto deleuzo-guattariano –, podemos indicar, à maneira do *Jogo da amarelinha*<sup>9</sup>, dois percursos possíveis: um conforme o ordenamento desenhado acima, que segue linearmente o movimento do texto; outro para o leitor familiarizado com a psicanálise e com a obra do psicanalista, a quem pode ser prescindível passar pelos aprofundamentos acerca da teoria pulsional de Freud, a *via freudiana*, composta pelos capítulos I.2.1, I.2.2, I.2.3, III.1.2, III.2.1 e III.2.2, além da seção desta introdução sobre a disjunção dos discursos da pulsão e do desejo.

---

<sup>9</sup> CORTÁZAR, 1963/2019.

## Crítica e criação: considerações sobre o procedimento filosófico d’*O anti-Édipo*

### Sobre a relação d’*O anti-Édipo* com a psicanálise, segundo seus autores e Sibertin-Blanc

Não vemos problema especial algum na coexistência, no seio de uma mesma doutrina teórica e prática, de elementos revolucionários, reformistas e reacionários. Recusamos o golpe do “é pegar ou largar” [...] Como se toda grande doutrina não fosse uma *formação combinada*, feita de peças e de pedaços, de diversos códigos e fluxos misturados, de parciais e derivadas, que constituem sua própria vida ou seu devir. Como se fosse possível censurar alguém por ter uma relação ambígua com a psicanálise sem mencionar primeiramente que a psicanálise é teórica e praticamente feita de uma relação ambígua com aquilo que ela descobre e com as forças que ela maneja. [...] É surpreendente que tenham coexistido estes três elementos: o elemento explorador e pioneiro, revolucionário, que descobriu a produção desejante; o elemento cultural clássico que assenta tudo sobre uma cena de representação teatral edipiana (o retorno ao mito!); e, finalmente, o terceiro elemento, o mais inquietante, um tipo de extorsão sedenta de respeitabilidade, sempre com a pretensão de se fazer reconhecer e institucionalizar, um formidável empreendimento de absorção de mais-valia com sua codificação da cura interminável, com sua cínica justificação do papel do dinheiro e com todas as garantias que dá à ordem estabelecida. Havia tudo isso em Freud – fantástico Cristóvão Colombo, genial leitor burguês de Goethe, de Shakespeare, de Sófocles, Al Capone disfarçado.<sup>10</sup>

A passagem acima d’*O anti-Édipo* nos aproxima de uma visada, digamos, epistemológica, conforme exprime princípios e atitudes concernentes ao modo de lidar com um dado campo teórico-prático, mais particularmente, o da psicanálise. Admitir que haja ambiguidade e acolher a coexistência de elementos díspares no seio de uma doutrina implica a recusa expressa do que eles qualificam como um *golpe*: diante de uma “formação combinada” com suas peças, fluxos, códigos, sua vida e seu devir, não cabe a dicotomia entre “pegar ou largar” o pacote completo. Para além da disjunção exclusiva que marcaria tal gesto, compreendê-lo de modo adequado implica, minimamente, confluir no acolhimento da ambiguidade e admitir que os elementos constituintes dessa formação combinada possam ser “pegos” e “largados” de uma determinada maneira, o que deve acarretar em mudanças no próprio campo. Longe de se tratar de um simples comentário epistemológico, vemos de imediato as declinações políticas no manejo desses elementos díspares, destrinchando linhas revolucionárias, exploratórias e de pioneirismo, linhas reformistas e reacionárias, de retorno ao clássico, de institucionalização, garantia da ordem e extorsão. A crítica e a criação, misturadas no empreendimento filosófico-político da obra, são produzidas a partir desse manejo, dessa seletividade.

---

<sup>10</sup> *AE*, p. 160-161 [139-140].

A ambiguidade em relação à psicanálise reflete a característica de que, longe de ser feita em distanciamento, de fora, a crítica é operada de dentro, segundo *reversões* e *subversões* dos elementos conceituais e dos pressupostos teórico-práticos. A partir de dentro, podemos apreciar o que é pegado, acolhido, apropriado e o que é rejeitado, largado, recusado. A partir de fora, podemos tornar visíveis as conexões com outros campos, outras doutrinas, outros autores, outros problemas que, invariavelmente, produzem transformações, deslocamentos e mudanças, dessa maneira, abrindo espaço para o novo. De acordo com Sibertin-Blanc, a crítica à psicanálise se refere a uma de três linhas de questionamento cujo entrelace marcaria a *singularidade* de *O anti-Édipo*:

a singularidade de *O anti-Édipo*, os problemas precisos que coloca e o esforço teórico para resolvê-los residem na tentativa de atar três linhas de questionamento muito diferentes, até mesmo incompatíveis: [1] uma crítica social de um código familiarista de registro dos indivíduos e das condutas; [2] uma crítica, ao mesmo tempo de fora e de dentro da psicanálise, da edipianização do inconsciente; [3] uma crítica política das estruturas de exploração e de dominação da sociedade capitalista e dos modos de subjetivação arranjados na reprodução dessas estruturas.<sup>11</sup>

Sibertin-Blanc elucida que o livro de Deleuze e Guattari se dedica a uma “crítica *interna* à psicanálise”, o que não seria satisfeito por uma “sociologia crítica da psicologia clínica”, tampouco pela “denúncia de uma ‘psicanálise aplicada’ epistemologicamente descontrolada”. Com efeito, consiste numa “crítica que se instala no interior de certo número de suas elaborações teóricas, a começar pelas de Freud”, buscando, assim, “questionar seus pressupostos e, rivalizando em seu terreno, propor uma nova teoria da causalidade do desejo correlativa ao remanejamento do conceito de inconsciente”. Seu alcance crítico, comenta, excederia o campo das “formações do discurso e do saber”, das “representações teóricas do inconsciente, de suas estruturas, de sua dinâmica e de seus ‘complexos’”. A crítica visa “às *práticas* do inconsciente – das quais a *edipianização* da atividade do desejo faz parte”, além de que, com isso, “convoca a uma *transformação* dessas práticas”, contando com o materialismo histórico como “horizonte teórico no qual se instalam seus argumentos e no qual eles buscam redefinir a causalidade do desejo inconsciente”.<sup>12</sup> O campo constituído por meio dessa crítica, denominado “psiquiatria materialista”, envolve tanto a cartografia de “um novo campo problemático para o pensamento do desejo”, quanto “um novo campo analítico para os processos inconscientes”, com desdobramentos programáticos e um conjunto de tarefas articulados em torno da designação “esquizoanálise”. Ademais, Sibertin-Blanc

<sup>11</sup> SIBERTIN-BLANC, 2022, p. 7

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 13.

salienta que *O anti-Édipo* aponta para uma “mudança de terreno mais radical”, cujo “objetivo é operar uma transformação *na* psicanálise para criar conexões *fora* dela”. Ou seja, modificar o campo para “abrir-lo e torná-lo conectável ao campo da história e das lutas sociais”. Essa mudança de terreno em prol de um “*campo analítico materialista*” exige novos pressupostos, os quais precisam ser devidamente explicitados.<sup>13</sup>

### **Do problema ao procedimento: aspectos do fazer filosófico deleuziano conforme Abreu**

Numa perspectiva mais ampla, podemos considerar o *modus operandi* do filosofar deleuziano, extrapolando-o para o trabalho conjunto com Guattari, a despeito de suas especificidades. Abreu (2004) apresenta a hipótese de que Deleuze constrói sua filosofia conforme um “procedimento de *subtração-constituição*: subtração de transcendências, seguida da construção de um campo de imanência e da criação de conceitos” e que esse procedimento “exprime uma fidelidade à imanência”. Além disso, essas transcendências configuram “marcadores de poder internos à filosofia e ao pensamento”. Se a subtração opera como “combate-contras” as instâncias de transcendência que articulam um campo de pensamento nas coordenadas de uma filosofia judicativa e com tons morais, a constituição envolve um “combate-entre” as forças apropriadas de um pensamento, efetuando redefinições, torções etc.<sup>14</sup> O comentador, ainda, não deixa de articular uma postura metodológica de “começar pelo meio” com a posição ontológica de afirmação da imanência e da univocidade do Ser. Essa indicação de começar pelo meio ressoa com passagens como a que encontramos no sexto capítulo de *Espinoza: filosofia prática* (“tentar perceber e compreender Espinoza pelo meio”<sup>15</sup>). Considerando o referido procedimento, podemos aludir a dois casos indicados por Abreu, a título de exemplo, e que interessam à presente pesquisa: i. “o ‘caso Édipo’ retira a falta do inconsciente e do desejo e elabora um pensamento das sínteses imanentes do inconsciente, também pensado como multiplicidade intensiva”; ii. o caso Corpo sem Órgãos que remete às questões: “O que pensar do corpo se dele subtraímos o organismo? ou ‘Como fazer um Corpo sem Órgãos?’ Como pensar o pensamento se excluirmos a unidade do sujeito e a unidade do objeto que garantem um acordo entre suas faculdades?”.<sup>16</sup> Entrevemos, aqui, algumas das facetas da operação efetuada n’*O Anti-Édipo*.

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>14</sup> ABREU, 2004, p. 100.

<sup>15</sup> DELEUZE, 1981/2002, p. 127.

<sup>16</sup> ABREU, 2004, p. 91.

Adicionemos a essas considerações uma formulação feita por Deleuze, desde muito cedo, acerca do que seria uma teoria filosófica: trata-se de “uma questão desenvolvida, e nada mais do que isso: por si mesma, em si mesma, ela não consiste em resolver um problema, mas em desenvolver ao extremo as implicações necessárias de uma questão formulada”.<sup>17</sup> Vale ressaltar que Deleuze tematiza as noções de problema e de questão em outras ocasiões<sup>18</sup>, mas não as desenvolveremos aqui. À luz do procedimento de subtração-constituição, veremos como a proposição de um inconsciente maquínico e de um desejo como produção, produção do Real, se conjuga com a subtração de Édipo e de sua operação que não cessa de triangular desejo, falta e lei. Deste modo, assim como a criação de conceitos filosóficos não se restringe a resolver um problema, mas exige igualmente que um problema seja (re)formulado e desenvolvido ao extremo, o programa de subversão da psicanálise, a *esquizoanálise* (como posteriormente será enunciado no livro, mas que primeiro se esquadrinha como uma psiquiatria materialista) “não se propõe a resolver Édipo, não pretende resolvê-lo melhor do que a psicanálise edípiana. Ela se propõe *desedipianizar* o inconsciente para chegar aos verdadeiros problemas [e...] atingir essas regiões do inconsciente [...] ‘para além de toda lei’, ali onde o problema [de Édipo] nem mesmo pode ser levantado”.<sup>19</sup>

### **A filosofia como criação de conceitos e o empreendimento d’*O anti-Édipo*, de acordo com Machado**

Considerando as marcas características do fazer filosófico de Deleuze e Guattari, podemos destacar a liberdade de usos que eles têm com seus intercessores explícitos ou mesmo implícitos. Além disso, vale frisar que a *crítica* envolve consigo certo grau de *apropriação* conceitual sem grandes preciosismos, em nome de esgarçar e levar a cabo os problemas próprios aos conceitos originais, ou reenquadrando-os em outros contornos problemáticos - que parece ser esse o caso.

Nesse sentido, Machado explicita o caráter criador da filosofia, assim como sua relação com os campos da ciência, da arte e da literatura. A diferença e especificidade da filosofia consiste em sua “criação” ou “produção” ser a de *conceitos*. Nos termos de Deleuze e Guattari: “A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, sendo o conceito “um todo fragmentado,

<sup>17</sup> DELEUZE, 1953/2012, p. 128.

<sup>18</sup> Por exemplo, em *Diferença e Repetição* (cf. DELEUZE, 1968a/2018a, pp. 260-262).

<sup>19</sup> *AE*, p. 113 [97], grifo nosso. Vale a ressalva de que “resolver Édipo” guarda, na psicanálise, relação com o processo de estruturação subjetiva e de diferenciação dos tipos psicopatológicos conforme o posicionamento ou a resolução/dissolução do complexo de Édipo. Cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, verbete “Complexo de Édipo”; e “O declínio do complexo de Édipo (1924)” em FREUD, 2019.

uma totalidade fragmentária [...] uma multiplicidade, uma articulação de elementos, de componentes [...] distintos, heterogêneos, mas inseparáveis, intrinsecamente relacionados”. “A filosofia de Deleuze é, em última análise, um sistema de relações entre elementos heterogêneos”, sendo que “um conceito tem uma história”, “não é criado do nada”, mas “é preparado por outros”; e tem um devir, ou seja, está em “inter-relação conceitual em determinado sistema”, varia conforme a conexão de seus elementos e sua conexão com outros conceitos. Além disso, a relação com domínios para além da filosofia, não se deve a um esforço de *reflexão sobre* objetos externos, tampouco de fundamentação ou justificação, mas se trata, isto sim, de um pensamento que se faz *a partir e com* o que lhe é exterior, ou seja, o domínio que não é especificamente de conceitos. Ao “pensar a exterioridade da filosofia”, o que cabe é “estabelecer encontros, intercessões, ecos, ressonâncias, conexões, articulações, agenciamentos e convergências”. Nesse sentido, podemos nos voltar para a própria relação que é estabelecida com a psicanálise. Considerando a crítica centrada na concepção de desejo que é efetuada em *O anti-Édipo*, alega-se que a psicanálise tenha reduzido, abolido ou destruído o desejo “ao ligá-lo intrinsecamente à representação, à lei, à falta, à privação”. “Para Deleuze e Guattari”, afirma Machado, “o desejo não se liga à lei nem se define por uma falta essencial; em vez de representação ele é parte da infraestrutura, é máquina, processo de produção [...] Édipo é o efeito da repressão social sobre a produção desejante”. No entanto, “isso não significa que o livro seja uma rejeição ou crítica radical da psicanálise, pois grande parte do aparelho conceitual a partir do qual a análise é feita vem justamente da psicanálise: libido, inconsciente, desejo, esquizofrenia, objeto parcial”.<sup>20</sup> Dito isso, podemos perguntar: de que forma a *pulsão* participa da *história* e do *devir* do conceito deleuzo-guattariano de desejo? Começemos por alguns indícios de sua presença.

---

<sup>20</sup> MACHADO, 2012, trechos dos capítulos introdutórios “Filosofia e criação de conceitos” e “Deleuze e a criação de conceitos”.

## Cartografia do deslocamento pulsão-desejo e lançamento de hipóteses

Consideremos a seguir alguns dos elementos que nos levam à ideia de que haveria, na teoria do desejo de *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*, uma especial apropriação do conceito freudiano de pulsão, mais que de seu conceito de desejo.

De um ponto de vista geral, vemos n’*O anti-Édipo* a importância e centralidade da dimensão *econômica* do inconsciente, inclusive abarcando o aspecto energético e suas transformações, com uso expresso do termo “libido”. Termo, este, que aparece no Freud como a energia subjacente à pulsão sexual, tal qual apresentado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.<sup>21</sup> Naturalmente, num contexto que envolve não apenas Freud, mas também Marx e a perspectiva materialista<sup>22</sup>, a própria noção de *economia* ganha um estatuto muito mais profundo e amplo que o sentido de uma das vertentes da *metapsicologia* freudiana. Considerações mais detidas sobre isso poderemos tecer adiante. De todo modo, é importante notar que a teoria da libido ou teoria da pulsão de Freud consiste no campo intimamente implicado na problemática econômica, que não cessa de pôr à prova suas construções teóricas, levando-o, inclusive, a sucessivas reelaborações e desenvolvimentos, ao longo de mais de 20 anos. Voltaremos a isso.

Em termos nominais, há um trecho n’*O anti-Édipo* que, em interlocução com Freud, remete o “desejo” à *teoria do apoio*.<sup>23</sup> Ora, a teoria do apoio no Freud é fundamentalmente correlata à pulsão sexual, presente também em sua apresentação inaugural: a pulsão sexual surgiria por *apoio* nas pulsões de autoconservação; uma satisfação obtida em meio à saciação de uma outra necessidade (como a fome) ou função (ingestão de alimentos), que a ela se incrementa de modo irreduzível, porém de outra ordem, de outra natureza, como postula Freud: uma natureza sexual. O

<sup>21</sup> FREUD, 1905/2016, p. 20; p. 135-138.

<sup>22</sup> Diversas formas de articulação entre o pensamento de Freud e de Marx vinham sendo feitas por autores ao longo do século XX, da psicanálise à filosofia e sociologia, geralmente marcadas pela tematização conjunta da economia desejante e libidinal com a economia política e social, e por vezes reunidas sob uma perspectiva dita “freudo-marxista” (sobre essa linhagem cf. BIRMAN, 2021). No entanto, vale ressaltar, há uma recusa expressa de Deleuze a ser situado nessa tradição, dado o esforço por pensar, junto a Guattari, a *univocidade da produção* (tese que exploraremos na parte II). Ele esclarece não desejar “participar de nenhuma tentativa que se inscreva numa perspectiva freudo-marxista”: primeiro, por recusar seu “traço típico” de “retorno às origens, aos ‘textos sagrados’, em prol de uma memória e um desenvolvimento, de modo que se interessa mais em “falar em nome de uma força positiva do esquecimento”, de uma “experimentação” e “dirigir-se à situação como ela é”, a dos aparelhos burocráticos da psicanálise e do partido comunista, buscando subvertê-los; segundo, por rejeitar o “aspecto reconciliatório” das tentativas freudo-marxistas, que mantinham ademais uma dualidade das dimensões econômicas – a perspectiva deleuzo-guattariana seria então a de uma “única economia”, mostrando “antipsicanaliticamente”, “como o desejo inconsciente investe sexualmente as formas dessa economia por inteiro”. Para mais detalhes, cf. DELEUZE, 2016, p. 89–90, cap. 8 “Quatro posições sobre a psicanálise”.

<sup>23</sup> *AE*, p. 43 [33].

caso paradigmático é o do recém-nascido lactente. Sem entrar por ora numa discussão mais profunda, pois aqui temos uma conhecida querela de tradução e conceituação do termo *Trieb* (instinto, pulsão, impulso etc.), é patente que esse “apoio-desvio”, para usar uma expressão do Garcia-Roza<sup>24</sup>, tem de ver direta e certamente com a pulsão, embora Deleuze e Guattari tenham se referido aí nominalmente ao desejo.

Considerando ainda outros materiais de Deleuze e Guattari, temos uma entrevista deste, concedida a psicanalistas brasileiros, onde aparece uma relação da pulsão com as máquinas desejanças e o apreço pelo conceito freudiano. Nessa ocasião, interrogado justamente sobre a possibilidade de estar falando ainda que implicitamente sobre a pulsão, Félix responde sobre sua apropriação, ou melhor, sua *aquisição*:

Josaida – *A partir disso, gostaríamos de conduzir a discussão para o domínio específico da pulsão. Você não utiliza com frequência a noção de pulsão no seu último livro Caosmose. Contudo, você nos apresenta uma concepção de subjetividade na qual é levado em conta todo um campo de intensidades que fogem ao domínio da representação simbólica. Em que medida a noção de pulsão estaria presente, ainda que implicitamente, quando você nos fala de fluxos, intensidades pré-verbais, repetições a-significantes? Qual é a noção de pulsão com que você trabalha?*

Félix – Primeiro, é preciso partir de uma base, de uma aquisição que é a revolução extraordinária operada por Freud, que consiste em separar a vida instintiva no homem, da vida pulsional, sem negar, aliás, a existência do instinto, pois Freud continua a postular, continua a partir de uma noção de instinto, mas ele forja uma noção de pulsão, que não tem só a ver com uma fonte biológica, com uma pressão energética libidinal, pois ele liga aquelas quatro dimensões da pulsão, que são a fonte, a pressão, o objeto e a meta da pulsão. E este objeto é um objeto mental, um objeto fantasmático, um objeto cultural, mesmo quando ele tem a ver com partes do corpo, como o seio materno, as fezes ou, com Lacan, o olhar, a voz, e o todo sob a lógica binária do falo. Para mim, o que parece muito interessante, é essa parte do objeto e muito menos a representação pulsional, que é ligada a uma concepção relativamente mecanicista da época do século XIX, que acaba dando à pulsão, apesar de tudo, uma espécie de infra-estrutura biológica. Para mim, o que interessa é ligar a pulsão à existência [...] não à existência massiva, dada ontologicamente [...] mas ver como é que há construção de existência, lógica da existência, máquina da existência, heterogênese dos componentes existenciais: para mim, é isto a pulsão.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 120. Retomaremos essa conceituação no momento 3 da parte 1.

<sup>25</sup> COSTA; GONDAR, 1992/1995, p. 99. A relação entre desejo e construção de existência é reforçada por Deleuze em entrevista direcionada a *O anti-Édipo*. Nela, o “filósofo do desejo”, como vinha sendo chamado, afirma: “se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo” (cf. DELEUZE; PARNET, 1988, “D de desejo”. Trecho da entrevista disponibilizado em D’ANGELO, 2016)

Apesar de o contexto ser seu livro solo *Caosmose*, de 1992, parece-nos válido, em alguma medida, para o caso d’*O anti-Édipo*, especialmente pelo aspecto da valorização do campo intensivo para além da representação. Com efeito, Guattari parece seguir a associação da pergunta em que, visando a uma concepção de subjetividade, a pulsão poderia ser valorizada e apropriada para além de seu aspecto representacional. Se este não deixa de comparecer no conceito freudiano, cabe então pensar mais a fundo o modo pelo qual o conceito é *forjado* e as potencialidades não representacionais dele, além de apreciar suas quatro dimensões, dentre elas a do objeto, que parece capturar especialmente o interesse de Guattari. Ademais, ele tece uma relação com sua proposta de *functores ontológicos*: “dois são da ordem da pulsão freudiana manifesta: os fluxos e as máquinas. *As máquinas correspondem à parte representacional da pulsão* em Freud - com a ressalva de que para mim elas não são só representacionais”.<sup>26</sup> Elas não significam ou representam, mas funcionam. Por fim, há um trecho em que Guattari confirma que sua preferência pela mudança de termos (“máquina” ao invés de pulsão, “fluxo” ao invés de libido, “desejo de abolição” no lugar da pulsão de morte) consiste em uma opção não apenas de cunho vocabular:

É uma escolha ética [...] é que, se você parte de uma causalidade do tipo científico para articular a subjetividade à pulsão, você perde todas dimensões de criatividade, todos os coeficientes de liberdade, todas as encruzilhadas, todas as bifurcações possíveis e, com isso, você perde todo o caráter de riqueza permanente de auto-apropriação, por exemplo, do processo analítico.<sup>27</sup>

Em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari não deixam de sublinhar que “as pulsões são tão somente as próprias máquinas desejantes”, ou que a libido teria sido a descoberta de Freud da “essência subjetiva abstrata do desejo”.<sup>28</sup> Buscamos com essas passagens, às quais poderiam ser acrescentadas outras tantas, apreciar elementos que seriam indicativos da existência de uma verdadeira aquisição conceitual na produção filosófica desses autores, dentre as quais nos parece especialmente cara a apropriação do conceito freudiano de pulsão. Este nos parece constituir um dos pilares da referida e elogiada *produção desejante*, que teria sido descoberta por Freud. O teor ontológico, de uma construção da existência, a que alçam o conceito e seu problema também chama a atenção, além da reafirmação do descrédito pelo aspecto representacional.

Se nos remetermos ao contexto freudiano, pode ser profícuo pensar a coexistência e a diferença própria aos dois termos: desejo e pulsão. Não é raro encontrarmos nos psicanalistas e

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 99-100, grifo nosso.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>28</sup> *AE*, , p. 53 [42].

comentadores de Freud - especialmente dentre aqueles afeitos a uma leitura *filosófica* da psicanálise e com certa influência da filosofia e psicanálise francesas -, uma consideração que trata em separado a pulsão (ou sexualidade) e o desejo, como duas linhas discursivas, duas vertentes acerca do *inconsciente*, coexistentes e, de diferentes formas, irredutíveis uma à outra. Garcia-Roza (1985) populariza no Brasil a ideia de que as obras *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) constituem dois textos fundamentais nos quais se assenta a teoria psicanalítica, como dois registros ou discursos de uma mesma problemática, mas relativamente estanques entre si. Embora os textos posteriores que compõem a teoria psicanalítica acabem sempre fazendo referências a eles, entre si, eles não apresentam remissões. Garcia-Roza subscreve a compreensão de *dois discursos*, do desejo e da pulsão, como assinalado por Octave Mannoni anos antes: “os *Três ensaios* não estão voltados para o desejo ou o fantasma e não encontramos nele nenhuma referência ao Édipo. Não é do desejo – que precisa realizar-se – que ele fala, mas da *pulsão* – que necessita satisfazer-se”.<sup>29</sup> Reavendo o material de base, temos nas palavras de Mannoni o seguinte:

Ao descobrir a insuficiência da teoria do *trauma* e a importância do mundo do fantasma, Freud tinha o sentimento de arriscar-se a deixar o real pelo ilusório. Com os *Três ensaios*, ele se afasta um pouco da linha que até então seguira. Seu principal instrumento de descoberta fora a interpretação, mas os *Três ensaios* ocupam um lugar acessório em face dela. [...] não está mais voltado para o desejo ou o fantasma. O Édipo nem sequer é nomeado nos *Três ensaios* de 1905. (Será acrescentado nas edições ulteriores, mas apenas como nota.) O desejo (*Wunsch*) não figura ali. Pode-se dizer que a psicanálise está fundada sobre dois pilares distintos, quase independentes, em todo caso bastante diferentes: *A interpretação dos sonhos* e os *Três Ensaios*.<sup>30</sup>

E mais adiante:

Existem muitas outras contribuições nesses *Três ensaios*, mas o essencial é que ele permanece como o livro da pulsão, assim como *A interpretação dos sonhos* era o do desejo. O desejo e a pulsão sempre são apresentados por Freud como que em duas cenas separadas; a obra onde figura um dos dois termos não contém o outro. [...] Não podemos traduzir *Trieb* por “instinto” nem *Wunsch* por “anseio” – o que seria lançar o desejo na pura fantasia e a pulsão na adaptação finalista –, mas a oposição entre “anseio” e “instinto” ajudar-nos-ia a entrever aquela que existe entre *Wunsch* e *Trieb*. O desejo relaciona-se à nostalgia de uma experiência passada e de um objeto perdido, é uma “falta”, e se manifesta na mesma cena que o fantasma e o sonho... Gostaríamos de o *realizar*. A pulsão não se “realiza”, pois nada tem de fantasmático: ela visa a um fim [meta-satisfação]. Mas não possui nem fim nem objeto naturais.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 93.

<sup>30</sup> MANNONI, 1976, p. 76.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 80-81.

Essa distinção entre o discurso do desejo e o discurso da pulsão é aludida em uma introdução presente na recém publicada edição crítica brasileira do *Além do princípio de prazer* (1920) feita pela editora Autêntica, que salienta, ainda, que “o discurso da pulsão seria um verdadeiro *work in progress* interminável, perfazendo um sinuoso percurso de construção marcado por elaborações e reelaborações constantes”. Reforça-se a ideia de um duplo movimento na construção da obra freudiana que caracterizaria uma vertente e a outra. A partir de Patrick Mahony, Iannini e Tavares apontam para uma característica dogmática de exposição na teorização do desejo e do inconsciente, em contraste com a prevalência de um modelo genético na construção do discurso da pulsão. A partir do próprio Freud, com uma distinção entre *teoria* e *doutrina*, do *Compêndio de psicanálise*, eles indicam o “caráter de trama conceitual solidamente estabelecida” na teoria do inconsciente e do desejo, enquanto a doutrina das pulsões apresentaria um “estatuto de uma reflexão em constante reelaboração” e “negociação com o impensável”. Esses apontamentos são patentes não apenas pelo índice histórico das transformações que as teorias pulsionais tiveram ao longo da construção teórica de Freud, mas também pelo fato mesmo de seu texto inaugural ter sido alvo de reiteradas visitas e reedições que refletiam alguns dos desenvolvimentos mais significativos que aconteceram nos anos subsequentes, como o fora em 1920 com o *Além do princípio de prazer*, mas não só.<sup>32</sup>

O comentário de Mezan<sup>33</sup>, em sua leitura diacrônica da produção de Freud – que busca discernir as provisórias articulações conceituais, suas origens e desenvolvimentos ao longo da obra – é mais um caso que toma a teoria da libido ou da sexualidade e a teoria do inconsciente como duas *vertentes* de uma problemática cujo foco se articularia em torno de uma primeira concepção de repressão<sup>34</sup> (ou recalçamento) e que lançaria as bases do edifício teórico propriamente psicanalítico (em contraste com produções do Freud em anos anteriores, consideradas ainda “pré-psicanalíticas”). Ainda que este comentador esteja preocupado com a articulação e interrelação entre essas vertentes, é de se notar como constituem dois movimentos em alguma medida distintos:

<sup>32</sup> IANNINI; TAVARES, 2020, p. 24.

<sup>33</sup> MEZAN, 2013, p. XVI.

<sup>34</sup> O termo *Verdrängung*, por vezes traduzido como “repressão”, se refere às noções de “recalque” ou “recalçamento”, já consagradas na tradição psicanalítica e reutilizadas por Deleuze e Guattari quando, por exemplo, se valem dos conceitos de recalque primário, secundário, entre outros. A tradução por repressão parece mais ajustada em alguns casos, quando envolve de forma mais explícita um aspecto de pressão social e moral. Optamos por essas duas últimas traduções (recalque e recalçamento, intercambiáveis) daqui em diante, fazendo, se necessário, os devidos ajustes nas traduções disponíveis e passagens dos comentadores mobilizados, seja pela substituição, seja pela adjunção entre colchetes. Para esclarecer os motivos que levaram Mezan a empregá-lo como repressão: cf. MEZAN, 2013, p. 2, nota.

uma série de textos que tratam do inconsciente e suas diversas formações (sonhos, atos falhos e chistes), e o *Três ensaios* com a questão da sexualidade.

Esperamos que esses apontamentos e indícios (decerto não exaustivos) possam estimular um olhar especial para o conceito de pulsão sexual como via privilegiada para se compreender a produtividade desejante desde Freud até Deleuze e Guattari. Trilhar essa via envolverá um exame pormenorizado do conceito de pulsão sexual no âmbito freudiano, buscando precisar no que consiste tal conceito, a trama conceitual que o envolve e os contextos de sua continuada elaboração. O trabalho de Freud nesse ponto é conhecido: a pulsão sexual é apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), mas a teoria da libido ou a teoria pulsional sofre modificações importantes nos anos seguintes, nem todas elas passíveis de apreensão nas re-edições dos *Três ensaios*. Desse modo, caberá percorrer alguns outros textos basilares, além de outros que forneçam um complemento interessante ou necessário. Sobre o percurso da teoria, que será objeto de detalhamento e análise na parte I deste trabalho, destacamos ainda as seguintes obras: *Introdução ao narcisismo* (1914), com sua releitura das destinações da libido e da relação entre as pulsões sexuais e de autoconservação; o artigo inaugural da *metapsicologia*, *As pulsões e seus destinos* (1915), no qual o conceito de pulsão ganha um contorno mais preciso, permitindo ainda entrever a relação entre pulsão e representação; o texto seminal *Além do princípio de prazer* (1920), que revira a teoria pulsional até então construída em virtude da problemática econômica do prazer e de seu *além*, ressitando a pulsão sexual dentre as pulsões de vida e opondo estas à pulsão de morte.

Esse movimento, que é bem conhecido no edifício teórico psicanalítico, merece ser refeito e analisado, de modo que possamos analisar nossa hipótese: a de que a dimensão produtiva do inconsciente e do desejo, apontada e elogiada por Deleuze e Guattari como descoberta freudiana, está intimamente ligada ao conceito de pulsão. Não apenas isso, mas também que a pulsão sexual e a libido são desdobradas no conceito e funcionamento das máquinas desejantes em *O anti-Édipo*. Desta forma, buscaremos explorar e restituir a potência do diálogo crítico tecido pelos filósofos com a psicanálise freudiana. Considerada a validade de tal hipótese, a pesquisa pode ainda contribuir para a compreensão do modo como o conceito de pulsão é apropriado e reformulado pelos autores franceses, o porquê deles terem precisado desse conceito, quais torções se mostraram necessárias (como chamá-lo de desejo) e em virtude de que problemas e interesses teórico-práticos. O lugar preponderante da dimensão econômica e a manutenção do termo libido, dois aspectos que envolvem fortemente o conceito de pulsão, estão entre alguns dos motivos aventados de partida

para tal apropriação. Por outro lado, a opção por falar principalmente em termos de desejo, e não de pulsão, nos remete à importância de Espinosa para uma leitura afirmativa e produtiva do desejo, a ponto de os autores falarem em um “espinosismo do inconsciente”, articulado, é claro, com Marx.<sup>35</sup> A propósito, a leitura de Machado sobre o caso *O anti-Édipo* indica a importância de Espinosa e Nietzsche para o conceito de desejo. Portanto, além do aparelho conceitual psicanalítico apropriado e colocado à serviço da crítica, como aludimos acima, teríamos esse outro aporte filosófico: “sua concepção do desejo como processo de produção [...] tem como condição de possibilidade as filosofias de Espinosa e [...] de Nietzsche, interpretadas de uma perspectiva que os aproxima bastante”, mais especificamente, pela perspectiva da noção de “potência” que envolve os conceitos de “afecção e afeto”, pela via espinosana, e “vontade de potência”, pela via nietzscheana. Não seria o material exclusivo, é certo, mas são elencados como primordiais por este comentador.<sup>36</sup>

Considerando o trajeto da pulsão em seu deslocamento para além do âmbito freudiano, constituindo um arco desde Freud até Deleuze e Guattari, podemos aventar ainda um outro ponto: a pulsão parece perfazer um movimento de ampliação, ganhando um alcance cada vez maior. Se no âmbito freudiano a pulsão consistiria no princípio de gênese e regulação do psiquismo, primeiramente, e no princípio genético do vivo, do orgânico, do biológico (as pulsões de vida), posteriormente; na teoria deleuzo-guattariana a pulsão, enquanto desejo, é alçada a princípio genético ou princípio de produção do real. De acordo com Decarli, não só a “máquina” seria o elemento propriamente ontológico de *O anti-Édipo*, como a releitura deleuzo-guattariana da lógica do inconsciente e do desejo, seguindo as indicações de Barbosa, seria feita “à luz da pulsão freudiana e da sexualidade perverso-polimorfa”, a ponto de haver uma confusão entre os dois domínios.<sup>37</sup> Nas palavras de Deleuze e Guattari, a “grandeza” de Freud “foi ter determinado a essência ou a natureza do desejo [...] como [...] libido ou sexualidade”.<sup>38</sup> Ou, ainda, Deleuze afirma: “a sexualidade, ou seja, o desejo como libido”.<sup>39</sup> Com efeito, na entrevista supracitada, Guattari relaciona a pulsão a uma “ontologia construtivista” e declara não haver uma distinção entre pulsão

<sup>35</sup> DELEUZE, 1990/1992, p. 181. Trecho em que afirma: “*O anti-Édipo* era a univocidade do real, uma espécie de espinosismo do inconsciente”.

<sup>36</sup> MACHADO, 2012, trecho final do capítulo “Deleuze e a criação de conceitos”.

<sup>37</sup> DECARLI, 2021, p. 82; p. 130. A primeira afirmação acompanha Zourabichvili (2004, p. 33-36); a segunda, segue as indicações de Mariana de Toledo Barbosa.

<sup>38</sup> *AE*, p. 358-359 [322]. Retomaremos esta e outras passagens na Parte 1.

<sup>39</sup> DELEUZE, 2016, p. 95. Em “A interpretação dos enunciados” de 1977.

e inconsciente, mas que “há uma relação de imanência entre a pulsão, o inconsciente, a existência e as categorias ontológicas”.<sup>40</sup> Grande “mitologia” da psicanálise – para aludir a Freud<sup>41</sup> –, a pulsão passaria de princípio inerente ao *psíquico* ou ao *vivo* para o estatuto de princípio *ontológico*. Estaria aí, possivelmente, o caráter inovador e criativo da teoria deleuzo-guattariana.

Retomemos a questão fulcral: por que recorrer à pulsão para explorar a produção desejante em *O anti-Édipo*? A pulsão sexual nos coloca mais diretamente no registro econômico, intensivo, energético, que será resguardado e bastante ampliado com a dinâmica dos fluxos proposta por Deleuze e Guattari. Ao menos, as formulações de Freud sobre a pulsão abrem duas possibilidades interpretativas, conforme indicamos na disjunção conceitual entre pulsão e desejo, e como se pode observar em comentadores que trabalham essa temática. Neri considera a possibilidade dessas duas leituras – uma privilegiando o aspecto relacional, de afetação da pulsão, e outra que dá maior ênfase ao aspecto representativo, focado na captura e inscrição da força pulsional na linguagem e na representação – e a coexistência em Freud, seja em um texto específico ou na obra de modo geral, “de linhas conceituais que privilegiam o campo da intensidade pulsional ao lado de outras que privilegiam o campo da representação”.<sup>42</sup> Algo similar aparece em Sanches e diz respeito a diferentes linhas de interpretação e recepção da obra de Freud, o que evidencia suas ambiguidades e tensões.<sup>43</sup> A aproximação da pulsão sexual com as máquinas desejantes aparece em diversos trabalhos, como esses de Neri (2003) e Sanches (2008), além de apreciações do corpo erógeno e da valorização da dimensão econômica do inconsciente. A pulsão de morte é um caso à parte, pois permeia a reflexão de Deleuze desde antes de *O anti-Édipo* e se relaciona com seu conceito de desejo a partir de outra perspectiva, da repetição, da repressão e do corpo sem órgãos.

---

<sup>40</sup> COSTA; GONDAR, 1992/1995, p. 102.

<sup>41</sup> FREUD, 1933/2010c, p. 241. “Angústia e instintos”, uma das “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”.

<sup>42</sup> NERI, 2003, p. 27.

<sup>43</sup> SANCHES, 2008, p. 104.

## PARTE I – A descoberta psicanalítica da produção desejante

### I.1. Os termos da descoberta segundo *O anti-Édipo*

Um primeiro movimento: no que consiste a tal “descoberta psicanalítica” que precisamente se refere à descoberta freudiana? Uma série de passagens de *O anti-Édipo* fazem menção direta e podem nos prestar esclarecimentos sobre a avaliação dos pensadores franceses, exprimindo pontos de contato, de aproximação ou de distanciamento em face do que reputam à psicanálise e, mais particularmente, a Freud. Encontramos ao menos três conjuntos de enunciados fundamentais: (i) “a grande descoberta da psicanálise foi a da produção desejante, a das produções inconscientes”<sup>44</sup>, a “descoberta do inconsciente produtivo”<sup>45</sup>, a “descoberta das unidades de produção”<sup>46</sup>; (ii) “o que Freud e os primeiros analistas descobriram foi o domínio das sínteses livres onde tudo é possível, as conexões sem fim, as disjunções sem exclusão, as conjunções sem especificidade, os objetos parciais e os fluxos”<sup>47</sup>; (iii) “dizer o mesmo de Freud: sua grandeza foi ter determinado a essência ou a natureza do desejo não mais em relação a objetos, fins e mesmo fontes (territórios), mas como essência subjetiva abstrata, libido ou sexualidade”<sup>48</sup>, “o primeiro a destacar o desejo tal qual”<sup>49</sup>, “descoberta dos fluxos descodificados e desterritorializados [...] que, na psicanálise e na produção desejante, se faz sob a forma de libido abstrata subjetiva”<sup>50</sup>, “descoberta de uma essência subjetiva ou vital do desejo como libido”<sup>51</sup>, “Freud operou a descoberta mais profunda da essência subjetiva abstrata do desejo, a Libido”<sup>52</sup>.

Considerando esses trechos, conseguimos entrever indícios da importância da teoria pulsional freudiana, à medida que sexualidade e libido são apresentadas como os objetos de um achado fundamental, que marca a grandeza da psicanálise: a descoberta do desejo em sua essência ou natureza subjetiva abstrata. No entanto, se expandirmos um pouco o contexto desses enunciados,

---

<sup>44</sup> *AE*, p. 40 [31].

<sup>45</sup> *AE*, p. 77 [63].

<sup>46</sup> *AE*, p. 395 [356].

<sup>47</sup> *AE*, p. 76 [63].

<sup>48</sup> *AE*, p. 358 [322]. Essa passagem remete aos componentes pulsionais desenvolvidos nos textos metapsicológicos, nos quais o primeiro componente e o mais essencial é a *pressão* ou *impulso* [*Drang*] (Cf. FREUD, 1915/2019), que teremos a oportunidade de analisar neste capítulo. Além disso, em um seminário de 1981, Guattari chega a caracterizar a pressão [*poussée*] como a expressão metapsicológica da libido. (GUATTARI, 1981, p. 1)

<sup>49</sup> *AE*, p. 395 [357].

<sup>50</sup> *AE*, p. 398 [359].

<sup>51</sup> *AE*, p. 439 [396].

<sup>52</sup> *AE*, p. 441-442 [398].

veremos que, muito embora seus elementos persistam de alguma forma nas teorias erigidas, esta descoberta acaba por ser limitada, comprometida, esmagada ou mesmo liquidada - para aludir a algumas das formulações dos autores franceses. Adiante, veremos com maior acuidade os enunciados acima selecionados, buscando caracterizar o campo problemático da produção desejante que pretendemos explorar, bem como diversas das questões fundamentais de *O anti-Édipo*, especialmente as que concernem à sua teoria do desejo, aos usos das sínteses do inconsciente e às críticas à psicanálise. Afinal, é o problema de Édipo que se apresenta na derrocada da descoberta do inconsciente produtivo. A maneira como esta é encaminhada, ou seja, os rumos que toma e as consequências teórico-práticas que suscita são indicativos dos motivos pelos quais os autores se veem diante da necessidade de propor uma nova imagem do inconsciente e do desejo, uma que faça jus à potência da descoberta psicanalítica.

A começar pelo terceiro conjunto de enunciados, deparamo-nos com elementos que extrapolam a explícita valorização da concepção psicanalítica da sexualidade e da noção de libido como essência do desejo – libido que é, na teoria freudiana, a energia subjacente à pulsão sexual. O contexto dessas afirmações – que são tecidas mais tardiamente em *O anti-Édipo*, precisamente nos capítulos III e IV – é um diálogo decisivo com Marx, de quem Deleuze e Guattari extraem uma semelhança entre o surgimento da economia política, com Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), e o surgimento da psicanálise, ou seja, entre a descoberta do *trabalho abstrato* e da *libido*. Mais do que uma simples analogia, tributária de um paralelismo entre produção social e produção desejante, a semelhança decorre da descoberta, com o capitalismo, de uma “atividade de produção em geral e sem distinção”, que se dá de modo inseparável no plano da economia política e da economia libidinal:

O mesmo se passa com o desejo abstraído como libido, como essência subjetiva. Não que se deva estabelecer um simples paralelismo entre a produção social capitalista e a produção desejante, ou então entre os fluxos de capital-dinheiro e os fluxos de merda do desejo. A relação é muito mais estreita: as máquinas desejantes não estão fora das máquinas sociais, de modo que a conjunção dos fluxos descodificados na máquina capitalista tende a libertar as livres figuras de uma libido subjetiva universal. Em suma, a descoberta de uma atividade de produção em geral e sem distinção, tal como aparece no capitalismo, é inseparavelmente a da economia política e da psicanálise para além dos sistemas determinados de representação.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> *AE*, p. 399 [360].

No plano mais aberto, a questão se refere a como a produção irrompeu em meio ao mundo da representação, num corte situado na virada do século XVIII para o século XIX, que Deleuze e Guattari trazem a partir de Michel Foucault. Trata-se de um movimento que se frutifica com o capitalismo, que na leitura dos autores envolve a liberação de fluxos descodificados e desterritorializados, toda uma matéria que excede e transborda a representação com unidades produtivas, máquinas e agentes, desvelados pela economia política e pela psicanálise como “o trabalho tal qual” ou “o desejo tal qual” – desejo e trabalho não mais intrinsecamente ligados a uma pessoa ou a um objeto e, assim, representados. A aproximação entre esses campos se particulariza nos gestos teóricos personificados em Ricardo, por um lado, e em Freud, por outro, cuja potência há de ser valorizada, potência que remete à leitura de Foucault do corte introduzido pela produção. Manifesta-se, portanto, como desejo ou como trabalho, a partir de “forças que já não se deixam conter na representação [...] fluxos e cortes que a perfuram e a atravessam por todos os lados”.<sup>54</sup> Ao caracterizar essa potência produtiva, Deleuze e Guattari se vêem diante de um cenário complexo e, até, ambíguo, dado que a participação inequívoca na descoberta das unidades produtivas é acompanhada por certa readequação ao campo representativo, tanto pela realocação do trabalho subjetivo abstrato na propriedade privada, quanto pela restrição da libido ao território familiar e ao código edipiano, campo da representação mítica e trágica. Nas palavras dos pensadores franceses:

Parece, portanto, que a situação é muito mais complexa do que dizíamos; porque a psicanálise participa no mais alto grau dessa descoberta das unidades de produção, que submetem a si todas as representações possíveis em vez de se subordinar a elas. Assim como Ricardo funda a economia política ou social ao descobrir o trabalho quantitativo no princípio de todo valor representável, Freud funda a economia desejante ao descobrir a libido quantitativa no princípio de toda representação dos objetos e fins do desejo. Freud descobre a natureza subjetiva ou a essência abstrata do desejo, assim como Ricardo descobre a natureza subjetiva ou a essência abstrata do trabalho para além de toda representação que os conectaria a objetos, a objetivos ou mesmo fontes em particular. Freud, portanto, foi o primeiro a destacar o desejo tal qual, assim como Ricardo destacou “o trabalho tal qual” e, por conseguinte, a esfera da produção que transborda efetivamente a representação. E, assim como o trabalho subjetivo abstrato, também o desejo subjetivo abstrato é inseparável de um movimento de desterritorialização, que descobre o jogo das máquinas e dos agentes sob todas as determinações particulares que ainda ligavam o desejo ou o trabalho a tal ou qual pessoa, a tal ou qual objeto no quadro da representação.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> *AE*, p. 395 [356-357].

<sup>55</sup> *AE*, p. 395-396 [356-357].

Guéron (2020), em seu estudo sobre as facetas da leitura de Marx feita por Deleuze e Guattari, nos fornece alguns esclarecimentos sobre esses pontos. Se Marx percebe uma semelhança entre o gesto de Lutero, no contexto da religião, e aquele dos economistas políticos ingleses, Deleuze e Guattari, por sua vez, capturam a proximidade entre estes e Freud. Que gesto seria esse? Trata-se, conforme Guéron, do que Lutero fez ao deixar de articular a religião “com as ‘grandes objetividades’, colocando-a no domínio do sujeito e da fé”.<sup>56</sup> De modo análogo, Marx nota que a essência da riqueza passa a ser compreendida, com a economia política, não mais “como estando nos objetos e na objetividade em geral”, mas “na própria atividade de produzir”, portanto, “o sujeito é então descoberto a partir do conceito de trabalho abstrato como o grande agente produtor de riqueza”.<sup>57</sup> Trabalho abstrato, pois, não referido a uma atividade criadora em particular, como a manufatura ou a agricultura, por exemplo, mas o trabalho inerente a “todas as atividades sem distinção... a universalidade abstrata da atividade criadora de riqueza”, nas palavras de Marx, trazidas por Guéron.<sup>58</sup> No mesmo movimento, Freud, tal como Smith e Ricardo, chega à descoberta da essência abstrata subjetiva do desejo não mais nos objetos, tampouco nas fontes e fins do desejo, mas como sendo a própria libido. A esse respeito veremos de que maneira Freud operou essa descoberta, como chegou à conclusão da variabilidade dos objetos da pulsão sexual, de suas múltiplas fontes e metas – pois, como fica evidente nessas passagens, o desejo aí se refere certamente à pulsão. São as quantidades dessa energia abstrata em seu movimento e a força impelente constitutiva da pulsão que mais profundamente caracterizam a natureza do desejar. De acordo com Guéron, e acompanhando Deleuze e Guattari, essa dupla e correlata descoberta do trabalho abstrato e da libido se referem ao mesmo: à produção, ou seja, à “vida compreendida como produção, e [a]o conceito de produção entendido num sentido bem mais amplo e radical”, à *vida como atividade*, em alusão a Marx.<sup>59</sup>

“Mas as semelhanças [...] não param por aí”, alerta Guéron. Marx logo identifica um problema: “a descoberta [...] é imediatamente frustrada e limitada à medida que os economistas políticos vinculam e submetem a produção do sujeito à propriedade privada”. E, mais, Guéron sublinha que Deleuze e Guattari enxergam o mesmo movimento, tanto no sentido da descoberta quanto de sua frustração e limitação: assim como a produção é descoberta no sujeito enquanto

---

<sup>56</sup> GUÉRON, 2020, p. 21.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 22.

trabalho ou enquanto libido, a descoberta é frustrada ao sujeitá-la e submetê-la à propriedade privada ou ao território privado da família e do triângulo edipiano, ou seja à “estrutura da família burguesa”. “O desejo é remetido à estrutura familiar, que passa a funcionar na psicanálise como uma espécie de estrutura intermediária entre o desejo e o *socius*: papai, mamãe e *moi* [eu]”.<sup>60</sup>

Ainda nessa linha, Deleuze e Guattari falam de uma ambiguidade da psicanálise também no que concerne ao mito e à tragédia. Os mitos, como o de Édipo e de Narciso, podem ser compreendidos como sistemas de “representações objetivas”, representações que seriam, então, desfeitas pela psicanálise à medida que descobre nelas, justamente, “as figuras de uma libido subjetiva universal”. Contudo, salientam os autores, as representações objetivas míticas seriam como que redescobertas enquanto representações subjetivas, de modo que seu estatuto é elevado ao de um “universal subjetivo”, mas, agora, como “os sonhos e os fantasmas do homem *privado*”. Nesse sentido, afirmam, “o sonho e o fantasma estão para o mito e a tragédia como a propriedade privada está para a propriedade comum”.<sup>61</sup> Embora ainda seja preciso examinar as nuances da problemática de Édipo – que, como veremos adiante, não se impõe inteiramente desde o princípio –, a questão aqui envolve a própria consideração do sonho como a via régia para o inconsciente, como estabelecido desde *A interpretação dos sonhos* (1900). A despeito de todo o potencial produtivo envolto na descoberta da sexualidade e da libido, é de se considerar também a coexistência – ou mesmo a prevalência – de uma tal concepção de inconsciente marcadamente representativa. Em suma, essa vertente da problemática da substituição da produção pela representação na psicanálise está expressa claramente nos seguintes trechos dos autores franceses:

com uma das mãos, ela [a psicanálise] desfaz o sistema das representações objetivas (o mito, a tragédia) em proveito da essência subjetiva concebida como produção desejante; com a outra mão, ela reverte essa produção ao sistema de representações subjetivas [...] Imagens, nada mais do que imagens. Finalmente, o que fica é um teatro íntimo e familiar, o teatro do homem privado, que já não é nem produção desejante nem representação objetiva. O inconsciente como cena. Todo um teatro posto no lugar da produção, e que a desfigura ainda mais do que a tragédia e o mito [...] Mito, tragédia, sonho, fantasma – e o mito e a tragédia reinterpretados em função do sonho e do fantasma –, eis a série representativa com que a psicanálise substitui a linha de produção, produção social e desejante. Série de teatro em vez da série de produção.<sup>62</sup>

Porém, no seio do próprio sonho, como no do fantasma ou no do delírio, há máquinas que funcionam como índices de desterritorialização. No sonho há

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 22-23.

<sup>61</sup> *AE*, p. 401 [362], grifo nosso.

<sup>62</sup> *AE*, p. 402 [363].

sempre máquinas dotadas da estranha propriedade de passar de mão em mão, de fugir e de fazer escorrer, de arrastar e de serem arrastadas.<sup>63</sup>

A questão subjacente a essa problemática da relação entre pulsão e representação mítica é a da adequação. Como os autores exploram no segundo capítulo de *O anti-Édipo*, seja na concepção de Jung, seja na de Freud, há uma operação comum que resulta em “*injetar religiosidade no inconsciente*”, a exemplo dos sentimentos de culpabilidade inconsciente presentes em Freud, a despeito de seu declarado ateísmo.<sup>64</sup> Embora haja vias diversas para considerar os mitos (e as religiões) uma expressão adequada do inconsciente, Deleuze e Guattari consideram que, dessa maneira, não se sai de um postulado “segundo o qual o mito é a medida do inconsciente”, substituindo suas formações produtivas por expressivas. Portanto, cabe levantar a “questão fundamental”: “*por que retornar ao mito? por que tomá-lo como modelo?*”<sup>65</sup>

Diante das ambiguidades e problemas, é importante não se perder de vista a coexistência de linhas de força diversas e, em alguma medida, contraditórias. A devida consideração dessa trama ajuda a distinguir os elementos e favorecer o esforço de retomar aqueles que parecem mais potentes e que possibilitam as alianças mais adequadas. Além de que a crítica serve aos autores como motor da criação: a crítica aos aspectos representativos do inconsciente psicanalítico serve, portanto, para pensar a produtividade inconsciente. De toda forma, dentre os elementos mais potentes para se conceber adequadamente a produção desejante, é notória a importância da teoria pulsional freudiana, que traz consigo todo um campo “sub-representativo” inerente aos aparelhos psíquicos e mecanismos pulsionais que persiste e funciona ainda que *através* de Édipo, do mito e da tragédia. Sobre isso, vale destacar como o consideram Deleuze e Guattari:

*Máquinas e produção desejantes, aparelhos psíquicos e máquinas do desejo, máquinas desejantes e montagem de uma máquina analítica capaz de decodificá-las: [...] É esta a constituição do campo analítico; e este campo sub-representativo continuará a sobreviver e a funcionar, mesmo através de Édipo, mesmo através do mito e da tragédia que, no entanto, marcam a reconciliação da psicanálise com a representação. Mas permanece um conflito que atravessa a psicanálise, aquele entre a representação familiar mítica e trágica e a produção desejante e social. É que o mito e a tragédia são sistemas de representações simbólicas que ainda referem o desejo a condições exteriores determinadas, assim como a códigos objetivos particulares [...] e que contrariam, assim, a descoberta da essência abstrata ou subjetiva. Neste sentido, foi possível observar que toda vez que Freud põe em primeiro plano a consideração relativa aos aparelhos psíquicos, às máquinas desejantes e sociais, aos mecanismos pulsionais e institucionais [358],*

<sup>63</sup> *AE*, p. 418 [377].

<sup>64</sup> *AE*, p. 81-82 [67-68], grifo nosso.

<sup>65</sup> *AE*, p. 81 [67].

*seu interesse pelo mito e pela tragédia tende a decrescer*, ao mesmo tempo em que ele denuncia em Jung, depois em Otto Rank, a restauração de uma representação exterior da essência do desejo enquanto objetiva, alienada no mito ou na tragédia.<sup>66</sup>

Além disso, o diálogo com Marx, que vínhamos explorando, vale ser retomado, pois é crucial para contornar um dos problemas fundamentais identificados na psicanálise e explorados em *O anti-Édipo*: o problema da relação entre o desejo e o campo social. A remissão ao âmbito privado, seja da família, seja do sonho e do fantasma, configura a imposição de estruturas intermediárias em meio à referida relação. Em face disso, Guéron sublinha que a aliança com Marx se mostra decisiva para extrair conclusões que alimentam a oposição a Freud e à psicanálise precisamente na recusa de “qualquer força intermediária entre o desejo e o *socius*”: “nenhuma estrutura psíquica”, prossegue, “e, muito menos, uma estrutura psíquica determinada pelo triângulo familiar edipiano. ‘Nem psiquismo, nem familismo’, repetem Deleuze e Guattari como um mantra”.<sup>67</sup>

A partir dessa aliança, podemos compreender no que consiste o projeto de uma “psiquiatria materialista” e o programa de uma “esquizoanálise”, que aparecem na obra dos filósofos franceses. Desde o primeiro capítulo de *O anti-Édipo*, vemos o esforço por contrapor-se ao idealismo que marcaria a tradição psiquiátrica e, também, a psicanálise. Nesse sentido, há uma operação fundamental, cujas bases lançadas por Wilhelm Reich são relançadas por Deleuze e Guattari: “uma psiquiatria verdadeiramente materialista define-se, ao contrário, [...] por uma dupla operação: *introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a produção no desejo*”<sup>68</sup>, ou uma “dupla necessidade de introduzir tanto a produção no desejo como o desejo na mecânica”<sup>69</sup>. A criação de conceitos e as alianças críticas efetuadas em *O anti-Édipo* expressam justamente a busca por realizar essa operação, que em certa medida resume os esforços do livro como um todo. Reich será um aliado importante, pois é ele um dos responsáveis por propor, desde a própria psicanálise, a articulação com o marxismo e por tratar em termos de desejo problemas políticos fundamentais que atravessam a obra de Deleuze e Guattari, como o fenômeno do fascismo. No que concerne à referida operação, que diz respeito, justamente, à relação entre o desejo e o social, vale trazer o seguinte trecho:

<sup>66</sup> *AE*, p. 396 [357-358], grifo nosso.

<sup>67</sup> GUÉRON, 2020, p. 23.

<sup>68</sup> *AE*, 38-39 [29], grifo nosso.

<sup>69</sup> *AE*, p. 64 [52]. Aqui, o contexto é um contraste do maquinismo, proposto pelos autores, com concepções estabelecidas nas vertentes do mecanicismo e do vitalismo.

Reich foi o primeiro a estabelecer o problema da relação do desejo com o campo social (indo mais longe que Marcuse, que o trata com leviandade). Ele é o verdadeiro fundador de uma psiquiatria materialista. Formulando o problema em termos de desejo, ele foi o primeiro a recusar as explicações de um marxismo sumário muito apressado em dizer que as massas foram enganadas, mistificadas... Mas, por não ter formado suficientemente o conceito de uma produção desejante, não chegou a determinar a inserção do desejo na própria infraestrutura econômica, a inserção das pulsões na produção social. [...] Contudo, persiste o fato de que Reich, em nome do desejo, fez passar um canto de vida pela psicanálise.<sup>70</sup>

A passagem acima, além do comentário relativo ao alcance de Reich, é interessante por indicar a insuficiência de uma noção forte de “produção desejante” em sua obra e aludir tanto ao desejo quanto às pulsões. Nota-se com frequência um deslizamento entre esses termos, uma permutação que parece denotar menos uma distinção do que uma confluência conceitual.<sup>71</sup> Essa fluidez no uso de termos, vale dizer, é uma marca do estilo dos autores, que costumam se valer de seus interlocutores e falar através de seu vocabulário.<sup>72</sup> Quanto ao trecho acima, é importante frisar que, embora tenha sido descoberta por Freud e que a relação entre o desejo e o social tenha sido explorada de forma mais profunda por Reich com a proposta de uma psiquiatria materialista, a plena formulação da “produção desejante” ainda estava por fazer. Nesse sentido, se trata de uma *criação* deleuzo-guattariana, dada as limitações tanto em Freud, pela subordinação da produção à representação, quanto em Reich, por ainda manter separadas as economias política e libidinal. Portanto, a plena conceituação da produção do desejo, sua elevação a princípio ontológico, seria tributária da liberação da representação e da afirmação da univocidade dos dois planos econômicos: a produção se diz num único sentido do desejante e do social, do libidinal e do político, posto que sua diferença de regime não contradiz sua identidade de natureza.

---

<sup>70</sup> *AE*, p. 161-162 [141].

<sup>71</sup> Enquanto é possível apreender tal confluência conceitual entre pulsão e desejo, o que será aprofundado mais adiante, vale mencionar que outro termo correlato à pulsão, o “instinto”, ainda que seja usado com alguma frequência em *O anti-Édipo*, configura um caso distinto: aí, sim, se trata menos de uma permutação ou deslizamento do que da marcação de uma diferença conceitual que se busca imprimir entre o plano da pulsão de morte e o do instinto de morte, o que deriva de tratamentos progressos, notadamente da parte de Deleuze, da temática psicanalítica. Em conformidade com a análise de Sanches (2008, p. 93-103), podemos resumir da seguinte maneira o recurso ao termo “instinto” em articulação à pulsão: partindo de uma perspectiva de moldes kantianos, o “instinto” remeteria ao estado puro de Eros e Tânatos (principalmente este), portanto, o plano *transcendental*, ao passo que a “pulsão” indicaria o plano *empírico*, em que as pulsões de vida e de morte encontram-se já misturadas. De toda forma, os meandros dessa retomada do Instinto de morte enquanto Corpo sem Órgãos, na obra conjunta com Guattari, serão explorados em maior detalhe apenas mais adiante, no capítulo III.2.3.

<sup>72</sup> Trata-se do conhecido *discurso indireto livre*, que tem em Bakhtin uma de suas inspirações, e que perpassa o modo como Deleuze, com ou sem Guattari, exerce sua criação conceitual, mesmo enquanto historiador da filosofia. A esse respeito, cf. VINCI, 2018 e BITTENCOURT, 2023.

### I.1.1. A marginalidade de Édipo diante da sexualidade infantil

Além de concernir à essência do desejo, a sexualidade, segundo os autores franceses, constitui os índices maquínicos que permitem à esquizoanálise desemaranhar os investimentos libidinais do campo social, seja no âmbito dos grupos ou naquele dos indivíduos. Seu potencial revolucionário, porém, pode ser perdido “enquanto não se separar a sexualidade da categoria do segredo”. A psicanálise não deixa de favorecer a liberação desse potencial ao tomar o sexual para além dos objetos, objetivos e fontes das pulsões sexuais, desvelando a libido e a força pulsional. No entanto, ao abrir o campo das perversões e da sexualidade infantil para o exame psicanalítico e científico, ao “tornar público o segredo”, corre-se ainda o risco de “matar o desejo” ou “inventar para ele formas de liberação mais sombrias do que a prisão mais repressiva”. Trata-se da conformação da sexualidade ao código edipiano, à “forma ou motivação familista e masturbatória” e à origem narcísico-edipiana. O potencial emancipatório e revolucionário e a perspectiva de uma verdadeira liberação acabam sendo perdidos: “é uma mentira pretender liberar a sexualidade, reclamar seus direitos sobre o objeto, o objetivo e a fonte e, ao mesmo tempo, manter os fluxos correspondentes nos limites de um código edipiano (conflito, repressão, solução, sublimação de Édipo...)”.<sup>73</sup> De toda forma, Deleuze e Guattari compreendem que é a força do inconsciente que anima os movimentos de libertação, conforme o campo social é investido pelo desejo e as estruturas repressivas são desinvestidas.<sup>74</sup>

O próprio Édipo, embora atravessasse profundamente a psicanálise, não é considerado por eles uma determinação inequívoca e imperativa desde os primórdios. Com efeito, se, por um lado, a produção desejante e a essência do desejo enquanto sexualidade e libido são achados da psicanálise em seu nascedouro, relacionadas em grande medida a obras primevas como o *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, por outro, é possível compreender Édipo também como uma espécie de “descoberta”, porém, uma que ganha consistência com o tempo, digamos, atingindo a “soberania” mais tardiamente. Embora diversos dos textos fundamentais de Freud acerca das formações inconscientes, marcados pelo caráter expressivo e representativo reiteradamente questionado por Deleuze e Guattari, sejam igualmente dos primeiros anos de sua obra (a exemplo do inaugural *A Interpretação dos sonhos*), as menções a Édipo, por sua vez, seriam marginais de

---

<sup>73</sup> *AE*, p. 465 [419-420].

<sup>74</sup> *AE*, p. 86 [72].

início e sua elevação a complexo nuclear apenas se efetua posteriormente. Não à toa, encontramos o seguinte comentário em *O anti-Édipo*:

Consideremos o artigo de 1908 sobre a “moral sexual civilizada”: nele, Édipo não é ainda nomeado, o recalçamento é aí considerado em função da repressão, que suscita um *deslocamento* e se exerce sobre as pulsões parciais, enquanto estas representam, à sua maneira, uma espécie de produção desejante, antes de se exercerem contra as pulsões incestuosas ou outras que ameacem o casamento legítimo. Mas, em seguida, é evidente que, quanto mais o problema de Édipo e do incesto ganha em importância, mais o recalçamento e seus correlatos, a supressão e a sublimação, serão fundados em supostas exigências transcendentais da civilização, ao mesmo tempo em que a psicanálise se afundará cada vez mais numa visão familista e ideológica.<sup>75</sup>

Essa passagem fornece uma articulação interessante, posto que direta e explícita, entre as pulsões parciais e a produção desejante, o que, junto à importância concedida à descoberta da sexualidade e da libido, concorre para pensarmos a relevância da pulsão sexual na concepção de desejo d’*O anti-Édipo*, conceitos apresentados numa das obras seminais de Freud: os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Além dessa articulação, os autores sugerem uma antecedência das pulsões parciais à qualificação de pulsões como incestuosas e, o mais importante, a defesa de que a repressão incida, primariamente, sobre essa produção desejante das pulsões parciais, a ponto de deixar indicado que o recalçamento sobre as pulsões incestuosas seja tributário dessa repressão fundamental. Sobre essa temática da repressão e do recalçamento, vale apenas indicar que os mecanismos de destinação pulsional vão ser profundamente repensados por Deleuze e Guattari, como veremos mais adiante, quando abordarmos o sistema repressão-recalçamento (cf. capítulo III.1). O apelo para diferenciar as pulsões parciais das pulsões incestuosas e a indicação do aprofundamento da psicanálise “numa visão familista e ideológica”, numa perspectiva edipiana, nos levam a entrever certa ambiguidade do gesto psicanalítico, por conta do decaimento da descoberta do potencial produtivo das pulsões sexuais parciais num quadro familista-edipiano.

É possível encontrar outras passagens em que os autores aventam, acerca de Freud, uma disjunção entre a sexualidade infantil e Édipo. A partir de apontamentos de Laplanche e Pontalis, os autores de *O anti-Édipo* consideram que, apesar de uma “descoberta” inicial do complexo de Édipo se dar já em 1897 no processo de autoanálise, é de se notar que Freud “o formula teoricamente apenas em 1923, em *O Eu e o Isso*”, de modo que “nesse entretanto, Édipo tem uma existência sobretudo marginal, ‘isolado, por exemplo, num capítulo à parte sobre a escolha de

---

<sup>75</sup> *AE*, p. 159 [139].

objeto na puberdade [...] ou sobre os sonhos típicos”<sup>76</sup>. Ou seja, Édipo, ao menos nas principais obras do início da produção de Freud, não configura um elemento tão preponderante. Em relação ao *Três ensaios*, enquanto Édipo aparece de modo restrito no terceiro ensaio, os primeiros dois fornecem elementos disruptivos, que permitem explodir as noções vigentes acerca da natureza da sexualidade e levar a conclusões que podem condizer com uma verdadeira liberação do desejo – muito embora Deleuze tenha comentando, em um texto de 1977 e numa clara referência a essa obra de Freud, que ao fim e ao cabo, para a psicanálise, “sempre há desejos demais: perverso polimorfo” e que ela tende a insistir, de alguma forma, na distinção entre os verdadeiros e falsos desejos.<sup>77</sup> Em todo caso, trata-se do contexto em que se estabelece a enaltecida descoberta psicanalítica. A marginalidade inicial de Édipo e certa incompatibilidade entre ele e a concepção da sexualidade infantil são pontos sublinhados na seguinte ponderação de Deleuze e Guattari:

É que um certo abandono por Freud da teoria do traumatismo e da sedução não conduz, dizem eles [Laplanche e Pontalis], a uma determinação unívoca do Édipo, e nem à descrição de uma sexualidade infantil espontânea de caráter endógeno. Ora, tudo se passa como se “Freud não conseguisse articular mutuamente Édipo e sexualidade infantil”, remetendo esta a uma realidade biológica do desenvolvimento e aquele a uma realidade psíquica do fantasma: Édipo é o que esteve a ponto de ser perdido “em proveito de um realismo biológico”. Mas será exato apresentar as coisas assim? O imperialismo de Édipo exigia apenas a renúncia ao realismo biológico? Ou não terá sido sacrificada ao Édipo outra coisa, infinitamente mais potente? Pois o que Freud e os primeiros analistas descobriram foi o domínio das sínteses livres onde tudo é possível [...] As máquinas desejanças [...] todos os aparelhos explicativos montados por Freud, *todas essas máquinas neurobiológicas-desejanças*.<sup>78</sup>

Enquanto a soberania ou o imperialismo de Édipo configura a perda, o abandono ou mesmo o *sacrifício* da potente descoberta dessas “máquinas neurobiológicas-desejanças” e do domínio das “sínteses livres”, em todo caso, as coordenadas do inconsciente representativo estão colocadas desde o princípio da obra de Freud, notadamente desde *A interpretação dos sonhos* (1900). Por conta disso, foi interessante partir da disjunção discursiva, interna à obra freudiana, entre pulsão e desejo, o que pareceu reforçar a existência de um lastro da concepção do desejo como produção em sua teoria pulsional, dado um menor comprometimento, a princípio, com o registro do fantasma, do mito e do familismo. Os inúmeros comentários de Deleuze e Guattari

<sup>76</sup> *AE*, p. 76 [62]. O trecho citado de Laplanche e Pontalis remete, respectivamente, ao *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e ao livro *A interpretação dos sonhos* (1900). “O eu e o isso” aparece em edições brasileiras também como “O Eu e o Id”.

<sup>77</sup> DELEUZE, 1977/2016, p. 82-83 [72-73], capítulo 8. “Quatro proposições sobre a psicanálise”.

<sup>78</sup> *AE*, p. 76-77 [62-63], grifo nosso.

acerca da enaltecida descoberta psicanalítica, que começamos a examinar, nos permitiram atestar a importância das pulsões sexuais e começar a montar o campo problemático em torno da retomada crítica da teoria psicanalítica. Certamente, podemos estender essa investigação, ampliando o levantamento das passagens que mencionam a pulsão e seus elementos conceituais correlatos, de modo mais ou menos direto e explícito. Além disso, visando nosso objetivo de discernir a participação do aporte freudiano relativo à teoria pulsional na nova concepção de desejo e de inconsciente proposta em *O anti-Édipo* – especialmente no seu conceito próprio de produção desejante –, convém abordar e destrinchar as críticas direcionadas à psicanálise, principalmente as que constituem o *problema* de Édipo. Ademais, a própria concepção psicanalítica de Édipo ainda precisa ser explorada.

Considerando esses possíveis direcionamentos e vias a percorrer, propomos, primeiramente, analisar o que seria a *produção desejante das pulsões parciais* ou das *máquinas neurobiológicas desejantes*, tomando por base as seguintes obras freudianas: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *Pulsões e seus destinos* (1915). Afinal, vimos a importância das noções de sexualidade e de libido, esta que permanecerá como uma das energias do funcionamento da produção desejante em *O anti-Édipo*. Enquanto o primeiro texto parece condizer com a cena principal da *descoberta*, o segundo é o momento crucial de sistematização do conceito de *pulsão*. Quanto a outros textos, igualmente importantes para aferir os rumos da libido e da teoria pulsional, como o *Introdução ao Narcisismo* (1914) e o *Além do princípio de prazer* (1920), guardamos uma ocasião posterior para abordá-los.

A presença do conceito de pulsão e de diversos pontos da teoria pulsional na referida obra deleuzo-guattariana vem mostrando-se inequívoca, restando esclarecer devidamente qual seja a apropriação envolvida: quais elementos são “pegos”, adotados e desenvolvidos, quais os autores “largam”, descartam ou rejeitam. Se, por um lado, os filósofos franceses tendem a privilegiar termos como “desejo”, “produção desejante” e “máquinas desejantes”, por outro, é possível notar uma íntima relação entre as *pulsões* e as *máquinas*, ao ponto de serem ocasionalmente identificadas: “as pulsões são tão-somente as próprias máquinas desejantes”<sup>79</sup>, “máquinas desejantes pulsionais”<sup>80</sup>. Ou, então, ao se afirmar que o objeto parcial forma, com a pulsão enquanto seu sujeito, a máquina desejante.<sup>81</sup> Além de considerar as pulsões parciais de Freud como uma “espécie

---

<sup>79</sup> *AE*, p. 53 [42].

<sup>80</sup> *AE*, p. 383 [345].

<sup>81</sup> *AE*, p. 86 [71].

de produção desejante”, configurando os alvos primordiais do processo de repressão<sup>82</sup>, em outras passagens, os autores tomam as pulsões e os afetos como elementos da infraestrutura da produção desejante ou, ainda, como sujeitos dos fantasmas de grupo (em contraposição ao fantasma individual que teria o eu como sujeito).<sup>83</sup> Enfim, vejamos no que consiste a produção desejante em Freud, para, em seguida, retomarmos os problemas envolvidos e, também, a concepção de Deleuze e Guattari.

---

<sup>82</sup> *AE*, p. 159 [139].

<sup>83</sup> *AE*, p. 89-90 [74-75].

## I.2. Da produção desejanante das pulsões parciais ao conceito metapsicológico de pulsão

### I.2.1. Notas gerais sobre o discurso da pulsão

De forma geral, nosso foco de leitura da obra de Freud recairá sobre o conceito de *pulsão*, especialmente a *pulsão sexual* e sua evolução ao longo da produção freudiana, com as sucessivas revisões da teoria pulsional, por vezes também referida como teoria da libido.<sup>84</sup> Visamos apreender em que medida a *produtividade* do desejo pode ser pensada através dessa noção-chave para a concepção de inconsciente em Freud, tornando possível, com isso, vislumbrar e analisar as linhas que se desdobram em *O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, que começamos a destrinchar. Ao percorrer o pensamento freudiano, vale manter em vista algumas questões: no que consiste e como é conceituada a *pulsão sexual*?; como se modifica seu alcance?; o que leva Freud a reelaborar a teoria pulsional e quais suas implicações? Neste primeiro momento, buscaremos explorar principalmente a primeira questão, como uma forma de circunscrever a descoberta da sexualidade e da libido, assim como das unidades produtivas do desejo e do inconsciente. De partida, façamos algumas considerações preliminares e gerais sobre o movimento do *discurso da pulsão*.

Abordamos anteriormente a possibilidade de tomarmos como referência uma disjunção discursiva e conceitual de saída, que opunha o discurso do desejo, fundado no *Interpretação dos sonhos* (1900), ao discurso da pulsão, fundado no *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Consideradas duas obras fundamentais e, em larga medida, fundacionais do pensamento psicanalítico, elas lançam as bases da teoria e do campo desenvolvido por Freud. Em uma perspectiva geral, notamos que a problemática do desejo e do inconsciente é explorada concomitantemente à problemática da sexualidade, com encaminhamentos e produções relativamente independentes, mesmo que articuladas. Como nosso foco será esta segunda vertente, será apropriado, em um primeiro momento, abordarmos o contexto da problemática da sexualidade para situar a emergência dos *Três ensaios*.

A sexualidade vinha capturando o interesse de Freud há algum tempo. Havia sido tematizada nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), publicação conjunta com Josef Breuer – com quem colaborava no âmbito da clínica e estudo da *histeria*. Desde ao menos 1896, Freud já se

---

<sup>84</sup> A exemplo da revisão do conjunto de sua obra, que Freud apresenta em trecho de *Além do princípio de prazer* (cf. FREUD, 1920/2020, p. 169-177), ou no caso de alguns comentadores, como Mezan (2013).

deparava com as manifestações infantis da sexualidade, como atesta uma carta a Fliess (carta 52), e seu desdobramento com a hipótese da sexualidade infantil, fruto de uma análise realizada em 1899, cujo relato clínico e elaboração teórica, o conhecido “Caso Dora”, vem a ser publicado em 1905. De toda forma, é nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que se apresenta um tratamento mais sistemático e amplo da sexualidade – chegando ao entendimento de sua natureza *perversa, polimorfa e infantil* –, e que é lançado o conceito de *pulsão sexual*. Trata-se de uma obra que será bastante revista e complementada em edições subsequentes, mas cuja trajetória, observa Mezan, “corresponde a uma apresentação sistemática da teoria sexual, mas não à cronologia das descobertas freudianas”. E segue: “*Freud não esperou aclarar por completo a problemática do inconsciente para se lançar ao estudo da sexualidade*, mas [...] ambos os problemas o absorveram ao mesmo tempo”.<sup>85</sup>

A dupla problemática do inconsciente e da sexualidade marca o movimento nascente do campo psicanalítico. Os esforços derivados das situações clínicas e a necessidade de aprofundar uma compreensão propriamente psicológica dos quadros histéricos – deslocando-se da perspectiva marcadamente neurológica de que partira – ensejam uma mudança tanto na prática, ou seja, na técnica e manejo clínicos, quanto na elaboração teórica dos fenômenos em questão. É justamente nesse contexto que o campo do inconsciente vai ser desbravado de uma forma singular e, em certo sentido, inédita: considerado um sistema com funcionamento distinto do consciente e concebido a partir da noção de recalque, que, como Freud anunciara certa vez: “é a pedra angular do edifício da psicanálise”.<sup>86</sup> Provavelmente é o que marca a diferença da concepção freudiana em relação a ideias pregressas de inconsciente. De todo modo, outros elementos são incluídos nesse fundamento teórico, como encontramos noutro apontamento de Freud:

as teorias da resistência e da repressão [recalque] do inconsciente, da significação etiológica da vida sexual e da importância dos acontecimentos infantis são os elementos principais do edifício teórico psicanalítico.<sup>87</sup>

De acordo com o *Dicionário de psicanálise* da Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Freud não seria exatamente o inventor da ideia de recalque, já que ela estaria presente na filosofia e psicologia alemãs do século XIX. Freud, embora tenha reconhecido correspondentes fortes para sua ideia de recalque em pensadores como Schopenhauer, Nietzsche e Meynert (um de seus

<sup>85</sup> MEZAN, 2013, p. 131, grifo nosso.

<sup>86</sup> FREUD *apud* MEZAN, 2013, p. 4. Trata-se do texto *História do movimento psicanalítico* ou *Contribuições à história do movimento psicanalítico* (cf. FREUD, 1914/2012).

<sup>87</sup> FREUD *apud* MEZAN, 2013, p. 4. No texto *Autobiografia* (1925).

mestres), a princípio declara independência e desconhecimento de influências diretas, crendo inicialmente ter chegado a uma ideia original e apenas posteriormente sendo confrontado com noções próximas. De toda forma, ele recusa enfaticamente que se tome a teoria do recalque e da resistência como *pressupostos* da psicanálise, considerando-os propriamente *resultados* e *aquisições* provenientes do trabalho psicanalítico.<sup>88</sup> Os termos “recalque” e “recalcamento”, usados na tradução de *Verdrängung*, por vezes encontram em “repressão” um substituto, bastante presente nas edições brasileiras das obras de Freud. Ao preferirmos as primeiras opções, temos em conta a diferença conceitual envolvida quando a *Verdrängung* é relacionada a outro processo também abordado na psicanálise, a supressão, além da incidência dos conceitos na obra dos autores franceses que abordaremos mais adiante. Sobre isso, Roudinesco e Plon comentam um dos motivos para a confusão entre os mecanismos de repressão e recalque, ou seja, *Unterdrückung* e *Verdrängung*: a utilização, a conselho do próprio Freud, do termo “*repression*” para traduzir a *Verdrängung* na edição inglesa dos Strachey. O mecanismo da *Unterdrückung*, diferentemente do recalque, que decorreria de processos do inconsciente, se refere a “uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável”.<sup>89</sup> O recalque, de forma sucinta, designaria “o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-os em fonte de desprazer”. Ademais, seria inclusive “constitutivo do núcleo original do inconsciente”.<sup>90</sup> É uma noção tão fundamental, que merece o devido detalhamento, para além desses apontamentos gerais, considerando que sua definição e a delimitação de seu campo de ação tenham sido modificadas ao longo da obra de Freud. No âmbito dos artigos metapsicológicos, é situado como um dos quatro destinos pulsionais, que serão objeto de análise nesta parte I e, principalmente, na parte III. Vale dizer ao menos que, no Brasil, o par *Verdrängung-Unterdrückung* tende a ser traduzido por repressão-supressão ou então por recalque-repressão, como aponta em nota o tradutor da edição da Companhia das Letras, Paulo César de Souza, que opta pelo primeiro. Ele afirma que há argumentos para ambas as opções, salientando que Freud usa ocasionalmente os dois termos de modo indistinto.<sup>91</sup> No entanto, em nosso caso, convém privilegiar a opção de tradução de *Verdrängung* por recalque ou recalcamento,

<sup>88</sup> ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647-649, verbete “recalque”.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 658-659, verbete “repressão”.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 647-649, verbete “recalque”.

<sup>91</sup> Cf. nota de tradução em *REC*, p. 83.

tendo em vista a diferença conceitual dos mecanismos apontada por Roudinesco e Plon, além do fato de Deleuze e Guattari também usarem as noções de recalque-recalcamento e repressão de formas distintas, as primeiras mais atinentes à conceituação freudiana, e a segunda comumente ligado ao campo social.

Nas produções de 1900 a 1905, vemos a exploração dos elementos principais referidos acima e a concomitância do desenvolvimento da problemática da sexualidade com a do inconsciente. Por um lado, o estudo do inconsciente e sua eficácia, com suas variadas produções ou *formações*: os sonhos, os atos-falhos e os chistes. Por outro, uma elaboração do material clínico e de outras observações que giram em torno das manifestações da sexualidade, inclusive e principalmente, na vida infantil. Se no primeiro âmbito vemos delinear-se o campo do desejo e sua realização, no segundo nos voltamos para o funcionamento das *pulsões*. A compreensão de que o material reprimido ou recalcado, que estaria na base dos desejos inconscientes, proviria especialmente da vida sexual infantil denota, claro, a articulação e imbricação dessas duas linhas. De toda forma, o modo como as teorias vão ser desenvolvidas numa perspectiva e na outra, em que se nota o caráter “aberto” da segunda e, possivelmente, sua relação mais ambígua e complexa com o campo das representações, como examinaremos mais adiante (cf. item I.2.3.6), isso reforça nosso interesse e o enquadramento aqui proposto. É importante notar, ainda, que a pulsão, de uma perspectiva teórica, se sobressai como conceito fundamental<sup>92</sup> e o primeiro a ser tematizado no conjunto de textos produzidos sob o fundo da primeira Grande Guerra Mundial, que buscavam uma apresentação mais sistemática do corpo teórico psicanalítico, elaborando sobre seus principais conceitos. Embora este projeto tenha ficado inacabado, é sugestivo que a *metapsicologia*<sup>93</sup> tenha sido inaugurada com o artigo acerca das *Pulsões e seus destinos*, e que os textos sobre o *recalque* e o *inconsciente* tenham sido publicados na esteira dele. Dito isso, ainda ficamos com a questão: como decorreu, afinal, o percurso teórico do conceito de pulsão?

---

<sup>92</sup> *PsD*, p. 17.

<sup>93</sup> Definição de metapsicologia, por Garcia-Roza (1985, p. 114): "A metapsicologia pretende, portanto, apresentar uma descrição minuciosa de qualquer processo psíquico quando enfocado sob os pontos de vista de sua localização em instâncias (ponto de vista *tópico*), da distribuição dos investimentos (ponto de vista *econômico*) e do conflito das forças pulsionais (ponto de vista *dinâmico*)".

### I.2.1.1. Os momentos da teoria pulsional freudiana

“A teoria das pulsões é a parte mais significativa, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica”, afirma Freud numa nota adicionada em 1924 aos *Três ensaios*.<sup>94</sup> Interessa-nos especialmente o movimento que ela perfaz e como o conceito de pulsão sexual é desenvolvido, desdobrado e articulado. Esse trajeto pode ser resumido de maneira esquemática ao elencarmos alguns momentos, com seus temas e obras de referência. O *primeiro momento* corresponderia ao período entre 1905 e 1910, quando temos não apenas o lançamento inicial dos *Três ensaios*, com a *pulsão sexual* (e tantas outras noções importantes, como a *libido*, as pulsões parciais, o autoerotismo, a teoria do apoio, dentre outros), como a ideia de um dualismo pulsional conflitivo entre as *pulsões sexuais* e as *pulsões de autoconservação*. Um *segundo momento*, abrangendo formulações importantes acerca do *Eu* (ou *Ego*) e seu desenvolvimento, que culminam na publicação de *Introdução ao narcisismo* (1914), onde a dualidade pulsional estabelecida, até então, é atenuada com o conceito de narcisismo e com a distinção entre *libido objetal* e *libido do Eu*. Ainda deste período, valeria destacar o *Caso Schreber* e o *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, ambos de 1911, que podem ser mobilizados e articulados com o texto do narcisismo. Em seguida, o *terceiro momento* se refere aos artigos *metapsicológicos* publicados a partir de 1915, em especial *As pulsões e seus destinos* (1915) que marca uma consideração conceitual mais profunda da pulsão e reflete modificações significativas no próprio texto dos *Três ensaios*. Por fim, um *quarto momento*, em que se destaca a reformulação da teoria pulsional à luz da problemática da *compulsão à repetição* e de um domínio, conforme o título da obra, *Além do princípio de prazer* (1920). Aqui, poderíamos ainda complementar com textos como *O Eu e o Isso* (1923), *O problema econômico do masoquismo* (1923) e *A negação* (1925), dentre outros.

Vale ressaltar que o enquadramento aqui proposto reflete uma escolha e um recorte que nos pareceu mais apropriado ao escopo da pesquisa. Além do fato de que a obra de Freud seja objeto de leitura e estudo por aproximadamente um século, com sua sistematicidade e arranjos internos sendo tematizados reiteradamente e a partir de múltiplas perspectivas, nesse meio tempo, além disso, temos a própria visão do autor sobre sua obra. Do ponto de vista das obras completas, o percurso da pulsão remontaria ao *Projeto para uma psicologia científica* (1895), manuscrito no

---

<sup>94</sup> *TES*, p. 67, nota 34. Optamos por ajustar a tradução do termo *Trieb* nas passagens doravante citadas, nas quais ele foi vertido por “instinto”, modificando para “pulsão” ou indicando entre colchetes. Isto reflete uma opção teórico-terminológica que discutimos mais adiante nesta introdução.

qual já figura o termo *Trieb*, e que é publicizado postumamente. Entretanto, essa obra de cunho neurológico e physicalista, além de não ter sido publicada durante a vida de Freud, também não costuma ser enquadrada no corpo teórico psicanalítico, termo, inclusive, que só será nomeado no ano seguinte. Optamos por não incluir esse momento dito “pré-psicanalítico” diretamente em nossa análise do conceito de pulsão, abordando-o eventualmente nas discussões dos momentos acima circunscritos, os quais refletem os passos que o próprio Freud identificou como decisivos na teoria pulsional, como aparece num trecho do *Além do princípio do prazer* (1920)<sup>95</sup>, com a diferença de destrinchar os momentos 2 e 3.

Ao separar o momento do narcisismo da publicação subsequente dos textos metapsicológicos, o que tende a contrastar com outras leituras, o intuito foi oportunizar um aprofundamento da análise. Em termos de exposição, ressaltamos que a ordem de consideração dos textos freudianos neste trabalho não obedecerá essa divisão cronológica, ou seja, a progressão dos quatro momentos. Se, como adiantamos, trataremos primeiramente do *Três ensaios* e do *Pulsões e seus destinos*, isto se deve ao interesse de partida, que é primeiramente analisar o que seria a descoberta da produção desejante em Freud. Além de o artigo metapsicológico sobre as pulsões não ter levado adiante a oscilação nos termos do dualismo pulsional provocada pelos estudos do narcisismo, ele denota uma ocasião de apresentação, digamos, sistemática conceito de pulsão, incontornável, portanto, para se apreender a descoberta psicanalítica. Dito isso, o segundo momento, aquele do narcisismo, e o quarto, aquele da revisão derradeira da teoria pulsional, serão abordados de modo associado para discutir os rumos que esta tomou no decorrer da produção de Freud, assim como fornecer uma base para considerar alguns dos problemas atrelados à descoberta e a sua derrocada.

### **I.2.1.2. Sobre o traço especulativo da teoria pulsional: um discurso para além da Biologia e da Psicologia**

Em termos de uma perspectiva ampliada da teoria pulsional em Freud, é interessante notar a presença de um traço característico que ele próprio chega a admitir: a *especulação*. Embora sua elaboração vise uma compreensão, a princípio, psicológica, vemos o quanto seu desenvolvimento margeia campos diversos, especialmente a biologia. O caso do conceito de pulsão mais que qualquer outro. Em todo caso, as aproximações que são tecidas com a biologia – por vezes

---

<sup>95</sup> APP, p. 169-177 e p. 197, nota do autor.

concedendo a possibilidade de descobertas e fundamentações mais certeiras para temas importantes, como a natureza da libido –, além de sua assumida postura científica e a valoração primordial dada aos materiais observados na própria atividade clínica, isso tudo convive com certa dose de esforço especulativo. Freud é bem claro e assume explicitamente essa postura em diversos momentos, anunciando pontos em que, na falta de algo mais certo e precisando lidar com dados aquém do que almejava dispor, faz-se necessário ir além e produzir conceituações por vezes provisórias e não tão bem lastreadas na experiência. Parece que o discurso da pulsão - conceito fundamental, como afirmou certa vez - apresenta bem essa característica. Nesse sentido, além de considerar a parte mais significativa e a mais incompleta da teoria psicanalítica, como vimos, Freud também afirma, tardiamente, que “a teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos [pulsões] são seres míticos, formidáveis em sua indeterminação. Em nosso trabalho não podemos ignorá-los um só instante, mas nunca estamos certos de vê-los com precisão”.<sup>96</sup>

Curioso esse lugar de uma “mítica” fundamental. Nessa mesma ocasião, fica claro que uma das inspirações básicas para o conceito é também o saber popular, com o qual a psicanálise dialoga, assumindo uma posição particular. Recusando a imaginação comum que postularia a existência de tantos e tão variados instintos específicos, o primeiro passo da teoria pulsional foi conceber dois grupos ou espécies principais de instintos ou pulsões, em conformidade com duas grandes necessidades vitais: a fome e o amor. Estes corresponderiam, por sua vez, aos propósitos biológicos, inerentes aos seres vivos, de autopreservação e conservação da espécie. Ao introduzir as noções de pulsões do Eu e pulsões sexuais, a psicanálise estaria como que fazendo uma “psicologia biológica”, ao tomar os representantes psíquicos dos processos biológicos. No caso, “conservação, afirmação e engrandecimento da pessoa” estariam resguardados nas primeiras, enquanto que a abundante manifestação da vida sexual infantil, nas segundas. Pela análise das neuroses, ficaria marcada não apenas a diferença desses agrupamentos pulsionais, como também seu conflito, o que perpassa o aprofundamento no tocante às pulsões sexuais.<sup>97</sup> Com relação aos passos posteriores na trajetória dessa teoria, esse mesmo texto relaciona a dualidade pulsional entre pulsões de vida e pulsão de morte aos agrupamentos das pulsões sexuais, em sentido mais ampliado, e das pulsões agressivas, respectivamente. Influuiu nessa mudança não apenas os fenômenos de compulsão à repetição nem simplesmente uma compreensão da natureza humana

---

<sup>96</sup> FREUD, 1933/2010c, p. 241. “Angústia e instintos”, uma das “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 241-242.

que levasse em conta todo o traço maligno e destrutivo dela, mas também as grandes questões que suscitaram os fenômenos de sadismo e de masoquismo – toda a problemática econômica que se impôs para dar conta deles. Ademais, Freud chega a reafirmar a importância das perspectivas biológicas nessa revisão, e o quanto essa nova compreensão parece com “uma tentativa de transfiguração teórica da banal oposição entre amor e ódio, que talvez coincida com aquela outra polaridade de atração e repulsa, que a física supõe no mundo inorgânico”.<sup>98</sup>

### **I.2.1.3. O conceito de *Trieb* e a questão da tradução: instinto, impulso ou pulsão?**

A questão da proximidade ou distanciamento com o discurso biológico nos remete, por sua vez, a uma conhecida e persistente querela: a problemática terminológico-conceitual do termo alemão *Trieb*. As opções de tradução do termo *Trieb* por *instinto*, *pulsão*, *impulso*, dentre outros, são atravessadas por questões conceituais que são debatidas há muito, atravessando a psicanálise ao redor do mundo e, especialmente, no Brasil. Em linhas bem gerais, os projetos de organização das obras completas do Freud e as traduções realizadas para as mais diversas línguas – como o inglês, o espanhol, o francês e o português – foram fortemente marcados pela edição *standard* da Inglaterra, onde *Trieb* foi vertido como *instinct*, donde “instinto” em português, apesar de haver, no interior da obra freudiana, dois termos: *Trieb* e *Instinkt*. Diversos psicanalistas, comentadores de Freud e tradutores contestaram essa opção inicial de tradução para o inglês, apontando, dentre outras coisas, a maior adequação de *instinct* para o segundo termo em alemão do que para o primeiro. Além disso, a própria carga semântica e conceitual do termo *Trieb*, especialmente com a proposta de *instinto/pulsão sexual* apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), remete a uma noção que coaduna apenas parcialmente à terminologia de cunho biológico. Ela parece ser tomada somente como ponto de partida para se chegar à concepção propriamente psicanalítica do termo. Esse desvio em relação à noção clássica de instinto, portanto, acaba sendo um dos pontos que fomenta toda uma tradição de interpretação do texto freudiano, dentre a qual temos expoentes notáveis como Jacques Lacan, que traz argumentos em favor de outras opções de tradução, como por “*pulsion*”, no francês, e “pulsão”, em português. Sem qualquer pretensão de resolver ou mesmo esgotar as facetas desta querela, é preciso, ao menos, prestar contas com essa situação de tradução no contexto brasileiro e explicitar minimamente a opção que será favorecida e utilizada no presente trabalho. O fato é que, no Brasil, após um longo período dispondo apenas

---

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 253.

da tradução feita a partir da edição inglesa, passamos a ter novos projetos editoriais das obras, completas ou não, de Freud, com traduções feitas diretamente do alemão. De toda forma, algumas das principais traduções de que dispomos, atualmente, ainda mantêm a opção de tradução do termo “instinto” para *Trieb*. Nossa escolha, no entanto, será por “pulsão”. Por conta disso, faremos, sempre que preciso, a mudança do termo ou sua indicação entre colchetes, em casos de citações diretas. Essa opção leva em conta, além da filiação teórica de diversos dos comentadores utilizados, o fato de que Deleuze e Guattari – à medida que fazem parte do contexto francês no qual predominava a tradição lacaniana e que tiveram contato direto com ela – utilizem, predominantemente, o conceito expresso pelo termo “pulsão” – embora, como se sabe, Deleuze tenha obras em que trabalha com a própria disjunção instinto-pulsão.<sup>99</sup>

Considerando a marca biológica presente no conceito de pulsão, podemos indicar trabalhos como o de Simanke (2014), que buscam atualizar o debate em torno do *Trieb* freudiano e criticam o distanciamento da noção de *instinto*, apontando um certo ocultamento e recusa de sua filiação epistemológica à biologia. Um dos pontos dele é o de uma acentuação da significação biológica, no sentido de que o primeiro conceito seria mais restrito ao âmbito psicológico ou metapsicológico, ao passo que o conceito da segunda dualidade pulsional, enquanto “esforço *inerente ao orgânico*”, acaba adquirindo uma significação mais acentuadamente biológica<sup>100</sup>. Tomamos esse ponto como um índice do alargamento de alcance do conceito.

Ademais, se considerarmos alguns trechos dos prefácios às sucessivas edições dos *Três ensaios*, vemos que Freud, ao mesmo tempo que admite a aproximação com a biologia, também frisa pontos importantes de descolamento dela. Em contraste com outras frentes da psicanálise cujo teor seria predominantemente psicológico (do inconsciente, recalque, formação de sintomas etc.), o campo da pulsão e da sexualidade, atesta Freud, se aproxima da biologia, configurando a parcela mais rechaçada e antagonizada da teoria psicanalítica.<sup>101</sup> No entanto, há uma intencional e declarada independência e distanciamento da biologia na composição dos *Três ensaios*, o que está refletido nos materiais utilizados e ênfases dadas, bem como na evitação de incluir outros dados do âmbito da biologia da vida sexual, além de buscar alargar aquilo que se pode conhecer deste campo através de considerações psicológicas. Com relação aos materiais, é notória a aderência da construção teórica ao material clínico e à pesquisa psicanalítica, chegando apenas ao que ela

<sup>99</sup> Por exemplo, as obras *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967) e *Diferença e Repetição* (1968).

<sup>100</sup> SIMANKE, 2014, p. 76

<sup>101</sup> *TES*, p. 17, prefácio à quarta edição, de 1920.

“obriga a supor ou permite confirmar”. Tal característica, a dependência das observações psicanalíticas, estaria expressa não apenas no material selecionado mas na própria maneira de arranjá-lo e trabalhá-lo, sempre respeitando uma “determinada sucessão de instâncias: os fatores acidentais são colocados na frente, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético”.<sup>102</sup> As vivências e os fatores acidentais são os elementos cruciais da análise, da clínica, a partir dos quais seriam despertadas as características disposicionais: são aquelas que efetivamente atualizam estas, comparecendo enquanto condicionantes ou possibilidades para o que virá a ser manifestado. Temos, assim, uma espécie de procedimento padrão da teorização freudiana. Além disso, no tocante ao distanciamento com a biologia, podemos atestá-lo ainda na seguinte declaração do Freud:

Minha meta, de toda forma, era verificar o quanto se pode conhecer sobre a biologia da vida sexual humana com os meios da pesquisa psicológica. Pude indicar pontos de contato e concordâncias que resultaram dessa investigação, mas não precisei desviar-me de meu curso quando o método psicanalítico, em vários pontos importantes, levou a opiniões e resultados que se afastavam consideravelmente daqueles baseados apenas na biologia.<sup>103</sup>

A partir desse quadro mais ou menos geral da teoria pulsional, passaremos a um exame mais fino de cada momento circunscrito acima, tendo em vista os objetivos aqui propostos: examinar o conceito de pulsão sexual, seus desenvolvimentos e revisões ao longo da teoria, ganhando crescentemente em alcance. Além disso, buscaremos dimensionar o aspecto produtivo da pulsão e a possibilidade de relacioná-la à produtividade desejante do *Anti-Édipo*. Começaremos, então, com uma análise dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), trazendo seu contexto e contribuições mais importantes.

---

<sup>102</sup> TES, p. 14-15, prefácio à terceira edição, de 1914.

<sup>103</sup> TES, p. 16, prefácio à terceira edição, de 1914.

### **I.2.2. A criação do conceito de pulsão sexual nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905): a descoberta da sexualidade, da libido e da produção das pulsões parciais**

O primeiro momento da teoria pulsional freudiana a ser abordado consiste no ponto de partida do conceito de pulsão sexual e envolve um tratamento mais aprofundado da sexualidade, que, como vimos, já vinha ocupando Freud há algum tempo. Se o papel da vida sexual na causação das neuroses e as manifestações infantis da sexualidade ganhavam relevância no período anterior à redação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), frutos da clínica e da pesquisa psicanalítica nascente, é de se notar o modo como esta obra é composta. Além do fato de que fora amplamente revista e complementada em edições subsequentes, refletindo o avançar da psicanálise – o que, por si só, vale a devida consideração –, percebe-se pelo arranjo interno que o ponto de partida são as chamadas “aberrações sexuais”, ou “perversões”. Para uma apropriada introdução e ambientação na obra, passaremos por algumas observações iniciais acerca de seu arranjo interno, um panorama dos materiais agregados posteriormente e das revisões feitas, além de teses gerais importantes. Feito isso seguiremos ao exame mais detido do texto.

As designações do título e das partes nos fornece algumas pistas sobre a obra em questão. Em primeiro lugar, Freud identifica a obra como três *ensaios* sobre a teoria da sexualidade, o que expressa a ausência de uma pretensão de uma teoria completa, o que abarcaria elementos de natureza mais biológica e médica. O texto parte, sim, de uma certa revisão da literatura sobre o tema, mas atém-se à orientação psicológica da pesquisa psicanalítica, e, especialmente, aos materiais clínicos e o que deles pode ser extraído e pensado. De toda forma, as linhas iniciais da obra indicam ainda que o saber biológico e, até, o saber popular são utilizados como pontos de partida para a discussão construída, a qual mostra, pouco a pouco, a marca de sua diferença. Em que se pese o *modus operandi* da conceituação, tal como Freud declara nos prefácios e que vimos anteriormente, uma das características gerais do texto, especialmente válido para a primeira parte, é a maneira como parte-se de manifestações de ordem patológica - as perversões e as neuroses - para compreender, em razão delas, os fenômenos em sua normalidade. Mesmo que não exista uma identificação de uma ordem com a outra, vemos delinear-se uma linha de continuidade consistente entre o normal e o patológico, cuja diferença passa a ser melhor compreendida em termos quantitativos, ou seja, segundo gradações e intensidades variadas entre um polo e outro. Dessa maneira, uma boa dose de moralismos que atravessavam a apreciação da vida sexual humana vai sendo dirimido – o que, por sua vez, imputa uma grande atualidade ao texto, mesmo que não em

sua integralidade. É dessa maneira que vemos delinear-se uma série de teses acerca da sexualidade e da pulsão sexual: numa palavra, sua natureza *perversa, polimorfa e infantil*, composta de uma multiplicidade de pulsões parciais anteriores à genitalidade amadurecida na puberdade, que é tomada de referência à concepção usual da vida sexual. Além dessas, temos: a variabilidade do objeto sexual, relações múltiplas não restritas à heterossexualidade, o autoerotismo originário, a libido e as organizações libidinais pré-genitais, as forças de resistência, a importância da vida sexual para as realizações humanas, dentre outras tantas noções importantes trazidas nesse texto. Se o ponto de partida é a ideia popular de que a pulsão sexual surgiria na puberdade, manifestando-se enquanto uma atração que um sexo exerce sobre o outro, marcada pela meta de uma união sexual, a cópula ou seus atos preparatórios<sup>104</sup>, o movimento do texto mostra um deslocamento progressivo dessa ideia comum, em diversos sentidos, ocupando-se primeiramente das manifestações aberrantes, para em seguida considerar a vida sexual dos neuróticos e, enfim, suas manifestações infantis. A expressão genital e pubertária sobrevém apenas no terceiro ensaio, já em momentos posteriores do desenvolvimento libidinal.

Garcia-Roza observa que, apesar de o título do primeiro ensaio ser “As aberrações sexuais” e seu ponto de partida, o saber existente à época, o intuito de Freud não seria continuar tal saber, tampouco modificá-lo ou refutá-lo: “o que Freud faz é, acima de tudo, perverter o saber existente sobre a sexualidade, particularmente sobre as chamadas aberrações sexuais. [O ensaio] encaminha-se sutilmente no sentido da conclusão de que não há aberrações sexuais, ou melhor, de que a sexualidade humana é, em si mesma, aberrante e perversa”.<sup>105</sup> A própria diferença da *Trieb* frente à noção vigente de um “instinto sexual” implica numa dissolução do sentido de desvio ou perversão. A natureza errante da *pulsão sexual* contrasta fortemente com a ideia de “uma conduta cujos padrões são fixados hereditariamente”, o instinto, marcando ainda uma distinção importante entre a sexualidade humana, regida pelo princípio de prazer, e a sexualidade animal, orientada à reprodução.<sup>106</sup> Nesse ponto, Deleuze e Guattari são outros que também elogiam o “modernismo” da psicanálise: ela “mostrou que o desejo não se submetia à procriação nem mesmo à genitalidade”.<sup>107</sup> Segundo Mezan, a discordância de Freud às concepções usuais de sexualidade residiria em três pontos fundamentais: “a época do surgimento da pulsão sexual, a natureza

---

<sup>104</sup> TES, p. 21.

<sup>105</sup> GARCIA-ROZA, 2008, p. 29.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>107</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1980/2012, p. 18 [192].

necessariamente heterossexual do objeto e a limitação do objetivo sexual à cópula”.<sup>108</sup> Mannoni, por sua vez, afirma que Freud, com a pulsão sexual sem objetos nem fins naturais, “despedaça essa noção de instinto”, e imputa à ideia de “aberrações” de um suposto instinto sexual a consequência de uma mistura indevida de moral e natureza. Ele salienta, ainda, como um “resto perverso” próprio às pulsões parciais, que constituem originariamente a pulsão sexual, estaria na base da própria moralidade, da formação do caráter e de uma gama de realizações humanas – uma das grandes feridas narcísicas efetuadas pela psicanálise e que não cessaram de ser rechaçadas em sua recepção. A disposição perverso-polimorfa característica das crianças seria a fonte mesma das virtudes humanas (e não apenas dos sintomas ou das perversões *stricto sensu*), por conta do trabalho que impõem e dos processos de formação reativa e sublimação que suscitam. Por esses motivos, Mannoni é categórico ao afirmar: “as maiores qualidades humanas são feitas da mesma tecitura dos vícios”. Podemos perceber a partir desses comentários um pouco do impacto da publicação dos *Três ensaios* e das implicações que tivera. Isso precisaria ser relacionado, porém, à configuração que a obra apresentou com suas revisões.<sup>109</sup>

#### **I.2.2.1. As edições dos *Três ensaios*: reflexos dos desdobramentos da teoria pulsional**

A última edição dos *Três ensaios*, publicada em vida, foi a sexta, de 1925. Entre 1905 e 1925, uma série de acréscimos e modificações foram realizadas. “Se tivéssemos acesso apenas à edição original de 1905, sem dúvida não lhe concederíamos a mesma importância”, afirma Garcia-Roza.<sup>110</sup> Mannoni, que indica a presença, em 1905, das noções de pulsão parcial, fixação, regressão e sublimação, sublinha o quão correta é essa construção inicial, de modo que outros elementos posteriormente acrescentados (identificação, castração, organizações pré-genitais e “teorias” sexuais infantis, exemplifica) encaixam tão bem, a ponto de não precisar de grandes modificações.<sup>111</sup> Garcia-Roza, por outro lado, enfatiza a importância especial dos acréscimos da edição de 1915, já no contexto dos artigos metapsicológicos e após o texto sobre o narcisismo: “Em sua forma final, os *Três ensaios*, no que têm de mais importante — o auto-erotismo, as pulsões parciais, a teoria da libido — expressam mais a posição teórica do Freud à época dos *Artigos de*

---

<sup>108</sup> MEZAN, 2013, p. 128.

<sup>109</sup> MANNONI, 1976, p. 78-80.

<sup>110</sup> GARCIA-ROZA, 2008, p. 29.

<sup>111</sup> MANNONI, *op. cit.*, p. 78.

*metapsicologia* (1915) do que a do Freud de 1905”.<sup>112</sup> Mezan, retraça o surgimento e desenvolvimento, em outros textos do Freud, de uma série de noções que são agregadas ao *Três ensaios*, dentre as quais destacamos: em 1905, libido, sexualidade infantil, pulsões parciais, zonas erógenas, perversões e escolha de objeto; a partir de 1908, a castração e as fases da libido com suas organizações pré-genitais; e a partir de 1910, o complexo de Édipo, que será situado de forma mais definitiva apenas em 1923; por fim, as duas reformulações significativas na teoria da libido, em 1914, com a distinção entre libido narcísica e objetal, e em 1920, com a incorporação da libido às pulsões de vida.<sup>113</sup> Feito esse panorama das camadas presentes na edição final do *Três ensaios*, sigamos ao texto para dar andamento a nossa pesquisa do conceito de *pulsão*, a começar pelo primeiro ensaio, intitulado “As aberrações sexuais”.

#### **1.2.2.2. Apresentação da pulsão sexual e o problema dos desvios: libido, objeto e meta da pulsão**

A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um "instinto sexual" [pulsão sexual, *Geschlechtstrieb*]. Nisso faz-se analogia com o instinto de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra "fome"; a ciência emprega "*libido*". A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou, pelo menos, as ações que se acham no caminho para ela. Mas temos motivos para ver nessas informações um quadro infiel da realidade; a um exame mais atento, elas se mostram plenas de erros, imprecisões e conclusões precipitadas. Vamos introduzir duas expressões técnicas: se denominarmos *objeto sexual* a pessoa da qual vem a atração sexual, e *meta sexual* a ação à qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada.<sup>114</sup>

Esse trecho de abertura dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) lança de imediato uma série de elementos importantes que possibilitarão a discussão que se segue. Vemos, já na primeira linha, a apresentação, ainda que nominal, da *pulsão sexual*, cuja conceituação virá conforme o desenvolvimento do texto. Além do campo semântico pressuposto ao termo, da opinião

<sup>112</sup> GARCIA-ROZA, *op. cit.*, p. 29.

<sup>113</sup> MEZAN, *op. cit.*, p. 127.

<sup>114</sup> TES, p. 20-21. Considerando que Freud *forja* o conceito de pulsão sexual ao longo dos *Três ensaios*, mantivemos o termo “instinto” em alguns casos, principalmente as primeiras ocorrências. Mas, que fique claro, trata-se ainda sim do *Trieb*, da *pulsão*.

popular e da biologia, temos três componentes importantes já enunciados: a *libido*, o *objeto* e a *meta*.<sup>115</sup> À luz deles, Freud situará as diversas “aberrações sexuais”, cujo sentido de partida é qualificado pelos *desvios* específicos em cada quadro. Os primeiros abordados são os desvios relativos ao *objeto* – a “inversão”, ou homossexualidade, a pedofilia e a zoofilia – e, em seguida, os da *meta* – que reúnem extensões anatômicas e permanecimentos em atos preparatórios ou intermediários à consecução da meta final de união sexual, tais como o beijar, o fetichismo, o exibicionismo e o *voyerismo*, além do sadismo e do masoquismo. Embora tenhamos anunciado acima algumas das discordâncias que Freud constrói a partir dessa concepção de base, quais seriam, precisamente, esses “erros, imprecisões e conclusões precipitadas” que levariam a um “quadro infiel da realidade” da pulsão sexual?

### **I.2.2.3. Objeto da pulsão: o componente mais variável**

A suposta norma da sexualidade humana entendida como uma relação heterossexual, portanto entre um homem e uma mulher, é questionada de saída pela expressiva existência de pessoas cujo objeto sexual não é o sexo oposto. O termo pelo qual são designadas essas pessoas era o de “invertidos”, de modo que a *inversão* marcaria suas relações libidinais objetais de formas variadas: de invertidos totais, onde nota-se exclusividade da atração sexual pelo mesmo sexo, a “invertidos “ocasionais”, passando também pelos chamados “invertidos anígenos” ou “hermafroditas psicosexuais”, nos quais não haveria uma exclusividade nem pelo mesmo sexo nem pelo sexo oposto. As inúmeras variantes da inversão são abordadas, incluindo os diferentes tempos de florescimento, a oscilação entre períodos da vida, a existência prévia de uma penosa relação com o objeto “normal”, até o aspecto de aceitação ou auto-condenação da própria orientação. Em contraste com outros autores, Freud insiste em reunir justamente cenários com graus variáveis e não apenas o invertido total, indicando que, “em geral, essas diferentes séries de variações coexistem de maneira independente”.<sup>116</sup> O ponto crucial aqui é a contestação que será feita do entendimento preponderante à época que ligava a inversão à *degeneração nervosa*, e de maneira *inata*. Abordados isoladamente, cada aspecto é criticado: primeiramente, a *degenerescência* como atribuição generalizada a qualquer manifestação patológica sem um fator

---

<sup>115</sup> Com a apresentação metapsicológica, a pulsão apresentará quatro componentes fundamentais: pressão ou força, cujo substrato energético é a libido; fonte; objeto; e meta, alvo, fim ou objetivo.

<sup>116</sup> *TES*, p. 24.

claramente traumático ou infeccioso, perdendo seu valor prático, de modo que seria desinteressante ou inadequada sua atribuição em quadros cujo “desvio da norma” não seja multiplamente expressado ou quando não haveria grandes “comprometimentos” funcionais ou existenciais – inadequação que seria especialmente válida no caso dos invertidos; em seguida, o caráter *inato*, que seria mais propriamente relacionado às inversões absolutas, enfraquecendo a própria noção de inversão, aventando-se com isso a possibilidade de *aquisição*, mediante uma gama de fatores, como uma impressão sexual forte cedo na vida, ou influências externas que favorecem ou inibem uma fixação da inversão, ou ainda a possibilidade de eliminação por hipnose. Essas e outras razões levam Freud a contestar ambas as hipóteses explicativas da inversão: nem inata, nem adquirida – “no primeiro caso, é preciso explicitar o que nela é inato”, “no outro caso, a pergunta é se as muitas influências acidentais bastam para explicar a aquisição, sem que algo na pessoa lhes venha ao encontro”.<sup>117</sup>

A parte seguinte do texto se detém sobre a possibilidade de uma inclinação bissexual de partida, reforçada por indícios de uma não demarcação total da diferença sexual, como mostraria os casos de hermafroditismo parcial ou total. A discussão orbita, porém, na possibilidade de derivar as características psíquicas, como um eventual “hermafroditismo psíquico”, de variações anatômicas, ou então a necessidade de postular uma transformação dos atributos psíquicos que acompanhasse a inversão na escolha objetal, o que acaba sendo contestado e abandonado. Uma clara compreensão da origem e das características precisas da inversão sexual acaba se mostrando inconclusa, não deixando de circundar certa noção de uma bissexualidade constitutiva, ou uma disposição originariamente bissexual que posteriormente, por uma série de fatores, seria, em alguns casos, transformada em monossexualidade. De toda forma, é importante agregar a essa problemática uma série de observações que Freud reuniu em notas acrescentadas e complementadas nas edições que sucederam a primeira publicação: a extensa nota 12 merece uma atenção em particular. Em 1910, são aventados alguns mecanismos psicológicos envolvidos nas inversões, como uma fixação e identificação com a mulher cuidadora<sup>118</sup>, chegando a tomar a si próprios como objeto sexual – já aqui uma concepção inicial do narcisismo. Em 1915, são

---

<sup>117</sup> *TES*, p. 27-28.

<sup>118</sup> Uma observação imprescindível, nesse ponto, é a de que prepondera em larga medida a referência masculina da sexualidade e isso é sublinhado em comentários esparsos de Freud acerca de dificuldades especiais na referência e na compreensão da perspectiva feminina, como, por exemplo, o fator dificultador da própria prevalência da intensa repressão sexual sobre as mulheres. É de se pesar, porém, que elas eram uma parcela expressiva dos atendimentos psicanalíticos, desde a clínica da histeria.

adicionados pontos de suma importância: em primeiro lugar, a enfática recusa da degenerescência, afirmando-se que “a investigação psicanalítica se opõe decididamente à tentativa de separar os homossexuais das outras pessoas, como um grupo especial de seres humanos”; em segundo lugar, a importância psíquica das ligações afetivas libidinosas com o mesmo sexo, chegando à ideia de que “todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente”; além disso, desloca-se o problema, no sentido de que não apenas a inversão precisa ser explicada, mas “também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si”; ademais, a postulação de uma atitude original de livre disposição dos objetos, quer sejam masculinos ou femininos – “escolha objetual independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos [...] parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal como o invertido”; outro ponto, a mescla ou imbricação de fatores constitucionais e acidentais na determinação e definição do comportamento sexual posterior, dentre os quais temos a inclinação à escolha narcísica de objeto, a frustração, a configuração familiar, dentre tantos outros; por fim, a distinção e uma inegável independência “entre a inversão do objeto sexual e a mescla de características sexuais no sujeito”, o que se aproxima do que hoje em dia concebemos como uma diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Em 1920, além de apreciar propostas de Ferenczi de falar em termos de homoerotismo, ao invés de homossexualidade, e distinguir entre homoerotismo no sujeito e no objeto, que podem mesclar-se ou não, Freud também avalia trabalhos biológicos sobre as “precondições orgânicas do homoerotismo e das características sexuais”, a saber, experimentos de castração e cirurgias de mudança sexual que afetaram o comportamento do sujeito e seus investimentos objetais. Diante desse último caso, porém, considera não justificar uma refundação da teoria da inversão construída, tampouco a expectativa de uma “cura” para a homossexualidade, reforçando que “tais conhecimentos experimentais não invalidam a teoria da constituição bissexual geral dos animais superiores”, de Wilhelm Fliess.<sup>119</sup>

Não somos capazes de esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão com o material de que dispomos no presente, mas podemos ver que essa investigação nos conduziu a uma percepção que pode se tornar mais significativa para nós do que a solução daquele problema. Chama a nossa atenção o fato de havermos concebido a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual como mais estreita do que é na realidade. O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos

---

<sup>119</sup> *TES*, p. 34-38, nota 12 do autor.

diz que neles há apenas, entre pulsão sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que a pulsão parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre pulsão e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que a pulsão sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste.<sup>120</sup>

Afrouxar a ligação entre a pulsão sexual e seu objeto e aventar sua provável independência originária: eis as conclusões mais importantes desse início do primeiro ensaio. As aberrações seguintes – a pedofilia e zoofilia – vão apenas corroborar essa ideia de uma variabilidade e desimportância do objeto da pulsão, especialmente se contrastado com a fome, cuja analogia fora o ponto de partida. Mesmo no âmbito dessas mais aberrantes manifestações da vida sexual, Freud não deixa de pôr em dúvida a atribuição imediata de uma acentuada doença mental - o que pode ser bastante espantoso. O ponto importante é a “curiosa relação das variações sexuais com os degraus que vão da saúde à doença”. A variabilidade e a propensão ao adoecimento seriam indicativos de uma menor capacidade da vida anímica para o domínio e controle dos impulsos sexuais. A inflexão à doença mental, propriamente dita, será atribuída à intensificação ou à eventual exclusividade da satisfação sexual desviante, fixando-se em detrimento da satisfação “normal”. De modo geral, o que se percebe nessa gama de quadros é a perda de importância da espécie ou valor do objeto sexual, o que leva Freud a cogitar que “o essencial e constante na pulsão sexual é outra coisa”.<sup>121</sup>

#### **I.2.2.4. Dos desvios da meta sexual ao caráter composto ou polimorfo da pulsão: as pulsões parciais**

O movimento seguinte do texto será o exame das *perversões* da meta sexual, cuja expressão normal suposta seria a de “união dos genitais, no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento da pulsão sexual (satisfação análoga à saciação da fome)”. Mesmo no ato dito normal já estariam presentes, porém, diversos dos rudimentos das chamadas perversões, dentre os quais destacam-se “relações intermediárias com o objeto sexual”, como o toque, o beijo e o olhar, que aparecem como metas provisórias da atividade sexual, por meio das quais é possível obter prazer e aumentar a própria excitação em vistas da meta final. Dois elementos relacionados à sexualidade normal são então elencados para classificar as variadas

---

<sup>120</sup> *TES*, p. 37-38.

<sup>121</sup> *TES*, p. 39-40.

formas de perversões: as *extensões anatômicas*, por um lado, os *permanecimentos nas relações intermediárias* com o objeto sexual, por outro. Se os primeiros denotam a ampliação das áreas do corpo envolvidas na relação sexual, para além do aparelho genital, os segundos indicam as atividades que, em relação à cópula em si, seriam percorridas com rapidez, como meios para a meta final.<sup>122</sup> Veremos ainda como essa investigação levará à revelação de uma série de forças de resistência e limitação da meta sexual, constituindo barreiras importantes na constituição psicosexual, e mostrando a importância da pulsão sexual na formação do caráter e em diversas outras realizações humanas. Essas forças estão especialmente implicadas no próprio juízo que temos dessas manifestações da vida sexual e na imputação de sua perversidade.

As extensões anatômicas envolvem desde o beijo e a oralidade, até a participação da região anal no sexo e as atividades fetichistas. O curioso ponto de partida, no entanto, é a *superestimação*, ou seja, a “valorização psíquica que se confere ao objeto sexual”, que, pontua Freud, dificilmente se reduz aos genitais, mas “se estende a todo o seu corpo e possui a tendência de abranger todas as sensações que vêm do objeto sexual”. Essa superestimação sexual teria um forte papel no psiquismo, expressando-se no apaixonamento como uma “cegueira lógica” diante do objeto e, eventualmente, levando à “submissão crédula aos julgamentos que dele partem”, participando até como uma das fontes da autoridade. O ponto é que tal superestimação “contribui para elevar à condição de metas sexuais atividades que envolvem outras partes do corpo”, o que contrasta com a suposta meta de união genital, deveras restrita. O uso da boca como órgão sexual é interessante do ponto de vista da relação entre perversão e normalidade: considerando que trata-se da região de entrada para o tubo digestório, é curiosa a diferença de apreciação entre o beijar e o uso dos lábios e da língua na atividade sexual oral. Que apenas o contato da boca com os genitais de outrem seja considerado uma perversão é indicativo, para Freud, da participação de uma sensação de *nojo* na apreciação dessa meta sexual, cujos limites são marcadamente convencionais. Esse nojo é considerado como “uma das forças que provocaram a limitação da meta sexual”, configurando-se como um “obstáculo à superestimação libidinal do objeto”, mas passível de “ser superado pela libido”. Essa mesma força estaria envolvida na marcação de outras extensões anatômicas como perversas, como a região do ânus pela atividade de excreção, mas também os genitais pelo envolvimento na atividade urinária. Essas múltiplas extensões a outras áreas corporais na atividade sexual, segundo Freud, não oferecem nada de novo ao conhecimento da pulsão sexual, tirando o

---

<sup>122</sup> TES, p. 39-40.

aspecto de um ímpeto ao apoderamento do objeto sexual em direções diversas. A recorrência de algumas regiões, porém, denotaria uma certa reivindicação de serem tratadas tal como os aparelhos genitais – o que posteriormente será pormenorizado com a ideia de organizações libidinais pré-genitais, que marcariam diversas fases do desenvolvimento da pulsão sexual, participando, ainda, de diferentes formas da sintomatologia dos estados patológicos.<sup>123</sup>

O caso do fetichismo transita entre o desvio de objeto e de meta, dada a importância da superestimação sexual nesses casos, em que se constata a substituição do objeto sexual normal por outro inadequado à consecução da meta sexual, seja uma parte do corpo, como o pé ou o cabelo, seja um objeto inanimado relacionado à pessoa com quem se envolve, ou algo relativo à sexualidade dela – vestimentas, roupas íntimas etc. Os casos de fetichismo iriam desde uma condição à relação sexual até a renúncia completa da meta normal, propiciando manifestações das mais diversas. Freud chega a conjecturar a presença de fatores constitucionais ou acidentais que propiciariam este quadro, mas o importante a extrair aqui, além da participação da superestimação e, por isso a conexão com a sexualidade “normal”, é o postulado de que “certo grau de fetichismo costuma ser próprio do amor normal”, particularmente na situação de enamoramento em que a meta sexual se mostra inatingível ou impossibilitada. Novamente, o teor patológico mais qualificado estaria posto nos casos em que o fetiche se fixa, não mais aparecendo como condição, e se desassocia de uma pessoa determinada, alçando-se como único objeto sexual.<sup>124</sup>

Todas as condições externas e internas que dificultam ou adiam o al-cance da meta sexual normal (impotência, alto custo do objeto sexual, perigos do ato sexual) favorecem, com-preensivelmente, a tendência a permanecer nos atos preparatórios e a partir deles criar novas metas sexuais, que podem assumir o lugar daquela normal. Um exame mais detido mostra que esses novos objetivos, mesmo os aparentemente mais estranhos entre eles, já se encontram insinuados no ato sexual normal.<sup>125</sup>

Dentre os atos preparatórios que levam a metas sexuais provisórias, o tocar e o olhar são, de imediato, aqueles que mais estão envolvidos na sexualidade dita normal, participando como fontes incontestes de prazer e excitação. A visão, particularmente, além de ser uma das vias principais de excitação com o objeto sexual, dado o lugar que a nudez e a curiosidade ocupam – e à época, mais ainda –, é também viabilizadora de um deslocamento da libido para metas artísticas elevadas, através do processo conhecido como sublimação, ou mesmo no olhar que se volta para

---

<sup>123</sup> *TES*, p. 42-45.

<sup>124</sup> *TES*, p. 46-47.

<sup>125</sup> *TES*, p. 49.

além do genital em particular e toma a todo corpo como objeto de interesse. Nas expressões perversas, o prazer em olhar pode acabar se limitando aos genitais, ou atrelar-se à superação do nojo, em última instância configurando não mais uma etapa intermediária e preparatória à meta sexual normal, mas a reprimindo. As manifestações perversas do olhar mais notáveis seriam o exibicionismo e o voyeurismo, das quais Freud extrai um fator que ganhará cada vez mais relevância: a configuração dupla da meta sexual, expressa nas formas *ativa e passiva*. Ademais, outra força de resistência à pulsão sexual, como o *nojo* das extensões anatômicas, pode ser contraposta ao prazer do olhar: o *pudor*.<sup>126</sup>

Os casos seguintes, o *sadismo* e o *masoquismo*, possivelmente “a mais frequente e a mais significativa de todas as perversões”, remetem à “inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida”. Entrelaçadas com traços de crueldade e, eventualmente, de prazer com a dor, tais perversões seriam das mais expressivas do par *atividade e passividade*. Tal qual o nojo e o pudor, aqui encontramos a *dor* como resistência à libido. No entanto, entra em cena um elemento de *agressividade*, do qual seria composta a pulsão sexual ou com o qual ela se mesclaria. “O sadismo corresponderia, então, a um componente agressivo da pulsão sexual que se tornou independente, exacerbado, e foi colocado na posição principal”. O sadismo seria a expressão ativa desse componente agressivo, podendo manifestar-se não apenas como conduta ativa e eventualmente violenta, mas também de maus tratos e subjugação do objeto sexual, podendo figurar como exclusivo este seu modo de satisfação. O masoquismo, por sua vez, denotaria a atitude passiva diante do objeto e da atividade sexual, cuja expressão extrema tomaria a forma de uma satisfação ligada ao sofrimento de dor física ou psíquica, imputado pelo objeto sexual.<sup>127</sup>

A relação entre sadismo e masoquismo é uma que sofre diversas modificações ao longo da obra do Freud. As considerações acima, já oriundas da posição de 1915, são posteriormente revistas, à luz da teoria pulsional proposta no *Além do princípio de prazer* (1920) e da problemática econômica que persiste, e são abordadas, por exemplo, no texto *O problema econômico do masoquismo* (1924). É a partir deste que Freud acrescenta uma nota aos *Três ensaios* indicando sua mudança de posição. O que havia estabelecido antes era a ideia de que o sadismo surgiria primariamente, podendo ser modificado e transformado em masoquismo, à medida que a pulsão toma o destino de voltar-se contra a própria pessoa. Em 1924, Freud é levado a repensá-lo,

---

<sup>126</sup> TES, p. 49-51.

<sup>127</sup> TES, p. 51-52.

reconhecendo então a expressão de um masoquismo primário, de natureza erógena, a partir do qual outras formas de masoquismo, designados como feminino e moral, seriam formados. Nesse ponto, é importante notar a relação do masoquismo, por exemplo, com o sentimento de culpa e, ainda, com o complexo de castração. O sadismo, nesse contexto secundário, pode voltar-se contra a própria pessoa, incrementando o masoquismo primário. Essas considerações exigiriam um maior aprofundamento do que é possível aqui. O que é importante sublinhar nessa passagem dos *Três ensaios* é a relevância dada a essa oposição, presente no sadismo e no masoquismo, entre atividade e passividade, pois é considerada “uma das características gerais da vida sexual”. Ademais, Freud salienta o quão regular é a ocorrência das formas ativa e passiva simultaneamente na mesma pessoa, pela capacidade tanto de ter prazer em causar dor quanto fruir prazerosamente a dor sentida nas relações sexuais. Pode ser que um lado esteja apenas mais desenvolvido que o outro. Não só, ele também põe em dúvida a explicação da existência do sadismo-masoquismo apenas pela via de um “elemento agressivo mesclado”: “Nós nos inclinaríamos antes a relacionar esses opostos simultaneamente presentes com a oposição masculino e feminino, reunida na bissexualidade – que frequentemente deve ser substituída, na psicanálise, por aquela entre ativo e passivo”. De toda forma, a íntima relação entre crueldade e pulsão sexual, bastante reconhecida na história humana, de onde se enfatizou especialmente o aspecto agressivo da libido, permite pensar em apetites canibalescos e na existência de um “aparelho de apoderamento” voltado à satisfação de uma necessidade mais antiga, o que será melhor explicitado apenas no segundo ensaio. Enfim, a confluência de vários “impulsos psíquicos” soma à dificuldade de uma explicação satisfatória dessa perversão, pontua Freud. Isso não impede, porém, que outras características sejam extraídas dessas investigações. Vale sublinhar, especialmente: a noção de que “toda dor, em si, já contém a possibilidade de uma sensação de prazer”; e a regularidade da presença de pares de opostos em diversas perversões, o que será melhor explicado pela noção de “ambivalência”.<sup>128</sup>

Assim como as aberrações sexuais, também as perversões relativas à meta sexual mostram uma forte presença na vida sexual das pessoas, aparecendo ocasionalmente ou fazendo-se presentes junto à meta sexual normal. Diante disso, será dito que “em nenhum indivíduo não estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado ‘perverso’”, o que torna inadequado seu uso reprovativo. Algumas perversões por certo irão ultrapassar os limites do assombro, mostrando uma acentuada superação, pela pulsão sexual, das diversas resistências (como o nojo, a

---

<sup>128</sup> *TES*, p. 52-55; nota 23.

vergonha, a dor ou horror). Sempre é possível, porém, que tais pervertidos possam apresentar um comportamento normal noutras áreas.<sup>129</sup> Acerca da validação do teor patológico, Freud concede os seguintes parâmetros:

Na maioria dos casos, o caráter patológico da perversão não se acha no conteúdo da nova meta sexual, mas em sua relação com o normal. Se a perversão não surge *ao lado* do que é normal (meta sexual e objeto), quando circunstâncias favoráveis a promovem e desfavoráveis impedem o normal; se, em vez disso, ela reprimem e toma o lugar do normal em todas as circunstâncias – ou seja, havendo *exclusividade e fixação* por parte da perversão –, consideramos legítimo vê-la como um sintoma patológico.<sup>130</sup>

A essa altura, podemos perguntar sobre os resultados mais relevantes obtidos com tais discussões e investigações dos *desvios sexuais* e o que podemos extrair disso para avançar na compreensão da *pulsão sexual* propriamente dita. Dos resultados que vimos com relação às aberrações nas relações objetais, temos: a variabilidade do objeto sexual e certa independência da pulsão em relação a eles. Com relação às perversões da meta sexual, outra série de elementos podem ser sublinhados, tais como a amplitude das variações de perversões e sua regular presença em meio a vida sexual comum, mesmo que como traços. Temos a relevância da polaridade ativo-passivo para se compreender um funcionamento pulsional e a constituição bissexual da sexualidade. Ou, ainda, o importante processo de superestimação na relação objetal. Além disso, vimos a relação das perversões com diversas modalidades de resistência que a elas se opõem, configurando barreiras com as quais a libido se depara e, eventualmente, supera. Na seguinte passagem, Freud aborda mais a fundo o papel dessas forças e prossegue, esboçando uma ideia que será de suma importância para a compreensão da natureza da *pulsão sexual*, seu caráter composto:

No estudo das perversões, descobrimos que a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças psíquicas que agem como resistências, entre as quais a vergonha e o nojo sobressaíram mais claramente. É lícito supor que tais forças contribuem para relegar a pulsão para dentro dos limites considerados normais, e, quando se desenvolvem no indivíduo antes que a pulsão sexual atinja sua plena força, são elas, provavelmente, que lhe apontam a direção do desenvolvimento. Também observamos que algumas das perversões investigadas se tornam inteligíveis apenas mediante a convergência de vários motivos. Quando admitem uma análise – uma decomposição –, devem ser de natureza composta. Disso podemos tirar uma indicação de que talvez a pulsão sexual não seja algo simples, mas sim composto de elementos que dele novamente se separam nas perversões. Deste

---

<sup>129</sup> TES, p. 56.

<sup>130</sup> TES, p. 57.

modo, a clínica terá dirigido nossa atenção para *fusões* que não aparecem como tais no comportamento uniforme normal.<sup>131</sup>

O aspecto composto das perversões leva a crer que também a pulsão sexual seria de natureza composta, comparecendo na clínica por meio de fusões. Vemos um prenúncio da tese que será defendida mais adiante. O passo seguinte será, justamente, a consideração das contribuições da clínica psicanalítica das *psiconeuroses* ao conhecimento da pulsão sexual. O material sobre a vida sexual dos chamados psiconeuróticos seria mais próximo do das pessoas “normais”. Esse agrupamento se refere àqueles acometidos por histeria, neurose obsessiva, neurastenia, demência precoce e paranoia (especialmente o primeiro). O entendimento que Freud vinha construindo há mais de uma década levou-o à ideia de que as psiconeuroses se “assentam em forças instintuais [pulsionais] sexuais”, no sentido de que estas aparecem com mais constância configurando “a mais importante fonte de energia da neurose”. Nesses casos, a vida sexual se manifesta exclusiva, predominante ou parcialmente nos sintomas – como formula em síntese: “os sintomas são a atividade sexual dos doentes”.<sup>132</sup> Em uma nota de 1920, Freud reformula o que expressara, para complementar e precisá-lo: “os sintomas neuróticos assentam, por um lado, nas reivindicações das pulsões libidinais, e, por outro lado, nas objeções do Eu, na reação àqueles”.<sup>133</sup> Ou seja, os sintomas histéricos, tomados como modelo às neuroses, “representam um substituto para impulsos que extraem sua força da fonte da pulsão sexual”. As histerias mostravam, ainda, um grau desmedido de *recalcamento sexual* que acaba intensificando as resistências à pulsão sexual, acentuando uma disposição constituída pela polaridade de uma “enorme necessidade sexual e exacerbada rejeição da sexualidade”, que opõem-se entre si. Em suma, “entre a pressão da pulsão e o antagonismo da rejeição da sexualidade produz-se o expediente da enfermidade, que não resolve o conflito, e sim procura escapar dele mediante a transformação dos impulsos libidinais em sintomas”; “a psicanálise pode regularmente demonstrar que é o componente sexual do conflito que possibilitou a doença, ao privar da resolução normal os processos psíquicos”.<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> *TES*, p. 57-58.

<sup>132</sup> *TES*, p. 59-60.

<sup>133</sup> *TES*, p. 60, nota 30.

<sup>134</sup> *TES*, p. 61-63.

### **I.2.2.5. A relação entre neurose, perversão e “normalidade” e o problema da diferenciação das pulsões**

Vemos nas passagens acima algumas das posições estabelecidas por Freud acerca da sintomatologia das neuroses, em que se enfatiza a participação e a importância da sexualidade para a produção de sintomas e dos diversos acometimentos neuróticos. Um dos aspectos centrais que aparece é justamente a ideia de conflito, aqui referido entre a pressão da pulsão sexual e as forças contrárias a ela, de modo que sua resolução, que não é de todo resolutive, levará à formação dos sintomas. O movimento que dá seguimento a isso e permite a Freud dissolver críticas a essas teses é a explicitação de que a sexualidade envolvida no fundamento das neuroses não é aquela referente à dita pulsão sexual “normal”, ao menos não se restringe a ela. Os sintomas representam “a expressão convertida de pulsões que poderíamos denominar *perversas* (no sentido mais amplo)”, “os sintomas se formam, em parte, à custa da sexualidade *anormal*; a neurose é, digamos, o *negativo da perversão*”. Encontramos na pulsão sexual dos psiconeuróticos, frisa Freud, “todas as aberrações que temos estudado”: temos a presença delas “em todos os neuróticos – sem exceção” e a “tendência inconsciente à inversão”, ou até manifesta; detectam-se, inclusive, as tendências às extensões anatômicas, especialmente das mucosas bucal e anal, nos fatores de formação de sintomas. Além dessas, Freud destaca o papel das metas desviantes na formação dos sintomas, mas agora suas diversas expressões – que outrora apontavam para o caráter composto da pulsão sexual – são alçadas a *pulsões parciais*. Dessa forma, podemos falar em termos de uma pulsão de olhar e de exibição, bem como pulsões de crueldade, ativa e passiva. Além disso, “a contribuição desse último”, a pulsão de crueldade, “é indispensável para compreender a natureza de sofrimento dos sintomas”; “é também mediante essa ligação entre libido e crueldade que sucede a transformação do amor em ódio, de impulsos afetuosos em hostis”. Essas observações são complementadas por outras, que particularizam duas questões acerca da presença das perversões nos quadros neuróticos (o “negativo” da perversão): em primeiro lugar, Freud postula que a presença de alguma pulsão no inconsciente que faça par com outra oposta implica também sua presença, embora uma delas tenda à dominância no quadro clínico – “cada perversão ‘ativa’ é acompanhada de sua contraparte passiva”; em segundo lugar, em casos mais severos, encontram-se mais de uma pulsão perversa desenvolvida – “em geral encontramos um número considerável delas e, em regra, traços de todas”, mesmo que com desenvolvimentos distintos.<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> TES, p. 63-66.

Na confluência da investigação das perversões “positivas”, as aberrações sexuais, e “negativas”, as neuroses, chegamos às formulações que definem e especificam a concepção mesma de “pulsão” [*Trieb*], desenvolvidas no artigo metapsicológico *As pulsões e seus destinos* (1915). Se as perversões mostraram-se compostas por uma variedade de “pulsões parciais”, a própria “pulsão” pode ser decomposta em alguns componentes essenciais. A sua definição geral é ela mesma um tanto ambígua: a pulsão consiste no “representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir”, o que é contrastado com a noção de “estímulo”, que designa aquilo que é “produzido por excitações isoladas oriundas de fora”; mas a pulsão é, também, “um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico”, o mental e o somático; supõe-se, ainda, que em sua natureza as pulsões “não possuem qualidade nenhuma em si, devendo ser consideradas apenas como medida da exigência de trabalho feita à psique”.<sup>136</sup>

Como as pulsões diferenciam-se, então? Seus atributos específicos, que distinguem as pulsões entre si, são qualificados pelas *fontes somáticas* e pelas *metas*. A fonte da pulsão “é um processo excitatório num órgão”, e a “meta imediata consiste na remoção desse estímulo no órgão”. Outra “suposição provisória” da teoria pulsional, que não é propriamente justificada aqui, é a ideia de que dois tipos de excitações seriam fornecidas pelos órgãos do corpo, diferenciando-se, a princípio, por sua natureza química. Uma dessas modalidades excitatórias guardaria a especificidade *sexual*, de modo que seu órgão correlato deve ser compreendido como “‘zona erógena’ da pulsão parcial sexual que dele procede”. Nos órgãos que ganham conotação sexual nas perversões, a zona erógena se comporta “como uma porção do aparelho sexual”, à semelhança dos genitais. Nas pulsões parciais perversas como o prazer em olhar e em ser visto, ou nas pulsões sadomasoquistas, as zonas erógenas correspondentes seriam o olho e a pele, respectivamente. A pele, sublinha Freud, seria a “zona erógena por excelência”, à medida que se diferencia nos órgãos dos sentidos ou em mucosas.<sup>137</sup> Nesse contexto de apresentação da teoria pulsional, vale ressaltar a nota adicionada em 1924, que faz menção às obras futuras que contribuíram a essa teoria, onde encontramos a passagem: “a teoria das pulsões é a parte mais significativa, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica”.<sup>138</sup> Maiores esclarecimentos podem ser realizados quando, mais adiante, tratarmos de suas transformações. O próprio quadro de definições e componentes

---

<sup>136</sup> *TES*, p. 66-67.

<sup>137</sup> *TES*, p. 67-68.

<sup>138</sup> *TES*, p. 67, nota 34.

pulsionais pode ser aprofundado a partir do texto metapsicológico sobre as *Pulsões* (cf. capítulo I.2.3).

Visando contornar a ideia de que os neuróticos estariam tão distantes dos normais quanto os perversos, Freud reforça que, apesar de ser eventualmente cabível a suposição de uma notável tendência à perversão em alguns casos neuróticos, de forma geral, é em face da vida sexual normal e suas exigências que se edifica o quadro neurótico. É contra a sexualidade “normal” que incidiria o recalçamento, o que marcaria o surgimento da enfermidade neurótica a partir da puberdade. Ou, de outra forma, elas apareceriam mediante a frustração da satisfação libidinal pela via normal. Diante disso, monta-se a seguinte imagem: “a libido procede como uma corrente que tem o leito principal obstruído; ela preenche as vias colaterais, que talvez tenham ficado vazias até então”, e que formam as tendências perversas. Uma série de fatores concorreriam: internamente, o recalçamento sexual; externamente, outros como “restrição da liberdade, inacessibilidade do objeto sexual normal, perigos do ato sexual normal etc.” – “que geram perversões em indivíduos que, não fosse isso, talvez permanecessem normais”.<sup>139</sup> Em suma, haveria, isso sim, uma cooperação de fatores disposicionais e acidentais, inatos ou constitucionais e vivenciais, os quais, em conjunto ou com prevalência de algum, poderiam levar a libido ao afastamento da meta e do objeto sexuais normais.

#### **I.2.2.6. Conclusões gerais do primeiro ensaio e a passagem para o segundo: a sexualidade perverso-polimorfa e infantil**

Com relação ao primeiro dos *Três ensaios*, resta ainda uma conclusão derradeira que conduzirá a discussão à temática do segundo ensaio, sobre a *sexualidade infantil*. Todo o movimento de ampliação dos impulsos perversos leva à compreensão de que estes não seriam de todo raro, nem tão peculiares. Assim como a linha entre a saúde e a doença guarda certa continuidade entre os polos extremos, parece ser possível alargar um pouco mais a própria noção de perversão – “a extraordinária difusão das perversões nos obriga a supor que também a predisposição às perversões não é uma peculiaridade rara, e sim parte da constituição julgada normal”.<sup>140</sup> Além disso, considerando a inconclusão acerca do fator inato ou acidental, as pulsões parciais e perversas, além de constitucionais, estariam implicadas em três desfechos possíveis:

---

<sup>139</sup> *TES*, p. 69-70.

<sup>140</sup> *TES*, p. 70.

A conclusão que agora se apresenta para nós é que, de fato, há algo congênito na base das perversões, mas algo *que todos os seres humanos têm em comum*, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida. Trata-se de raízes inatas, constitucionais, da pulsão sexual, que numa série de casos se desenvolvem até se tornarem os autênticos veículos da atividade sexual (perversões), e outras vezes sofrem uma supressão [*Unterdrückung*] (repressão [*Verdrängung*, recalçamento]) insuficiente, de modo a poder atrair para si, por via indireta, como sintomas de doença, uma parte considerável da energia sexual, enquanto nos casos mais favoráveis, entre os dois extremos, podem dar origem, por meio de uma restrição eficaz e de outras formas de elaboração, à assim chamada vida sexual normal.

Mas também diremos que essa constituição suposta, que apresenta os germens de todas as perversões, poderá ser evidenciada apenas nas crianças, embora nelas as pulsões todas apareçam apenas em intensidades modestas. Vistlumbamos assim a fórmula de que os neuróticos mantêm o estado infantil de sua sexualidade ou são remetidos de volta a ele, e desse modo o nosso interesse se voltará para a vida sexual das crianças, e acompanha-remos o jogo das influências que governam a evolução da sexualidade infantil até o seu desenlace em perversões, neurose ou vida sexual normal.<sup>141</sup>

A investigação da *natureza da pulsão sexual* – seus traços essenciais, seu desenvolvimento e sua composição – poderá ser complementada e aprofundada, enfim, pela observação e análise das *manifestações sexuais infantis*, o que é realizado no segundo ensaio, intitulado, precisamente, “A sexualidade infantil”. Se o movimento de outrora partia das expressões mais tardias, adultas, neuróticas ou perversas, retrazendo e deduzindo as características fundamentais que possibilitam e desembocam nas formas posteriores, o olhar agora passa justamente a esse momento em que a sexualidade se manifesta de modo mais originário – o que não significa fazer coincidir a sexualidade adulta com a sexualidade normal, como veremos. O ponto de partida é, novamente, a errônea suposição de que a pulsão sexual estaria ausente na infância e seria despertada apenas na puberdade – um erro de grandes consequências, frisa Freud, que leva ao desconhecimento das “condições fundamentais da vida sexual”. Uma observação inicial, digna de nota, é o quanto o foco do entendimento dos comportamentos e características dos adultos recaía sobre os fatores “pré-históricos” no sentido da história progressiva da espécie e das influências hereditárias. Mudar para a perspectiva da infância seria como que dar ênfase a uma “pré-história” individual, nas influências e peculiaridades desse período tão importante para os desenlaces futuros na vida de qualquer um.<sup>142</sup>

---

<sup>141</sup> TES, p. 71-72.

<sup>142</sup> TES, p. 73.

Diante de uma crescente, mas limitada, literatura sobre o desenvolvimento infantil, Freud se vê desbravando um território um tanto novo<sup>143</sup>: aquele relativo ao desenvolvimento *sexual* infantil – “encontramos, na literatura sobre o tema, notícias ocasionais sobre atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbação e até mesmo condutas análogas ao coito”, porém, elas tendem a ser apreciadas como “eventos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precipitada”.<sup>144</sup> O interessante nesse ponto é que Freud propõe uma explicação para essa omissão ou negligência: além do escrúpulo e do pudor dos autores, edificados pela educação, um fenômeno psicológico poderia concorrer para tal efeito, o fenômeno de *amnésia* da infância que acaba por suprimir, da memória de algumas pessoas, períodos da infância. A ocorrência de um tal esquecimento não se concilia bem com a observação da vivacidade da vida infantil, especialmente em torno dos 6 aos 8 anos, quando as crianças apresentam uma conduta repleta de curiosidade, afetuosidade e instigação pelo mundo, com uma potência de absorção e reprodução de informações, atitudes e sentimentos bastante notável. Em virtude disso, é de se inquietar com uma eventual fraqueza da memória que faria esquecer de tantas impressões envolvidas nessa época da vida, impressões estas que, apesar da lacuna apresentada, não deixaram de imprimir sua marca, estabelecendo “os mais profundos traços em nossa vida psíquica”, tão determinantes ao desenvolvimento.<sup>145</sup> Como explicar isso? O recurso aqui é à comparação ou aproximação do fenômeno infantil ao que se observou na clínica da histeria:

Não pode se tratar, então, de um verdadeiro desaparecimento das impressões da infância, mas sim de uma amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação a vivências posteriores, cuja essência consiste num mero afastamento da consciência (recalcamento). Mas que forças produzem esse recalcamento das impressões infantis? Quem resolver esse enigma terá, provavelmente, esclarecido também a amnésia histérica. De todo modo, não deixaremos de sublinhar que *a existência da amnésia infantil fornece um novo ponto de comparação entre o estado psíquico da criança e o do psiconeurótico*. Outro ponto já vimos anteriormente, quando chegamos à fórmula de que a sexualidade dos psiconeuróticos manteve a situação infantil ou foi conduzida de volta a ela. *E se, por fim, a amnésia infantil mesma for relacionada aos impulsos sexuais da infância?*<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> Ele chega a prestar contas dessa observação, indicando, não apenas na primeira, mas em algumas reedições da obra, o que observou na literatura sobre o tema e se sua suposta exclusividade se sustentava. Uma nota da tradução, porém, referencia um trabalho que contestava tal apreciação. Cf. *TES*, p. 74-75, nota 38.

<sup>144</sup> *TES*, p. 73-74.

<sup>145</sup> *TES*, p. 76.

<sup>146</sup> *TES*, p. 76-77, grifo nosso.

Não apenas relacionada, a amnésia infantil é situada como condição da amnésia histérica, cujo material é subtraído à consciência e mantido no inconsciente. De toda forma, o que é importante para a presente discussão é sua atuação para esconder dos indivíduos “os primórdios de sua vida sexual”, tornando a infância “uma espécie de tempo *pré-histórico*”, diminuindo, por consequência, o valor desse período da vida no desenvolvimento sexual. Então, articulando-se a adequada observação das atividades sexuais infantis e o acesso às lembranças infantis inconscientes pelas análises dos neuróticos, seria possível montar um “quadro do desenvolvimento sexual nessa época”. Veríamos, assim, um “curso de desenvolvimento oscilante”, marcado por manifestações observáveis da pulsão sexual com poucos anos de idade – por volta dos 2 aos 5 anos –, mas suscetíveis a repressões que tendem à interrupção das atividades sexuais, marcando um “período de latência sexual”, em meio ao qual são formadas as forças e processos psíquicos que levam à contenção da libido.<sup>147</sup> De forma resumida, Freud está trabalhando com a ideia, ainda a ser melhor explicitada, de um desenvolvimento sexual em dois momentos: um florescimento inicial que é interrompido e retoma sua força posteriormente, no contexto pubertário. É como se houvesse uma dupla pressão da libido que leva às manifestações sexuais, uma nesse momento mais primevo, outra posterior. Uma porção de fatores podem estar envolvidos nessa interrupção do período de latência, dentre os quais a própria imaturidade orgânica e anatômica da idade. No próprio período de latência, que não é entendido como uma particular fase de organização da libido, é possível que a pressão libidinal seja forte o suficiente de modo que algumas atividades não cessem totalmente. Afinal, devido aos processos desse período, é na relação com as forças defensivas emergentes e nos mecanismos de destinação da pulsão que a libido insistirá, já em função, também, das vicissitudes infantis, em suas manifestações e organizações. Do ponto de vista textual, o período de latência, e seus processos inerentes, é o primeiro aspecto abordado no segundo ensaio, para, em seguida, explorar a vida sexual infantil anterior.

O que podemos saber sobre o período de latência? Primeiramente, que é nessa ocasião que se notaria a formação daquelas forças de resistência à libido, que abordamos no âmbito das perversões: “poderes psíquicos que depois se colocarão como entraves no caminho da pulsão sexual e, ao modo de represas, estreitarão seu curso”. Dentre elas, temos o nojo e a vergonha (ou pudor), bem como os ideais estéticos e morais. Há nesse ponto uma observação de Freud um tanto inquietante. Apesar de conceder à educação – e ao processo civilizatório, de modo mais geral – um

---

<sup>147</sup> TES, p. 77-78.

papel nessa construção das represas, ele chega a afirmar que “na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado, fixado hereditariamente, e pode se produzir, às vezes, sem qualquer auxílio da educação”, cabendo a esta contribuir seguindo esse traçado organicamente determinado.<sup>148</sup> É uma ideia um tanto desconcertante, mas aqui ele não oferece maiores explicações. De toda forma, é notório o quanto as manifestações sexuais infantis são perseguidas e reprovadas, tomadas como verdadeiros “vícios”.<sup>149</sup>

Encontramos, na sequência, os meios e processos através dos quais são feitas essas construções “tão significativas para a cultura e a normalidade posteriores do indivíduo”. Os meios seriam, “provavelmente”, as próprias pulsões sexuais infantis: elas não cessam de agir no período de latência – por isso este pode ser dito total ou parcial –, mas podem ter sua energia reconduzida, “desviada do emprego sexual e dirigida para outros fins”. Tal processo recebe o nome de *sublimação* e estaria, segundo Freud, na base das realizações culturais. Por que isso? Ora este processo, situado no início do período de latência, denota o desvio das forças pulsionais sexuais de metas sexuais para novas metas, não mais sexuais, fornecendo-se, assim, os “fortes componentes para todas as realizações culturais”. Freud busca qualificar um pouco melhor tal processo de formação das barreiras psíquicas, através de uma conjectura acerca do que se passa aí com os impulsos sexuais. Dois fatores são trazidos: uma possível “inutilidade” dos impulsos sexuais desse período, por conta da imaturidade das funções reprodutivas dessa idade; a provocação de desprazer pelo grau de perversão dos impulsos envolvidos. “Os impulsos sexuais desses anos de infância [...] despertam, por isso, forças psíquicas contrárias (impulsos reativos), que, para a supressão eficaz desse desprazer, edificam as represas psíquicas mencionadas: nojo, vergonha e moral”.<sup>150</sup> Tal processo, cuja designação mais apropriada seria a de “formação reativa”, contribui, junto com a sublimação, à formação do caráter e das virtudes humanas. Essa distinção entre formação reativa e sublimação é apontada na nota 44, adicionada em 1915. Nota-se a diferença: a primeira consiste na edificação de contra-forças às pressões libidinais, enquanto a segunda conduz ao desvio da meta da pulsão. De toda forma, o termo que mais aparece nessa passagem é o de “sublimação”.

---

<sup>148</sup> *TES*, p. 80.

<sup>149</sup> *TES*, p. 82.

<sup>150</sup> *TES*, p. 80-81.

### **I.2.2.7. O sexual ampliado e as características fundamentais da sexualidade infantil: florescimento em dois tempos, autoerotismo, teoria do apoio e zonas erógenas**

Tendo em vista toda a ampliação que a própria acepção do termo *sexual* recebeu – distanciando-se, ou melhor dizendo, desatrelando-se do *genital* e da *reprodução* –, acabamos ficando diante de um certo grau de dúvida acerca de seu significado. No contexto da sexualidade infantil, essa dúvida talvez seja ainda mais premente. Diante disso, talvez a questão fundamental seria esta enunciada por Freud: “*por qual característica geral devemos reconhecer as manifestações sexuais da criança?*”.<sup>151</sup> A resposta a essa pergunta, que diz respeito ao discernimento dos “traços essenciais da atividade sexual infantil”, é entrevista numa ação em especial: o *ato de chupar* ou *sugar*. Ele será modelar para se apreender o funcionamento da pulsão sexual na criança, cujos rudimentos remontam à mais antiga época de vida de qualquer um, a do bebê lactente. Tal ação de chupar ou sugar, além de manifestar-se primariamente no ato de mamar, pode ainda persistir ao longo da infância e, eventualmente, ser conservado pelo restante da vida. Ela consiste, diz Freud, “na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação”, tomando como objetos desde uma parte do lábio, a língua ou “qualquer outro local da pele que esteja ao alcance”, como o dedão do pé. Virtualmente, qualquer objeto físico pode ser tomado para a sucção, mas isto esbarraria num ponto: justamente o fato de o próprio corpo ser um alvo mais acessível e, por isso, sob o domínio direto do bebê ou da criança. Uma “pulsão de pegar ou agarrar” é anunciada, nesse contexto, como um ato que pode acompanhar a sucção e consiste em puxar ritmicamente a própria orelha ou a de outra pessoa, por exemplo. De todo modo, o que se nota nessa “sucção deleitosa” é, normalmente, uma absorção completa da atenção, podendo conduzir ao adormecimento ou, até, “a uma reação motora da natureza de um orgasmo” – o aspecto sonífero, inclusive, que pode ser percebido na satisfação sexual posterior. Além do ato de agarrar a orelha, outras combinações podem aparecer, das quais destacam-se as fricções de “partes sensíveis do corpo, como o peito ou os genitais”, o que pode configurar, para muitas crianças, uma passagem da sucção à masturbação.<sup>152</sup> Ademais, o que fica evidenciado nesse caso é a orientação da pulsão: não está voltada para outras pessoas, objetos externos, mas aparece como uma satisfação no próprio corpo, por esse motivo denominada “*autoerótica*”.<sup>153</sup>

---

<sup>151</sup> *TES*, p. 84, grifo nosso.

<sup>152</sup> *TES*, p. 82-83.

<sup>153</sup> *TES*, p. 85.

A explicação que realmente remonta os traços essenciais da sexualidade infantil é obtida quando a atividade de chupar ou sugar é articulada ao contexto de outra atividade vital da criança: a amamentação. Freud salienta que, além do aspecto *autoerótico*, o ato de sugar também se mostra como “determinado pela busca de um prazer – já vivido e agora lembrado”. Vale comentar que esta caracterização será vista como problemática por Deleuze e Guattari, pela imposição do prazer como medida extrínseca ao desejo, e por fixar a busca pela repetição de uma satisfação pregressa. As experiências de satisfação já familiares que impelem a essa nova busca são, justamente como indicamos, as do lactente: “os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer”. Originariamente, as satisfações da zona erógena e da necessidade de ingestão de alimentos se confundem, são indissociáveis. Desse modo, pode-se dizer que “a atividade sexual *se apoia* primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela”. Ao desprender-se, a atividade sexual tomará o próprio corpo como objeto e fonte de satisfação. Em contraste com o mundo externo, suas áreas corporais estão mais acessíveis e disponíveis à manipulação, de modo que ao sugá-las a criança recebe um duplo afluxo excitatório: na região oral que chupa e nas partes do corpo que são sugadas, tornando estas também em zonas erógenas. Fatores constitucionais são também cogitados para explicar a prevalência maior do sugar em algumas crianças em contraste com outras.<sup>154</sup> Eis a passagem que sintetiza os achados que apresentamos:

Já pudemos ver, no ato de chupar ou sugar com de-leite, as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta surge *apoiando-se* numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é *autoerótica*, e sua meta sexual é dominada por uma *zona erógena*. Antecipemos que essas características valem igualmente para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis.<sup>155</sup>

O trecho acima é bem claro e resume os três traços fundamentais da sexualidade infantil. Eles mostram o funcionamento não apenas *infantil* da sexualidade mas também, digamos, seu modo mais *originário*. Valeria ressaltar o postulado da necessidade de repetição de uma satisfação já sentida, como um traço fundamental à concepção da pulsão aqui enunciada, mas isso será melhor explorado mais adiante. As manifestações não se resumem nas atividades de sugar ou na amamentação, outras tantas modalidades serão apresentadas e devidamente demonstradas na

---

<sup>154</sup> TES, p. 85-86.

<sup>155</sup> TES, p. 87.

sequência do texto, que também se detém, ainda no segundo ensaio, nas expressões da masturbação infantil. Buscaremos, porém, extrair os elementos mais importantes para nossa pesquisa, sem pormenorizar, eventualmente, algumas das considerações presentes no restante dos *Três ensaios*. Ainda sobre a última citação, é importante notar um detalhe: é dito que “essas características valem igualmente para a *maioria* das outras atividades”. Isso diz respeito a uma concessão que Freud faz posteriormente no texto. O predomínio, via de regra, das zonas erógenas e da inclinação autoerótica não exclui a presença de outras pulsões parciais com uma relação objetal mais marcante. “Dessa espécie são as pulsões de voyeurismo e exibicionismo e de crueldade, que surgem com certa independência das zonas erógenas e apenas mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas já na infância se fazem notar como tendências autônomas, inicialmente distintas da atividade sexual erógena”.<sup>156</sup> Para exemplificar, podemos tomar os casos da criança que se apraz ao desnudar-se ou que mostra uma especial curiosidade em ver os genitais alheios, ou então as mais diversas crueldades das crianças com relação aos animais ou em brincadeiras com colegas, indicativas não exatamente de um sadismo propriamente dito, mas de uma certa indiferença ao sofrimento alheio. Essas manifestações podem ser mais ou menos expressivas, a depender da época de seu surgimento e da intensidade, por conta da ausência ou fraqueza das barreiras correlatas: a vergonha e a compaixão.

Considerando que o autoerotismo e o surgimento por apoio foram bem explorados no caso modelo do ato de sugar, restaria uma caracterização mais precisa da noção de “zona erógena”, embora alguns elementos tenham sido adiantados no âmbito da definição da pulsão no primeiro ensaio. Nesse momento, Freud a define como “uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade”. A problemática do prazer comparece aqui de modo especial. As condicionantes que especificariam a natureza da qualidade de prazer seriam ainda desconhecidas, à exceção do caráter rítmico que teria sua contribuição, aspecto que encontraria uma analogia nas cócegas. O que se sobressai é a capacidade da propriedade erógena se ligar a diversas partes do corpo, estejam elas como que predestinadas ou não a obter tal qualidade, a exemplo da região labial e da mucosa da boca no ato de chupar. A esse respeito, Freud afirma que “o mesmo exemplo ensina que qualquer outra parte da pele ou das mucosas pode servir de zona erógena, ou seja, deve possuir alguma aptidão para isso”; de modo que “a produção da sensação de prazer depende mais da qualidade do estímulo que da natureza da

---

<sup>156</sup> *TES*, p. 99.

parte do corpo”. Na nota 48, de 1915, vemos uma ampliação: a atribuição da “propriedade da erogenidade a todas as partes do corpo e todos os órgãos internos”.<sup>157</sup>

Associada às zonas erógenas, temos as *metas* das pulsões sexuais infantis, que consistem “em gerar a satisfação por meio da estimulação apropriada da zona erógena escolhida de uma forma ou de outra”, ou seja, a ação requerida e adequada à cada satisfação, dada a especificidade da zona. Além disso, postula-se que “tal satisfação deve ter sido vivenciada anteriormente, deixando assim a necessidade de ser repetida”. Por sua vez, essa “necessidade de repetição da satisfação” se mostraria de duas maneiras: “uma peculiar sensação de tensão” de caráter desprazeroso; e “uma sensação de comichão ou estímulo *centralmente condicionada*, que é projetada na zona erógena periférica”. Em resumo, um estímulo projetado na zona – ou eventualmente produzido nela por conta de sua modificação real – ao encontro do qual pode vir uma estimulação externa, algum tipo de manipulação, análoga ao sugar, que irá anular o primeiro estímulo projetado gerando a sensação de satisfação. Enfim, a diferença dos procedimentos ou ações requeridos para tal satisfação será a marca distintiva das demais metas e zonas erógenas.<sup>158</sup> A título de exemplo, mas sem grandes detalhamentos, podemos citar: a zona anal, as contrações musculares e retenções fecais de efeito masturbatório, com alguma mistura de dor e volúpia, ou eventualmente de prazer em controlar a retenção ou liberação dos excrementos, que pode ganhar o sentido agregado de docilidade ou desobediência na relação bebê-cuidador; a mesma zona anal e satisfações pela manipulação masturbatória, em idades posteriores; a zona genital, ainda sem a maturação da puberdade, com satisfações ligadas tanto à atividade urinária, como pelas ações de higiene, envolvendo fricções e pressões que podem ganhar a qualidade prazerosa.<sup>159</sup> A partir desse quadro inicial, que na sequência será circunscrito às organizações libidinais pré-genitais, Freud apresenta uma distinção em termos de “três fases na masturbação infantil”: primeira, relativa ao período de amamentação; segunda, relativa ao primeiro (re)despertar da atividade sexual infantil, em geral antes dos quatro anos; terceira, a masturbação da puberdade. O período de latência, comentado anteriormente, situa-se precisamente entre a segunda e a terceira fase. No tocante à amnésia infantil e ao desdobramento da atividade perversa da pulsão sexual no desenvolvimento posterior, vale destacar o seguinte trecho:

---

<sup>157</sup> *TES*, p. 87-89.

<sup>158</sup> *TES*, p. 89-90.

<sup>159</sup> *TES*, p. 92; 93; 93-94.

todas as particularidades desta segunda etapa de atividade sexual infantil deixam profundos traços (inconscientes) de impressões na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, quando ela permanece sadia, e a sintomatologia de sua neurose, quando ela adocece após a puberdade. Neste último caso, constata-se que esse período sexual foi esquecido, e as lembranças conscientes que o atestam foram deslocadas; já mencionei que também vincularia a amnésia infantil normal a essa atividade sexual infantil.<sup>160</sup>

Com relação ainda a essa segunda fase, que concentra as manifestações mais notáveis da sexualidade infantil, Freud indaga sobre as razões de seu ressurgimento: o que teria despertado a atividade de teor sexual cuja satisfação primeira estava tão associada às funções vitais, como a amamentação? Duas ordens de razões são conjecturadas para tal explicação: a dimensão constitucional que apresentaria causas internas significativas; a dimensão acidental, ligada a possíveis causas externas. Este último eixo é explorado através de um fator em particular: a influência da “sedução”, que consistiria no tratamento da criança como objeto sexual de forma prematura, fazendo-a conhecer a satisfação das zonas erógenas. Esta ideia de uma sedução que ativaria prematuramente a sexualidade do infante remonta às hipóteses teóricas construídas a respeito da causação da histeria. De forma bem geral, a sedução está associada a uma experiência cujo entendimento oscila entre o real, como em casos de efetivo abuso, e o fantasístico, onde há uma experiência de satisfação fantasiada. Em todo caso, essas “vivências”, reais ou imaginadas, acabam ganhando um contorno traumático *a posteriori*, de modo que temos uma teoria do trauma em dois tempos. Conforme Laplanche e Pontalis<sup>161</sup>, antes de ser uma teoria explicativa do recalque da sexualidade, “a sedução é uma descoberta clínica”, comparecendo nesse contexto na forma de lembranças dos pacientes de experiências de sedução sexual. A explicação dessas experiências tem sua ênfase deslocada: o acontecimento, ou melhor, as experiências de satisfação e de trauma, a princípio considerados como realidade material, passam a ser revistas nos termos da realidade psíquica, conforme o campo das fantasias inconscientes passa a ser mais explorado, não perdendo com isso sua eficácia. Uma definição sucinta da sedução seria a seguinte: “cena real ou fantasística em que o sujeito (geralmente uma criança) sofre passivamente da parte de outro (a maioria das vezes um adulto) propostas ou manobras sexuais”. Do ponto de vista explicativo, a teoria da sedução é comumente apontada como pré-psicanalítica, anterior portanto à *Interpretação dos sonhos*, e que teria sido suplantada posteriormente pela teoria da fantasia, marcando, em alguma

---

<sup>160</sup> TES, p. 96.

<sup>161</sup> LAPLANCHE; PONTALIS, 1992.

medida, uma ruptura teórica e modos distintos de se pensar a etiologia da histeria. A apreensão da realidade psíquica em distinção à realidade material tem seus rudimentos nesse contexto. No entanto, essa posição clássica de abandono é por vezes questionada e abrandada, considerando o apreço de Freud a esta teoria e o fato de que ele tenha persistido em afirmar, até o fim da vida, “a existência, a frequência e o valor patogênico das cenas de sedução efetivamente vividas”.<sup>162</sup>

No que concerne aos *Três ensaios*, aqui Freud acaba retomando e reavaliando essa teoria que buscava compreender o despertar sexual prematuro, mas que ainda carecia de uma série de compreensões que só nesse momento passa a ter. Nesse sentido, a despeito da validade que ainda concede à influência da sedução, ela cede espaço ou é conectada a toda essa dimensão disposicional que poderia vir ao encontro de ou ser suficiente para tal despertar. A observação, por exemplo, de que as mesmas vivências na infância poderiam levar a desfechos tão diferentes é um dos pontos que o faz repensar, chegando à conclusão de que “é evidente que não se requer a sedução para despertar a vida sexual da criança, [...] [ele] pode ocorrer espontaneamente, por causas internas”.<sup>163</sup> Diante disso, Freud irá afirmar uma aptidão ou *predisposição polimorficamente perversa*, inerente a todos os seres humanos:

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e mo-ral – ainda não foram erguidas ou se acham em cons-trução, segundo a idade da criança. [...] torna-se impossível não reconhecer algo universalmente humano e primordial nessa predisposição uniforme a todas as perversões.<sup>164</sup>

#### **I.2.2.8. As pesquisas sexuais infantis e as fases de organização da libido**

O que resta a dizer acerca do segundo ensaio? Parece-nos, a princípio, que os elementos fundamentais para a compreensão da pulsão sexual já foram colocados ao abordar – além do primeiro ensaio – as seções 1 a 4 do segundo, sobre a sexualidade infantil. As divisões seguintes, a quinta e a sexta, foram acrescentadas aos *Três ensaios* na edição de 1915 e exploram temas que

---

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 469-472, verbete “Sedução”. Tendo em vista o recurso a essas definições vocabulares, vale ressaltar que Laplanche é conhecido por alargar o escopo da sedução, chegando a propor uma “teoria da sedução generalizada”, de modo que valeria um exame mais aprofundado para resguardar esse breve comentário de eventuais atravessamentos interpretativos nas definições trazidas, mas que consideramos extrapolar os interesses mais imediatos, como as observações que se seguem, detidas nos *Três ensaios*.

<sup>163</sup> *TES*, p. 98.

<sup>164</sup> *TES*, p. 98-99, grifo nosso.

foram sendo desenvolvidos nesse meio tempo, tais como as pesquisas sexuais infantis e as organizações libidinais pré-genitais. Traremos alguns pontos de maneira mais solta e com menor detalhe para, em seguida, extrair ainda algumas considerações acerca da sétima seção, que aprofunda as *fontes* da sexualidade.

Numa palavra, o capítulo sobre as pesquisas sexuais das crianças denota uma inflexão: da teoria da sexualidade infantil às teorias infantis da sexualidade. Uma “pulsão de saber” poderia ser observada desde muito cedo na vida infantil. Nem elementar nem exclusivamente sexual, tal pulsão não deixa de guardar certa relação com o *sexual*: sua ação, diz Freud, corresponderia a uma “forma sublimada de apoderamento” – aquela pulsão na base da crueldade –, e ela seria energizada também pelo prazer de olhar; além disso, são diversos os problemas sexuais que mais atraem essa pulsão de saber infantil, que “talvez seja inclusive despertada por eles”.<sup>165</sup> A expressão dessa atividade de pesquisa infantil envolve, com toda sua curiosidade, uma série de temas, como a origem dos bebês, as diferenças genitais, a relação sexual dos adultos. Nas mais diversas criações que suscitam, notar-se-ia a participação de uma gama das modalidades de satisfação que foram possíveis de experimentar, também as diversas imaturidades, até anatômicas, da idade. Valeria destacar, nesse contexto: a noção “complexo de castração”, que aparece junto às teorias infantis sobre os genitais e a diferença sexual e designa um conceito importante na psicanálise, atrelado ao complexo de Édipo (voltaremos a esses complexos, principalmente, no item II.1.1); bem como o teor sádico que a relação sexual dos adultos demonstra aos pequenos infantes.

Até agora assinalamos, como características da vida sexual infantil, que é essencialmente autoerótica (encontra seu objeto no próprio corpo) e que suas pulsões parciais se empenham na obtenção do prazer, em ge-ral, sem conexão entre si e de forma independente. O resultado do desenvolvimento é a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer ficou a serviço da função reprodutiva e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formaram uma organização sólida para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo.<sup>166</sup>

Esse quadro das características principais da sexualidade infantil e seu previsto desenvolvimento, que pôde ser construído a partir dos elementos acima discutidos, é objeto de aprofundamento: algumas formas de organização da libido no período pré-genital sobressaem em importância e especificidade. Dentre toda atividade “anárquica” das pulsões parciais em seu estado

---

<sup>165</sup> *TES*, p. 103.

<sup>166</sup> *TES*, p. 107.

mais originário, Freud acaba observando algumas composições cujo regime de funcionamento acaba por ser notado em meio às inibições e perturbações identificadas na clínica, e sua hipótese depende dela. Dessa maneira, algumas formas de organização da libido, ainda sem o arranjo dominante da região genital, vão ser enfatizadas e destacadas em meio ao curso do desenvolvimento: por isso chamadas de "organizações sexuais pré-genitais". Trata-se de elaborações feitas ao longo de anos da pesquisa psicanalítica, com complementos até ao menos 1923. Duas são as organizações pré-genitais destacadas no texto, mais uma terceira apenas em nota, que configuram, por sua vez, "fases" ou "etapas" do desenvolvimento, embora sua cronologia e sequência não sejam isentas de peculiaridades. Uma simples superação e passagem sucessiva de uma etapa a outra não se coadunam tão facilmente com o pensamento de Freud, posto que ele prevê possibilidades de regressão e fixação em etapas anteriores; ou, então, mobiliza metáforas como a fluência de um rio que pode ter vias principais, vias colaterais e barragens; ou, ainda, relaciona as fases de organização da libido com as ondas de lava, com o duplo aspecto de irrupção e sedimentação.<sup>167</sup> "Essas fases", afirma Freud, "são normalmente percorridas sem tropeços, revelando-se apenas por alguns indícios. Somente em casos patológicos são ativadas e se dão a conhecer à observação descuidada".<sup>168</sup> Temos a fase dita "oral" ou "*canibal*" e, outra, chamada "*sádico-anal*". A primeira organização, *oral-canibal*, mostra-se na mistura entre a atividade sexual com a ingestão de alimentos, não haveria diferenciação em correntes opostas, voltando-se para os mesmos objetos, sendo a meta sexual aquela que "consiste na *incorporação* do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como *identificação*, um papel psíquico relevante". O ato de chupar ou sugar, quando se apresenta de forma independente da nutrição, seria um resíduo dela. A organização *sádico-anal*, por sua vez, configura a segunda fase pré-genital, e nela já encontramos a polaridade que permeia a sexualidade: o par *ativo-passivo*, mas "os opostos ainda não devem ser designados como *masculino* e *feminino*". Uma dupla meta corresponderia a essa organização: a meta *ativa* da pulsão de dominação ou apoderamento, expressa pela atividade muscular do corpo; a meta *passiva* ligada à zona erógena da "mucosa intestinal". Os objetos não coincidem, cada tendência apresenta o seu. Fala-se da atuação de outras pulsões parciais, de modo autoerótico, mas o destaque é a constatação, justamente, da "*polaridade sexual*", ou seja, sua expressão entre os

---

<sup>167</sup> Sobre a analogia da erupção vulcânica, cf. *As pulsões e seus destinos (PsD)*.

<sup>168</sup> *TES*, p. 107-108.

polos passivo e ativo, e de algum *objeto externo*, não havendo, porém, qualquer subordinação à função reprodutiva.<sup>169</sup>

### **I.2.2.9. A questão da escolha de objeto e as fontes da sexualidade infantil**

Uma característica adicional que merece destaque é a ideia de que haveria já nesse âmbito da sexualidade infantil alguma forma de escolha objetal, o que a aproxima da fase pubertária. A diferença, afirma Freud, “está em que na infância a reunião das pulsões parciais e sua subordinação, sob o primado dos genitais, ou não são obti-das ou o são muito imperfeitamente”. Dessa maneira, chega-se à ideia de uma dupla escolha objetal, ou melhor, o fato típico “de a escolha de objeto ocorrer em dois tempos, em duas ondas”, entre os quais se interpõe o período de latência. O primeiro movimento de escolha de objeto é localizado entre os dois e cinco anos, apresentando, assim, a marca da natureza infantil de suas metas sexuais. O período de latência pode levar à sua interrupção ou regressão. Na puberdade, sobrevém o segundo movimento, já nos contornos mais definitivos da vida sexual. O que acontece com a primeira escolha objetal infantil? Freud concede que essa escolha infantil pode ter efeitos posteriores, embora o recalque, desenvolvido entre a primeira e a segunda ondas, leve a uma atenuação das metas sexuais infantis, arrefecendo as pulsões parciais de outrora e os efeitos da escolha infantil de objeto. Mas, sobre essa atividade primeva, assenta-se as relações de “ternura, adoração e estima”, que levam à designação dessa escolha como “*corrente terna* da vida sexual”. Diante disso, temos que “a escolha objetal da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e começar de novo como *corrente sensual*”. Ademais, Freud afirma que “a não coincidência das duas correntes tem, muitas vezes, a consequência de não se poder alcançar um dos ideias da vida sexual, a união de todos os desejo num só objeto”.<sup>170</sup>

A parte final do segundo ensaio versa sobre as diversas fontes ou origens da pulsão sexual, que consistem nas relações entre as modalidades de excitação e as diferentes formas de geração de estímulos de ordem sexual. A rigor, como veremos mais adiante (cf. capítulo I.2.3), a fonte da pulsão é sempre um processo somático que se dá em um órgão ou parte corporal. Entretanto, conforme indica Garcia-Roza, nota-se uma ambiguidade nos usos do termo “fonte” por parte de Freud, de modo que as apresentadas nos *Três ensaios* se referem, mais precisamente, às *fontes da pulsão sexual*. Nesse contexto, são admitidas uma variedade de origens que, a título de precisão,

---

<sup>169</sup> *TES*, p. 108-109.

<sup>170</sup> *TES*, p. 110-111.

devemos considerar como uma mistura de fontes externas, indiretas, com as endógenas e corporais – estas, sim, são adequadas à definição presente em *As pulsões e seus destinos* (1915).<sup>171</sup>

Tendo isso em vista, vejamos como Freud tematiza esse aspecto pulsional no contexto da sexualidade infantil. De partida, são enumeradas três “origens” da pulsão sexual: i. a “imitação” de uma “satisfação experimentada com outros processos orgânicos” (ao que parece, algo da ordem do apoio); ii. a “estimulação periférica de zonas erógenas”; iii. a expressão de pulsões de procedência incerta, tais como a pulsão de olhar e de crueldade.<sup>172</sup> Sobre as zonas erógenas, em particular, é indicado que elas apresentam apenas um incremento de um tipo de excitabilidade que o restante do corpo tem em potencial. Com efeito, afirma-se posteriormente: “é possível que no organismo nada ocorra de significativo que não forneça componente para a excitação da pulsão sexual”.<sup>173</sup> Além disso, são apresentados diversos “estímulos” envolvidos ou capazes de se relacionar à excitabilidade sexual: estímulos térmicos; estímulos mecânicos externos (dentre eles, os que atingem o sistema vestibular, a pele ou outras partes internas, como músculos e articulações); a atividade muscular de forma geral; os processos afetivos (o pavor, o medo e outras tensões, por exemplo); o trabalho intelectual; a dor física. Ademais, Freud afirma, com certa tranquilidade, que “todos os processos afetivos mais intensos, até mesmos as excitações pavorosas, transbordam para a sexualidade”, e indica “o efeito sexualmente excitante de vários afetos nada prazerosos em si”, à exemplo do contato com materiais literários e vivências artísticas, que podem envolver sentimentos desconfortáveis, do horror à angústia, mas que podem servir à fruição e satisfação sexual. No limite, supõe-se que “até sensações dolorosas intensas possuam o mesmo efeito erógeno”, ou que possa haver excitação sexual ligada ao esforço empregado em tarefas intelectuais.<sup>174</sup>

O que se pode concluir acerca das fontes da pulsão sexual? As excitações das superfícies sensíveis e a estimulação das zonas erógenas proporcionam o terreno favorável à excitação sexual, sendo decisivo, provavelmente, a qualidade dos estímulos e a intensidade (além do caráter rítmico, que vimos anteriormente). Junto às zonas erógenas, ou à erogenidade do corpo em geral, existiriam também os processos internos vinculados a pulsões parciais que fornecem, “colateralmente” e mediante o ultrapassamento de algum limiar quantitativo, estímulos que contribuem à excitação

---

<sup>171</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 119-120. Retomaremos essas nuances quando tratarmos da definição de “fonte” de 1915.

<sup>172</sup> *TES*, p. 111-112. Essa terceira não deixa de estar relacionada à corporeidade: envolvem a região ocular e a atividade muscular.

<sup>173</sup> *TES*, p. 118.

<sup>174</sup> *TES*, p. 116-117.

sexual. Freud admite que esclarecimentos maiores ainda seriam necessários e, até, que a natureza própria do *sexual* ainda seria desconhecida. De toda forma, ele sublinha: a possível relação entre as diversas fontes e a multiplicidade das disposições sexuais inatas; e a influência recíproca entre as excitações de teor sexual e as demais, havendo uma ligação entre as atividades sexuais e as funções corporais, transitável em ambos sentidos. É por conta desse último fator que encontraríamos a correlação de distúrbios somáticos com os distúrbios sexuais.<sup>175</sup> Essa problemática da excitação sexual, que está implicada na vertente econômica da metapsicologia, não será plenamente resolvida nos *Três ensaios* e dará ensejo para importantes discussões e, até, reorientações da teoria, como aquela que se faz na virada dos anos 20. De toda forma, ela é sim complementada no ensaio seguinte pela relação do prazer das zonas erógenas e pulsões parciais com a tensão sexual que se observa melhor na vida sexual mais definitiva. Além disso, ela é também aprofundada por meio da teoria da libido, que é acrescentada ao terceiro ensaio a partir dos desenvolvimentos oriundos, especialmente, do narcisismo, como veremos no capítulo seguinte.

#### **I.2.2.10. Da sexualidade infantil às transformações da puberdade: o terceiro ensaio**

O terceiro dos *Três ensaios*, intitulado *As transformações da puberdade*, reconduz as discussões precedentes e as inventivas propostas conceituais dos ensaios anteriores ao contexto da sexualidade em seu sentido mais comum e corriqueiro: aquela que floresce pelas mudanças e amadurecimentos corporais da puberdade. Há uma série de questões e comprometimentos quando se chega nesse momento, tendo em vista toda gama de ampliações e aspectos inusuais desvelados pelas perversões e atividades sexuais infantis. A atividade fragmentária das pulsões parciais, com suas múltiplas e acentradas buscas de prazer de caráter marcadamente autoerótico, precisa ser relacionada e articulada a uma forma diferente de sexualidade. Acomodações, ajustes e conciliações aparecem nessa articulação. Em linhas gerais, o que se *transforma* com a puberdade? O que seria característico dessa nova forma de organização da libido e de expressão da pulsão sexual? O que seria a marca distintiva da vida sexual “normal”? Seriam três as transformações cruciais: do autoerotismo ao encontro de um *objeto sexual*; das múltiplas zonas erógenas e pulsões parciais à centralidade e primazia da zona genital; da meta de busca de prazer e satisfação à emergência da finalidade reprodutiva. É nessa mudança de configuração que, de certa forma, Freud

---

<sup>175</sup> TES, p. 117-119.

se reencontra com o ponto de partida biológico, o que traz consigo um pensamento notavelmente *teleológico*. A questão que se coloca é: o que acontece com aquela forma de sexualidade ampliada que examinamos até então? Essa pergunta pode ser desdobrada através de alguns dos temas presentes no terceiro ensaio que valem ser abordados – são eles: a questão do prazer e da excitabilidade, em face da organização genital e voltada à reprodução; o problema da escolha de objeto; e o tema da diferença sexual. Começemos pelo primeiro, que dá continuidade ao que vínhamos desenvolvendo a partir do segundo ensaio.

O amadurecimento da puberdade leva à construção de um “aparelho altamente complicado”, diz Freud, conforme se desenvolvem os genitais internos e externos, ou seja, não apenas os órgãos exteriores, mas também os produtos sexuais, sêmen e óvulo, e a capacidade de gestação. Esse aparelho, porém, precisa ser “*posto em movimento*”. De que forma isso acontece? Através, justamente, das múltiplas vias de estimulação, sendo três principais: o mundo externo, o interior orgânico e a vida psíquica. Seriam essas, novamente, as três fontes de excitação sexual, que consistem em, respectivamente: a estimulação e excitação das zonas erógenas; esse interior orgânico, que Freud não detalha, apenas alude a algo ainda por saber – mas que pode ser, em alguma medida, relacionado à própria atividade pulsional; e todo o repositório das impressões externas e excitações internas que temos na vida anímica. O estado de excitação, por sua vez, seria manifestado para cada um através de sinalizações somáticas e psíquicas, dentre elas as alterações genitais (ereção masculina e umedecimento vaginal, por exemplo), no âmbito corporal, e uma “tensão peculiar, de caráter bastante premente”, no âmbito psíquico.<sup>176</sup> Um dos problemas fundamentais que se coloca a partir disso é, precisamente, a natureza da relação entre essa sensação de tensão com a série das sensações de prazer-desprazer que regulariam a atividade sexual. Além desse, temos ainda a conciliação entre os prazeres múltiplos e dispersos da manifestação infantil e a perspectiva de um prazer genital de natureza orgástica. Acerca daquela primeira sensação, Freud parte da posição de que “uma sensação de tensão tem necessariamente o caráter de desprazer”, sendo “decisivo [...] o fato de tal sensação trazer consigo o impulso para a mudança da situação psíquica”, ou seja, “atuar de forma instigadora”, impelente, algo que seria “inteiramente alheio à

---

<sup>176</sup> TES, p. 123.

natureza do prazer que se sente”. A relação da tensão ao desprazer, porém, se choca com o fato de que ela possa também ser sentida como prazerosa.<sup>177</sup>

A tensão gerada pelos processos sexuais é sempre acompanhada de prazer; até mesmo nas mudanças preparatórias que há nos genitais se nota claramente uma espécie de sensação de satisfação. Como conciliar a tensão desprazerosa e a sensação de prazer?<sup>178</sup>

Este problema, que indicava “um dos pontos mais delicados da psicologia atual”, será encaminhado a partir do papel da zonas erógenas nessa nova configuração da vida sexual. Como conciliar as satisfações prazerosas obtidas pela estimulação das zonas erógenas com o novo esquema que se coloca (prazer, aumento de tensão, energia que leva ao dispêndio motor e à descarga)? Dito de outra maneira, como acomodar que o “prazer sentido provoque a necessidade de maior prazer – eis aí o problema”, que as satisfações prazerosas participem também do incremento da excitação e da tensão sexual. Os atos preparatórios, ligados à manifestação infantil da sexualidade, participariam nessa nova configuração como incrementos para o ato sexual centrado na genitalidade. As diversas atividades “perversas”, desde o olhar ao toque e estimulação de outras zonas erógenas, estariam circunscritas na disposição mais definitiva da atividade sexual, onde o aparelho genital, já mais desenvolvido, seria posto em movimento, fornecendo montantes mais expressivos de excitação sexual e prazer, mas também culminando “por via reflexa” na “emissão das substâncias sexuais”. Freud salienta que “este último prazer é o maior em intensidade, e diferente dos anteriores em seu mecanismo”, pois “é provocado inteiramente pela descarga, é totalmente prazer de satisfação” e, quando é atingido, “se extingue temporariamente a tensão da libido”. Trata-se, como fica claro, do *orgasmo* propriamente dito ou, ao menos, de um mecanismo de prazer pensado a partir do modelo do orgasmo, mais particularmente do tipo masculino. Distingue-se, desta maneira, o prazer ligado à excitação das zonas erógenas, por um lado, e o prazer da “evacuação de substâncias sexuais”, por outro, cujas designações seriam, respectivamente: “prazer preliminar” e “prazer final”, ou “prazer de satisfação”. O primeiro seria o mesmo que o produzido pela pulsão sexual infantil, enquanto o segundo seria novo, ligado às condições alcançadas na puberdade, mas favorecido e intensificado pelos primeiros. Na relação entre eles, ou seja, entre a expressão infantil e a adulta é que reencontraríamos as vicissitudes da vida sexual, como o vimos no contexto das perversões. Ademais, a zona genital se apresentava, desde mais

---

<sup>177</sup> TES, p. 123-124.

<sup>178</sup> TES, p. 124.

cedo, como a sede de prazeres satisfatórios, especialmente na infância mais tardia, por volta dos oito anos até a puberdade. É possível observar prazeres que podem ser tanto os produzidos nela, como aqueles provenientes da estimulação de outras zonas erógenas, mas que a excitam – o que, por sua vez, seria indicativo da capacidade de ser, ao mesmo tempo, satisfatório e excitante, embora a ocasional tensão sexual gerada nesse contexto não seja tão constante ou intensa como na fase posterior.<sup>179</sup> Por conta disso, Freud faz a seguinte afirmação:

Notamos que, no curso de nossa compreensão, inicialmente exageramos as diferenças entre a vida sexual infantil e a adulta, e agora fazemos a correção. Não apenas os desvios da vida sexual normal, também sua configuração normal é determinada pelas manifestações infantis da sexualidade.<sup>180</sup>

A conciliação entre essas formas da vida sexual é atravessada por um problema com o qual a psicanálise precisa se haver. Algo de normalizante ou normativo pode ser entrevisto na recondução da pulsão sexual à reprodução e à primazia do genital: seria uma marca do pensamento biológico e seu caráter teleológico que persiste no pensamento de Freud, como o afirma Garcia-Roza.<sup>181</sup> A questão dessa eventual redução da concepção psicanalítica, construída nos ensaios anteriores, à concepção biológica marcaria também uma contradição, tendo em vista a ideia de que “o objetivo [*Ziel*, meta] de uma pulsão é sempre a satisfação”, como enfatiza Garcia-Roza, citando uma passagem de *As pulsões e seus destinos* (1915).<sup>182</sup> É de se notar, de toda forma, que não há um abandono ou exclusão da busca do prazer e da satisfação nessa nova configuração da sexualidade – há uma articulação e, mesmo, uma coexistência dos funcionamentos, de acordo com Mezan.<sup>183</sup> A própria primazia da sexualidade genital não seria de todo resultante da função reprodutora e sua importância poderia ser compreendida, isto sim, como resultado do “privilegio da zona genital na ordem da inscrição do prazer”.<sup>184</sup> O alerta quanto a essa possibilidade de redução do conceito psicanalítico, no entanto, é válido e importante de ser feito e reforçado, para que não se perca a potência presente no conceito de pulsão sexual. Pensar a sexualidade – ou o “desejo” – para além da genitalidade e da procriação é, como citamos anteriormente, o “modernismo” da psicanálise, nas palavras de Deleuze e Guattari.<sup>185</sup> Submetê-la novamente a esses domínios e

---

<sup>179</sup> TES, p. 125-128.

<sup>180</sup> TES, p. 128-129.

<sup>181</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 106.

<sup>182</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 107; FREUD, *PsD*, p. 25.

<sup>183</sup> MEZAN, 2013, p. 91.

<sup>184</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 107, a partir de apontamentos de S. Leclair em *Psicanalisar* (1977).

<sup>185</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1980/2012, p. 18 [192].

inclinações mais restritas seria uma maneira de imputar-lhe um fim extrínseco e transcendente, além de ser uma das vias para sua familiarização. Essas questões serão retomadas ao voltarmos-nos para a concepção de desejo d’*O anti-Édipo*, mas já vemos alguns dos elementos que são enaltecidos e apropriados, enquanto outros são criticados e abandonados. Para ressaltar os riscos aqui envolvidos, vale adicionar as seguintes passagens do Garcia-Roza:

É portanto em termos de satisfação que temos de compreender a pulsão e não em termos de uma finalidade que lhe seja transcendente. Prazer nada tem que ver com reprodução. O caráter prazeroso ou satisfatório de um comportamento sexual não está subordinado à reprodução nem pode ter nesta seu princípio explicativo. Admitir essa subordinação é fazer um reducionismo grosseiro e, ao mesmo tempo, denegador da pulsão. [...] É a familiarização da sexualidade, sua desvinculação do prazer, sua constituição como “dispositivo de aliança” que resultam da subordinação da sexualidade à reprodução. É a perigosa função normalizadora de que a psicanálise se faz efeito-instrumento mais do que causa desencadeadora.<sup>186</sup>

#### **I.2.2.11. Prazer infantil, prazer final e o problema da excitação sexual**

Seguindo com o *Três ensaios*, temos que o rearranjo da forma de prazer infantil com o prazer “final” da atividade sexual já tardia, em que são articulados o caráter satisfatório com o excitante, não explica completamente, porém, a natureza e origem da tensão sexual surgida junto do prazer. Essa questão está no cerne da problemática econômica que persistirá nos anos seguintes, impondo problemas a uma compreensão mais definitiva dos princípios reguladores dos processos pulsionais e psíquicos. Essa discussão, vale dizer, será retomada em textos como o *Além do princípio de prazer* (1920) e *O problema econômico do masoquismo* (1923), os quais poderemos examinar mais adiante. É importante ressaltar que, no âmbito dos *Três ensaios*, Freud é levado a supor uma ligação “apenas de maneira indireta” entre prazer e tensão sexual, especialmente por conta do entendimento de que o prazer “maior” do momento de ejaculação traz a marca de uma *descarga*, ou seja, a eliminação ou arrefecimento – e não a geração – da tensão sexual. Uma série de teorias e ponderações relacionadas a essa problemática são abordadas, mas restam inconclusas ou insatisfatórias. A ideia, por exemplo, de que a produção das substâncias sexuais, como o sêmen, provocaria tensão por efeito de pressão mecânica é logo questionada pela excitação e tensão sexuais observáveis tanto nas crianças, como na mulher ou, ainda, no indivíduo castrado. Outra perspectiva, mais interessante e promissora, é aquela que provém de experimentos com animais, em que são

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 106-107.

modificadas cirurgicamente suas “gônadas” e assim observam-se mudanças de comportamento no que se refere à conduta sexual. No entanto, Freud logo relaciona essas mudanças à parcela das gônadas não diretamente relacionadas às células sexuais específicas de cada sexo, mas aquela que permitira fundamentar anatomicamente a disposição hermafrodita e a teoria da bissexualidade. Para resumir, o que soa mais interessante a ele (e que seria indicativo de sua atenção à atualidade do conhecimento disponível à época) é a hipótese de substâncias químicas presentes na base do funcionamento somático da sexualidade, substâncias que hoje poderíamos relacionar aos diversos hormônios que foram então descobertos e cujos mecanismos compreendemos um pouco melhor. Como afirma em trecho datado de 1920: “Deve bastar que tenhamos como essencial, nessa concepção dos processos sexuais, a hipótese de haver substâncias que provêm do metabolismo sexual”. A importância concedida a uma “química especial” das atividades sexuais, vale dizer, também se apoiaria, diz Freud, em uma observável “semelhança clínica [das manifestações neuróticas] com os fenômenos de intoxicação e abstinência que vêm do consumo de substância tóxicas geradoras de prazer”.<sup>187</sup> Essa observação, porém, não apresenta maiores desenvolvimentos.

Na sequência dessa problemática da excitação sexual e as conjecturas sobre sua química, Freud introduz, em 1915, uma seção acerca da *teoria da libido*, que pode ser vista no contexto das “construções auxiliares” que são criadas para lidar, ainda que provisoriamente, com os problemas colocados, como é o caso das “manifestações psíquicas da vida sexual”. A “*libido*”, que figurava já nas primeiras linhas dos *Três ensaios*, consistia no substrato energético da pulsão sexual, introduzida como correlata à “fome” da pulsão ou instinto de nutrição.<sup>188</sup> De maneira mais precisa, o conceito de libido é estabelecido como “uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual”. Devido a sua “origem especial”, a libido seria uma energia diferente daquela dos processos psíquicos *em geral*: por conta disso, apresentaria um caráter *qualitativo*. O pressuposto de base é, justamente, a suposta química especial da função sexual no organismo, em face dos demais processos, como os de nutrição. Os montantes de libido, vistos em termos de produção, aumento e diminuição, distribuição e deslocamento de quantidades, permitiriam a melhor explicação dos fenômenos psicosexuais, tais como os que são observados pela análise das perversões e psiconeuroses. Ademais, Freud chama de “*libido do Eu*” a “representação psíquica” do “*quantum de libido*” subjacente a tais fenômenos, embora ela se torne

---

<sup>187</sup> *TES*, p. 133-134.

<sup>188</sup> *TES*, p. 20.

propriamente acessível ao estudo analítico conforme haja um “emprego psíquico no investimento de objetos sexuais, ou seja, após se tornar *libido objetal*”. Sobre a libido objetal, nota-se a capacidade da libido de “concentrar-se em objetos, fixar-se neles, ou então abandonar [...], passar deles para outros”, investimentos que guiam a atividade sexual e levam à “satisfação, isto é, à extinção parcial e temporária da libido”. Os detalhamentos dessa teoria, em especial a distinção entre libido do Eu e libido de objeto, mas também sua concepção mais precisa e o que se entende de seus destinos, serão abordados nos capítulos seguintes, em que examinaremos os demais momentos da teoria pulsional no Freud. Vale ao menos destacar a seguinte afirmação: “A tarefa de uma teoria libidinal dos transtornos neuróticos e psicóticos deveria ser exprimir nos termos da economia da libido todos os fenômenos observados e processos inferidos”.<sup>189</sup>

Outro tema presente no terceiro ensaio é o da diferença sexual. Vimos anteriormente o apreço de Freud pela noção de *bissexualidade*, que tomara de seu longo correspondente, Wilhelm Fliess. Ela é mantida e assumida como decisiva à compreensão das manifestações sexuais, tanto no homem como na mulher.<sup>190</sup> A atividade autoerótica infantil é tida como a mesma nos dois sexos, de modo que “essa concordância anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos”, distinção que será mais marcante também a partir da puberdade, com o estabelecimento de uma separação mais notável entre as características masculinas e femininas. Um dos fatores que concorrem para essa diferenciação seria, segundo Freud, o desenvolvimento das inibições da sexualidade, aquelas barreiras psíquicas (vergonha, nojo etc.), “mais cedo e com menor resistência” nas meninas que nos meninos, indicativo de uma maior tendência à repressão sexual. Essa carga repressiva seria reforçada na puberdade. De toda forma, Freud descola, em grande medida, os caracteres “masculino” e “feminino” da diferença dos sexos, das expressões da sexualidade e, até, do gênero. A sexualidade das meninas pequenas, em sua manifestação autoerótica e masturbatória, “tem caráter completamente masculino”, afirma. No entanto, aqui cabe uma precisão conceitual: Freud postula que “a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher, e independentemente de o seu objeto ser homem ou mulher”. O que está em questão é o caráter *ativo* da libido: “a pulsão é sempre ativa, mesmo quando coloca para si uma meta passiva”, pontua Freud na decisiva nota 72, de 1915. Nela vemos, pela equivocidade percebida dos conceitos de “masculino” e “feminino”, três sentidos possíveis: os termos podem

---

<sup>189</sup> TES, p. 135-137.

<sup>190</sup> TES, p. 140.

denotar atividade e passividade, bem como a diferença sexual no sentido biológico conforme a presença de espermatozoides ou óvulos, mas, além desses, o sentido sociológico, ligado aos traços convencionalmente tidos como masculinos ou femininos. O crucial que essa nota traz é que “no caso do ser humano, nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade”, haveria, isto sim, uma “mescla” dessas características, além de uma “combinação de atividade e passividade”.<sup>191</sup>

---

<sup>191</sup> *TES*, p. 138-139; nota 72.

### I.2.3. A pulsão como fundamento da metapsicologia em *As pulsões e seus destinos* (1915)

Um dos momentos que destacamos no percurso do conceito de pulsão é aquele referente à publicação do ensaio *As pulsões e seus destinos*, em 1915. Essa obra não apresenta mudanças tão drásticas no rumo da teoria pulsional estabelecida até então, tratando-se, isto sim, de uma exposição mais sistemática e com maior detalhamento conceitual da pulsão, além da demarcação de seu estatuto para a psicanálise. Melhor dizendo, a pulsão é tomada como o conceito fundamental da *metapsicologia* psicanalítica, ou seja, o ponto de partida do projeto de crítica da psicologia e fundamentação da cientificidade da psicanálise. Esse projeto ganha a forma editorial de uma série de ensaios pensados em 1915, dos quais apenas cinco foram escritos e publicados, de um total previsto de doze que iriam compor uma espécie de “Introdução geral à metapsicologia”. Esses trabalhos, escritos com uma celeridade impressionante em meio à primeira grande guerra mundial, estão entre os mais decisivos do corpo teórico freudiano, sendo aquele dedicado à pulsão o ensaio inaugural e basilar para os demais. *As pulsões e seus destinos* abre com uma espécie de carta epistemológica e explora, conforme adianta o título, o conceito de pulsão propriamente dito, com suas características essenciais e termos ou componentes constitutivos, bem como algumas das destinações pulsionais que perpassam diversos dos fenômenos que a psicanálise tem como objeto de pesquisa e de intervenção clínica. Encontramos, dessa maneira, uma circuitaria complexa cuja montagem e funcionamento está no âmago dos mais variados processos, configurando os elementos constituintes do que a psicanálise entende por *aparelho psíquico*. Para favorecer a entrada nesse texto, vamos tecer alguns comentários gerais acerca do projeto metapsicológico.

De acordo com Birman<sup>192</sup>, o termo “metapsicologia” é um neologismo cunhado por Freud “para se referir ao discurso psicanalítico na sua especificidade teórica”, à “singularidade conceitual da psicanálise”, remetendo “ao conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos que Freud começara a conceber para constituir a sua leitura do psiquismo”. Trata-se de uma designação que enfatiza a prática e construção teóricas, embora seja identificada organicamente com a psicanálise. A palavra teria aparecido inicialmente em correspondências ao Fliess, em 1896, mas ganharia “rigor e sistematicidade conceitual” com *A interpretação dos sonhos* (1900) e com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).<sup>193</sup> Considerando a adjunção do prefixo “meta” a “psicologia”, Birman indica que a *metapsicologia* “condensa a crítica empreendida pela psicanálise

<sup>192</sup> BIRMAN, 2016, posições 321 e 384.

<sup>193</sup> *Ibidem*, posição 390.

à psicologia e à psicopatologia” da época (final do século XIX) pelas questões colocadas, que “se perfilam no polo do consciencialismo, por um lado, e no polo da neurobiologia, por outro”.<sup>194</sup> Isso se deve ao descentramento do Eu e da consciência, operado pela psicanálise a partir do entendimento de que os processos inconscientes seriam primários no funcionamento subjetivo, e sua eficácia permitiria explicar uma série de fenômenos, desde os sonhos aos sintomas neuróticos.

Esse exercício crítico da metapsicologia tem seus rudimentos na formulação da noção de “aparelho psíquico”. Na leitura freudiana do psiquismo, encontramos, segundo Birman, uma “interpretação científica” da ideia de um “aparelho da alma”, proposto por Meynert, eminente psiquiatra alemão do século XIX: primeiro com a proposta do “aparelho de linguagem”, presente no texto sobre as afasias, de 1891; depois com o “aparelho psíquico” de *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895. Se, no primeiro momento, a ênfase recaía sobre a dimensão qualitativa e semântica do aparelho, no segundo, vemos uma tentativa de responder à exigência teórica para uma psicologia científica: “conjugar dois registros até então autônomos e inarticuláveis: o da qualidade e o da quantidade”. Assim, sublinha Birman, “o aparelho psíquico se organizaria entre a ordem da representação (registro da qualidade) e a da intensidade (registro da quantidade), pois ambas estariam presentes na totalidade dos processos psíquicos”. A leitura metapsicológica, ou seja, científica do psiquismo teria de abarcar “os polos da força e do sentido”, “os registros da quantidade e da qualidade”, da intensidade e da representação. Dessa maneira, a dimensão intensiva do psiquismo, que seria explorada no *Projeto* de 1895, é então apresentada pela noção de *pulsão* que aparece nos *Três ensaios*, de 1905, e desenvolvida em *As pulsões e seus destinos*, de 1915, ganhando o *status* de conceito primeiro e fundamental da metapsicologia, e levando a inflexões teóricas que vão ser desdobradas nas teses de *Além do princípio de prazer* de 1920.<sup>195</sup> O aparelho psíquico abarca não apenas os domínios do Eu e da consciência, mas também do inconsciente, além de ser constituído a partir da dimensão intensiva, ou seja, das pulsões e suas exigências de trabalho.

### **I.2.3.1. A pulsão como conceito fundamental**

A afirmação da *pulsão como conceito fundamental* se faz não apenas no arranjo dos artigos metapsicológicos, tomando-a em primeiro lugar, mas aparece de forma explícita já nas páginas de

---

<sup>194</sup> *Ibidem*, posição 522.

<sup>195</sup> *Ibidem*, posição 412.

abertura de *As pulsões e seus destinos*: “um conceito fundamental, convencional a essa maneira e até agora bastante obscuro, mas do qual não podemos abrir mão na Psicologia, é o da *pulsão*”.<sup>196</sup> Os três termos que aí qualificam o conceito de pulsão – “fundamental”, “convencional” e “obscuro” – devem ser vistos à luz do texto que precede a passagem destacada: uma espécie de carta epistemológica que abre o artigo das *Pulsões* e, virtualmente, a obra da *Metapsicologia*. Birman não deixa de observar que esse comentário epistemológico repete de forma condensada o que Freud havia discorrido um ano antes, no texto do *Narcisismo*<sup>197</sup> – comentário que é recorrente em diversos momentos de elaboração e especulação teórica<sup>198</sup>. É importante destacar alguns de seus pontos, considerando o teor de defesa às críticas dirigidas à psicanálise e sua pretensão de cientificidade.

Contrário à exigência de que uma ciência devesse “ser construída sobre conceitos fundamentais claros e precisos”, Freud argumenta que qualquer ciência, mesmo as mais exatas, nunca começa com definições dessa natureza. O mais característico e verdadeiro no início de uma determinada atividade científica seria a descrição de fenômenos, para serem, depois, “agrupados, ordenados e correlacionados”. E, já nesse momento descritivo, “não se pode evitar a aplicação de determinadas ideias abstratas ao material”, ideias que eventualmente se tornariam os “conceitos fundamentais” de tal ciência, mas que, de início e no seu desenvolver, se mostrariam indispensáveis à elaboração teórica. “No princípio”, afirma Freud, “elas devem manter certo grau de indeterminação; não se pode contar aí com uma clara delimitação de seus conteúdos” – por isso “obscuras”. É mediante sua relação e seu uso sobre o material empírico que seu significado vai ganhando em precisão. De certa maneira, nota-se, essas ideias não seriam propriamente “extraídas” do material empírico, mas agem sobre ele, o “subordinam”. Possuem, portanto, “o caráter de convenções [apesar de que] não são escolhidas de modo arbitrário, mas sim determinadas por significativas relações com o material empírico”, relações que seriam como que *intuídas* ou “adivinhadas”, a despeito de seu reconhecimento e demonstração. A precisão dos conceitos científicos fundamentais seria alcançada conforme a modificação progressiva deles em face da investigação do campo de fenômenos abordado. Ao ganhar em alcance de utilização e perder em nível de contradição, tornam-se passíveis de uma verdadeira *definição*. Entretanto, sublinha Freud,

---

<sup>196</sup> *PsD*, p. 17.

<sup>197</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 944.

<sup>198</sup> Birman nota, nessas repetições, a marca do “estilo retórico no discurso freudiano”. “Quando Freud se defrontava com a constituição e a introdução de um novo conceito em psicanálise, de maneira sistemática e rigorosa, ele enunciava sempre certos princípios epistemológicos sobre a cientificidade em geral”, um “imperativo incontornável” de legitimação. Cf. BIRMAN, 2016, posição 949.

“o progresso do conhecimento [...] não tolera nenhuma rigidez nas definições”, o que é exemplificado pela alusão à Física de sua época, a qual, justamente, passava por importantes mudanças nos seus conceitos fundamentais, como aqueles da mecânica clássica há tanto estabelecidos.<sup>199</sup> São nesses contornos que ele pode afirmar a pulsão como conceito fundamental, por certo ainda convencional e com um grau considerável de indeterminação, mas do qual não se pode abrir mão. Afinal, também a psicanálise mereceria a complacência das demais ciências para que ela pudesse desenvolver e melhor precisar, com o tempo, suas noções fundamentais.

### **1.2.3.2. A pulsão como conceito-limite ou conceito fronteiroço**

Ao estatuto de “conceito fundamental”, soma-se a definição da pulsão como “conceito-limite” ou “conceito fronteiroço”: ela estaria situada na fronteira, no limite ou na intercessão entre o somático e o psíquico (ou anímico).<sup>200</sup> “No solo do aparelho psíquico”<sup>201</sup>, a pulsão se apresenta também como “medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”. Por outro lado, a pulsão se mostra, ainda, “como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma”. Essas definições – que apareceram já no âmbito dos *Três ensaios* e que abordamos acima, mas como adições de 1915 – dizem respeito a uma das vertentes que possibilitam o preenchimento do conteúdo do conceito: o lado da Psicologia. É conforme a “observação a partir da vida anímica” que a pulsão “se apresenta” dessas três maneiras.<sup>202</sup> Antes de defini-la dessa forma, porém, Freud explora o lado biológico, ou mais precisamente, a vertente da Fisiologia: a partir dela temos a diferenciação entre a pulsão e o estímulo, que veremos mais adiante. É importante observar que a indeterminação ganha a forma de uma ambiguidade que nos leva a questionar a relação precisa da pulsão com a representação e, por conta disso, seu aspecto *produtivo*, que nos é tão caro. Existem aqueles que, na tradição psicanalítica, valorizaram o aspecto *limite e fronteiroço* do conceito, identificando-o mais fortemente com uma dimensão intensiva e econômica que seria a base para a constituição do próprio aparelho psíquico e que se situaria *além* dos registros somático e psíquico, ou seja, *além* tanto da biologia quanto da psicologia.<sup>203</sup> Por certo, é na *fronteira* entre diversos campos e registros

---

<sup>199</sup> *PsD*, p. 16-17.

<sup>200</sup> *PsD*, p. 25.

<sup>201</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 1737.

<sup>202</sup> *PsD*, p. 23-25.

<sup>203</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 1309.

que a pulsão não deixa de ser explorada enquanto conceito, o que merece um exame mais aprofundado. De acordo com Iannini – editor-chefe das obras incompletas de Freud que estão sendo publicadas no Brasil –, “a pulsão opera numa certa zona de indeterminação, de indistinção entre o corpo e aparelho psíquico: embora sua fonte seja sempre somática, só conhecemos dela seu representante psíquico [...]. É nesse hiato, nessa fronteira que se situa a pulsão”. Por esse motivo, “a pulsão é, tanto do ponto de vista lógico quanto do topográfico, anterior até mesmo ao próprio sistema inconsciente, até mesmo a qualquer inscrição no aparelho psíquico ou neuronal”.<sup>204</sup> Não à toa seria o conceito fundamental e limite da própria metapsicologia, sendo *O recalque* e *O inconsciente* abordados apenas em ensaios subsequentes, com esses títulos precisamente. A pulsão, vale observar, ganha um protagonismo conceitual que antes recaía sobre essas duas outras noções.

### **1.2.3.3. Da distinção entre pulsão e estímulo ao princípio regulador do aparelho psíquico: cruzando as fronteiras**

Pela vertente da Fisiologia, Freud chega à “essência da pulsão em suas principais características”: ela tem “origem em fontes estimuladoras do interior do organismo”; ocorre “como *força constante*”; e seria marcada por sua “inexpugnabilidade pelas ações de fuga”, ou seja, nenhuma fuga seria capaz de afastar e cessar seu estímulo.<sup>205</sup> O que se explora é o conceito de “estímulo” e as aproximações e diferenças entre ele e a pulsão. De acordo com Freud, a pulsão seria como um estímulo para o psíquico, embora nem todos estímulos psíquicos fossem pulsionais. Outras estimulações, como as fisiológicas, agiriam no psiquismo a partir do mundo exterior, configurando uma força momentânea, de impacto único e, por conta desses fatores, passível de ser neutralizada conforme uma ação adequada – via de regra, a fuga da fonte estimuladora a partir de uma ação motora. O exemplo utilizado para esse tipo de estímulo cuja tarefa de subtrair-se dele seria eficaz é o da pálpebra: uma luz forte pode atingir o olho e o desvio do olhar ou o fechamento das pálpebras cortaria a fonte. De tipo diferente seriam os estímulos corporais tais quais “o ressecamento da mucosa da faringe ou a irritação da mucosa do estômago”, que indicam a *sede* e a *fome*, respectivamente. Ou seja, estímulos pulsionais de autoconservação.<sup>206</sup> Alguns componentes pulsionais, que abordamos no contexto dos *Três ensaios*, já se anunciam aqui: principalmente, a fonte e a meta. O que é novidade no texto das *Pulsões* é esse aspecto de *força*, e

<sup>204</sup> IANNINI, in: FREUD, 1915/2019, p. 96.

<sup>205</sup> *PsD*, p. 21.

<sup>206</sup> *PsD*, p. 17-19.

força constante – que mais adiante será identificado ao termo “pressão”. À diferença dos externos, os estímulos pulsionais, por advirem do interior do próprio organismo, não permitem o pleno desvio e implicam formas mais complexas de lida, em comparação ao arco reflexo: “a pulsão não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela”; “eles colocam, portanto, exigências muito mais elevadas [...] pois mantêm um inevitável e contínuo afluxo de estímulos”. Ademais, Freud pontua que “uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria ‘necessidade’ [*Bedürfnis*], e para o que suspende essa necessidade, ‘satisfação’ [*Befriedigung*]”.<sup>207</sup> Acerca desses termos, vale trazer o comentário dos tradutores: “necessidade” aqui, diferente do termo *not* do alemão, não seria no sentido de algo necessário ou impreterível, mas algo da ordem de um “desejo premente”; “satisfação” enquanto *Befriedigung*, por sua vez, diferentemente da acepção ligada a “suficiente”, com origem no radical latino “satis-”, denota algo da ordem de um *apaziguamento* parcial e momentâneo.<sup>208</sup> O pano de fundo biológico da *necessidade*, vale indicar, é um dos pontos de crítica de Deleuze e Guattari ao “desejo” psicanalítico.

Em meio à distinção entre estímulo e pulsão, Freud admite servir-se de um “pressuposto complexo” a ser explicitado. Trata-se de um pressuposto “de natureza biológica”, segundo o qual “o sistema nervoso é um aparelho cuja função é a de afastar os estímulos que o atingem, reduzi-los ao mais baixo nível ou, se fosse possível, manter-se completamente livre de qualquer estímulo”. Seria uma “tendência” ou “finalidade” trazida a partir da biologia, um princípio de homeostase, mas que se resume enquanto uma “tarefa: *o domínio dos estímulos*”. Essa *tarefa*, imposta pela pulsão, se manifesta no âmbito psíquico enquanto uma “exigência de trabalho” e ganha a forma de um princípio regulador da atividade do aparelho psíquico ou anímico: o *princípio de prazer-desprazer*. As “sensações da série prazer-desprazer [...] reproduzem o modo como o domínio dos estímulos acontece”, tendo o desprazer a ver com o aumento e o prazer com a diminuição do estímulo. Freud não deixa de notar – assim como no *Três ensaios* – “a considerável indeterminação dessa hipótese”, postulando no futuro a possibilidade de “intuir o modo como se relacionam prazer-desprazer com as oscilações nas grandezas dos estímulos que atuam sobre a vida anímica”, relações, ele pondera, “muito variadas e nada simples”.<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> *PsD*, p. 19; p. 23..

<sup>208</sup> *PsD*, p. 19, notas de tradução 9 e 10.

<sup>209</sup> *PsD*, p. 21-23.

#### I.2.3.4. A tríplice definição de pulsão e seus quatro aspectos ou componentes

Na sequência imediata do texto, Freud passa, digamos, ao outro lado da fronteira do conceito: de uma perspectiva psicológica, “a partir da vida anímica”, temos a definição da pulsão enquanto “conceito fronteiro entre o anímico e o somático”, “representante psíquico dos estímulos” do interior do corpo, e “exigência de trabalho” decorrente da ligação entre o corpo e a alma. Noutra ocasião, fala-se das pulsões “que se originam no corporal e atuam no anímico”. Antes de adentrarmos na questão da relação entre pulsão e representação, vamos nos deter um pouco sobre os componentes ou “termos que são utilizados em correlação com o conceito de pulsão”: pressão, meta, objeto e fonte.<sup>210</sup> De acordo com Birman, “a pulsão é a acoplagem de diferentes elementos que constituem um circuito para o seu efetivo funcionamento”.<sup>211</sup> Que elementos seriam esses?

Por *pressão* [*Drang*] de uma pulsão entende-se seu *fator motor*, a soma de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. *O caráter impelente é uma característica geral da pulsão, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade*; quando se fala de modo descuidado de pulsões passivas, essas nada mais seriam que pulsões com uma meta passiva.<sup>212</sup>

A *pressão* remete ao fator motor e o caráter impelente característico de qualquer pulsão: sua própria *essência*. A pulsão é eminentemente *ativa*, uma quantidade de força que faz mover. Enquanto “força impelente” ou “impulso”, observa o tradutor, *Drang* seria sinônimo de *Trieb*. É importante notar que esse termo-componente é uma das “novidades” de *As pulsões e seus destinos*, se comparado com os *Três ensaios*, por exemplo. Embora não consista em algo inteiramente “novo” – pois, como vimos, a libido já era concebida como essencialmente ativa –, dá ênfase ao aspecto de atividade pressionadora das pulsões.

Acerca do segundo termo, temos que “a *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação [*Befriedigung*], que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional”. Diferentes caminhos podem ser traçados, indica Freud, para se conduzir a tal meta, de modo que “podem existir para uma mesma pulsão diversas metas aproximadas ou intermediárias”, que por sua vez “podem ser combinadas ou substituídas umas por outras”. Vale sublinhar a relação entre a consecução da meta e a modificação na fonte. Freud considera que, de acordo com a experiência, é possível que processos envolvam apenas uma satisfação parcial e limitada devido a

<sup>210</sup> *PsD*, p. p. 23-27.

<sup>211</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 1367.

<sup>212</sup> *PsD*, p. 25, grifo nosso.

algum “desvio” ou “inibição” – por consequência, a designação de “pulsões inibidas em sua meta”.<sup>213</sup> Termos correlatos para *Ziel* seriam, além de meta: alvo ou objetivo, presentes em outras traduções.

O terceiro componente desse circuito é o *objeto*: “aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta”. Acompanhando os achados de antes, afirma-se que objeto “é o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado”, sendo atribuído “por sua capacidade de tornar possível a satisfação”. Além disso, Freud salienta que esse objeto não necessariamente seria um “objeto material estranho ao sujeito”, algo alheio, mas pode “ser até mesmo uma parte do próprio corpo”; pode também ser substituído por outros “incontáveis vezes no decurso dos destinos vividos pela pulsão”, por motivos diversos; ou, ainda, um mesmo objeto servir para satisfazer diferentes pulsões, caso de “entrecruzamento pulsional”, denominação de Alfred Adler. Por fim, uma particular configuração da relação pulsão-objeto é aquela marcada por uma “fixação”, ou seja, quando há “uma ligação especialmente estreita da pulsão com o objeto”, o que por vezes acontece no “desenvolvimento pulsional” e “põe fim à mobilidade da pulsão ao se opor intensamente à dissolução da ligação ao objeto”.<sup>214</sup> Em seguida, temos a “fonte”:

Por *fonte* [*Quelle*] da pulsão entende-se o *processo somático* em um órgão ou parte do corpo, *cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão*. Não se sabe se esse processo é regularmente de natureza química ou se também pode corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas. O estudo das fontes pulsionais já não pertence à Psicologia; ainda que a *origem em uma fonte somática seja o elemento mais decisivo para a pulsão, só a conhecemos na vida anímica por causa de suas metas*. [...] Por vezes, as fontes da pulsão podem ser inferidas, de modo retrospectivo, a partir de suas metas.<sup>215</sup>

Na apresentação da “fonte”, vemos que a “origem em uma fonte somática” seria o elemento decisivo da pulsão. No entanto, o estímulo gerado no processo somático é *representado* no psiquismo *pela* pulsão, mais particularmente, pela expressão de sua meta. O que talvez não fique claro pela apresentação da “meta” nesse texto é que o imperativo de satisfação envolve uma determinada maneira de atingi-la: se retomarmos a ideia presente nos *Três ensaios*, a meta, ao menos a sexual, seria “a ação à qual a pulsão impele”<sup>216</sup>, o que vai variar de acordo com a fonte e o modo específico de suspensão da estimulação, tão mais complexa em relação aos estímulos externos.

---

<sup>213</sup> *PsD*, p. 25-27.

<sup>214</sup> *PsD*, p. 25-27

<sup>215</sup> *PsD*, p. 27, grifo nosso.

<sup>216</sup> *TES*, p. 20-21.

### I.2.3.5. Do conceito de pulsão às diferentes pulsões: a ambiguidade não resolvida do dualismo pulsional

Dada as diferentes pulsões que “se originam no corporal e atuam no anímico”, Freud aborda a questão sobre a validade de caracterizá-las através de diferentes *qualidades*, ou seja, por um comportamento qualitativamente diferente na vida anímica. Ele não acha que isso se justificaria, bastando a suposição de que “as pulsões são qualitativamente da mesma ordem”, devendo seu efeito “apenas às magnitudes de excitação que cada uma veicula” ou, eventualmente, “a certas funções dessa quantidade”. Aventa-se, ainda, que a diferença de suas “realizações psíquicas” (mesmo termo usado para “ato” na expressão “ato falho”: *Leistungen*) poderia estar atrelada “à diversidade das fontes”. De toda forma, mais uma vez o esclarecimento desse problema “qualitativo” não é tido como satisfatório e é lançado para um contexto posterior.<sup>217</sup> O que se estabelece, ou melhor dizendo, se mantém em *As pulsões e seus destinos* é a demarcação de dois agrupamentos diferenciados de pulsões: “as *pulsões do Eu*, ou de autopreservação, e as *pulsões sexuais*”. “Quais pulsões se podem designar e quantas elas seriam?” A resposta, diz Freud, “deixa muita margem ao arbitrário”. O critério para se ter em mente ao propor diversas e específicas pulsões estaria na possibilidade de “decomposição adicional em relação às fontes pulsionais”, de modo a se chegar, quando não der para decompor mais, nas “pulsões primordiais”, como é o caso da distinção por ele sugerida. O estatuto dessa classificação das pulsões – diferente da ideia de uma tendência do aparelho psíquico ao domínio das excitações – não seria a de um “pressuposto necessário”. Seria, isto sim, “uma mera construção auxiliar, que só deve ser mantida enquanto for útil e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho de descrição e de ordenação”, dado que sua proposta é consequência da clínica das neuroses, a partir da qual se evidenciou a importância do “conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu” para a formação de sintomas e outras afecções.<sup>218</sup> Porém, ressalva Freud, de alguma forma pressentindo as mudanças que se dariam:

é possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psicose neuroses narcísicas: das esquizofrenias) nos exija a alteração dessa fórmula e com isso nos leve a outro agrupamento das pulsões primordiais. Atualmente, contudo, não conhecemos essa nova fórmula, e não encontramos nenhum argumento que invalidasse a contraposição das pulsões do Eu às pulsões sexuais. Tenho sérias dúvidas quanto a se será possível obter indícios decisivos para a

---

<sup>217</sup> *PsD*, p. 27-29.

<sup>218</sup> *PsD*, p. 29-31.

divisão e a classificação das pulsões a partir da elaboração do material psicológico. Objetivando-se tal elaboração, parece muito mais necessário aplicar ao material determinadas suposições sobre a vida pulsional.<sup>219</sup>

Embora tal reformulação não tenha vindo exatamente do que Freud projetava, mesmo que vá atravessar a revisão tópica da estrutura do aparelho psíquico, isso não diminui o valor da intuição da mudança que logo se daria nas fórmulas dinâmicas e econômicas, como analisaremos mais adiante. O fato é que em 1915 ainda se mantém a referência à dualidade entre as pulsões do Eu e as sexuais, bem como o conflito entre suas exigências. Entretanto, como observa Birman<sup>220</sup>, parece que “deixava de lado e em estado de suspensão teórica o que já avançara em 1910 e 1914, nos ensaios sobre as perturbações psicogênicas da visão e o narcisismo, respectivamente. Freud prefere deixar indefinido, assim, o estatuto teórico das pulsões do eu e das pulsões da autoconservação no concernente à sexualidade”. Por conta disso, Birman considera um tratamento de algum modo contraditório: “insistindo na erogeneização das pulsões do eu, por um lado, e na não erogeneização das pulsões de autoconservação, pelo outro”. Aliás, a essa aparente ambiguidade no tratamento do dualismo pulsional se soma o ponto de que a própria investigação dos destinos pulsionais é assumidamente restringida às pulsões sexuais.<sup>221</sup>

Com relação às “suposições” mais necessárias para serem aplicadas sobre o material disponível, o que Freud toma como referência é, novamente, a perspectiva da Biologia, em particular a ideia de um caráter distinto da sexualidade em comparação com outras funções do indivíduo: que ela envolva não apenas a *autoconservação*, a preservação individual, mas também a preservação da espécie, mostrando tendências supraindividuais. Essa suposição, junto à ideia de um “quimismo especial” dos processos corporais ligados à função sexual<sup>222</sup>, mostra que:

há duas concepções coexistindo justificadamente a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade: uma, segundo a qual o indivíduo é o elemento principal, sendo a sexualidade valorizada como uma de suas atividades e a satisfação sexual como uma de suas necessidades, e outra para a qual o indivíduo é um apêndice temporário e evanescente de um plasma germinativo quase imortal, que lhe foi confiado pela transmissão geracional.<sup>223</sup>

Vale destacar que algo próximo dessa dupla concepção reaparece, justamente, no *Além do princípio do prazer* (1920), em sua parte VI, quando Freud debate ideias a partir da biologia, mais

---

<sup>219</sup> *PsD*, p. 31.

<sup>220</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 1522.

<sup>221</sup> *PsD*, p. 35.

<sup>222</sup> *PsD*, p. 31-33.

<sup>223</sup> *PsD*, p. 31.

particularmente a discussão com a concepção da morte como uma aquisição posterior dos organismos vivos proposta por Weismann. Nesse contexto, o ponto de aproximação está na própria semelhança, reconhecida por Freud, entre a diferenciação weismanniana entre “soma e plasma germinal” e sua proposta de um novo dualismo pulsional entre “pulsões de morte e pulsões de vida”.<sup>224</sup>

Na linha dessa tematização da relação entre sexualidade e as funções de conservação, seja do indivíduo ou da espécie, vale trazer algumas ponderações do Garcia-Roza sobre a relação entre a fonte da pulsão e o conceito de apoio. A primeira delas é quanto aos empregos do próprio termo “fonte”: nota-se um grau de ambiguidade em seu uso nos *Três ensaios*, quando se aborda as fontes da pulsão sexual, mais particularmente da sexualidade infantil, e inclui-se uma gama de processos que não se resumem às fontes internas – como é preconizado neste ensaio *As pulsões e seus destinos* –, mas são incluídas fontes externas ou indiretas, “o que coloca em questão a afirmação de que a pulsão se origina sempre de uma fonte endógena”, ou que as pulsões “são inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática”, seja o órgão ou o processo físico-químico<sup>225</sup>, como vimos. A segunda ponderação remete à afirmação de Freud de que os estudos das fontes estaria fora do âmbito da psicologia: à revelia desta afirmação, Garcia-Roza decide insistir sobre o tema a partir do conceito de apoio, considerando esta noção “a chave para a compreensão do conceito de pulsão”, dada a ligação originária das pulsões sexuais nas pulsões de autoconservação, à exemplo da situação da amamentação. A emergência de uma outra modalidade de satisfação, de natureza propriamente sexual, por apoio mas não redutível à satisfação das necessidades instintivas, marcaria a constituição mesma da pulsão por “um desvio em relação à função” – sendo o “apoio” não exatamente o da relação recém-nascido na mãe, mas o “apoio da *pulsão* sobre ‘uma das funções somáticas vitais’, isto é, sobre o instinto”. Embora se pese o uso do termo instinto para demarcar as funções vitais de uma forma mais radical, a despeito de Freud usar o próprio termo *Trieb* na abertura dos *Três ensaios* para caracterizar o ponto de partida “instintual” e para se chegar à *conceituação* da pulsão sexual, o interessante dessa leitura é frisar que *o apoio é um desvio*: ele “marca não a continuidade”, mas um “momento de ruptura”, de “constituição de uma diferença” ou “descontinuidade”; e que, em última instância, “a fonte da pulsão é, pois, o instinto”.<sup>226</sup>

---

<sup>224</sup> APP, p. 165.

<sup>225</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 119-120.

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 120.

### I.2.3.6. Pulsão e representação: uma relação problemática?

De volta ao artigo *As pulsões e seus destinos*, observamos que, na sequência do texto, antes de fazer um recenseamento da “classificação geral das pulsões sexuais”, que basicamente segue o estipulado nos *Três ensaios* e na *Introdução ao narcisismo*, Freud ratifica que a principal fonte para o conhecimento das pulsões segue sendo a “investigação psicanalítica dos distúrbios anímicos”, posto que “o estudo da vida pulsional a partir da consciência apresenta dificuldades praticamente insuperáveis”<sup>227</sup>. O trecho seguinte do ensaio que merece ser examinado diz respeito aos *destinos pulsionais*, particularmente aqueles das pulsões sexuais. Antes de prosseguirmos com esse tema, porém, façamos um desvio para abordar uma questão premente: qual a relação da pulsão com o registro da representação e o que disso podemos extrair acerca de sua relação com a dimensão intensiva e produtiva?

Indicamos acima que a psicanálise enquanto metapsicologia se constitui como um discurso teórico à medida que recusa e contorna certos pressupostos psicológicos e neurobiológicos de sua época, apresentando uma leitura própria do psiquismo. Pretende-se ciência, mas sem eximir-se de abordar aspectos mais complexos da vida psíquica, especialmente sem reduzir metodologicamente seu objeto aos fenômenos comportamentais lidos por um observador externo, como é o caso de outras vertentes desse momento embrionário da psicologia moderna. É certo que as facetas dessa demarcação de campo da psicanálise poderiam ser examinadas com mais profundidade e abrangência, como pela herança da tradição clínica e médica. Mas não é isso que nos interessa frontalmente aqui. Cabe ao menos frisar o aspecto de que, dentre os fatores que concorreram para a autonomização da psicanálise, destaca-se: a experiência do inconsciente e das manifestações ampliadas da sexualidade, provenientes da clínica e sistematizadas teoricamente, as quais modificam significativamente a imagem do sujeito humano; a concepção de um aparelho psíquico cujos processos, funções mentais e funcionamento de modo geral são compreendidos de um novo modo, a partir tanto das diferenciações de sistemas e espaços, quanto pelo atravessamento de forças e investimentos energéticos. Nessa segunda vertente, a clássica divisão entre o registros somático e anímico, cujos campos científicos correlatos seriam, grosso modo, a Biologia e a Psicologia, é também retomada a partir de sua intercessão: é a própria imbricação desses registros que perpassa, especialmente, o discurso da pulsão. Ao pensar uma dimensão limite e fronteira entre esses

---

<sup>227</sup> *PsD*, p. 33.

regimes de funcionamento, trazendo contribuições de seus discursos teóricos respectivos, a psicanálise envolve essa dimensão possivelmente mais básica, que estaria na própria gênese e na base do funcionamento do psiquismo: a dimensão intensiva que designa o campo constitutivo da pulsão. As pulsões estão implicadas no corporal a partir de sua origem em uma fonte somática, também decisiva para a delimitação da meta, mas se expressam no psiquismo devido à pressão que as caracterizam essencialmente. O fundamental, portanto, é entender a natureza dessa relação, não deixando de considerar seu grau de indeterminação conceitual, e ainda precisar os termos segundo os quais a expressão anímica se efetua.

Podemos partir da tríplice dimensão que o discurso metapsicológico distingue para abordar metodologicamente quaisquer processos. “O aparelho psíquico delineado por Freud seria constituído por três dimensões: tópica (espaço), dinâmica (conflito de forças) e econômica (intensidade)”, como resume Birman.<sup>228</sup> A diferenciação desses três aspectos reflete não apenas “o descentramento do sujeito dos registros da consciência e do eu”, pela demarcação e valorização do registro psíquico do inconsciente, como dá estofamento para as forças e os investimentos que permeiam esse tal aparelho e, ainda, permite analisar os fenômenos que o acometem, cujas marcas da *divisão* e do *conflito* são “agenciadas” por processos como a *defesa* e o *recalcamento*.<sup>229</sup> As pulsões parecem ser os elementos primários da dimensão econômica, envolvendo os processos de investimentos energéticos e impondo ao aparelho psíquico a tarefa de domínio das excitações. Ou seja, se pela ligação com o somático “o *psiquismo seria necessariamente encorpado*”, “essa encorpação não se deveria à condição de epifenômeno do psíquico em relação ao somático, mas evidenciaria que as intensidades pulsionais funcionariam como um imperativo para fazer o psiquismo *efetivamente trabalhar*”.<sup>230</sup> A pulsão “não seria originária da ordem da representação, mas da ordem da intensidade [...] a pulsão, *como intensidade*, estaria situada *além do registro da representação*”, “seria pura excitabilidade”, e o trabalho do aparelho psíquico deveria consistir, justamente, na realização da “inscrição [das intensidades] no registro dos representantes”<sup>231</sup>, que a partir daí poderiam ser também destinados de diversas maneiras, como veremos mais adiante.

A pulsão, além de um *conceito limite*, é ela própria fronteira: fala de algo que está na intercessão, na fronteira, na passagem de uma ordem a outra, exprimindo-se tanto *como intensidade*

---

<sup>228</sup> BIRMAN, *op. cit.*, posição 746.

<sup>229</sup> *Ibidem*, posição 746.

<sup>230</sup> *Ibidem*, posição 1345.

<sup>231</sup> *Ibidem*, posições 1361 e 1345, grifo nosso.

(força e quantidade), quanto *como representação*. Quando Freud enuncia que a pulsão aparece “como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo”, o termo que aparece em alemão é “*psychischer Repräsentant*”, cuja semântica difere significativamente do termo alemão que geralmente denota representação em seu sentido ideativo: a “*Vorstellung*”. Garcia-Roza<sup>232</sup> explora bem os diferentes termos pelos quais a pulsão é designada, não apenas no ensaio das pulsões mas também em outras obras, tal como os ensaios metapsicológicos *O recalque* e *O inconsciente*. Sua conclusão é a de que “a confusão maior decorre da não distinção entre a pulsão enquanto representante de fontes somáticas e os representantes psíquicos da pulsão”, ou seja, “a pulsão enquanto representando algo físico” (as excitações somáticas, que provêm da fonte) e a pulsão enquanto é “representada pelos seus representantes psíquicos: a ideia (*Vorstellung* [...] ou *Vorstellungrepräsentanz*) e o afeto (*Affekt*)”.<sup>233</sup> Para demonstrar a ideia de que “temos de distinguir a pulsão daquilo que a representa”, Garcia-Roza contrapõe o trecho de *As pulsões e seus destinos*, que a identifica ao representante psíquico (bem como passagens similares, presentes na análise do Caso Schreber (1911) e em trecho de 1915 dos *Três ensaios*), a algo que é afirmado no artigo metapsicológico *O inconsciente*: “uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia [*Vorstellung*] que a representa. Mas também no inconsciente ela não pode ser representada senão pela ideia”.<sup>234</sup> É importante considerar que “a *Vorstellung* designa uma realidade psíquica por oposição a algo que não é psíquico”<sup>235</sup>, posto que:

o termo *Vorstellung* é um termo consagrado no vocabulário filosófico alemão para designar: 1) aquilo que está presente no espírito (por oposição a “coisa”); 2) a percepção de um objeto; 3) a reprodução da percepção, isto é, a recordação; 4) o conteúdo de um ato de pensamento.<sup>236</sup>

Em linhas gerais, a análise do Garcia-Roza mostra que é fundamental distinguir três coisas: a pulsão; a pulsão enquanto representante de algo físico; o representante psíquico da pulsão.<sup>237</sup> Parece convincente, dessa maneira, que o conceito de pulsão não pode ser subsumido exclusiva e originariamente a algo de ordem puramente psíquica. A centralidade da temática psicológica e dos processos no plano anímico poderia ser vista em razão do material da investigação psicanalítica que fomenta tal concepção da teoria pulsional: justamente seu interesse por explorar e explicar o

<sup>232</sup> GARCIA-ROZA, *op. cit.*, 114-118.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>234</sup> *ICS*, p. 114-115, adaptado.

<sup>235</sup> GARCIA-ROZA, *op. cit.*, p. 116.

<sup>236</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 116. Para um quadro mais amplo dos diversos termos que envolvem pulsão e representação, cf. p. 117.

funcionamento do aparelho psíquico com seus inúmeros processos nas enfermidades neuróticas e psicóticas, não deixando de trazer, a partir da biologia, uma série de constructos teóricos, pressupostos, temas e inspirações, como é o caso da vertente da sexualidade. Para então dimensionarmos o nível de comprometimento do conceito de pulsão com uma perspectiva teórica vinculada a uma filosofia da representação, será importante termos essas distinções mais precisas em vista. O atravessamento de um dualismo psico-físico na concepção de inconsciente, bem como a sobrevalorização do campo da fantasia, não impedem uma perspectiva diferenciada, como essa trazida a partir do conceito de pulsão e a ênfase no aspecto fronteiro, ou seja, na relação mesma entre os registros do somático e do psíquico e entre os próprios discursos que os têm como objeto. Além disso, se tomarmos a distinção acima enunciada, podemos pensar a *produtividade* pulsional numa dupla perspectiva: i. do caráter essencialmente ativo, de força pressionadora e impelente, além de limítrofe e fronteiro, da pulsão que, por conta da exigência de trabalho que traz, acaba sendo o elemento movente dos processos e aparelhos subjetivos; ii. do papel na ligação entre os registros do corpo e da mente, impondo a tarefa de *domínio e inscrição* dos estímulos internos. Já no âmbito das representações, as pulsões preenchem o aparelho e dão estofamento aos seus processos, mas enquanto elementos constituintes, as ideias e os afetos, a dupla modalidade de representação psíquica das intensidades. Ademais, Garcia-Roza esclarece que os processos de defesa se dão, propriamente, sobre os representantes psíquicos da pulsão, posto que “a rigor, uma pulsão não pode ser nem destruída nem inibida; uma vez tendo surgido, ela tende de forma coercitiva para a satisfação”.<sup>238</sup> Como os representantes psíquicos respeitam a disjunção entre os representantes ideativos e os afetivos, os variados mecanismos de transformação e destinação das pulsões também não seriam os mesmos num aspecto ou no outro:

a pulsão tem dois representantes psíquicos: o *representante ideativo* (*Vorstellungrepräsentanz*) e o *afeto* (*Affekt*), cada um deles obedecendo a mecanismos diferentes de transformação. Os destinos do *representante ideativo* são: 1. Reversão ao seu oposto 2. Retorno em direção ao próprio eu 3. Recalcamento 4. Sublimação. Como o afeto não está ligado necessariamente ao representante ideativo, seus destinos são diferentes. Numa carta a Fliess, datada de 21 de maio de 1894, Freud escreve o seguinte sobre as transformações do afeto: “Conheço três mecanismos: 1) transformação do afeto (histeria de conversão); 2) deslocamento do afeto (obsessões); 3) troca de afeto (neurose de angústia e melancolia)”. O que podemos verificar a partir dessas definições é que o artigo *As pulsões e seus destinos* trata não dos destinos da pulsão, mas dos destinos do representante ideativo da pulsão. [...] É evidente que essas

---

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 126.

vicissitudes da representação atingem o afeto, mas este, ao ser atingido, sofrerá destinos diferentes.<sup>239</sup>

Para complementar essa discussão, seria oportuno examinar mais detidamente os referidos ensaios acerca do recalque e do inconsciente, o que será feito mais adiante (cf. capítulo III.1.2).

### **I.2.3.7. Do conceito de pulsão a seus destinos: a economia pulsional em funcionamento**

O ensaio *As pulsões e seus destinos* (1915), embora parta da definição das pulsões em geral e aborde os dois grupos pulsionais estabelecidos até o momento como fundamentais, quando chega à temática dos *destinos* ou *vicissitudes* que acometem as pulsões, fala mais propriamente das *pulsões sexuais*, a investigação restringe-se a esses, declara Freud.<sup>240</sup> Ao examinarmos os meandros de tais destinos, é importante se ter em vista que a meta da pulsão é, essencialmente, a satisfação, porém, “esta não se dá de forma direta e imediata, mas que, por exigência da censura, ela implica sempre uma modificação da pulsão”, motivo pelo qual “os destinos da pulsão são também apresentados por Freud como modalidades de defesa”.<sup>241</sup> Nas palavras de Freud: “levando-se em consideração as forças moventes que operam contrapondo-se à sequência de seu fluxo direto, pode-se também descrever os destinos pulsionais como espécies de *defesa* contra as pulsões”.<sup>242</sup> Quais são os destinos explorados no ensaio das pulsões? Freud enumera aqueles quatro destinos dos representantes ideativos, presentes na citação acima, mas o terceiro e o quarto são deixados de lado – para outras ocasiões, como o ensaio seguinte sobre o recalque – e o foco recai sobre os dois primeiros. A “reversão em seu contrário” (ou oposto) é desdobrada entre a “passagem da atividade para a passividade” e a “inversão de conteúdo”, “processos essencialmente diversos”, sendo que o primeiro envolve mais o aspecto da meta. O outro destino abordado é aquele que denota uma troca de objeto, com invariância da meta: o “retorno em direção à própria pessoa”.<sup>243</sup> Para examiná-los, são explorados alguns casos, que veremos na sequência.

Numa visão de conjunto, enquanto na primeira parte do ensaio explora-se o conceito de pulsão nele mesmo, de uma forma mais “pura”, na segunda parte já vemos um dinamismo nos movimentos pulsionais, o que implica a presença de um aparelho psíquico já operante e a

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 126-127.

<sup>240</sup> *PsD*, p. 35.

<sup>241</sup> GARCIA-ROZA, *op. cit.*, p. 126.

<sup>242</sup> *PsD*, p. 35.

<sup>243</sup> *PsD*, p. 35. A expressão “*gegen die eigene Person*”, vale notar, não se refere exatamente ao “Eu” (*Ich*), e o *gegen*, além de “em direção a” também pode ter a acepção de “contra algo”.

participação de algo da ordem de um *sujeito*, mais precisamente, um Eu, dado o aspecto defensivo. Diante da pulsão, que quer se satisfazer a despeito de qualquer coisa, essa estrutura subjetiva mais ou menos rudimentar tem de buscar formas de lidar com a exigência de trabalho e a necessidade de domínio dos estímulos pulsionais.

Nessa perspectiva, os destinos ou transformações da pulsão podem ser vistos como os mecanismos de que dispõe tal aparelho para efetuar seu trabalho. Não à toa, o que Freud extrai dessa investigação é uma série de coordenadas constitutivas de tal aparelho: as *três polaridades* que “regem” a vida anímica, sendo elas (i) Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo); (ii) Prazer – Desprazer; (iii) Ativo – Passivo.<sup>244</sup> Essas polaridades fornecem os eixos que tornam legíveis os movimentos pulsionais, mas que são extraídos de suas manifestações. Participarão dessa análise algumas das pulsões parciais que Freud já abordara desde os *Três ensaios*, como o sadismo-masoquismo e o voyeurismo-exibicionismo, mas os resultados agora fornecem alguns dos parâmetros para o mecanismo de funcionamento da *economia pulsional*. O circuito pulsional é uma montagem dos quatro componentes ou aspectos constitutivos, mas sua operação é marcada pelos diversos destinos, cuja compreensão se realiza por meio de uma série de combinatórias construídas a partir e ao longo dos eixos supracitados.

Os processos destrinchados a partir do sadismo-masoquismo, por exemplo, apresentam mudanças nos componentes da meta e dos objetos pulsionais. A ênfase nesses dois pares se deve ao fato de que eles seriam as pulsões sexuais “que melhor conhecemos entre as que aparecem de maneira ambivalente”. É interessante notar que o fator da ambivalência é determinante para se explorar a relação entre atividade e passividade, além das direções reversíveis entre o sujeito-objeto ou eu-mundo externo. Nota-se um contraste com as demais pulsões parciais, cuja configuração autoerótica e vínculo com um órgão-fonte são mais determinantes e constantes. O fato de que “seu objeto desaparece em face do órgão que é sua fonte e, via de regra, coincide com ele”<sup>245</sup>, ou seja, a desimplicação de um objeto externo e alheio acaba refletindo nesse direcionamento. Se quisermos retomar os termos dos *Três ensaios*, os processos defensivos estão menos calcados em transformações e redirecionamentos das pulsões e mais na construção de barreiras psíquicas por via das *formações reativas* – o que também é válido para os opostos acima, a exemplo da compaixão e da vergonha. Esse direcionamento poderia também envolver a separação dos destinos

---

<sup>244</sup> *PsD*, p. 51.

<sup>245</sup> *PsD*, p. 47.

pulsionais analisados, ficando o *recalque* e a *sublimação* de fora. No artigo dedicado ao recalque encontramos um desenvolvimento maior dessas formações reativas, além de outros tipos de formações, posto que estão intimamente relacionadas ao próprio recalque. O terceiro caso, que exemplificará as inversões de conteúdo, mas de maneira mais ampla as três polaridades apresentadas, é o das transformações do par amar-odiar, uma outra espécie de ambivalência, digamos.

Vejam os casos a seguir como os casos são trabalhados para explicar os mecanismos de transformação pulsional. Freud explica que a *reversão* da meta da pulsão aparece, por exemplo, quando as metas ativas (atormentar, contemplar) são substituídas pelas passivas (ser atormentado, ser contemplado); enquanto que a *inversão de conteúdo* apareceria apenas no caso de transformação do amar em um odiar; e, por sua vez, o *retorno em direção à própria pessoa*, no entendimento de que “o masoquismo é um sadismo que se voltou contra o próprio Eu”, ou que “o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo”, casos em que há uma *fruição* do direcionamento pulsional contra si. A reversão e o retorno aparecem dessa forma como processos distintos mas que confluem: “convergem ou coincidem o retorno em direção à própria pessoa com a passagem da atividade para a passividade”.<sup>246</sup> Mas, para aprofundar esses processos, Freud procede com um exame dos passos ou fases que cada um envolve. Tomaremos como exemplo a descrição relativa ao par sadismo e masoquismo, que nessa época é apresentado a partir de um sadismo originário, ao passo que posteriormente, como é sabido, a hipótese será revertida na ideia de um masoquismo originário, já a partir da revisão da teoria pulsional<sup>247</sup> – de toda forma, a lógica de transformação se mantém de alguma maneira. Segundo Freud:

pode-se descrever o processo da seguinte maneira:

- a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto.
- b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva.
- c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de sujeito. O caso *c* é o que comumente se chama de masoquismo.<sup>248</sup>

A essa altura, Freud indica que a satisfação masoquista viria também pelo sadismo original, numa espécie de identificação do Eu com o sujeito que passa a ocupar seu lugar, duvidando

<sup>246</sup> *PsD*, p. 35-37.

<sup>247</sup> Cf. *O problema econômico do masoquismo*, 1924

<sup>248</sup> *PsD*, p. 37.

portanto de uma “satisfação mais direta no masoquismo”. Quando a tese de um masoquismo primário erógeno for levantada, e todo o problema econômico for recolocado, esse postulado será revisto. De toda forma, vale destacar alguns pontos a que se chega nessa descrição (que se soma à da pulsão de olhar e ser visto). Freud é refratário a admitir que se obtenha satisfação direta pela própria causação da dor, posto que o sadismo primário infantil é marcado mais pela indiferença quanto à dor alheia do que pela busca intencional por provocá-la. Como então acomodar essa meta específica ligada à dor, cujo papel se mostra tão determinante no caso do masoquismo, e em meio às metas mais gerais do impulso sádico, voltadas à humilhação e dominação? Se a indiferença seria primária, Freud é levado a compreender que a busca por causar a dor em outrem seja, por isso, secundária. Mais precisamente: “a meta sádica de infligir dores” surgiria retroativamente, conforme “a sensação de dor chega a tornar-se uma meta masoquista”, de modo que “ao provocá-las em outrem, frui[-se] masoquistamente pela identificação com o objeto que as sofre”. Além disso, considera-se que “em ambos os casos não se frui a dor em si, mas sim a excitação sexual que a acompanha”, e que “a fruição da dor seria, portanto, uma meta originariamente masoquista”, mas que “só pode tornar-se uma meta pulsional em alguém originariamente sádico. No masoquismo, não apenas tolera-se a dor e o desprazer, como eles servem à excitação e a um prazer indireto.<sup>249</sup> Há uma imbricação fundamental entre o sadismo e o masoquismo, que, por sinal, será posta em questão por Deleuze em *Apresentação de Sacher Masoch* (1967). Com Guattari, por exemplo, no sexto dos *Mil platôs* (1980), postula-se ainda que a experiência de fruição da dor não está necessariamente submetida ao prazer.

Ainda sobre o esquema acima, vale destacar que o passo *b* provém, especialmente, da consideração do dado clínico do “comportamento da pulsão sádica na neurose obsessiva”, em que o retorno contra si se dá sem uma passividade perante outrem: “a ânsia em atormentar torna-se autotormento, autopunição, mas não masoquismo”. Nos termos eminentemente gramaticais de que se vale Freud, essa dinâmica se expressa na seguinte fórmula: “o verbo ativo não passa para a voz passiva, mas para a voz média reflexiva”.<sup>250</sup> O caso da pulsão de olhar leva a uma complicação do esquema, que depois é retroagido, é retracado *por construção* no par sadismo-masoquismo: antes das transformações que vão da meta ativa para a passiva, postula-se um momento anterior e preliminar autoerótico – o olhar, antes de dirigir-se a um objeto alheio toma o próprio corpo como

---

<sup>249</sup> *PsD*, p. 39-41.

<sup>250</sup> *PsD*, p. 39.

objeto. Essa compreensão deriva da demarcação do narcisismo, em que a satisfação autoerótica das pulsões sexuais convive com uma “fase inicial de desenvolvimento do Eu”<sup>251</sup>, de modo que as etapas das pulsões preliminares à meta ativa indicariam algo que Freud designa como “formação narcísica”. O quadro mais amplo fica assim:

nos aproximamos de uma compreensão mais geral, a saber, a de que os destinos da pulsão, o retorno em direção ao próprio Eu e a reversão da atividade em passividade, dependem da organização narcísica do Eu e trazem consigo a marca distintiva dessa fase. Correspondem talvez às tentativas de defesa que em fases mais elevadas do desenvolvimento do Eu são conduzidas por outros meios.<sup>252</sup>

Além disso, um elemento fundamental consiste na ideia de que as emergências pulsionais, mesmo transformando-se, sempre apresentam um certo *resto*, sempre persistem de alguma forma. Devido a esse aspecto, Freud se vale de uma analogia à erupção vulcânica, como se as sucessivas ondas de lava exprimissem as fases pelas quais a pulsão passa. As novas ondas, ainda que sejam diferentes, se assentam junto às anteriores, de modo que as primeiras permanecem já solidificadas, cada “caráter” transformado se somando ao anterior. Eis o que seria, mais precisamente, a ideia de um *desenvolvimento pulsional*: não uma superação progressiva de fases que vão suplantando umas às outras, mas a sucessão de erupções que persistem de algum modo nas ondas seguintes e nas camadas que se solidificam. A concepção que subjaz nessa analogia é a de uma coexistência e alternância do predomínio entre os opostos ao longo da vida, o que configura justamente a ideia de “ambivalência”. Freud detalha assim:

Para ambos os exemplos de pulsões aqui observados vale a consideração de que sua transformação por uma reversão da atividade em passividade e por um retorno em direção à própria pessoa nunca empenha, de fato, todo o montante de moção pulsional. A direção ativa anterior da pulsão continua existindo, em certa medida, ao lado de sua nova direção passiva, mesmo nos casos em que o processo de sua transformação tenha sido muito intenso. [...] quanto à pulsão de olhar [...] todas as fases de seu desenvolvimento, tanto sua fase preliminar autoerótica quanto sua configuração ativa e passiva final, *coexistem* lado a lado.<sup>253</sup>

### **I.2.3.8. O exame da ambivalência entre amor e ódio e as três polaridades do aparelho psíquico**

O “exemplo mais significativo de uma ambivalência de sentimentos”, afirma Freud, é aquele que aparece com alguma frequência no duplo sentimento, de amor e de ódio, em relação a

---

<sup>251</sup> *PsD*, p. 45.

<sup>252</sup> *PsD*, p. 46. Um prenúncio da segunda tópica.

<sup>253</sup> *PsD*, p. 43, grifo nosso.

um mesmo objeto e que resguarda o potencial de uma série de transformações em seu oposto, mas agora na *inversão do conteúdo*, ou seja, “na *conversão do amor em ódio*”. É interessante que Freud fale de uma “transformação de uma pulsão em seu oposto (material)”, ou seja, o amor e ódio são tratados como *opostos materiais*. Há uma questão inicial que se refere à própria circunscrição desses termos que compõem o novo caso a ser explorado: como o amor e o ódio são enquadrados nessa apresentação das pulsões? Freud salienta que é um caso interessante justamente por “não se ajustarem ao nosso enquadramento”, apesar de ser patente a “íntima relação entre esses sentimentos opostos e a vida sexual”. Seria também o amor uma espécie específica de pulsão parcial? A resposta é não: “preferíamos considerar o amar como sendo a expressão de toda aspiração sexual, mas com isso não avançamos muito, nem chegamos a saber como se deve compreender o contrário material dessa aspiração”.<sup>254</sup> Esse avanço é realizado ao cruzar as *três formas de oposição* que o amar admite com aquelas *três polaridades da vida anímica*. O que se desenha é uma série de processos complexos que explicita as transformações pulsionais que se dão, digamos, no próprio processo de individuação, de gênese ou, ainda, de estruturação psíquica inicial. Buscaremos retomar alguns dos enunciados importantes que aparecem nesse trecho.

Em linhas gerais, as “três formas” da oposição do amar consistem no seguinte: i. amar-odiar; ii. amar-ser amado; iii. e a oposição entre amar-odiar e a indiferença ou o desinteresse. A segunda forma, Freud comenta, seria correspondente da reversão da meta mais a troca entre sujeito e objeto, além de, tal como no caso da pulsão de olhar, abarcar uma situação narcísica preliminar: “*amar a si mesmo*”. As três polaridades, por sua vez, são apresentadas inicialmente da seguinte forma: 1. A oposição entre o Eu e o Não-Eu, o Eu e o mundo externo, ou ainda, entre Sujeito e Objeto “impõe-se ao indivíduo desde muito cedo”, conforme a distinta capacidade de lidar com aqueles dois tipos de estímulos, os externos e os pulsionais, estando diante desses últimos, os internos, indefeso; 2. a polaridade entre prazer e desprazer (*Lust* e *Unlust*) se apresentaria como uma “escala de sensações” ligada intimamente aos processos volitivos e na regulação da escolha das formas de agir; 3. a oposição ativo-passivo, por fim, poderia ser resumida também na relação entre o Eu e o mundo - “o sujeito-Eu seria passivo perante os estímulos exteriores, e ativo por meio de suas próprias pulsões”, além de posteriormente ser fundida ao par “masculino-feminino”<sup>255</sup>,

---

<sup>254</sup> *PsD*, p. 49.

<sup>255</sup> *PsD*, p. 49-51.

como vimos no momento dos *Três ensaios*. Ao final do texto, Freud identifica cada uma dessas polaridades às seguintes designações, na ordem: (1) “real”, (2) “econômica” e (3) “biológica”.<sup>256</sup>

Na situação do narcisismo primário, em que “o Eu se encontra originalmente, bem no início da vida anímica, pulsionalmente ocupado [investido]”, e a satisfação pulsional pode ser obtida majoritariamente por via autoerótica, haveria uma coincidência das polaridades: “o sujeito-Eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo [...] com o que é indiferente (eventualmente, como fonte estimuladora, com o desprazeroso)”. Por conta disso, e partindo de uma definição inicial do “amar como a relação do Eu com suas fontes de prazer”, teríamos nesse cenário a situação da primeira das oposições do amar, aquela “na qual o Eu ama apenas a si próprio, e é indiferente ao mundo”. Ainda que prescindida do mundo exterior, pela possibilidade do autoerotismo, Freud considera que o Eu não deixa de receber dele objetos, “devido às vivências das pulsões de autopreservação”, além de “sentir os estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos”. Diante disso e segundo o princípio de prazer, ocorre no Eu um “novo desenvolvimento”: “ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os [...] e, por outro lado, expele o que dentro dele se torna causa de desprazer”. Nesse processo, há uma transformação “do inicial Eu-real” para um “*Eu-prazer* purificado, que coloca a marca distintiva do prazer acima de todas as outras”. A parte prazerosa do mundo externo é incorporada e a “um resto que lhe é estranho” se soma uma parte do Eu que, extraída de si, “projeta no mundo externo e sente como hostil”. A resultante desse rearranjo é o restabelecimento da coincidência do Sujeito-Eu com o prazer, por um lado, e do Mundo exterior com o desprazer (antes com a indiferença), por outro.<sup>257</sup>

Conforme se interpõe uma fase objetal em meio, ou melhor, no lugar do narcisismo, “o prazer e o desprazer significam relações do Eu com o objeto”, delineando-se a segunda das oposições do amar, o par amor-ódio, ao transformar o amor-indiferença que outrora se acoplava com o Eu-mundo exterior. Na relação com o objeto, configura-se uma dupla tendência de atração e repulsa, uma busca por incorporar ao Eu ou por afastar o objeto, pelo que se estabelece a relação de amar e de odiar, respectivamente, sendo que a vertente do ódio e da repulsa pode, ao se intensificar, “tornar-se uma propensão à agressão, uma intenção de aniquilá-lo”.<sup>258</sup> Aqui vale sublinhar a ressalva de Freud:

---

<sup>256</sup> *PsD*, p. 63.

<sup>257</sup> *PsD*, p. 53-55.

<sup>258</sup> *PsD*, p. 55-57.

Poderíamos, se necessário, falar que uma pulsão “ama” o objeto pelo qual ela anseia visando sua satisfação, mas dizer que uma pulsão “odeia” um objeto nos parece estranho, e nos damos conta de que as designações de amor e de ódio não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, mas estão reservadas à relação do Eu-total com os objetos.<sup>259</sup>

Além disso, pondera-se que, no caso dos “objetos que servem à conservação do Eu”, a linguagem comum tende a dizer que deles “necessita”, “gosta” ou que os acha “agradáveis” – não que os ama. Por conta disso, o uso da palavra “amar” tenderá cada vez mais a circunscrever-se na “esfera da pura relação de prazer do Eu com o objeto” e, ainda, a fixar-se “nos objetos sexuais no sentido mais restrito e naqueles que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais sublimadas”. Em suma, o “amar” aparece mais na relação entre o Eu e o objeto sexual, ou, no caso da pulsão sexual com seus objetos, tende a ganhar expressão conforme se dá a “síntese” das pulsões parciais na manifestação mais definitiva da sexualidade.<sup>260</sup> Algumas facetas desse processo de individuação e formação do Eu poderão ser complementadas com a análise a ser realizada no capítulo III.2.1, acerca do narcisismo. Por ora, valeria observar o quanto o desenvolvimento exposto permite entrever certos pontos que a teoria deleuzo-guattariana tratará de forma bem distinta, ao requalificar o estatuto ou mesmo rechaçar a importância desses eixos fundamentais (como sujeito-objeto), e ao substanciar suas críticas mais decisivas, como as dos paralogismos psicanalíticos. Curiosamente, vemos Freud frisar uma diferença entre as relações pulsões-objetos e a relação Eu-total-objetos, o que, embora não idêntica, talvez seja possível relacionar à disjunção entre os registros da produção e da representação pulsionais-desejantes. Ademais, a própria teoria kleiniana dos objetos parciais, que será valorizada na retomada de *O anti-Édipo*, envolve centralmente tal plano de discussões.

Retomando, quando Freud se volta para os usos da palavra “ódio”, por outro lado, ele observa que não há, nesse caso, uma demarcação tão clara entre o uso na relação com os objetos das pulsões sexuais e com os das pulsões de conservação, de modo que seria possível “afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não advêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela conservação e sua afirmação”. Desse modo, haveria relações complexas entre o amor e o ódio: embora “se apresentam como opostos completos em seu material [...], possuem origens diversas [...] [e passam por] desenvolvimentos diferentes antes de, sob a influência da relação prazer-desprazer, terem tomado a forma de opostos”.<sup>261</sup> Se a polaridade entre amar e ser amado será

---

<sup>259</sup> *PsD*, p. 57.

<sup>260</sup> *PsD*, p. 57-59.

<sup>261</sup> *PsD*, p. 59.

plenamente correspondente ao eixo ativo-passivo e às operações apreciadas nos casos do sadismo-masochismo e da pulsão de olhar<sup>262</sup>, o conhecimento da oposição entre amor e ódio e sua gênese, dada a sua complexidade, é abordado de forma resumida a partir de diferentes caminhos.

No movimento mais geral do desenvolvimento pulsional, o amor se apresentaria inicialmente em sua configuração narcísica, ligado à capacidade de satisfação autoerótica, a partir das obtenções de prazeres de órgão. Na passagem às relações objetais, o amor se volta aos “objetos que foram incorporados ao Eu ampliado”, os quais, tidos como fontes de prazer, serão alvos dos “esforços motores do Eu em [suas direções]”. Posteriormente, com a eventual síntese das pulsões sexuais parciais, o amor “se conecta intimamente” com sua atividade e “coincide [...] com a totalidade da aspiração sexual”. No entanto, ao longo desse desenvolvimento mais abrangente, o amar também se apresentaria em “fases preliminares”, de forma marcadamente ambivalente e quase indistinta do odiar. Freud se refere a duas dessas fases: na primeira delas, o amar apareceria como um “*incorporar* ou *devorar*”, ou seja, “uma forma de amor compatível com a suspensão da existência em separado do objeto”, por isso “ambivalente”; na segunda, apareceria, em meio à organização pré-genital sádico-anal, como “o anseio pelo objeto na forma do ímpeto pela dominação, ao qual é indiferente o dano ou a aniquilação do objeto”. A oposição entre amor e ódio, por sua vez, apareceria “somente quando estabelecida a organização genital”, o que é acentuado pela ambivalência na relação com objeto, ou seja, pela sobreposição e pela mescla dos sentimentos de amor e ódio. Tendo isso em vista, resta abordar as origens do próprio ódio, que não provém única e exclusivamente das formas preliminares de amar, mas tem um outro surgimento, mais ligado às pulsões de conservação do Eu, cujo conflito com as pulsões sexuais “reproduz”, de certa forma, “aquela [oposição] entre o odiar e o amar”. O ódio “como relação com um objeto”, afirma Freud, “é mais antigo que o amor”: “ele brota do repúdio primordial do Eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos” e se liga intimamente às pulsões de conservação do Eu “como exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos”. Além disso, contribui com a meta pulsional na fase sádico-anal, “quando as pulsões do Eu dominam a função sexual”, emprestando-lhe “as características do ódio”. Por fim, Freud comenta uma aparente transformação do amor em ódio que se dá na interrupção de relações de amor com determinados objetos: esse “não raro” surgimento do ódio no lugar do amor seria, na realidade, uma aquisição de caráter erótico no odiar, mediante a “regressão do amor à fase preliminar sádica”, que exprime não um

---

<sup>262</sup> *PsD*, p. 63.

desfazimento da relação até uma total indiferença, mas, antes, “garante a continuidade de uma relação amorosa”.<sup>263</sup>

Concluimos, assim, o comentário ao texto *As pulsões e seus destinos* (1915), o que por certo – como indicamos – não esgotou o tema dos destinos pulsionais, mas permitiu um exame de temas fundamentais da teoria pulsional, dada a sistematicidade e fineza de sua apresentação conceitual. São de se manter à vista as definições precisas do conceito de pulsão, os problemas relativos a seu estatuto, bem como as consequências que Freud extrai do exame de seus destinos, que dão um contorno maior para os mecanismos envolvidos na vida pulsional e, portanto, nas implicações teórico-clínicas das pulsões – a exemplo de sua íntima relação com a constituição do aparelho psíquico, nos desenvolvimentos do Eu e da sexualidade, entre outros elementos. Vale sublinhar, nesse sentido, umas das passagens finais do artigo:

Podemos destacar, de modo resumido, que os destinos da pulsão consistem essencialmente no fato de que *as moções pulsionais estão submetidas às influências das três grandes polaridades que dominam a vida anímica*<sup>264</sup>

O exame conjunto do *Três ensaios* e do *Pulsões e seus destinos* objetivou um aprofundamento dos elementos que consideramos constitutivos do plano produtivo do inconsciente, destacado na apreciação de Deleuze e Guattari, bem a identificação de certos pontos em que tal plano é remetido ou submetido ao registro da representação, o que ainda precisamos investigar mais a fundo. Essa última passagem citada marca bem a problemática dos destinos pulsionais: ela diz respeito à inscrição das pulsões na vida anímica, com seus modos próprios de organização e influência, envolvendo não apenas o registro das quantidades e intensidades, como o das qualidades, das ideias, dos sentimentos e da estruturação subjetiva, concebida de uma determinada maneira. De imediato, daremos seguimento aos problemas associados à descoberta freudiana e ao movimento de criação de *O anti-Édipo*. Quando oportuno, retomaremos os desdobramentos freudianos da teoria pulsional, do destino do recalque ao novo dualismo, passando pelo narcisismo.

---

<sup>263</sup> *PsD*, p. 59-63.

<sup>264</sup> *PsD*, p. 63.

## PARTE II – O problema da produção desejante em *O anti-Édipo*

### II.1. Da descoberta à derrocada

O ponto de partida desta pesquisa foi a apreciação de Deleuze e Guattari do que seria a grande descoberta psicanalítica. Tivemos a oportunidade de explorar algumas facetas dela, recorrendo à obra freudiana, especialmente no recorte da teoria pulsional, tanto em sua proposição no contexto da teoria da sexualidade, quanto em sua sistematização nos textos metapsicológicos, demarcando diversos pontos de articulação com a obra dos pensadores franceses. Conquanto ainda seja possível investigar outros desdobramentos do pensamento freudiano em *O anti-Édipo*, o que propomos fazer mais adiante, é importante abordar ainda algumas questões prementes: o que acontece com a descoberta psicanalítica? O que Deleuze e Guattari apontam como problemas atrelados a ela ou à maneira como ela é encaminhada? Como seu potencial é perdido ou restringido? A *derrocada* da descoberta psicanalítica da produção desejante está intimamente atrelada a Édipo, que, nas palavras de Deleuze e Guattari, “é a reviravolta idealista”<sup>265</sup>, ou que exprime, como vimos, o aprofundamento da psicanálise numa visão “familista e ideológica”. A centralidade do *problema de Édipo* é uma obviedade que se constata pelo próprio título da obra em debate. No entanto, sendo Édipo um pivô do descaminho tomado pela descoberta freudiana, qual seria precisamente o campo problemático instituído por ele? Antes disso, no que consiste Édipo em Freud?

Sem perder de vista a relação com a referida descoberta, a derrocada é caracterizada por diversos aspectos, diversas questões. Inclusive, num dado trecho, Deleuze e Guattari mencionam dois correlatos da “descoberta do inconsciente produtivo”, que seriam: i. “a confrontação direta entre essa produção desejante e a produção social, entre as formações sintomatológicas e as formações coletivas, ao mesmo tempo sua identidade de natureza e sua diferença de regime”; ii. “a repressão que a máquina social exerce sobre as máquinas desejantes e a relação do recalçamento com essa repressão”.<sup>266</sup> Esses pontos expressam teses que serão defendidas pelos autores ao longo do livro, mas o fundamental aqui é o comentário que fazem na sequência:

Tudo isso é que será perdido ou que ficará, pelo menos, singularmente comprometido com a instauração do Édipo soberano. A associação livre, em vez de se abrir às conexões plurívocas, se fecha num impasse de univocidade. Todas as cadeias do inconsciente são bi-univocizadas, linearizadas, penduradas num significante despótico. Toda a produção desejante é esmagada, submetida às

---

<sup>265</sup> AE, p. 78 [65].

<sup>266</sup> AE, p. 77 [63]

exigências da representação, aos jogos sombrios do representante e do representado na representação. Aí está o essencial: a reprodução do desejo é substituída por uma simples representação, tanto no processo de cura quanto na teoria. O inconsciente produtivo é substituído por um inconsciente que sabe apenas exprimir-se – e exprimir-se no mito, na tragédia, no sonho. Mas quem nos diz que o sonho, a tragédia, o mito sejam adequados às formações do inconsciente, mesmo se levarmos em conta o trabalho de transformação? [...] É como se Freud tivesse recuado frente a este mundo de produção selvagem e de desejo explosivo, e quisesse introduzir aí, a qualquer custo, um pouco de ordem, a ordem clássica do velho teatro grego.<sup>267</sup>

Para compreender melhor as determinações edípicas, ao menos no que concerne a Freud, vejamos a seguir a noção de complexo de Édipo e algumas de suas implicações cruciais para a teoria psicanalítica.

### II.1.1. Considerações gerais acerca do Édipo psicanalítico

O complexo de Édipo, conceito central na teoria psicanalítica introduzido por Sigmund Freud, em sua apresentação mais simples, refere-se à representação inconsciente do desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto, acompanhado de hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Este complexo está intrinsecamente ligado às problemáticas da interdição do incesto e das diferenças sexual e geracional. Muitas vezes está atrelado a outro complexo, o de castração. Conforme Garcia-Roza (1985), Édipo é um determinante fundamental do próprio fato psicanalítico, à medida que constitui o elemento estruturante da subjetividade concebida pela psicanálise a partir da clivagem, da divisão em dois sistemas, um deles o Inconsciente.<sup>268</sup> O momento edípico marca, então, a própria constituição do inconsciente, seja na perspectiva freudiana da divisão subjetiva, seja na perspectiva lacaniana de passagem do imaginário ao simbólico.<sup>269</sup> Édipo pode ser visto tanto como conceito estrutural, quanto como acontecimento individual.<sup>270</sup> Nesse sentido, se distingue o entendimento do Édipo como *complexo* e como *lei*, este remetendo especialmente à leitura de Lacan.<sup>271</sup>

As diferentes concepções de Édipo são referidas por Deleuze e Guattari por meio de algumas designações, como Édipo de série, Édipo de grupo e Édipo de estrutura, dentre outras. Em todo caso, tomando por base a obra de Freud, vimos que, embora as menções a Édipo ocorram bem

<sup>267</sup> AE, p. 77 [63-64].

<sup>268</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 225.

<sup>269</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 218.

cedo, ainda no momento de constituição da psicanálise, sua enunciação como complexo ocorre apenas mais tardiamente, crescendo também as implicações dos processos envolvidos nele. Em termos gerais, o mito trágico denotaria, na sua concepção mais simples, a situação inicial do desejo e das fantasias infantis: a criança (o menino, nesse modelo inicial) estaria atravessada, primariamente, pelo desejo amoroso pela mãe e pela rivalidade e hostilidade com o pai, como aquele que impediria esse desejo, chegando a um ódio e desejo mortífero para com ele. Esse complexo, ao ser recalçado, estaria na base da neurose e seria prototípico das relações de amor e ódio posteriores, portanto determinante para as escolhas objetais do desejo, além de configurar um interdito primário ao objeto do desejo amoroso. A noção de “complexo” consiste, aí, em “um conjunto ou uma estrutura ideativa que vai sinalizar a conduta da criança como, por exemplo, nas suas futuras escolhas de objeto”.<sup>272</sup> Acerca de sua “descoberta”, Garcia-Roza indica o momento anterior à publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), em que Freud, passando pelo processo de autoanálise, expressa pelas primeiras vezes a relação da lenda de Édipo com a cena infantil. Primeiro, numa carta direcionada a Fliess de maio de 1897, aparece a indicação de impulsos hostis dirigidos aos pais como elemento das neuroses; pouco tempo depois, em outubro de 1897, Freud faz referência à lenda de Édipo-rei e já começa a considerar um evento universal do período inicial da infância, constituindo, então, um modelo da relação infantil com os pais. Portanto, suas primeiras menções são concomitantes ao movimento de elaboração das teorias da fantasia, do sonho e do inconsciente. De toda forma, apenas mais tarde, em 1910, Édipo é afirmado como *complexo* (primeiro como complexo nuclear da neurose, depois, propriamente, como complexo de Édipo), sendo desdobrado, como dissemos, em diversos textos até tardiamente na obra do Freud<sup>273</sup>, especialmente, como elencado por Deleuze e Guattari, em *O Eu e o Isso*, em 1923. Para uma descrição sumária do complexo de Édipo, podemos recorrer à seguinte definição:

Correlato do complexo de castração e da existência da diferença sexual e das gerações, o complexo de Édipo é uma noção tão central em psicanálise quanto a universalidade da interdição do incesto a que está ligado. Sua invenção deve-se a Sigmund Freud, que pensou, através do vocábulo *Ödipuskomplex*, num complexo ligado ao personagem de Édipo, criado por Sófocles. O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla

---

<sup>272</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 62.

das duas. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica.<sup>274</sup>

Com relação à questão do incesto, Édipo indica o modo a partir do qual Freud se insere na discussão antropológica de sua época, contradizendo-a num ponto fundamental: se a proibição do incesto era um fato que parecia configurar um tabu universal, a contribuição de Freud, especialmente em *Totem e tabu* (1913), é a de compreender essa proibição como originada “não no horror inspirado pelo incesto, mas [n]o desejo que ele suscitava”, inscrevendo, “através dessa inversão essencial”, “a proibição no cerne da cultura e da relação do sujeito com a lei”. Por conta disso, considera-se que “Freud deu início ao debate sobre a universalidade do complexo de Édipo”, com base numa perspectiva que “era evolucionista e se apoiava na lenda darwinista da horda selvagem”, que, posteriormente, será suplantada pela perspectiva estrutural, com Lévi-Strauss e, na psicanálise, com Lacan. Em todo caso, se a proibição do incesto passaria a implicar “uma necessidade estrutural inerente à passagem da natureza para a cultura”, o ponto de vista freudiano reforçava “a expressão necessária da culpa do homem por um desejo incestuoso recalcado”.<sup>275</sup> Nesse sentido, Lacan, ao analisar a família e o complexo de Édipo “não mais na perspectiva evolucionista da passagem do matriarcado para o patriarcado, ou da horda selvagem para a sociedade (à maneira de *Totem e tabu*)”, mas a partir do “quadro de um sistema estrutural”, conforme o princípio da “função simbólica” da metáfora paterna, ele posiciona Édipo no contexto de um sistema de parentesco: “o pai exerce uma função essencialmente simbólica”, “ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei”; “a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade”.<sup>276</sup> De toda forma, a problemática da identificação e a diferença desta em relação ao investimento objetal também aparecem em Freud. Nesse contexto, podemos indicar uma das linhas de ruptura de Deleuze e Guattari com a perspectiva psicanalítica, pois eles abandonam o pressuposto de uma cisão entre natureza e cultura.

<sup>274</sup> ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 166, definição geral do verbete "complexo de Édipo". Retirado o itálico que caracteriza o texto da definição do verbete.

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. 373, verbete “incesto”.

<sup>276</sup> *Ibidem*, p. 714, verbete “simbólico”; p. 542, verbete “Nome-do-pai”.

Conquanto a apresentação do complexo de Édipo em sua forma completa tenha sido feita propriamente em 1923, com *O Eu e o Id*, ao admitir a tanto a posição positiva quanto a negativa (ou invertida), as teses em torno do complexo vinham sendo desenvolvidas nos anos anteriores, como o vimos em relação à problemática do incesto. Nos termos da definição acima, podemos sublinhar os momentos de surgimento, de declínio e de resolução (ou dissolução) do complexo de Édipo: o surgimento estaria ligado à fase ou estágio de organização da sexualidade infantil denominada “fálica”, por volta dos 3 anos; as “sensações voluptuosas” sentidas nessa época, considerando o referencial do menino, assumiam ora a posição de um apaixonamento pela mãe e rivalidade pelo pai, “outrora admirado”, ora a posição inversa de ternura ao pai e hostilidade à mãe; haveria então um declínio da força deste complexo, que marcaria a entrada no período de latência, aí situado em torno dos 5 anos, mas cuja resolução efetiva se daria apenas posteriormente, no âmbito da puberdade, quando ocorreria uma mudança, uma destinação das correntes de investimento objetal.<sup>277</sup>

A correlação com a castração, por sua vez, se deve à importância de seu complexo homônimo, associado ao de Édipo, que envolve, ainda, o problema da diferenciação sexual e dos diferentes desdobramentos das séries edipianas na menina e no menino. O complexo de castração designa, em linhas gerais, “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos”, inserido no conjunto da teoria do desenvolvimento sexual apenas em 1923 com o artigo *A organização genital infantil*, também incorporado posteriormente ao *Três ensaios* – embora figure em textos anteriores, como o *Caso Hans*, de 1909. Ao fim e ao cabo, a questão da castração levaria Freud, em seus textos derradeiros da década de 1930, a “reconhecer a impossibilidade da renúncia completa aos primeiros desejos”, demarcando, portanto, um “‘rochedo originário’ encontrado em toda análise”. De toda forma, a castração implica a concepção do “estádio fálico, caracterizado pela ausência de representação psíquica do sexo feminino”, que condiciona a organização da “diferença sexual em torno da posse ou não do falo”, conforme a oposição entre ter o “órgão genital masculino” ou ser “castrado”. Ademais, duas representações psíquicas participam da composição deste complexo: “o reconhecimento, que implica a superação da renegação, inicialmente observada, da diferença anatômica entre os sexos”; e a “rememoração ou atualização da ameaça de castração, no caso do menino, [...] que é ouvida ou fantasiada, particularmente por ocasião das atividades

---

<sup>277</sup> *Ibidem*, p. 166-169, verbete “complexo de Édipo”.

masturbatórias”, mas que vem a se manifestar *a posteriori*. Enquanto, segundo Freud, “o pai (ou a autoridade paterna) é o agente direto ou indireto dessa ameaça”, na menina, temos que “a castração é atribuída à mãe, sob a forma de uma privação do pênis”. Por conta disso, no caso dos meninos, o complexo marcaria a “renúncia parcial à masturbação” e o “abandono dos desejo edipianos”, assinalando “a saída do Édipo e a constituição, através da identificação com o pai ou seu substituto, do núcleo do supereu” (uma das instâncias introduzidas na segunda tópica, em *O Eu e o Id*). Nas meninas, por sua vez, o complexo de castração marcaria não a saída, mas a própria possibilidade e a entrada no complexo de Édipo, levando ao afastamento “do objeto materno, a fim de se orientar para o desejo do pênis paterno”.<sup>278</sup>

A relação de Édipo com o supereu é importante de ser sublinhada, embora não nos pareça ser o caso de estender nossa análise à toda teorização da segunda tópica. Em todo caso, é o contexto em que se coloca a questão da “distinção entre o investimento do objeto e a identificação”, como estabelecido um pouco depois de *O Eu e o Id*, no artigo *A dissolução do complexo de Édipo* (1925).<sup>279</sup> Apesar de Freud mostrar-se não plenamente satisfeito com as definições da identificação, segundo o *Dicionário de Psicanálise*, temos a seguinte apresentação da referida distinção, que mostra mais uma das determinações de Édipo:

O complexo de Édipo oferece à criança duas possibilidades, ativa e passiva, de satisfação libidinal. A primeira consiste em pensar em se colocar no lugar do pai para manter relações sexuais com a mãe, e a segunda, em tomar o lugar desta. Quando se evidencia que essas duas formas de investimento do objeto não podem efetivar-se sem a realização da castração, a perda do pênis como castigo ou a constatação de sua ausência na posição feminina, os investimentos são substituídos (é a saída do Édipo) por uma identificação: ‘A autoridade paterna ou parental introjetada no eu forma ali o núcleo do supereu.’ As tendências libidinais são então inibidas quanto a seu objetivo, isto é, ‘dessexualizadas e sublimadas, o que provavelmente advém’, acrescenta Freud, ‘quando de qualquer transposição para uma identificação’.<sup>280</sup>

Por fim, além da centralidade de Édipo na teoria lacaniana, valeria destacar também os desdobramentos de Melanie Klein, que redirecionou o foco para as relações pré-edipianas, anteriores à entrada no complexo de Édipo, e no vínculo mãe-filho. Novamente segundo Roudinesco e Plon, com a teoria kleiniana, “a famosa relação triangular que caracteriza o Édipo freudiano é abandonada em favor de uma estrutura anterior e mais determinante: a do vínculo que

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 105-106, verbete “complexo de Castração”.

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 365, verbete “identificação”.

<sup>280</sup> *Ibidem*, p. 365, verbete “identificação”.

une a mãe ao filho”, contestando-se, portanto, “a ideia [freudiana] de um corte entre um antes não edipiano (a mãe) e um depois edipiano (o pai)”. Além das determinações da relação arcaica com a mãe, marcada por uma simbiose angustiante, a perspectiva de Klein buscou, ainda, a “evidenciação do ódio primitivo (inveja) próprio da relação de objeto” e estabeleceu uma “estrutura psicótica [...] característica de todo sujeito”, inscrevendo, assim como Lacan, “a loucura bem no âmago da subjetividade humana”.<sup>281</sup> Não à toa, os autores de *O anti-Édipo* encontram nesses autores elementos com os quais podem trabalhar para conceber a seu modo o inconsciente e a produção desejante. Com efeito, veremos a importância fundamental da esquizofrenia para tal concepção.

Em suma, nesta breve exposição, que por certo não esgota o assunto, vemos a importância de Édipo: para a estruturação subjetiva, colocando em relevo a dimensão da fantasia e da interdição do desejo; além disso, o aspecto fundacional e universal com que ele é tratado, chegando a ser indissociável do próprio “fato psicanalítico”. Édipo constitui uma leitura da própria expressão do erotismo infantil, dotando a relação afetiva e desejante com os pais de um teor prototípico da relação desejante futura.

### II.1.2. O problema de Édipo: da descoberta à soberania

Tendo em vista essa apresentação do Édipo psicanalítico, cabe enfim analisar qual seria o *problema* de Édipo e indagar, afinal, *por que “anti-Édipo”*? Vimos que, segundo Deleuze e Guattari, as problemáticas do incesto e de Édipo consolidam, na psicanálise, uma visão dita “familista” e “ideológica”. O terreno edipiano parece implicar algumas coisas, que podem indicar o que *vai mal* na psicanálise, sendo uma delas a dificuldade em compreender adequadamente, positivamente, a esquizofrenia, ou, então, uma tendência a situar o desejo no âmbito da falta, e não da produção – dois pontos que, discutidos na quarta seção do primeiro capítulo da obra deleuzo-guattariana, dão ensejo para a proposição do projeto de uma psiquiatria materialista. As questões envolvidas na problemática edipiana são muitas, de modo que podemos começar pelo que os autores preconizam enquanto uma “redução materialista de Édipo como forma ideológica”:

a questão não é saber se nós acreditamos nisso, mas se o próprio inconsciente acredita. Mas o que é isso, esse inconsciente reduzido ao estado de crença? Quem lhe injeta a crença? A psicanálise só se tornará uma disciplina rigorosa quando puser a crença entre parênteses, ou seja, quando fizer uma redução materialista de Édipo como forma ideológica. Não se trata de dizer que Édipo seja uma falsa crença, mas que a crença é necessariamente algo de falso, que desvia e sufoca a

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 168, verbete “complexo de Édipo”; p. 434, verbete “kleinismo”,

produção efetiva. [...] Quando reportamos o desejo a Édipo, condenamo-nos a ignorar o caráter produtor do desejo, nós o condenamos a vagos sonhos ou imaginações que são apenas expressões conscientes dele, nós o reportamos a existências independentes, o pai, a mãe, os progenitores, que ainda não compreendem os seus elementos como elementos internos do desejo.<sup>282</sup>

Conforme a proposta se encaminha na direção de pensar a própria natureza do processo de produção desejante, a suposta primazia de Édipo deverá ser posta em questão. Ele será destituído de seu lugar soberano e de referente fundamental, ao passo que, até então, o desejo e a natureza dos processos produtivos acabavam referidos às coordenadas edípianas, a ponto de se chegar a falar em um período “pré-edípiano”, ou o que seria “paraedípiano”, “quase-edípiano”, para citar alguns termos psicanalíticos mencionados pelos autores. Tendo isso em vista, chegamos ao que constitui efetivamente o *problema de Édipo*:

sob a ação de quais forças se fecha a triangulação edípiana? Em que condições esta triangulação canaliza o desejo para uma superfície que não o comportava por si mesma? Como será que ela forma um tipo de inscrição para experiências e maquinações que a transbordam por toda parte? [...] como, em que condições, e sob que pressões, a triangulação edípiana intervém no registro do processo [?] [...] O problema, na verdade, não é de maneira alguma o da existência de períodos pré-edípianos que já teriam Édipo como eixo, mas é relativo à existência e à natureza de uma sexualidade anedípiana.<sup>283</sup>

Temos como que a face e a contra-face do problema da produção desejante: por um lado, o que constitui sua natureza, quais elementos e mecanismos participam, de modo imanente, de seu regime próprio de funcionamento; por outro, discernir o que lhe é extrínseco e transcendente, o que lhe sobrevém e, eventualmente, o que a captura, a subjuga e limita sua potência produtiva. Nesses novos termos, a situação do bebê ou da criança, para usar um exemplo paradigmático desde Freud nos *Três ensaios*, há de ser requalificada. “Até o bebê nos seus jogos e suas comidas, nas suas cadeias e meditações, se encontra já preso a uma produção desejante atual”, insistem os autores. A criança não está “presa a uma ordem familiar autônoma, expressiva ou significante”.<sup>284</sup> “A criança tem toda uma vida desejante, todo um conjunto de relações não-familiares com objetos e com as máquinas do desejo”.<sup>285</sup> No que se refere às outras pontas da “triangulação”, os pais, a questão que se impõe é sobre seu lugar e função na produção desejante, ou seja, de que maneira são formados esses lugares e funções especiais que eles efetivamente ocupam. Por certo, Deleuze e Guattari não

<sup>282</sup> *AE*, p. 147 [127-128].

<sup>283</sup> *AE*, p. 68 [56]; p. 70 [58]; p. 103 [88].

<sup>284</sup> *AE*, p. 138 [119-120].

<sup>285</sup> *AE*, p. 68 [56].

recusam a importância dessas figuras, nem tomam Édipo por inexistente. O crucial é reconsiderá-los a partir da perspectiva de um processo de produção do desejo que os excedem, bem como analisar as condições e os mecanismos a partir dos quais depreende-se a operação de subordinação, esmagamento, limitação – dentre tantos termos – da potência dessa produção desejante.

Em resumo, Édipo, mesmo que implique um campo abrangente de problemas, será posto em seu estatuto de efeito ou consequência, não de causa do desejo. Ou então, como reiteram em diversas ressalvas acerca do alvo preciso da crítica: não se trata de negar que exista “uma sexualidade edipiana [...], uma castração edipiana – e objetos completos, imagens globais, eus específicos. O que negamos é que sejam produções do inconsciente”.<sup>286</sup> Os pais, por sua vez, “desempenham o papel de objetos parciais, de testemunhas, de relatores e agentes no decorrer de um processo que os transborda por todos os lados e que põe o desejo numa relação imediata com uma realidade histórica e social”. Assim, pode-se considerar o “edipiano” como o que está “na ordem de uma repressão do inconsciente”, ao passo que “tudo é anedipiano na ordem da produção”. E, se Édipo é recuado até a mais tenra idade, é preciso afirmar que o anedipiano “começa tão cedo como o Édipo e se prolonga até tão tarde, mas num outro ritmo, sob outro regime [...] com outros usos de sínteses que alimentam a autoprodução do inconsciente”.<sup>287</sup>

Embora tenhamos começado a antecipar algumas das mudanças consequentes da crítica de Édipo e tributárias da nova concepção do desejo e do inconsciente, o campo problemático relativo à produção desejante pode ser ainda estendido. É possível fazê-lo, ao menos, nas seguintes direções: primeiro, abordando certas críticas feitas por Reich a Freud que concernem à libido e à sexualidade; segundo, considerando o questionamento dos postulados ditos “familistas”, de dessexualização e sublimação da libido; terceiro, no âmbito das pulsões e objetos parciais, indicando as críticas levantadas às noções de falo e de castração; por fim, analisando o sentido do idealismo de Édipo e a questão do desejo como falta. Vejamos, então, esses pontos elencados.

### II.1.3. Problema da liquidação da libido

Como tivemos a oportunidade de examinar, uma tese importante dos *Três ensaios* consiste em certa *independência da sexualidade em relação à reprodução*, promovida no primeiro ensaio,

---

<sup>286</sup> *AE*, p. 103 [87-88].

<sup>287</sup> *AE*, p. 138 [119-120].

com o afastamento de noções clássicas de instinto sexual e ao abarcar as manifestações ditas “perversas” como inerentes à sexualidade normal; ou então, no segundo ensaio, com a consideração das manifestações sexuais infantis. No entanto, Deleuze e Guattari enfatizam a existência de um processo de liquidação da libido ao longo da obra de Freud, acompanhando, nesse ponto, diversas críticas levantadas por Reich. Como eles comentam em nota: “é desde muito cedo na sua obra que Reich censura Freud por ter abandonado a posição sexual”, e que esta renúncia não seria apenas dos dissidentes de Freud, mas dele próprio. De acordo com Reich, Deleuze e Guattari enumeram três momentos dessa renúncia: (i) “quando introduz o instinto de morte e se põe a falar de Eros em vez de sexualidade”; (ii) “quando faz da angústia a causa do recalçamento sexual e não mais seu resultado”; (iii) de modo mais geral, “quando ele retorna a um primado tradicional da procriação sobre a sexualidade”. Embora Freud separe as noções de sexual e de genital, admitindo a reprodução como uma função da sexualidade, ele acaba retomando a subordinação no contexto da puberdade. Os autores comentam que “Reich pensa evidentemente nos textos schopenhaurianos e weismannianos de Freud, em que a sexualidade passa a depender da espécie e do germe: por exemplo [*Introdução ao narcisismo*]”<sup>288</sup> – e, vale adicionar, o *Além do princípio de prazer*. Mais adiante no texto, os autores retomam esse ponto:

Ele [Reich] mostrava que Freud tinha repudiado a posição sexual tanto quanto Jung e Adler: com efeito, a consignação do instinto de morte priva a sexualidade do seu papel motor, pelo menos num ponto essencial que é o da gênese da angústia, dado que esta devém causa autônoma do recalçamento sexual, em vez de resultado; com isto, a sexualidade como desejo deixa de animar uma crítica social da civilização; esta é que, ao contrário, acha-se santificada como a única instância capaz de se opor ao desejo de morte – e como? voltando em princípio a morte contra a morte, fazendo dela uma força de desejo, pondo-a a serviço de uma pseudovida por meio de toda uma cultura do sentimento de culpabilidade.<sup>289</sup>

O terceiro ponto destacado da crítica de Reich, a retomada do primado da procriação, pode ser observado, em alguma medida, nas linhas do terceiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nesta parte final da obra, Freud apresenta um processo de convergência da atividade pulsional no contexto da puberdade que acarretaria na primazia da zona genital sobre as demais zonas erógenas, que passariam a estar subordinadas a ela e cuja atividade acompanharia a meta final voltada para a reprodução.

---

<sup>288</sup> *AE*, p. 384-385, nota 13.

<sup>289</sup> *AE*, p. 439-440 [396-397].

#### II.1.4. Dessexualização e sublimação: a libido restringida ao território familiar

A problemática do familismo se desdobra num outro ponto de crítica levantado em *O anti-Édipo*: a compreensão psicanalítica de que o desejo enquanto libido deve ser dessexualizado ou sublimado como condição para os investimentos sociais. Complementarmente, há a suposição de uma ressexualização regressiva como indicador de processos patológicos. O familismo, segundo os autores, denota que “a sexualidade só opera em família, e que deve se transformar para investir conjuntos mais amplos”, surgindo como um postulado inerente a essa concepção da relação entre libido, desejo e campo social.<sup>290</sup> Considerando a vinculação da sexualidade ao território familiar, a compreensão dos movimentos da libido no contexto da formação de relações sociais, que não seriam mais familiares, implicaria a ideia de uma sublimação ou neutralização da sexualidade ou a admissão de uma energia não sexual. Sabemos que a insistência no caráter sexual da libido é um dos motores do debate que Freud trava com seu grande discípulo, e futuro dissidente, Carl Jung. Esse debate, presente em textos freudianos como *Caso Schreber* (1911) e *Introdução ao Narcisismo* (1914), e retomado em *Além do princípio de prazer* (1920), se refere ao entendimento da natureza energética dos processos estudados e manejados pela psicanálise. Em seu aspecto mais geral, implica em dois caminhos para a teoria: uma concepção dualista ou a admissão de um monismo pulsional e energético. Freud defende a compreensão da libido como energia de teor sexual – inerente à pulsão sexual e distinta de uma outra energia que animaria as pulsões do Eu ou de autoconservação –, opondo-se à proposta monista de Jung, de uma energia única para os processos psíquicos. Esse quadro, porém, é transformado no contexto da renovação da teoria pulsional, no qual a posição dualista é modificada, mas não abandonada. Apesar disso, Deleuze e Guattari insistem na ideia de que há em Freud uma liquidação da libido e um abandono, conforme as indicações de Reich, de sua natureza sexual. Cabe indagar o que fomenta a crítica dos autores, como isso comparece no âmbito da obra freudiana e, enfim, qual é a concepção que eles propõem como contraponto. Voltaremos a esse tema no capítulo III.2.

---

<sup>290</sup> AE, p. 386. “Familismo” ou “familiarismo”, conforme o comentário de Sibertin-Blanc (2022, p. 8), designa: “o conjunto de procedimentos pelos quais se faz intervir um referente familiar – uma combinação histórica de papéis e de valores, de modelos de comportamento e de relações, de constelações mentais e afetivas supostamente típicas – no registro dos comportamentos individuais e coletivos, na maneira de categorizá-los, problematizá-los e explicá-los, e, assim, de inserir as singularidades existenciais nos agenciamentos práticos e intervir sobre elas.” A crítica a esse modo de codificação consiste, como citamos anteriormente, em uma das três linhas de questionamento presentes em *O anti-Édipo*, destacadas pelo comentador.

### II.1.5. Pulsões e objetos parciais: por uma crítica ao Falo e à castração

Ainda sobre o *Três ensaios*, Deleuze e Guattari insistem no entendimento de que “não há evolução das pulsões que as faria progredir, com seus objetos, para um todo de integração, assim como não há totalidade primitiva da qual elas derivariam”, o que parecia ser corroborado no transcorrer do primeiro e do segundo ensaios, entretanto, não mais no terceiro. É importante dizer que esse apontamento é promovido no contexto de uma série de ressalvas que os autores levantam diante da teoria dos objetos parciais de Melanie Klein, outro achado psicanalítico que eles avaliam como uma “maravilhosa descoberta”, porém, não isenta de problemas.<sup>291</sup> Embora nosso foco principal seja investigar os elementos freudianos, é digno de nota que essa contribuição de Klein, crucial para a concepção da produção desejante, esteja em linha de continuidade com a teoria pulsional freudiana, em certo sentido, prolongando-a. Dessa forma, a crítica direcionada à psicanalista pode ser redirecionada, em alguma medida, a Freud. A negação de uma concepção de contornos teleológicos é fundamental para a teoria dos autores franceses que extraem, seja da atividade das pulsões parciais, seja daquela dos objetos parciais, o caráter fragmentário e o desarranjo próprio ao funcionamento das máquinas desejantes, como veremos mais adiante.

A potência do conceito de objeto parcial será apreendida especialmente no contraste com as noções de objeto total, de falo e, numa perspectiva mais ampla, a partir do problema da castração na psicanálise. Em linhas gerais, Deleuze e Guattari consideram o Falo como o elemento mítico-transcendente, que distribui a falta no desejo e entre os sexos, estando implicado num uso ilegítimo das sínteses do inconsciente. Devido a necessidade de passar por diversos pontos sem os quais não seria possível desenvolver adequadamente a discussão em torno desses conceitos, propomos suspender esse esforço para retomá-lo numa ocasião mais propícia: no capítulo III.1.3. Além desta, a noção de objeto parcial aparecerá no capítulo II.3, em meio à consideração da produção desejante em *O anti-Édipo*. Em todo caso, vale também adiantar que os autores consideram a castração nas mesmas linhas que a edipianização: enquanto uma “operação prática sobre o inconsciente”, através da qual “a psicanálise castra o inconsciente, injeta a castração no inconsciente”. Isso é obtido, afirmam, “quando os mil cortes-fluxos das máquinas desejantes, todos positivos, todos produtores, são projetados sobre um mesmo lugar mítico”.<sup>292</sup> Ainda nessa linha, pode-se falar do Falo em termos de uma ideia, de uma representação antropomórfica do sexo, que, apesar de alheia, é

---

<sup>291</sup> *AE*, p. 43 [33].

<sup>292</sup> *AE*, p. 86 [71].

imposta ao inconsciente e introduzida na “esfera pulsional” de modo a apanhar o desejo em uma armadilha:

Toda esta luta pelo falo, esta vontade de potência malcompreendida, representação antropomórfica do sexo, toda esta concepção da sexualidade é que horroriza Lawrence, precisamente porque ela é tão somente uma concepção, porque ela é uma ideia que a “razão” impõe ao inconsciente e introduz na esfera pulsional, totalmente alheia à formação dessa esfera. É aí que o desejo é apanhado numa armadilha, é especificado no sexo humano, no conjunto molar unificado e identificado. Mas as máquinas desejantes, ao contrário, vivem sob o regime de dispersão [...] E não se compreende o que são os objetos parciais se eles forem tomados como partes de um todo, ainda que despedaçado.<sup>293</sup>

Para explorar essas coordenadas do problema de Édipo, destrinchando as críticas tecidas em *O anti-Édipo* e relacionando-as aos aportes da teoria pulsional freudiana, será importante primeiro estabelecer o conceito de produção desejante criado pelos autores, analisando sua natureza, seus elementos intrínsecos e seu modo de funcionamento. No entanto, antes de dar seguimento a isto, vale explorar uma última faceta desse campo problemático que nos colocará na proximidade do projeto envolvido em tal criação: a questão da participação da psicanálise numa tradição idealista acerca da esquizofrenia e do desejo.

---

<sup>293</sup> *AE*, p. 427-428 [386]. Sobre o termo “molar” (e “molecular”): cf. II.3.6 e II.3.8.

## II.2. Da derrocada à retomada: a esquizofrenia como processo de produção desejante

Considerando que o funcionamento inconsciente proposto por Deleuze e Guattari se inspira na esquizofrenia ou que toma um *processo esquizo* como modelo, é no contexto da quarta seção do primeiro capítulo, que a esquizofrenia vai ser colocada em questão face à tradição que buscou compreendê-la. Deste modo, antes de estabelecer o que poderia vir a ser uma “psiquiatria materialista”, os autores traçam uma linhagem das teses levantadas acerca da esquizofrenia, na qual se nota uma tendência de reportar os fenômenos esquizo, como o delírio, as alucinações e o automatismo mental, à figura de um eu. Dentre esses conceitos, temos a “fórmula trinitária: a dissociação (Kraepelin), o autismo (Bleuler), o espaço-tempo ou ser no mundo (Binswanger)”. Esses conceitos se articulam a três modos de pensamento – explicativo-causal, compreensivo e expressivo – mas que acabam se encontrando ao reportar, em alguma medida, a esquizofrenia ao “eu”, ou, dito de outra maneira, ao pressupor um certo modelo de subjetividade ou sensibilidade da qual a esquizofrenia será afecção. O “eu” constitui um referencial ideal, essência ou especificidade à qual o esquizo será remetido. A seu modo, Freud é visto em linha de continuidade com esta tendência referencial centrada no eu, conforme o “imperialismo analítico do complexo de Édipo”, com sua própria fórmula trinitária, papai-mamãe-eu.<sup>294</sup> Nesse sentido, a própria conceituação do narcisismo e o estatuto do Eu na psicanálise é marcada, dentre outras coisas, pela elaboração sobre o material dos quadros de psicose, como veremos no capítulo III.2.1.

Os filósofos compreendem todas essas leituras como formas de idealismo, cuja operação e problemas podem ser esclarecidos a partir de uma advertência de Marx, traduzida pelos autores: trata-se da impossibilidade de remontar, a partir do produto, as relações e o regime de produção (assim como “não é pelo gosto do trigo que se adivinha quem o cultivou”)<sup>295</sup>, o que conduz a pensar segundo formas ideais, perdendo o processo de produção real, material, do qual o produto depende. O cerne da questão parece ser que, a tais formas de conceituação, escapa o que seria primeiro e condicionante dos fenômenos já especificados: “o delírio [...] embora dotado de sínteses e afecções próprias [...] é segundo em relação ao *funcionamento* e às *falhas* das máquinas desejantes”<sup>296</sup>; “o produto aparece tanto mais específico [...] quanto mais o reportamos a formas ideais de causação,

---

<sup>294</sup> *AE*, p. 39 [30].

<sup>295</sup> *AE*, p. 40 [31].

<sup>296</sup> *AE*, p. 38 [29], grifo nosso.

de compreensão ou de expressão, mas não ao processo de produção real do qual ele depende”.<sup>297</sup> Com a esquizofrenia, a consequência é torná-la demasiado específica, personificada e imobilizada. É preciso, então, restituir a dimensão do processo esquizofrênico:

desde que se consigne o processo material de produção, a especificidade do produto tende a dissipar-se, ao mesmo tempo em que aparece a possibilidade de uma outra ‘efetuação’. Antes de ser a afecção do esquizofrênico artificializado, personificado no autismo, *a esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejantes. Como se passa de uma coisa a outra? e será inevitável essa passagem?* É essa a importante questão que permanece.<sup>298</sup>

Ao passo que a esquizofrenia é tomada, por Deleuze e Guattari, como o próprio *processo de produção do desejo*, eles ponderam que, já na tradição dita “idealista”, poder-se-ia encontrar a noção de processo para se pensar a esquizofrenia, mais particularmente, em Karl Jaspers. Entretanto, eles a consideram uma via promissora, mas ainda limitada, pois seria preciso “conceber o processo como realidade material econômica, como processo de produção na identidade Natureza = Indústria, Natureza = História”.<sup>299</sup> Por sua vez, ao reificar a operação idealista, rebatendo a produção desejante às coordenadas da representação, a psicanálise não inova e acaba seguindo em linha de continuidade com toda uma tradição que vincula o desejo à falta, em meio à qual são destacados três momentos da história do pensamento: Platão, Kant e a psicanálise (Freud e Lacan, em especial).<sup>300</sup> Nessa genealogia, embora a dimensão produtiva apareça de alguma forma, o que se destaca é a articulação do desejo com a marca da falta. Brevemente, isso começa com a disjunção platônica entre produção e aquisição, que situa o desejo na segunda alternativa e leva ao estabelecimento de uma falta constitutiva – falta de objeto ou de objeto real. Com Kant e sua revolução crítica, a produtividade do desejo é remetida à sua capacidade de produzir seus próprios objetos. Contudo, a força dessa produção diz respeito a uma realidade psíquica, e não material, reafirmando assim a concepção clássica. É nesse sentido que a psicanálise também segue essa linhagem, vinculando desejo e fantasma, objetos da fantasia, ou então atando desejo e necessidade. Nessa perspectiva, o desejo seria visto como derivado da necessidade e da falta de objeto, a exemplo da teoria do apoio freudiana. Enfim, diante deste panorama, poderíamos levantar a pergunta: que processo de produção é esse que caracteriza o desejo e permite compreender melhor

---

<sup>297</sup> *AE*, p. 40 [31].

<sup>298</sup> *AE*, p. 41 [31-32], grifo nosso.

<sup>299</sup> *AE*, p. 41 [32].

<sup>300</sup> Para uma ampliação dessa genealogia atravessada pela tensão entre a compreensão produtiva e faltosa do desejo, cf. CHAUI, 2011, cap. 1; SILVA, 2019.

a esquizofrenia? Os limites dessas vertentes serão postos em questão quando se chega a considerar, de forma adequada, a esquizofrenia como processo. E, no caso da psicanálise, Édipo é uma das determinações cruciais para sua inserção na linhagem idealista da falta e da referência ao eu, além de submeter o desejo ao confinamento do território familiar.

A temática da *perda da realidade*, que aparece em textos de Freud que abordam a diferença entre a neurose e a psicose (dentre elas, a esquizofrenia), é retomada por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*. Numa ocasião, eles comentam esse tema, em meio ao qual a relação do Eu com a realidade externa forneceria um critério de distinção desses tipos clínicos: na neurose, teríamos a obediência, enquanto na psicose, a ruptura. Retomando os termos de Freud, datados de 1924, Deleuze e Guattari apresentam a seguinte distinção, cujo caráter esquemático era indicado já pelo psicanalista ao admitir cenários de ruptura também na neurose: “na neurose, o eu [*moi*] obedece às exigências da realidade sob o risco de recalcar as pulsões do isso [*ça*], ao passo que na psicose ele está sob o império do isso, arriscando-se a romper com a realidade”. Apesar de ele ter considerado também o delírio uma forma de reconstrução que envolve resíduos da realidade, os autores de *O anti-Édipo* não deixam de frisar que Freud tenha insistido nessa distinção, o que remontaria a uma ideia importante da psiquiatria tradicional, marcando a continuidade da psicanálise com relação a ela: “a ideia de que a loucura está fundamentalmente ligada a uma perda de realidade”.<sup>301</sup> Esse seria outro motivo para considerar a convergência da psicanálise com a linhagem do *idealismo*, sobretudo com noções tais como autismo e dissociação. É nesse contexto de diferenciação dos tipos ou estruturas clínicas que Deleuze e Guattari tecem o seguinte comentário, no qual temos a identificação das pulsões com as máquinas desejantes:

Não é certamente em relação às pulsões que se pode dar definições atuais suficientes do neurótico, do perverso e do psicótico, mas em relação às territorialidades modernas, pois *as pulsões são tão-somente as próprias máquinas desejantes*.<sup>302</sup>

Até o momento, pudemos enfatizar uma faceta do movimento deleuzo-guattariano: a operação que não cessa de remanejar o estatuto de Édipo, colocando em questão sua centralidade e o laço supostamente inexorável com a ordem da produção inconsciente. Ao lançar o olhar sobre *O anti-Édipo*, ao percorrê-lo, percebe-se como os autores nos colocam desde o princípio em meio

<sup>301</sup> *AE*, p. 166-167 [145-146]. Alguns textos de Freud acerca desse tema, são: *Neurose e Psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*, ambos de 1924.

<sup>302</sup> *AE*, p. 53 [42], grifo nosso.

ao funcionamento da produção desejante. Não obstante, os elementos, mecanismos e modos de operação são precisados e melhor determinados ao longo da obra, por vezes conforme ocorre a extração de problemas e o levantamento de pontos de crítica, como no caso da psicanálise. Nesse sentido, de acordo com Orlandi (1995), há nessa primeira obra conjunta de Deleuze e Guattari um verdadeiro “programa de reconstituição do inconsciente”, que se circunscreve numa dupla crítica presente neste projeto filosófico: uma que tem como alvo a “linha de curto alcance do estruturalismo”; outra que se dirige à “linha de longo alcance das declinações representativas em filosofia”. De acordo com este comentador, mesmo antes da colaboração com Guattari, a filosofia deleuziana da diferença poderia ser entendida como um campo de estudos interessado no inconsciente, de modo que já vinha passando por temas psicanalíticos, “trazendo-os para um novo plano conceitual, mas ainda num tom de crítica interna”. Com a efetivação dessa parceria, seria possível observar uma mudança de tratamento e uma reorientação das pesquisas, sendo o tema das pulsões, afirma Orlandi, um índice revelador dessa diferença de abordagem. Por outro lado, é sublinhada também a importância da leitura de Espinosa e Marx para justificar uma nova abordagem que antes era permeada pela leitura que Deleuze tinha de Kant.<sup>303</sup> Isso não significa que a inspiração da filosofia transcendental kantiana se extingue com esse deslocamento e que deixe de aparecer em *O anti-Édipo*: vemos suas marcas na compreensão do funcionamento inconsciente a partir da operação de sínteses passivas, cujos usos, legítimos ou ilegítimos, podem ser submetidos a uma avaliação segundo critérios imanentes. Este é, inclusive, um dos fundamentos da crítica ao Édipo: a edipianização do inconsciente seria marcada por usos ilegítimos ou transcendentais das sínteses (ou, ainda, “usos edipianos”). Diante disso, Deleuze e Guattari afirmam o contra-movimento de *reversão*, ou seja, de *desedipianização*: “devolver as sínteses do inconsciente a seu uso imanente” ou “anedipiano”; “chegar à produção das máquinas desejantes e aos investimentos econômicos e sociais”.

No entanto, apesar de a psicanálise com Édipo representar uma reviravolta idealista e mostrar-se em continuidade com a “psicologia do padre”, como o afirmam, dada a insistência em noções como de falta, transgressão, culpabilidade e castração, não seria possível reputar um distanciamento total em relação ao desejo como produção.<sup>304</sup> Por conta disso, eles ponderam não ser apropriado afirmar “que a psicanálise tenha optado por ignorar a produção desejante”, posto

---

<sup>303</sup> ORLANDI, 1995, p. 155-157.

<sup>304</sup> *AE*, p. 152-153 [132-133].

que a importância das “noções fundamentais de *economia* do desejo, trabalho e investimento” é preservada. Portanto, podemos pensar que ao menos a vertente econômica da metapsicologia freudiana guarda seu valor. Porém, o problema está em manter essas noções fundamentais enquanto “subordinadas às formas de um inconsciente expressivo e não mais às formações do inconsciente produtivo”; em preservar a “natureza anedipiana da produção do desejo [...], mas assentada sobre as coordenadas de Édipo”; em fazer com que as máquinas desejantes funcionem apenas “atrás das paredes do consultório”.<sup>305</sup> Enfim, as “produções e formações do inconsciente são, não apenas repelidas [...], mas verdadeiramente recobertas por antiformações que desnaturam o inconsciente em si mesmo”.<sup>306</sup>

Buscamos com essas passagens apresentar brevemente a questão de Édipo a partir do que seria a derrocada da descoberta psicanalítica da produção desejante. Se a “edipianização” sobrevém à produção desejante, como dizem, no nível do registro e da repressão do processo, é necessário examinar o modo como é concebida a natureza dessa produção. Enquanto os diferentes usos das sínteses do inconsciente e as operações que condicionam, possibilitam e determinam o processo de edipianização, são efetivamente abordados apenas no segundo capítulo de *O anti-Édipo*, antes disso, é possível observar que a concepção mesma do processo desejante envolve o funcionamento das unidades produtivas e o domínio das sínteses livres em uso imanente – portanto, os termos da descoberta da psicanálise. Por conta disso, buscamos situar a criação de Deleuze e Guattari, que está profundamente atravessada pelo programa crítico, no contexto de uma retomada da potência da descoberta psicanalítica. Em termos de composição, a obra começa já em meio ao funcionamento maquínico, cuja conceituação, digamos, pretende fornecer uma nova imagem do inconsciente, que seja adequada para apreender essa natureza da produção desejante. À medida que examinamos a descoberta freudiana e estabelecemos o campo problemático da produção desejante, de forma suficientemente abrangente, especialmente no eixo Freud-Reich, podemos, enfim, dar seguimento com a apresentação e a análise da proposta deleuzo-guattariana. Além disso, será importante manter algumas questões em perspectiva nesse movimento: De que maneira a teoria pulsional de Freud comparece nessa reformulação? Quais elementos são reaproveitados? Até que ponto são continuados e, até, ampliados com a teoria deleuzo-guattariana? Quais os pontos decisivos de ruptura, de transformação e de rejeição?

---

<sup>305</sup> *AE*, p. 78 [65].

<sup>306</sup> *AE*, p. 449 [405].

### II.3. A produção desejante em Deleuze e Guattari

Se, na característica abertura do texto, Deleuze e Guattari implicam o leitor imediatamente na operação das máquinas que constituem a produção desejante, as categorias envolvidas na conceituação vão ganhando em determinação e precisão ao longo do texto. Tendo em vista esta faceta, convém escolher uma via de acesso que permita explorar adequadamente a produção desejante: propomos começar por uma sumária apresentação das coordenadas do projeto deleuzo-guattariano no enquadramento de uma *psiquiatria materialista*, que pretende não apenas contornar o idealismo psicanalítico, como superar as deficiências notabilizadas no projeto reichiano, sobre o qual eles inscrevem o seu próprio. Em seguida, buscaremos elucidar os dois polos do processo de produção desejante a partir de duas categorias, ou melhor, duas *peças* fundamentais: as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos, apresentadas no contexto da constituição da produção primária, ou produção de produção. Por fim, pretendemos abordar os sentidos do *processo* e seus momentos constitutivos, em que são desenvolvidas as demais esferas da produção e o engendramento das sínteses do inconsciente. Conforme seja possível apreender a concepção de produção desejante proposta pelos autores, esperamos ter chegado a um contraste da *descoberta* freudiana com a *criação* deleuzo-guattariana, que nos dê uma base para apreciar melhor as críticas erigidas e, enfim, esboçar alguma resposta às diversas interrogações acerca dos atravessamentos do aporte freudiano da teoria pulsional.

#### II.3.1. A proposta de uma psiquiatria materialista: a retomada da dimensão produtiva do desejo e a imanência das produções

Diante do idealismo psicanalítico e da insuficiência da concepção reichiana de produção desejante, Deleuze e Guattari lançam, ou re-lançam, o projeto de uma “psiquiatria materialista”, conforme uma “dupla operação: introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a produção no desejo”.<sup>307</sup> Nessa perspectiva, como citado anteriormente, a esquizofrenia remete ao próprio *processo da produção do desejo e das máquinas desejantes*, constituindo, assim, um modelo mais apropriado que o neurótico e o paranoico<sup>308</sup> para se estabelecer a imagem do inconsciente. Frente à inscrição da falta no desejo e a circunscrição de seu investimento no território familiar, os

---

<sup>307</sup> *AE*, p. 38-39 [29]

<sup>308</sup> Cf. DELEUZE, 2016, p. 32.

filósofos vão insistir na retomada da dimensão produtiva do desejo, alçando seu estatuto à produção do real e tomando seu investimento, da libido, como investimento do campo social histórico. Desta maneira, vemos tomar forma os princípios para se pensar a imanência da produção, articulando os registros de uma economia política com os de uma economia libidinal, outrora tomados como relativamente autônomos e independentes, paralelos. Sobre isso, os autores salientam que “se o desejo produz, ele produz real. [...] nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto [...] o desejo e o seu objeto constituem uma só e mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina”; e que “a produção nunca é organizada em função de uma falta anterior”, “a falta é arrumada, organizada, na produção social”. Ademais, os autores contestam a separação entre uma produção social e uma produção desejante, entre realidade e fantasma, propondo uma relação de imanência: “a *produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas*”<sup>309</sup>, “o desejo é máquina, síntese de máquinas, [...] máquinas desejantes. O desejo é da ordem da produção; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social”<sup>310</sup> – eis uma das grandes teses da obra. E, como sumariza Silva (2000):

se os autores falam em máquinas desejantes, é justamente por inscreverem o desejo na produção real; não há falta de objeto, pois há multiplicidade de conexões. Em contrapartida, não há sujeito fixo. As necessidades é que são pensadas como derivadas do desejo, sendo, assim como a falta, posteriores à produção e, conseqüentemente, ao desejo.<sup>311</sup>

### II.3.2. Da noção de máquina às *máquinas desejantes*: o primeiro polo da esquizofrenia

A máquina, de acordo com Decarli, consiste no elemento propriamente ontológico da obra, de modo que seria possível afirmar “uma espécie de ontologia das máquinas” onde “a natureza é um único plano, que funciona por um maquinismo universal do qual o ser humano faz parte”<sup>312</sup>. Com efeito, *O Anti-Édipo* se inicia com o funcionamento maquínico, como vimos anteriormente no primeiro capítulo, e logo afirma que: “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões”<sup>313</sup>. Não sendo uma metáfora, temos que a máquina se define como sistema “corte-fluxo”, trata-se sempre de um acoplamento de máquinas, consistindo, desde o princípio, numa “multiplicidade de conexões”,

<sup>309</sup> *AE*, p. 43 [34]; p. 45-46 [35-36].

<sup>310</sup> *AE*, p. 390 [352].

<sup>311</sup> SILVA, 2000, p. 79.

<sup>312</sup> DECARLI, 2021, p. 83, partindo de ZOURABICHVILI, 2009 [2004, na versão por nós consultada], p. 33-36.

<sup>313</sup> *AE*, p. 11 [7].

como indicou Silva<sup>314</sup>. Em cada acoplamento há uma relação de emissão de fluxo e corte de fluxo, uma relação entre uma máquina-órgão e uma máquina-fonte ou máquina-energia, ou, noutros termos, o acoplamento objeto parcial-fluxo, ou ainda, produto-produzir.

“As máquinas desejanter são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo”. O acoplamento que define primariamente a máquina desejante como máquina de máquina, cujos termos podem ser determinados como objetos parciais e que são remetidos a um fluxo, indica, ainda, uma composição das máquinas que constitui tudo. Afirma-se que a série binária é linear, e linear em todas as direções, pois cada máquina que corta um fluxo produzido por uma outra também opera como emissora de fluxo para uma terceira, e assim sucessivamente. Um processo que se compõe ao infinito. Tal regime associativo é compreendido conforme uma modalidade de síntese que constitui esse processo de produção primário como conectividade. Chama-se *síntese conectiva de produção*. Nesse contexto, afirma-se que “o desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais”, “o desejo faz correr, flui e corta”, e a energia subjacente a esse trabalho conectivo da produção desejante é designada, justamente, pelo termo “libido”.<sup>315</sup> Por fim, pode-se indicar a modalidade de corte que caracteriza essa primeira síntese: o *corte-extração*.

Além disso, vale dizer algo sobre o funcionamento maquínico: “as máquinas desejanter só funcionam desarranjadas, desarranjando-se constantemente”, “não param de se desarranjar enquanto funcionam”. Desta maneira, a noção de máquina desejante se diferencia de outro tipo de máquina, que seriam as máquinas técnicas, à medida que o regime de funcionamento destas não admite o desarranjo. Se as máquinas técnicas apresentam uma distinção mais sólida entre meio de produção e produto, de modo a transmitirem valor aos produtos e terem como limite o desgaste; nas máquinas desejanter, “o produzir se enxerta sempre no produto, e as peças da máquina são também o combustível”.<sup>316</sup> Como aponta Silva (2000), a diferença se notabiliza no contraste entre o regime de “confluência funcional das partes em relação ao todo” das máquinas técnicas e o desarranjo das máquinas desejanter.<sup>317</sup>

Ademais, o “maquinismo” aí proposto se difere de outras categorias, como o mecanismo e o organismo, envolvidas nas correntes do mecanicismo e do virtualismo, em relação às quais os autores fazem questão de se distinguir. Eles salientam que o “problema das relações partes-todo”

---

<sup>314</sup> SILVA, 2000, p. 79.

<sup>315</sup> *AE*, p. 16 [11]; p. 26 [19].

<sup>316</sup> *AE*, p. 20 [14]; p. 49 [39].

<sup>317</sup> SILVA, 2000, p. 76.

permanecia mal formulado nelas, seja pela consideração do todo como “totalidade derivada das partes”, seja como “totalidade originária” da qual estas emanariam. Não apenas isso, com o mecanicismo e o vitalismo, a relação entre a máquina e o desejo permanecia *extrínseca*: o desejo figurava como “efeito determinado por um sistema de causas mecânicas”, ou então, a máquina era tomada como “sistema de meios em função dos fins do desejo”. Portanto, é o projeto da psiquiatria materialista de inserir o desejo no mecanismo e a produção no desejo, aprofundando o liame entre os dois, que se coloca diante da tarefa de explicar “não apenas [o] funcionamento, mas também [a] formação e [a] autoprodução” das máquinas, sem incorrer na abstração de uma “*unidade estrutural*” que abarcaria o funcionamento do organismo (mecanismo) ou na invocação de uma suposta “*unidade individual e específica do ser vivo*”, mas subordinada à persistência orgânica (vitalismo).<sup>318</sup> Segundo Deleuze, em outro texto: os órgãos do esquizo não são máquinas qualificadas, tampouco ele se vivencia globalmente como uma máquina, trata-se, isto sim, de ser atravessado por máquinas, estar dentro de máquinas, com máquinas nele ou ao lado dele.<sup>319</sup> “Seus órgãos funcionam apenas a título de elementos quaisquer de máquinas, de peças exteriores”, “não se trata de mecanismo”.<sup>320</sup> E mais: “o caráter especial das máquinas esquizofrênicas”, afirma Deleuze, “vem do fato de elas colocarem em jogo elementos completamente díspares, estranhos uns aos outros”; vem da capacidade de fazer uma máquina funcional composta com “elementos últimos, que nada mais têm a ver com o seu contexto e que vão entrar em relação uns com os outros *por força de não terem relação*”.<sup>321</sup>

Essa relação das máquinas com o díspar e a dimensão de exterioridade segundo a qual as máquinas se acoplam e funcionam nos remete a um aspecto interessante de tal concepção: o deslocamento de uma concepção usual do desejo como falta ou, como coloca Zourabichvili (2004), do desejo como tensão que dirige um sujeito a um objeto. O desejo maquínico passa ao largo disso: “o desejo não é dado previamente nem é um movimento que iria de dentro para fora: ele nasce fora, de um encontro ou de um acoplamento”.<sup>322</sup> As máquinas desejantes precedem a divisão sujeito-objeto. Não à toa Deleuze e Guattari identificam a máquina-órgão com a noção de objeto parcial e consideram a noção de sujeito como resto (esta será vista mais adiante). Os objetos parciais

<sup>318</sup> *AE*, p. 64 [52]; p. 374 [337].

<sup>319</sup> DELEUZE, 2016, p. 22-24 [17-19].

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 22 [17-19].

<sup>321</sup> *Ibidem*, p. 23 [18], “rapport”, aí, foi vertido como “relação”, diferentemente da tradução consultada, que utilizou o termo “entrelace”.

<sup>322</sup> ZOURABICHVILI, 2004, p. 36.

configuram um elemento da teoria psicanalítica<sup>323</sup> que acaba subvertendo (ou ao menos pervertendo) a lógica objetual do desejo, permitindo pensar o investimento desejante de objetos não necessariamente referidos a pessoas e objetos totais, globais. Ao menos, essa é a forma como os autores vão torcer a teoria kleiniana, retirando o funcionamento dos objetos parciais de um processo psicogenético de totalização e integração, como encaminhou Melanie Klein, enfatizando o desarranjo. Das coordenadas desse tipo de concepção de “órgão”, vamos nos aproximando do modo como a produção desejante nos leva a uma experiência de corpo que será discernida e explorada a partir da noção de “corpo sem órgãos”<sup>324</sup>, trazida de Artaud. O corpo sem órgãos é o elemento de antiprodução que surge no seio da própria produção das máquinas desejantes, o segundo polo da esquizofrenia.

### II.3.3. A antiprodução como segundo polo do processo: o *corpo sem órgãos*

Vimos como as máquinas desejantes apresentam um funcionamento desarranjado, operando cortes de fluxos e acoplando-se umas às outras, formando uma série binário-linear de objetos parciais e fluxos. O funcionamento dessas máquinas constitui a produção desejante, no âmbito da produção de produção. É neste mesmo âmbito, de produção primária, que surgirá um terceiro termo da série, um outro elemento que surge em meio à produção das máquinas desejantes, a partir da “identidade produzir-produto”. Sua produção envolve uma parada, uma coagulação ou estase catatônica, que engendra um “corpo pleno”, um “enorme objeto não diferenciado”. Diz-se que “as máquinas desejantes fazem de nós um organismo; mas, no seio dessa produção, em sua própria produção, o corpo sofre por estar assim organizado, por não ter outra organização ou organização nenhuma”.<sup>325</sup>

Diante da demasiada ligação dos fluxos de energia e organicidade dos objetos parciais, “um puro fluido, em estado livre e sem cortes, está em vias de deslizar sobre um corpo pleno”, o “corpo pleno sem órgãos”. A descoberta de um tal corpo – improdutivo, estéril, inengendrado, inconsumível – é atribuída a Antonin Artaud. O “sem órgãos” remete a um não-organismo, a um “corpo sem imagem”. O corpo sem órgãos não é projeção, nem diz respeito a um nada original, ou a uma totalidade perdida. Se ele configura um todo, trata-se de um todo à parte, ao lado, que não

<sup>323</sup> Embora seja um conceito explorado por Melanie Klein, aludimos à teoria psicanalítica, no geral, pela possibilidade de pensar uma experiência próxima já a partir do pensamento freudiano, como indicam Laplanche e Pontalis (1992, verbete “Objeto parcial”).

<sup>324</sup> Movimento indicado por SIBERTIN-BLANC, 2010, p. 36.

<sup>325</sup> *AE*, p. 18 [13]; p. 20 [13-14].

subsume os objetos parciais, as máquinas órgãos, a uma organização, ou seja, que não totaliza as partes, à medida que elas mantêm seu desarranjo, seu funcionamento desarranjado. Como termo da produção, terceiro termo da série, produzido e acoplado pela síntese conectiva, o corpo sem órgãos constitui um elemento de antiprodução acoplado à própria produção, engendrado no seio desta. Um corpo catatônico, um elemento de antiprodução “perpetuamente re-injetado na produção”.<sup>326</sup>

Ademais, se o funcionamento das máquinas desejantes se refere ao funcionamento maquínico da vida, constitutivas do desejo de vida, o corpo sem órgãos é relacionado a desejar a morte, ao modelo da morte do desejo – donde a relação com o instinto de morte e seu estatuto de motor imóvel. Esse modelo, com efeito, é o da catatonía. Para precisar esses pontos, vale recorrer a um trecho do capítulo IV, onde os autores desdobram essas noções. Nesse contexto, os autores vão afirmar que a catatonía, a intensidade-zero do corpo sem órgãos, é o que consiste no modelo da morte (e não a morte como modelo da catatonía), o qual aparece na repulsa e deposição dos órgãos, repulsa que não exprime oposição real aos órgãos enquanto objetos parciais, mas ao organismo. Também não se trata de oposição real, qualitativa, entre desejos de vida e desejo de morte (como figura na psicanálise, diga-se), mas de duas espécies de peças “diferentes e coexistentes” que compõem a máquina desejante: as peças trabalhadoras e o motor imóvel. Além disso, os filósofos, para pensar a questão do *funcionamento* em conjunto, nesse desarranjo sem oposição, vão detalhar o sentido de motor imóvel: trata-se de uma espécie de condição, que é a da repulsa ao organismo, que mantém-se quando o motor opera ao atrair sobre si as peças trabalhadoras. Como indicam: “a repulsão é a condição do funcionamento da máquina, mas a atração é o próprio funcionamento”.<sup>327</sup> E, por fim, desse funcionamento desarranjado, das forças repulsivas e atratoras, são produzidos os estados intensivos, de modo que a morte como modelo (catatonía, intensidade-zero), se converte ou se traduz constantemente em experiência da morte, a qual, por sua vez, diz respeito a algo constituinte da vida: o devir, a passagem pelas intensidades. Em todo esse desdobrar da relação entre produção e antiprodução, temos o processo de transformação das energias e modalidades de corte, que iremos detalhar mais adiante ao tratar dos momentos do processo de produção e das sínteses do inconsciente. Quanto aos atravessamentos do segundo dualismo pulsional freudiano, a questão da morte atrelada ao corpo sem órgãos, e toda

---

<sup>326</sup> *AE*, p. 20-21 [14-15]; p. 63-64 [51-52]

<sup>327</sup> *AE*, p. 435-437 [393-394].

essa dimensão das conversões energéticas maquínicas, guardamos uma ocasião própria para discutir esses temas (cf. capítulo III.2.3)

Ainda sobre o corpo sem órgãos, Sibertin-Blanc (2022) apresenta uma tripla definição, segundo os aspectos econômico, energético e dinâmico. De acordo com o autor, do ponto de vista *econômico*, o corpo sem órgãos envolve uma estase improdutiva, configura uma instância de anti-produção e é produzido nos acoplamentos produtivos dos objetos parciais; o aspecto *dinâmico* diz respeito à relação de oscilação com as máquinas desejantes, e não propriamente um conflito, de modo que será marcado pelas forças de repulsão e atração que, inclusive, denotam o impedimento da entrada em um regime de totalização, integração, inibição (dentre outros aspectos), que implicaria um funcionamento de organismo; por fim, sob uma perspectiva *energética*, o corpo sem órgãos consiste num grau de intensidade = 0, insuportável e jamais vivido nele mesmo, senão na situação de catatonia. Como intensidade = 0, ele será sempre envolvido pelas intensidades positivas das máquinas-órgãos em seus graus variáveis.<sup>328</sup>

O esquema mobilizado pelo comentador ressoa com as vertentes da metapsicologia psicanalítica, com a diferença de separar o econômico e o energético, e de suprimir o tópico. Do ponto de vista desse esquema, até o momento, exploramos mais a coordenada econômica do corpo sem órgãos, que mostra seu modo de surgimento e um pouco da sua relação com os elementos produtivos, as máquinas desejantes e seus órgãos, seus objetos parciais. Acontece que a relação entre esses dois “polos” do processo e da esquizofrenia<sup>329</sup> – que são dois termos centrais para se compreender a teoria do desejo como produção – enseja um dinamismo e um movimento em que efeitos são produzidos e que permitem notar outras modalidades de sínteses passivas, ou ainda chegar à concepção do corpo sem órgãos como uma superfície de inscrição e um campo de circulação de intensidades. Para melhor explorar e compreender esse movimento, que constitui o próprio processo da produção desejante, consideremos brevemente no que consiste essa noção de “processo de produção”, o que nos remete a certo uso que Deleuze e Guattari fazem do pensamento de Marx. Deste modo, será possível avançar na compreensão do corpo sem órgãos, de seu aspecto dinâmico e energético.<sup>330</sup>

<sup>328</sup> SIBERTIN-BLANC, 2022, p. 33-34.

<sup>329</sup> Conforme DELEUZE, 2016, p. 22-25.

<sup>330</sup> Curiosamente, os dois capítulos seguintes do presente trabalho desdobram dois eixos de problemas abordados por Deleuze e Guattari, que de alguma forma ressoam com esses planos dinâmico e energético: no primeiro, temos a problemática da repressão-recalcamento e o remanejamento do estatuto de Édipo; no segundo, temos a questão da

### II.3.4. Do processo de produção aos três sentidos de processo

Não pretendemos fixar um polo naturalista da esquizofrenia. O que *o esquizofrênico vive* especificamente, genericamente, de modo algum é um polo específico da natureza, mas *a natureza como processo de produção. Que quer dizer processo, aqui?*<sup>331</sup>

Há pouco, mostramos como Deleuze e Guattari, em razão de uma psiquiatria materialista, chegam à derradeira fórmula da esquizofrenia como processo da produção do desejo. Vale adicionar que uma tal psiquiatria aprecia a esquizofrenia em sua positividade, cabendo então indagar sobre o que, propriamente, *vive* o esquizofrênico. Sem recorrer a concepções pressupostas acerca da subjetividade, busca se aproximar do modo como o esquizofrênico vive o desejo, se aproximar da experiência esquizofrênica. Dito isso, a citação acima reúne diversos dos elementos centrais à teoria do desejo proposta no primeiro capítulo do *Anti-Édipo*. Temos a “esquizofrenia”, que é tomada como uma espécie de modelo para se pensar o desejo e o funcionamento maquínico do inconsciente; temos o “processo” que remete, como vimos, a uma via mais interessante e promissora da tradição psiquiátrica para tratar positivamente da esquizofrenia, porém, que ainda precisa ser melhor compreendida. Para tanto, uma outra coordenada será acrescida: trata-se do processo *de produção* e da produção como *produção do desejo e das máquinas desejantes*. Com efeito, os filósofos elaboram três sentidos da noção de processo, sendo que os dois primeiros são bastante inspirados pelo pensamento de Karl Marx.

Deleuze e Guattari afirmam que o *primeiro sentido de processo* diz respeito a “inserir o registro e o consumo na própria produção, torná-los produções de um mesmo processo”.<sup>332</sup> De que se trata? Com o auxílio de Lemos (2019), podemos compreender este sentido a partir da crítica feita por Marx ao pensamento de certos economistas ingleses, os quais, ao pensar a produção, a dividiam em esferas ou instâncias relativamente autônomas – de produção, distribuição<sup>333</sup> e consumo. Lemos afirma que “o argumento marxiano se encaminha no sentido de uma crítica dessa repartição estanque entre as três esferas ou instâncias da economia”<sup>334</sup>, e envolve a demonstração do modo como elas implicam e pressupõem, em certa medida, umas às outras. Na relação entre

---

limitação e liquidação da libido e o tema das conversões energéticas, que envolve o desenrolar das teorias pulsionais freudianas. Ver adiante os capítulos III.1 e III.2, respectivamente.

<sup>331</sup> *AE*, p. 14 [9], grifo nosso.

<sup>332</sup> *AE*, p. 14 [10].

<sup>333</sup> Esfera que será referida, por Deleuze e Guattari, mais pelo termo “registro”.

<sup>334</sup> LEMOS, 2019, p. 34.

produção e consumo, por exemplo, indica-se como o ato de produzir envolve o consumo das forças vitais do produtor, ou como o consumo de substâncias e elementos da natureza se desdobra na produção de si (caso da planta, ou caso do homem, que, para manter e produzir seu corpo, precisa se alimentar).<sup>335</sup> Assim, numa via temos que “o produto só se torna efetivamente produto através do consumo”, e que “o consumo cria a necessidade de uma nova produção”, atuando como “móvel interno e ativo da produção, que por sua vez mostra-se o pressuposto do consumo”.<sup>336</sup> Noutra perspectiva, o consumo deriva da produção, pois “ela fornece ao consumo o objeto a ser consumido (o produto)” e também “imprime, no produto, um modo peculiar determinado de consumi-lo”, produzindo, assim, o modo de consumo e, de certa maneira, os próprios consumidores. Por fim, vale considerar que a produção engendra ainda o próprio instinto do consumo ao excitar “no consumidor a necessidade dos produtos que a produção estabeleceu como objeto”.<sup>337</sup> Nesse sentido, é interessante notar uma relevante consequência dessa compreensão do aspecto produtivo do consumo ou “o papel de produtor do consumidor”, conforme sublinha Guéron (2020): reconhecer, à sua maneira, o caráter ativo do desejo. Com efeito, seria próprio do capitalismo esvaziar a função produtiva do consumo e, assim, do desejo, numa operação que acaba por “despejar todo o desejo na aquisição”<sup>338</sup> e, portanto, nas coordenadas da falta (segundo a divisão platônica entre produção e aquisição). Ademais, Lemos também comenta o alcance da ponderação de Marx:

sob a aparente distinção clarividente entre a esfera da produção e do consumo, Marx nos leva a perceber a continuidade de um único e mesmo processo cuja preponderância repousa sobre o elemento da produção, que é tanto o ponto de partida quanto o ato em que se resolve de novo o processo. Produzir e consumir são atos ou momentos de um mesmo processo produtivo, em sentido amplo, que produz-se em primeiro lugar a si mesmo enquanto processo produtivo (por isso podemos falar, com Deleuze e Guattari, que se trata de uma *produção de produção* sem incorrer numa tautologia).<sup>339</sup>

Um argumento similar é construído acerca da distribuição. Em resumo, “antes da distribuição ser distribuição de produtos”, como se considerava, “ela é distribuição dos instrumentos de produção e distribuição dos membros na sociedade nos diferentes papéis envolvidos na produção”. Nota-se, como salienta Lemos, que Marx não conclui uma indiferença

---

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>336</sup> *Ibidem*, p. 34-35.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>338</sup> GUÉRON, 2020, p. 268.

<sup>339</sup> LEMOS, 2019, p. 35.

entre as esferas, mas mostra que elas integram um todo, compõem “a unidade de um processo produtivo, sempre começado, concluído provisoriamente e recomeçado pelo elemento da produção”.<sup>340</sup> Assim, podemos compreender que o primeiro sentido do processo trabalhado por Deleuze e Guattari acompanha essas considerações de Marx, cuja demonstração os autores de *O anti-Édipo* seguem e re-afirmam:

não há esferas nem circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam diretamente a produção, mas a determinam no seio da própria produção. De modo que tudo é produção: *produção de produções*, de ações e de paixões; *produções de registros*, de distribuições e de marcações; *produções de consumos*, de volúpias, de angústias e de dores<sup>341</sup>

Com efeito, Deleuze e Guattari consideram que a distinção de esferas é, na realidade, condicionada por outras distinções, como entre homem e natureza, indústria e natureza, sociedade e natureza –, o que, inclusive, nos leva à proposição do *segundo sentido de processo*: “homem e natureza não são como dois termos postos um em face do outro, mesmo se tomados numa relação de causação, de compreensão ou de expressão (causa-efeito, sujeito-objeto etc.), mas são *uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto*”.<sup>342</sup> Trata-se de conceber o humano na natureza não como “um império num império”<sup>343</sup>, para usar uma expressão espinosista, mas como aquele que é tocado pela vida íntima das coisas. Nesse contexto, os filósofos afirmam, também em referência a Marx, que “a essência humana da natureza e a essência natural do homem se identificam na natureza como produção ou indústria, isto é, na vida genérica do homem”, ou ainda, que a “indústria não é mais considerada numa relação extrínseca de utilidade, mas em sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem e pelo homem”.<sup>344</sup>

No segundo sentido de processo, a primazia da produção é estabelecida no plano comum entre homem e natureza, e chegamos à articulação do processo produtivo com o desejo: “a produção como processo excede todas as categorias ideais e forma um ciclo ao qual *o desejo se relaciona como princípio imanente*”.<sup>345</sup> A imanência perpassa o processo de diversas formas: na

<sup>340</sup> *Ibidem*, p. 35-36.

<sup>341</sup> *AE*, p. p. 14 [9-10].

<sup>342</sup> *AE*, p. 15 [10], grifo nosso. Lemos (2019) ressalta que é o próprio Marx que nota essa pressuposição de distinções como condicionantes da separação das esferas da produção. Além disso, vale notar que as relações aqui citadas - causação, compreensão, expressão - são as mesmas denunciadas na tradição psiquiátrica, como vimos anteriormente, então reunidas como “categorias ideais”.

<sup>343</sup> ESPINOSA, 2015, Parte III, prefácio.

<sup>344</sup> *AE*, p. 15 [10]. Essa noção de “vida genérica” remonta aos textos de Marx da juventude, nos quais o filósofo travou discussões com Feuerbach. Para uma exploração mais detalhada deste tema, cf. LEMOS, 2019, p. 37-41.

<sup>345</sup> *AE*, p. 15 [10], grifo nosso.

relação de entre as esferas de produção, na imbricação entre produto e produção, na identidade entre natureza, indústria e humanidade. Com efeito, o livro se abre já neste plano do processo de produção desejante, nos apresentando as máquinas desejantes e afirmando que tudo é máquina. Como sublinha Zourabichvili: “*O anti-Édipo* abre-se assim no plano unívoco ou imanente de uma Natureza concebida como processo de produção”.<sup>346</sup> Nesse sentido, além da destacada inspiração marxista, é inequívoca a forte influência de Espinosa, autor muito presente no pensamento deleuziano, desde antes da aliança criativa com Guattari, e um dos grandes pensadores da imanência, notadamente por sua concepção da substância como natureza naturante, produtora dos modos, efeitos produzidos por ela e que nela permanecem.

Através da imanência da produção, estão colocadas as bases para se propor a univocidade da produção, em que a economia é tanto política como libidinal, e as bases para a dita psiquiatria materialista, fundada na injeção do desejo na produção e da produção no desejo, propondo o conceito de produção desejante. Ademais, o *terceiro sentido de processo*, remete à questão acerca do que vive o esquizofrênico, ou melhor, o esquizo: a natureza como processo de produção, aquém e além das distinções que fundam todas as separações que vimos. “A produção desejante”, afirmam os autores, “é a categoria efetiva de uma psiquiatria materialista, que situa e trata o esquizo como *Homo natura*”. Assim, este terceiro e último sentido de processo aparece como uma *condição*, a condição de que ele “não seja tomado como uma meta, um fim, nem confundido com sua própria continuação ao infinito”, pois tanto a exasperação quanto a interrupção prematura incorrem na perda do processo. Dessa forma, essas condições configuram critérios para seu prolongamento, o cuidado com sua continuação, além da indicação de seus riscos inerentes. Indica também uma chave para a distinção entre o esquizofrênico, como entidade clínica, e o esquizo como *Homo natura*, aquele que vive o processo de produção desejante sem colapsar – seja ao modo da continuação ao infinito, ao tomá-lo como fim, seja ao modo da paralisação prematura, modos que acarretam na perda do processo e na conseqüente criação do “esquizofrênico artificial, tal como o vemos no hospital, farrapo autístico produzido como entidade”.<sup>347</sup> Enquanto as condições deste terceiro sentido de processo são atendidas, cuidadas, não há especificidade nem entidade esquizofrênica, como afirmam os autores, assim como não há separação estanque das esferas da produção nem distinção entre humano, natureza e produção – temos, isso sim, que “a esquizofrenia

---

<sup>346</sup> ZOURABICHVILI, 2004, p. 35, verbete “Máquinas desejantes”.

<sup>347</sup> *AE*, p. 15 [11].

é o universo das máquinas desejanter produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como ‘realidade essencial do homem e da natureza’<sup>348</sup>. Enfim, a *esquizofrenia como processo da produção do desejo e das máquinas desejanter*.

### II.3.5. Os momentos do processo de produção e o dinamismo da produção desejanter

Agora que conseguimos avançar no entendimento do que consiste a noção de processo, seus sentidos, a relação com a produção desejanter e a esquizofrenia, podemos prosseguir. A exposição anterior também propicia uma melhor compreensão do uso de termos como produto, produção, produzir etc., antes utilizados mas sem a devida precisão. Os momentos constitutivos do ciclo de produção e reprodução correspondem, em alguma medida, às diferentes esferas (de produção, distribuição ou registro e consumo), agora não mais compreendidas de forma isolada, mas, isto sim, enquanto aspectos de um mesmo ciclo produtivo. Nesse sentido, o processo de produção se desdobra em produção de produção, produção de registro e produção de consumo, cada qual marcada por um modo de funcionamento característico, ainda indissociado dos demais. Com efeito, a apresentação das categorias de máquinas desejanter e corpo sem órgãos se ateu ao primeiro dos momentos deste processo: o âmbito da *produção de produção*, na qual opera a síntese produtiva ou conectiva. Conforme apresentamos, essas categorias conceituais, ou melhor, as peças constitutivas do processo de produção do desejo configuram também os dois polos da esquizofrenia: a produção das máquinas desejanter e a antiprodução do corpo sem órgãos, que se acopla à produção a partir da identidade produto-produzir, termos que, por sua vez, designam os objetos parciais e os fluxos, ou então, as peças trabalhadoras e o motor imóvel. Vimos que o surgimento do corpo sem órgãos faz com que o processo de produção se dinamize e se desdobre nas demais esferas, com seu funcionamento característico, suas sínteses e energias características: afinal, as forças de repulsão e atração entre esses polos marcam a condição de funcionamento do inconsciente maquinico. A demarcação das características distintivas desses diferentes e sucessivos momentos da produção, é importante ressaltar, configura mais um modo conveniente à exposição, além de acompanhar, em larga medida, o movimento do texto inicial de *O anti-Édipo*. A rigor, as sínteses e esferas produtivas pressupõem umas às outras e coexistem, dadas a ciclicidade e a imanência do processo de produção que acabamos de ver.<sup>349</sup>

---

<sup>348</sup> *AE*, p. 16 [11].

<sup>349</sup> Conforme nota SIBERTIN-BLANC, 2010, p. 34.

De maneira esquemática<sup>350</sup>, o processo produtivo apresenta os seguintes elementos: (i) as máquinas desejanter definidas pelo acoplamento da síntese conectiva, constituindo um sistema corte-fluxo cujos termos podem ser designados como objetos parciais, e que compõem o plano de imanência da Natureza; (ii) o corpo sem órgãos como superfície de inscrição, onde os cortes de fluxo – a produção das máquinas – serão registrados ou distribuídos, conforme a lei da síntese disjuntiva; (iii) a produção de um sujeito residual como peça ao lado das máquinas, que circula através das disjunções e consome estados, ao percorrer intensidades. De modo menos sistemático, veremos como a dinâmica entre produção e antiprodução, conforme as forças de atração e repulsão, desdobra e prolonga o processo.

De partida, temos a configuração de um “conflito aparente”, dada a oposição entre a “superfície deslizante, opaca e tensa”, ou o “fluido amorfo indiferenciado” do corpo sem órgãos, e as máquinas-órgãos, com seus “fluxos ligados, conectados e recortados”. A produção maquinica se mostra insuportável ao corpo sem órgãos, que reage à ação invasiva das máquinas desejanter com uma força de *repulsão*, cujo efeito (e todo efeito de máquina é também máquina) é a produção de uma *máquina paranoica* – à rigor, uma “mutação das máquinas desejanter”.<sup>351</sup> Em seguida, a repulsão dessa máquina paranoica pode dar lugar e ser sucedida por uma força de *atração* e o engendramento de uma *máquina miraculante*, que corresponde ao processo de apropriação da produção pelo corpo sem órgãos improdutivo, ou a atração e assentamento deste sobre a produção desejanter. Aqui chegamos propriamente no âmbito da *produção de registro*, posto que:

*O corpo sem órgãos, o improdutivo, o inconsumível, serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo, de modo que as máquinas desejanter parecem emanar dele no movimento objetivo aparente que as reporta a ele. Os órgãos são regenerados, miraculados no corpo [...] o essencial é o estabelecimento de uma superfície encantada de inscrição, ou de registro, que atribui a si própria todas as forças produtivas e os órgãos de produção, e que opera como quase-causa, comunicando-lhes o movimento aparente (o fetiche).*<sup>352</sup>

Entretanto, com essa mudança de domínio, a produção não é registrada tal qual era produzida. Há uma mudança de lei frente à produção de produção:

quando as *conexões* produtivas passam das máquinas ao corpo sem órgãos (como do trabalho ao capital), dir-se-ia que elas são submetidas a uma outra lei, a que

<sup>350</sup> O esquema a seguir acompanha a exposição inicial do verbete “Máquinas desejanter” presente em ZOURABICHVILI, 2004.

<sup>351</sup> *AE*, p. 21-22 [15-16].

<sup>352</sup> *AE*, p. 24 [17-18], grifo nosso.

exprime uma *distribuição* em relação ao elemento não produtivo enquanto “pressuposto natural ou divino”.<sup>353</sup>

A referência ao trabalho e ao capital, acima, não é fortuita, pois o movimento textual que desemboca na máquina miraculante é intercalado por um “paralelo [fenomenológico] entre a produção desejante e a produção social”.<sup>354</sup> Argumenta-se aí que a produção social, como a produção desejante, também apresenta uma parada improdutiva e o acoplamento de um elemento de antiprodução: um corpo pleno designado como *socius*, que, conforme Marx, “não é o produto do trabalho, mas aparece como seu pressuposto natural ou divino”. É importante notar que o processo de distribuição no âmbito da produção social, assim como na produção desejante, envolve um assentamento da antiprodução sobre a produção, de modo que o registro da produção, distribuindo os agentes e as forças produtivas, é também marcado por uma apropriação, fazendo parecer que a produção emana do *socius*. Nesse sentido, os autores afirmam que “o capital é, sem dúvida o corpo sem órgãos do capitalista” e notam que “a sociedade constroi o seu próprio delírio ao registrar o processo de produção”, delírio este que designa a “percepção verdadeira de um movimento objetivo aparente”. O conceito de fetiche, que aparece aqui, remete ao encantamento ou ao caráter miraculoso dessa inscrição.

Feita essa breve digressão, que será objeto de maiores desenvolvimentos ao abordarmos a relação entre as produções desejante e social, voltemos à passagem entre os momentos do processo. O engendramento das máquinas paranoica e miraculante é relacionada a uma passagem do funcionamento das sínteses conectivas de produção para a síntese disjuntiva de registro, conforme uma mudança de “lei”, ou, dito de outra maneira, o prolongamento do processo de produção em “procedimento de inscrição”. Os órgãos maquínicos, outrora repelidos pelo corpo sem órgãos, são atraídos e enganchados nele, como “pontos de disjunção entre os quais se tece toda uma rede de sínteses novas que quadriculam a superfície”, disjunção esta que não implica um caráter exclusivo, mas “um sistema de permutações possíveis entre diferenças que sempre dão no mesmo, deslocando-se, deslizando”.<sup>355</sup> Com efeito, essa noção de disjunção inclusiva, presente em obras anteriores de Deleuze, aparece n’*O Anti-Édipo* como uma operação que exprime um “movimento de diferenciação produtiva”, conforme Guéron (2020), “uma diferenciação que espalha a

---

<sup>353</sup> *AE*, p. 24-25 [18].

<sup>354</sup> *AE*, p. 22 [16]. Trata-se de um paralelo apenas fenomenológico, como afirmam Deleuze e Guattari, posto que não envolve um juízo acerca da natureza ou da relação e mesmo da existência das duas produções – o que depois será tematizado, com a afirmação da univocidade da produção.

<sup>355</sup> *AE*, p. 25-26 [18-19].

diferença”<sup>356</sup>, um conceito de especial importância. Por fim, esse prolongamento do processo em *produção de registro* envolve também uma transformação energética: se a *libido* designa a energia referente ao “‘trabalho’ conectivo da produção desejante”, há uma parcela de libido que é transformada em “energia de inscrição disjuntiva”, ou “*Numen*”.<sup>357</sup>

É no contexto do registro e da distribuição que o problema do Édipo aparece, ou melhor, reaparece. A facilidade da incidência de Édipo – assim como seu propósito, sua finalidade, sua necessidade e sua desejabilidade – é questionada desde cedo na obra, o que suscita a defesa de que ele, na realidade, pressuporia “uma fantástica repressão das máquinas desejantes”.<sup>358</sup> Este ponto, porém, será melhor desenvolvido apenas posteriormente, no segundo capítulo de *O anti-Édipo*, cuja análise guardamos para um momento futuro deste trabalho. No primeiro capítulo, inspirado por uma releitura do Caso Schreber – especialmente no que tange às divisões na psicose, conforme discutido por Freud –, Deleuze e Guattari valorizam as disjunções na produção delirante. Eles argumentam que o corpo pleno sem órgãos intervém na produção “para recusar toda tentativa de triangulação que implique uma produção parental”. Isto ocorre porque o corpo sem órgãos (e, por extensão, o inconsciente em geral) “dá testemunho da sua autoprodução, do seu engendramento a partir de si”. Ele constitui, precisamente, a superfície onde se estabelecem as disjunções do *Numen* e, conseqüentemente, as divisões características da psicose.<sup>359</sup> Ademais, a discussão sobre Édipo toma corpo justamente no âmbito da produção de registro, e não é à toa. Há um aspecto das máquinas que talvez não tenha se enunciado com clareza, mas que é explicitado na recapitulação ao final do primeiro capítulo do livro: “toda máquina comporta um tipo de código que se encontra maquinado, estocado nela”, o qual é “inseparável não só de seu registro e de sua transmissão nas diferentes regiões do corpo, como também do registro de cada uma das regiões em suas relações com as outras”.<sup>360</sup> Sobre o código, se diz que consiste numa “formação aberta e plurívoca”, em signos de natureza heterogênea que compõem uma cadeia. Signos que “não são propriamente significantes”<sup>361</sup>, mas que têm como única vocação *produzir desejo*. Além disso, os filósofos

<sup>356</sup> GUÉRON, 2020, p. 276, 277.

<sup>357</sup> *AE*, p. 26 [19]. O teor divino dessa energia é relacionado à atração e à inscrição na superfície encantada miraculante ou ao sentido de Deus como senhor do silogismo disjuntivo (numa dupla referência a Kant e Schreber). Não se trata de pensar um inconsciente religioso nem associar Deus ao corpo sem órgãos, advertem.

<sup>358</sup> *AE*, p. 13 [8].

<sup>359</sup> *AE*, p. 28 [21].

<sup>360</sup> *AE*, p. 57 [46].

<sup>361</sup> Há aqui um diálogo direto com a concepção de cadeia significativa do Lacan, que será repensada de outro modo por Deleuze e Guattari.

explicitam que, assim como a primeira síntese envolve uma modalidade de corte como extração de fluxos, a segunda, a síntese disjuntiva de registro, implica o modo do corte como desligamento, ou seja, destacamento de segmentos das cadeias de signos, envolvendo toda uma composição e uma decomposição.<sup>362</sup> Dessa maneira, na implicação mútua que os domínios da produção apresentam entre si, caberá justamente ao código informar os fluxos a cortar, os modos, os lugares e estabelecer relações com outros agentes produtores e antiprodutores – toda uma série de questões funcionais pertinentes ao registro da produção na malha disjuntiva do corpo sem órgãos. Algo bem próximo, como vimos, da esfera da distribuição que envolve o registro dos agentes e forças produtivas, das relações de produção etc. Enfim, a impertinência de Édipo como código regulador da inscrição e distribuição da produção desejante é corroborada pelo fato de que as disjunções não envolvem inicialmente modalidades exclusivas (conforme a análise da distinção de usos das sínteses do inconsciente, que será realizada no capítulo III.1.4). Com efeito, vale sublinhar que

o código desejante apresenta uma fluidez extraordinária. Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele *embaralha todos os códigos*, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia [...] É que, por mais que as máquinas-órgãos se enganchem sobre o corpo sem órgãos, este permanece sem órgãos e nem volta a ser organismo no sentido usual da palavra. Ele guarda seu caráter fluido e deslizante.<sup>363</sup>

Em seguida, chegamos ao momento do processo referente à *produção de consumo*. O sentido de processo é reafirmado por Deleuze e Guattari, indicando que, assim como a produção de registro se assenta sobre a produção de produção, mas é também produto dela, a produção de consumo é igualmente produzida pela e na produção de registro. Além disso, é na própria superfície de inscrição que “algo da ordem de um *sujeito* se deixa assinalar”.<sup>364</sup> Que tipo de sujeito seria esse?

É um estranho sujeito, sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejantes, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir [...], nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado [...] Sem dúvida, toda produção desejante já é imediatamente consumo e consumação, logo “volúpia”. Contudo, ela não o é ainda para um sujeito, que só pode se situar através das disjunções de uma superfície de registro, nos restos de cada divisão.<sup>365</sup>

A produção de consumo, tal qual as de produção e de registro, é animada por uma energia transformada a partir de uma parcela de *Numen*, referida pelo termo *Voluptas*: a “energia residual

---

<sup>362</sup> *AE*, p. 59 [47].

<sup>363</sup> *AE*, p. 29 [21-22].

<sup>364</sup> *AE*, p. 30 [22].

<sup>365</sup> *AE*, p. 30 [23].

que anima a terceira síntese do inconsciente, a síntese conjuntiva”.<sup>366</sup> Ademais, há uma formação dessa síntese que diz respeito à produção do sujeito. O movimento do processo de produção partiu da oposição entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos, passando pelo surgimento da máquina paranoica pela repulsa deste e se desdobrando em atração na máquina miraculante. A questão é que, apesar desse desdobramento, persiste a oposição entre repulsão e atração, de modo que uma reconciliação implicaria a existência de uma nova máquina. Como ela seria engendrada e como funcionaria? Ela é chamada de “máquina celibatária” e decorre da formação de uma nova aliança entre o corpo sem órgãos e as máquinas desejantes. Ela opera uma “reconciliação residual” segundo a *síntese conjuntiva de consumo*, de modo que envolve a produção de um sujeito como resto ao lado das máquinas desejantes.

A produção de tal máquina celibatária consiste em “quantidades intensivas” ou “estados de intensidade pura e crua despojados de sua figura e sua forma”, os quais são *consumidos*, são experimentados como “um intenso sentimento de passagem”. Em face da experiência esquizofrênica, comumente marcada pelos fenômenos do delírio e da alucinação, volta-se para a dimensão do que se vive, cujo princípio se refere a um “*Eu sinto*”. “Delírio e alucinação são segundos em relação à emoção verdadeiramente primária que, de início, só experimenta intensidades, devires, passagens”.<sup>367</sup> Portanto, esse primado dos estados intensivos desloca o referencial corrente da psiquiatria, centrado nos sinais ditos positivos da esquizofrenia, o delírio e a alucinação, remetendo-os à ordem mais primária da produção intensiva, que seria o que melhor caracteriza o processo esquizo. Além do mais, Deleuze e Guattari reportam essas intensidades puras às forças de atração e repulsão e sua oposição, de modo que constituem quantidades “positivas a partir da intensidade = 0 que designa o corpo pleno sem órgãos”, formando uma série aberta, sem equilíbrio final, “um número ilimitado de estados estacionários metaestáveis pelos quais um sujeito passa”. Assim, o corpo sem órgãos – o improdutivo, fluido amorfo e superfície de inscrição – é entendido, neste âmbito da produção de consumo, como grau de intensidade = 0, ou ainda, como um “ovo”, atravessado por eixos e gradientes, limiares, latitudes e longitudes, que marcam devires e passagens em que nada é representado, assim como não há semelhança de uma zona de intensidade com um órgão a ser formado, induzido. Essa noção de corpo sem órgãos como ovo se deve à característica de que, num ovo, se trata menos de regiões que se assemelham ou que

---

<sup>366</sup> *AE*, p. 31 [23].

<sup>367</sup> *AE*, p. 33 [25].

representam os órgãos a serem formados no desenvolvimento do organismo, e mais de potenciais que vão induzir suas formações e diferenciações, atrelados a estímulos, que, salientam, não são exatamente organizadores, mas “indutores de qualquer natureza” (caso das figuras familiares, como veremos: cf. III.1.4). Além disso, essas faixas ou zonas de intensidades, de potenciais, é o que fazem do esquizo “aquele que, ao consumir tais intensidades ou emoções ditas materiais, mais se aproxima da matéria, de um centro intensivo e vivo da matéria”, aquele que vive essa “experiência dilacerante” dos estados intensivos.<sup>368</sup> Deleuze e Guattari resumem, enfim, esse ciclo do processo de produção e seu “movimento vital” das seguintes formas:

[1] sobre o corpo sem órgãos, os pontos de disjunção formam círculos de convergência em torno das máquinas desejanças; então o sujeito, produzido como resíduo ao lado da máquina, apêndice ou peça adjacente à máquina, passa por todos os estados do círculo e de um círculo ao outro. O próprio sujeito não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrado, concluído dos estados [...] [2] através da máquina paranoica e da máquina miraculante, as proporções de repulsão e de atração sobre o corpo sem órgãos produzem na máquina celibatária uma série de estados a partir de 0; e o sujeito nasce de cada estado da série, renasce sempre do estado seguinte que o determina num momento, consumindo todos esses estados que o fazem nascer e renascer (o estado vivido é primeiro em relação ao sujeito que o vive).<sup>369</sup>

A noção de sujeito aqui é bastante peculiar, pois não se trata de uma identidade pessoal, que perdura nas experiências ou que as antecede. Trata-se, isto sim, daquilo que consome estados intensivos e que nasce desse consumo-consumação, como um devir. Está remetido, assim, ao processo produtivo das máquinas desejanças. À luz da modalidade de corte envolvida nessa síntese conjuntiva, que é a de um corte-resto ou corte-resíduo, temos um sujeito residual, produzido como uma parte ou peça que resta como resíduo adjacente à máquina. Considerando o funcionamento maquínico, no geral, essa parte é uma “parte já partilhada”, pois implica os demais cortes: as extrações de fluxos e os desligamentos de cadeia.<sup>370</sup>

Ademais, essa experiência de sujeito como passagem por estados intensivos é relacionada à noção de “*Stimmung*”, trazida pelos filósofos a partir de Klossowski, intercessor cuja obra referida versa sobre Nietzsche. Essa *Stimmung* diz respeito a uma “emoção material, constitutiva do mais elevado pensamento e da mais aguda percepção”. Além disso, a intercessão desse pensador serve a Deleuze e Guattari para conceber o sujeito para além de uma identidade atribuída a pessoas,

<sup>368</sup> *AE*, p. 34 [25-26]; p. 126 [108-109].

<sup>369</sup> *AE*, p. 35 [27].

<sup>370</sup> *AE*, p. 60-61 [48-49].

mas que diz respeito à relação entre os estados intensivos, pelos quais o sujeito passa, com os nomes da história. “Não há o eu-Nietzsche, professor de filologia, que perde subitamente a razão, e que se identificaria com estranhas personagens”, entretanto, “há o sujeito-nietzschiano que passa por uma série de estados e que identifica os nomes da história com esses estados: *todos os nomes da história sou eu...*”. Porém, tampouco o sujeito ocupa o centro: “O sujeito se estende sobre o contorno do círculo de cujo centro o eu desertou. No centro está a máquina do desejo, a máquina celibatária”. É essa relação das zonas intensivas dispostas sobre o corpo sem órgãos com os nomes da história que faz com que os filósofos afirmem o esquizo como consumidor da história universal, como *Homo história*, além daquela definição inicial como *Homo natura*.<sup>371</sup>

### II.3.6. Multiplicidade, molar e molecular

Por fim, gostaríamos de abordar uma categoria importante, trazida na última seção do primeiro capítulo de *O anti-Édipo*, que em grande medida reafirma o conceito de máquina: a *multiplicidade*. Temos que “a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade. Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos”.<sup>372</sup> Estas partes, que compõem as máquinas desejantes no âmbito das três sínteses do inconsciente, as constituem conforme a sua diferença, insistindo ativamente contra a figura da totalidade. Aqui, ratifica-se a ideia de que a força das máquinas esquizofrênicas está em reunir o díspar, em estabelecer relações por força de não haver relação. Assim, os fragmentos maquínicos, as partes, funcionam sempre em desarranjo. Eis um modo de operar o procedimento de subtração-constituição, de que tratamos na introdução: as partes não se dizem de um todo, não remetem a uma totalidade perdida de origem, nem a uma totalidade de destino. Esse deslocamento, vale dizer, é relacionado pelos autores à insuficiência das doutrinas vitalistas e mecanicistas no que tange à relação partes-todo e à compreensão adequada das máquinas desejantes como multiplicidade. Nada impede, porém, de apreender a totalidade ao modo maquínico, o que, inclusive, remete ao modo de produção do corpo sem órgãos:

Só acreditamos em totalidades *ao lado*. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo *dessas* partes, mas que não as totaliza, uma unidade *de* todas essas partes, mas que não as unifica, e que se junta a elas como uma nova parte composta à parte.<sup>373</sup>

<sup>371</sup> *AE*, p. 36-37 [28].

<sup>372</sup> *AE*, p. 62 [50]. “Tijolos” é outra maneira de falar dos signos, que compõem cadeias e códigos.

<sup>373</sup> *AE*, p. 62 [50].

A discussão é também direcionada à psicanálise, na medida em que essa lógica de referir as partes a um todo reincide na psicanálise, mesmo na “menos edipianizante dos psicanalistas”, Melanie Klein, com seu conceito de objetos parciais. Tal como Freud descobriu a produção desejante, Klein descobriu a potência dos objetos parciais, mas acabou assentando-os sobre uma concepção idealista que se atualiza pela remissão deles a pessoas globais ou a processos de integração subjetiva. O interessante a notar aqui é a maneira como os filósofos captam, nos objetos parciais, “uma carga suficiente para explodir Édipo”: conceituações que vão no sentido de apreender “o caráter absolutamente *anedipiano* da produção”. Os objetos parciais não são, para eles, representantes de personagens parentais, nem suportes das relações familiares, assim como não são extraídos de pessoas globais. O objeto parcial é, isto sim, produzido pela extração de fluxo não pessoal e é “suporte de relações [de produção] e distribuidor de agentes [de produção e antiprodução]”. Os objetos parciais são peças de máquinas desejantes, de modo que remetem primeiramente ao processo de produção e às relações de produção, anteriores à inscrição no código edipiano, em suma, as relações de produção são anteriores às relações familiares. “O inconsciente ignora as pessoas”, “o inconsciente é órfão, e produz-se a si próprio”, afirmam Deleuze e Guattari.<sup>374</sup>

Essa noção de autoprodução do inconsciente merece ser aprofundada, pois ela nos coloca diante de duas categorias que, junto à multiplicidade, perpassam a criação deleuzo-guattariana: o *molar* e o *molecular*. De que forma o molecular e o molar aparecem na obra? Qual o sentido de falar nesses termos? De maneira abreviada, eles designam dois polos, por vezes relacionados às escalas micro e macro, respectivamente. É comum falar em termos de “multiplicidade molecular” ou de “conjuntos molares” ou “conjuntos gregários”. A certa altura, aventa-se um “duplo polo da libido”: o da “formação molecular à escala submicroscópica” e o de “investimento das formações molares à escala dos conjuntos orgânicos e sociais”. Isso, pois o inconsciente investe “tanto os meios sociais como os biológicos”, posto que a libido, “como energia sexual”, “é diretamente investimento de massas, de grandes conjuntos e de campos orgânicos e sociais”.<sup>375</sup> Entretanto, a esquematização desses dois polos, das formações molares e moleculares, frisam Deleuze e Guattari, não pode ser feita sem perder de vista o pressuposto de que a diferença de regime implica uma identidade de natureza (como veremos logo adiante) e o fato de que “não há máquinas

---

<sup>374</sup> *AE*, p. 65-67 [53-55]; p. 69 [57].

<sup>375</sup> *AE*, p. 385-386 [347-348].

desejantes que existam fora das máquinas sociais que elas formam em grande escala”, assim como “também não há máquinas sociais sem as desejantes que as povoam em pequena escala”. Dessa forma, em termos de investimentos, ainda que seja possível falar em investimentos sociais molares e investimentos desejantes moleculares, temos que “há em toda parte o molar e o molecular”, variando os “sentidos da subordinação” dos dois polos, entre os “fenômenos moleculares” e os grandes conjuntos.<sup>376</sup> Em suma, o molecular remete a multiplicidades, objetos parciais, singularidades, fluxos e elementos, enquanto que o molar remete a organização, multidão, fenômenos de massa, grandes conjuntos, conjuntos estatísticos, gregarismo e, até, pessoas.

Com isso, concluímos o percurso pelo *processo da produção desejante*, desdobrando seus momentos ou esferas, ainda que estes sejam concomitantes e constituem um mesmo processo que se prolonga, engendrando novas máquinas e dinâmicas, e os funcionamentos característicos de cada esfera, com suas sínteses próprias ou modos de corte. Ao cabo, temos um quadro do que seria o *funcionamento maquínico* que permeia a concepção de desejo proposta por Deleuze e Guattari. Façamos adiante um apanhado dessa teoria do desejo, precisando o estatuto conceitual do desejo como produção, posto que tratamos de seus dois elementos principais, as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos, e de seu processo de produção.

### II.3.7. As coordenadas do conceito de desejo como produção e suas implicações

Tendo em vista as categorias pertinentes à *produção* e ao *processo*, por fim, valeria destacar alguns enunciados fundamentais acerca do *desejo*, para chegarmos a uma determinação mais abrangente do conceito de produção desejante em Deleuze e Guattari. Em primeiro lugar, temos a afirmação do desejo como *princípio imanente* do processo de produção, de modo que “o desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados”, “o desejo faz correr, flui e corta”.<sup>377</sup> Em segundo lugar, distanciando-se do paradigma sujeito-objeto, vimos que os autores afirmam que “o desejo e o seu objeto constituem uma só e mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina”. Além disso,

---

<sup>376</sup> *AE*, p. 451-452 [406-407].

<sup>377</sup> *AE*, p. 16 [11], grifo nosso.

“o ser objetivo do desejo é o Real em si mesmo”, portanto, “se o desejo produz, ele produz real”, “se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade”.<sup>378</sup> Enfim,

O desejo é esse conjunto de *sínteses passivas* que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente.<sup>379</sup>

Ademais, com relação à falta e à necessidade, os autores insistem na afirmação de que nada falta ao desejo ou, então, se algo falta ao desejo não é seu objeto, mas o próprio sujeito enquanto fixo, especificado, o que seria constituído apenas pela repressão. Da mesma forma, Deleuze e Guattari consideram que o desejo também não se apoia em necessidades, mas que estas, sim, são derivadas do desejo, pois são “contraproduzidas no real que o desejo produz”, tal como “a falta é um contrafeito do desejo, depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social”, uma “organização molar que destitui o desejo do seu ser objetivo”<sup>380</sup>:

Sabemos bem donde vem a falta – e o seu correlato subjetivo, o fantasma. A falta é arrumada, organizada, na produção social. É contraproduzida pela instância de antiprodução que se assenta sobre as forças produtivas e se apropria delas. Ela nunca é primeira: a produção nunca é organizada em função de uma falta anterior; a falta é que vem alojar-se, vacuolizar-se, propagar-se de acordo com a organização de uma produção prévia [...] organizar a falta na abundância de produção [...] fazê-lo [o desejo] depender de uma produção real que se supõe exterior ao desejo [...], enquanto a produção do desejo é vinculada ao fantasma<sup>381</sup>

Conduzimo-nos, então, à consideração de uma tese crucial de *O anti-Édipo*, a da *univocidade da produção*. Se anteriormente mencionamos o “paralelo fenomenológico” levantado pelos autores, para aproximar a antiprodução do corpo sem órgãos à antiprodução do corpo pleno do *socius*, ou máquina social, vimos, antes, que não se trata de postular a existência de duas produções paralelas – por um lado, uma “produção social de realidade”, por outro, uma “produção desejante de fantasma”, cuja relação mútua se daria ao modo da projeção e da introjeção.

A afirmação da univocidade da produção aparece num enunciado que chegamos a evocar anteriormente: “a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas”. O que está em jogo é a ideia de que a diferença entre as produções desejante e

<sup>378</sup> *AE*, p. 43 [34].

<sup>379</sup> *AE*, p. 43 [34].

<sup>380</sup> *AE*, p. 43-44 [34-35].

<sup>381</sup> *AE*, p. 45 [35-36]. Algumas partes desta citação foram trazidas no início deste capítulo II.3, de forma introdutória, mas que, agora, buscamos retomar e ampliar seu escopo, depois de desenvolver os elementos da produção desejante.

social, entre as máquinas características de ambas, não consiste numa diferença de natureza, mas numa diferença de regime, distinção de modos de funcionamento. Nesse sentido, de acordo com os autores, não seria adequado reservar ao desejo a forma da realidade mental ou psíquica, nem às máquinas desejantes a configuração de máquinas fantasmáticas ou oníricas, isso em oposição à realidade material da produção social e às máquinas técnicas e sociais. De todo modo, como se daria essa “distinção de regime”? A primeira diferença de regime, nós abordamos ao início deste capítulo ao discutir a diferença entre as máquinas desejantes e as máquinas técnicas: enquanto as primeiras funcionam em regime de desarranjo, as segundas operam em confluência funcional, arrançadas. Outra diferença é também apontada pelos filósofos: se as máquinas desejantes produzem elas próprias a antiprodução, no caso das máquinas técnicas, esta é produzida apenas “na condição extrínseca da reprodução do processo”, posto que essas máquinas técnicas sempre estão remetidas a um *socius*, a uma máquina social – por isso máquinas sociais técnicas. Além do mais, “as máquinas desejantes são simultaneamente sociais e técnicas”, “são as mesmas máquinas, sob dois regimes diferentes”.<sup>382</sup> Essa identidade entre as máquinas é expressa pelos autores de duas maneiras, que “constituem a autoprodução do inconsciente como ciclo”:

Podemos dizer que toda produção social decorre da produção desejante em condições determinadas: primeiro, o *Homo natura*. Mas devemos dizer também, e mais exatamente, que a produção desejante é primeiramente social, e só no final tende a libertar-se (primeiro, o *Homo historia*). É que o corpo sem órgãos não é dado por si mesmo numa origem, para ser depois projetado nos diferentes tipos de *socius* [...] o corpo sem órgãos é que é o último resíduo de um *socius* desterritorializado. O problema do *socius* tem sido sempre este: codificar os fluxos do desejo, inscrevê-los, registrá-los.<sup>383</sup>

Com isso em vista, diferentes máquinas sociais são descritas pelos autores (territorial, despótica, capitalista), cada uma remetendo a um modo de codificação dos fluxos. Embora tenhamos considerado que esse tema, desenvolvido no terceiro capítulo de *O anti-Édipo*, excede o escopo aqui proposto, ao menos, vale apontar brevemente os modos de codificação característicos de cada uma: a máquina territorial com a codificação dos fluxos; a máquina despótica com a sobre-codificação dos fluxos; a máquina capitalista com a descodificação e axiomatização dos fluxos. Ademais, a correspondência entre a esquizofrenia e o capitalismo atravessa a obra como um todo: um dos aspetos é o de que as duas operam ao modo da descodificação e desterritorialização dos fluxos, com a diferença de que o capitalismo, em seguida, os axiomatiza.

---

<sup>382</sup> *AE*, p. 50 [40].

<sup>383</sup> *AE*, p. 51 [40]. Alguns elementos desta passagem serão retomados no item III.1.1.

Sobre tal articulação, vale trazer a seguinte passagem, que situa a esquizofrenia no *limite* do capitalismo:

O esquizofrênico situa-se no limite do capitalismo: é a tendência desenvolvida deste, o sobreproduto, o proletário e o anjo exterminador. Ele mistura todos os códigos, é o portador dos fluxos descodificados do desejo. O real flui. Os dois aspectos do processo se juntam: o processo metafísico que nos põe em contato com o “demoníaco” na natureza ou no seio da terra, e o processo histórico da produção social que restitui às máquinas desejanter uma autonomia em relação à máquina social desterritorializada. A esquizofrenia é a produção desejanter como limite da produção social.<sup>384</sup>

### **II.3.8. Pulsão e fantasma de grupo, desejo e campo social: a afirmação da *univocidade da produção***

Como Deleuze e Guattari chegam à referida tese da univocidade da produção? Ao buscar uma resposta para esta pergunta, nos deparamos com outro uso da teoria pulsional freudiana, além dos que já tivemos a oportunidade de examinar. Trata-se do atravessamento da chamada *pulsão de morte*, elaborada no âmbito da revisão do dualismo pulsional em *Além do princípio de prazer* (1920). Ela aparece em meio à tematização do chamado “fantasma de grupo”, noção que tem origem na experiência da análise institucional na clínica psiquiátrica de La Borde, da qual Guattari fez parte junto a Jean Oury. Embora tenhamos separado uma ocasião própria para discutir esse processo de revisão da teoria pulsional por parte do Freud (cf. capítulo III.2.), vale ao menos analisar tal conceito de fantasma de grupo e a maneira como a pulsão é articulada nele.

De partida, é importante destacar que o termo “fantasma de grupo” é forjado pela distinção da noção psicanalítica de fantasma, o que leva à contraposição entre fantasma individual e fantasma de grupo. Uma das teses mobilizadas por Deleuze e Guattari é a de que “o fantasma nunca é individual; é *fantasma de grupo*”, o que é trazido no contexto de se pensar, justamente, a relação entre a produção do desejo e a produção social. Buscando contornar a perspectiva que admite uma realidade mental ou psíquica como oposta e duplicando a realidade material, eles frisam que “as máquinas desejanter não são máquinas fantasmáticas ou oníricas”, de modo que “os fantasmas são antes expressões segundas que derivam da identidade de dois tipos de máquinas em um dado meio” (as desejanter e as sociais-técnicas). Assim como eles trabalham com a ideia de que há uma identidade de natureza entre as produções que admite uma diferença de regime, da mesma forma

---

<sup>384</sup> *AE*, p. 54 [43].

exploram a existência de dois tipos de fantasmas, ora falando em termos de dois sentidos ou regimes dos fantasmas de grupo, ora acentuando o contraste entre fantasma individual e fantasma de grupo. O que está em jogo, de toda maneira, são os dois sentidos em que se pode ler a identidade das produções e das máquinas ou, então, os modos diversos de a libido investir o campo social: por um lado, as máquinas desejanter podem ser “apreendidas nas grandes massas gregárias que elas formam, ou conforme as máquinas sociais sejam relacionadas às forças elementares do desejo que as formam”; por outro, a libido pode tanto investir o “campo social existente, inclusive nas suas formas mais repressivas”, quanto pode efetuar “um contrainvestimento que propague o desejo revolucionário” neste campo. Um exemplo interessante, a esse respeito, seria o das “grandes utopias socialistas do século XIX” tomadas enquanto fantasmas de grupo, e não “como modelos ideais”. Elas consistiam, segundo Deleuze e Guattari, em verdadeiros “agentes da produtividade real do desejo”, que possibilitaram “um desinvestimento ou uma ‘desinstituição’ do campo social atual em proveito de uma instituição revolucionária do próprio desejo”.<sup>385</sup> Ademais, a passagem a seguir mostra a importância dos fantasmas de grupo para se chegar a uma das grandes teses propostas na obra:

A existência maciça de uma repressão social que incide sobre a produção desejante não afeta em nada nosso princípio: o desejo produz real, ou a produção desejante não é outra coisa senão a produção social. [...] Mas entre as duas, entre as máquinas desejanter e as máquinas sociais técnicas, nunca há diferença de natureza. Há certamente uma distinção, mas apenas uma distinção de regime, segundo *relações de grandeza*. São as mesmas máquinas, mas com regimes diferentes; e é isso que os fantasmas de grupo mostram.<sup>386</sup>

Quando o tema retorna no segundo capítulo de *O anti-Édipo*, os autores explicitam a diferença entre os fantasmas individual e de grupo, inclusive fazendo uma releitura de um texto de Freud, intitulado *Bate-se numa criança* (1919)<sup>387</sup>, segundo a qual a fantasia tratada nele seria um caso típico de um fantasma de grupo, um que mostra como o desejo pode investir o campo social inclusive em suas formas repressivas. Tratar-se-ia de um exemplo, mais uma vez, da operação psicanalítica que “assenta todo o desejo numa determinação familiar que nada mais tem a ver com o campo social realmente investido pela libido”. Considerando as diferenças de natureza, propostas pela análise institucional, entre o fantasma individual e o fantasma de grupo, vale destacar o

---

<sup>385</sup> *AE*, p. 48 [37-38].

<sup>386</sup> *AE*, p. 48 [37-38].

<sup>387</sup> Sobre esse texto, vale trazer outro comentário: “[Nele,] Édipo já é designado como ‘complexo nuclear’. [...] O leitor não consegue evitar uma impressão de inquietante estranheza. Nunca o tema paterno foi menos visível e, contudo, afirmado com tanta paixão e resolução: aqui, o imperialismo de Édipo se funda numa ausência.” (*AE*, p. 83 [69])

seguinte acerca do primeiro: o fantasma individual envolve um assentamento do campo social real e de suas articulações simbólicas sobre “dados ‘imaginários’”, ou então, uma apreensão do campo social existente no qual ele está inserido “sob qualidades imaginárias”; por sua vez, essa “dimensão imaginária do fantasma individual”, posto que leva a conferir “imortalidade [...] à ordem social existente”, acarreta em investimentos de repressão, de identificação, superegoicos, de resignação, para citar alguns, assim como na projeção da pulsão de morte para fora, em direção aos outros; por fim, o fantasma individual teria como sujeito “o eu enquanto determinado pelas instituições legais e legalizadas, nas quais ele ‘se imagina’ [e] se conforma com o uso exclusivo das disjunções impostas pela lei”. Quanto ao fantasma de grupo, temos que: ele é “inseparável das articulações ‘simbólicas’ que definem um campo social considerado real”; pode configurar um “polo revolucionário [que] aparece na potência de viver as próprias instituições como mortais, de destruí-las ou de mudá-las consoante as articulações do desejo e do campo social”, de modo que faz “da pulsão de morte uma verdadeira criatividade institucional”; além disso, o fantasma de grupo “tem por sujeito as próprias pulsões e as máquinas desejanças que elas formam com a instituição revolucionária”; por último, “inclui as disjunções”, de modo que a relação com o outro é marcada pela comunicação entre objetos parciais e cada um está “destituído da sua identidade pessoal, mas não das suas singularidades”.<sup>388</sup> Ademais,

Os dois tipos de fantasma, ou melhor, os dois regimes, se distinguem, portanto, conforme a produção social dos “bens” imponha sua regra ao desejo por intermédio de um eu cuja unidade fictícia é garantida pelos próprios bens, ou conforme a produção desejança dos afetos imponha sua regra a instituições cujos elementos são tão-somente pulsões.<sup>389</sup>

Nesse ponto, a partir das distinções elencadas, Deleuze e Guattari chegam à conclusão de que “não há fantasma individual” e, em se tratando de fantasmas de grupo, o mais adequado seria falar em termos de “dois tipos de grupo” que estariam “em deslizamento perpétuo”. Nas palavras dos autores: “existem, sobretudo, dois tipos de grupos, os grupos sujeitos e os grupos-sujeitados”. Dessa forma, seria lícito contrapor a “análise freudiana” à operação que põe em evidência, no fantasma, “o elemento subjacente de uma potencialidade revolucionária de grupo”: é possível dizer que a análise freudiana “só retém do fantasma suas linhas de disjunção exclusiva, e o esmaga nas suas dimensões individuais ou pseudoindividuais que, por natureza, o reportam a grupos sujeitos” e, além disso, acaba por assentar “todos os agentes da produção e da antiprodução

---

<sup>388</sup> *AE*, p. 87-89 [73-74].

<sup>389</sup> *AE*, p. 89 [75].

sociais [...] sobre as figuras da reprodução familiar”. Com isso, afirmam os autores, torna-se compreensível a interiorização da libido no código edipiano.<sup>390</sup> O grupo sujeito “é aquele cujos investimentos libidinais são revolucionários”, de modo que ele “faz o desejo penetrar no campo social” e “subordina o socius [...] à produção desejante”; ele é “produtor de desejo e desejo que produz”; “ele inventa formações sempre mortais que nele esconjuram a difusão de um instinto de morte”. O grupo sujeitado, por outro lado, envolve um arrefecimento e bloqueio da passagem dos fluxos, uma subordinação “[d]as máquinas desejantes ao conjunto repressivo que elas constituem em grande escala”, e investimentos nas formas de soberania e gregarismo, marcadas pela repressão e recalçamento do desejo das pessoas. Contudo, Deleuze e Guattari grifam duas complicações relativas a essa tipologia de grupos sujeito e sujeitado: i. “um mesmo homem pode participar dos dois tipos de grupos segundo relações diferentes”; ii. “um mesmo grupo, em situações diversas, mas coexistentes, pode apresentar as duas características ao mesmo tempo”.<sup>391</sup> Por conta disso, pode-se falar em “deslizamento perpétuo” ou na passagem de um grupo ao outro.<sup>392</sup>

Assim como todo fantasma é fantasma de grupo, também é possível dizer que “*todo investimento é coletivo*”. Isso nos coloca novamente diante da distinção molar-molecular, sobre a qual Deleuze e Guattari frisam que “seria um erro opor estas duas dimensões como o coletivo e o individual”. Molar e molecular seriam “duas direções da *física*”, relacionadas aos modos de investimento paranoico e esquizo, respectivamente: “a direção molar que se volta para os grandes números e para os fenômenos de multidão”, da “macrofísica”, escolhida pelo paranoico; “a direção molecular, que, ao contrário, embrenha-se nas singularidades, nas suas interações e nas suas ligações à distância”, da “microfísica”, “das moléculas que já não obedecem às leis estatísticas [...aos] grandes números”, escolhida pelo esquizo. Não cabendo corresponder ao coletivo e ao individual, “trata-se, sobretudo, da diferença entre dois tipos de coleções ou de populações: os grandes conjuntos e as micromultiplicidades”, sendo que “em ambos os casos, o investimento é coletivo”. A distinção entre os tipos de investimento se definiria mais pela relação de subordinação entre o molar e o molecular: o investimento pode incidir “sobre as estruturas molares que subordinam as moléculas a si” ou, pelo contrário, “sobre as multiplicidades moleculares que

---

<sup>390</sup> *AE*, p. 90 [75-76].

<sup>391</sup> *AE*, p. 463-464 [417-418].

<sup>392</sup> *AE*, p. 90 [75]; p. 463 [417-418].

subordinam a si os fenômenos estruturais de multidão” – ou seja, investimento de grupo sujeito e de grupo sujeito, respectivamente.<sup>393</sup>

Ainda em relação aos dois regimes do fantasma, considerando que em um deles temos a prevalência da produção desejante dos afetos e que as pulsões constituem seus elementos, digamos, maquínicos, nos aproximamos de um outro enunciado que merece ser destacado: “os afetos ou as pulsões fazem parte da própria infraestrutura”.<sup>394</sup> Isso está no cerne da superação do freudo-marxismo e nas ressalvas que os autores d’*O anti-Édipo* tinham em relação a Reich no tocante ao conceito de produção desejante. Acerca desse ponto, vale destacar a seguinte passagem, que aparece em meio à temática do fantasma de grupo:

nas suas obras mais recentes, Klossowski nos indica o único meio de ultrapassar o estéril paralelismo entre Marx e Freud em que nos debatemos: descobrindo a maneira pela qual a produção social e as relações de produção são uma instituição do desejo, e pela qual os afetos ou as pulsões fazem parte da própria infraestrutura. Pois *eles fazem parte dela, estão presentes nela de todas as maneiras*, criando nas formas econômicas tanto a sua própria repressão quanto os meios de romper essa repressão.<sup>395</sup>

Encontramos, neste ponto, o *problema político fundamental* que atravessa *O anti-Édipo*, aquele que considera os investimentos repressivos – como o movimento das massas em favor do fascismo – como uma questão de desejo e não de ideologia, mistificação ou engano. Nesse sentido, tendo sido Reich “o primeiro a estabelecer o problema da relação do desejo com o campo social”, fundando assim a psiquiatria materialista, Deleuze e Guattari dão seguimento e aprofundam o problema, buscando, especialmente, conceber um conceito de produção desejante que contorne a insuficiência pregressa: é preciso, pois, “*determinar a inserção do desejo na própria infraestrutura econômica, [e] a inserção das pulsões na produção social*”<sup>396</sup> – o que buscamos elucidar pela apresentação da criação conceitual dos pensadores. Assim se coloca, então, o *objetivo da esquizoanálise*, uma das facetas do projeto deleuzo-guattariano: “analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político” e, com isso, “mostrar como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão no sujeito que deseja (daí o papel da pulsão de morte na junção do desejo e do social)”.<sup>397</sup> Em suma,

<sup>393</sup> *AE*, p. 369-370 [332-333].

<sup>394</sup> *AE*, p. 90 [75].

<sup>395</sup> *AE*, p. 90 [75].

<sup>396</sup> *AE*, p. 161, grifo nosso.

<sup>397</sup> *AE*, p. 143 [124-125].

O paralelismo Marx-Freud permanece totalmente estéril [...] Na verdade, a *produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas*. Dizemos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado, e que a libido não tem necessidade de mediação ou sublimação alguma, de operação psíquica alguma, e de transformação alguma, para investir as forças produtivas e as relações de produção. *Há tão-somente o desejo e o social, e nada mais*. Mesmo as mais repressivas e mortíferas formas da reprodução social são produzidas pelo desejo, na organização que dele deriva sob tal ou qual condição que deveremos analisar. Eis por que o problema fundamental da filosofia política é ainda aquele que Espinosa soube levantar (e que Reich redescobriu): “Por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação?”<sup>398</sup>

Enfim, os problemas se multiplicam e o diálogo crítico com a psicanálise se intensifica. Partimos da busca por compreender a importância da descoberta de Freud da produção desejante, para então contrastá-la com a criação conceitual de Deleuze e Guattari. Outros atravessamentos e retomadas da teoria pulsional freudiana podem ainda ser desenvolvidos, de modo que nos parece importante e necessário passar por outros temas de *O anti-Édipo*, como a retomada da teoria do recalque e da repressão na crítica à psicanálise edipiana, e a problemática da limitação e liquidação da libido, que diz respeito à postulação da pulsão de morte. São esses os dois eixos que pretendemos desenvolver nos próximos capítulos.

---

<sup>398</sup> *AE*, p. 46 [36-37].

## **PARTE III – A retomada da teoria pulsional na crítica à psicanálise**

### **III.1. “Nem psiquismo, nem familismo”: a remontagem do sistema repressão-recalcamento e a desedipianização do inconsciente**

Um dos elementos teóricos que permite aos filósofos explorarem a inserção do desejo na infraestrutura e das pulsões na produção social – e, assim, chegar à adequada formulação do conceito de produção desejante, como analisamos – é a teoria do recalque elaborada por Freud, porém remontada e revista ao modo anti-edipiano. A rigor, mais do que uma simples releitura, trata-se de uma crítica a pontos centrais da teoria psicanalítica, notadamente àqueles que envolvem a problemática edipiana em seu mais alto grau. Apesar de que essa crítica e remontagem da teoria seja desenvolvida de maneira mais detalhada apenas no segundo capítulo de *O anti-Édipo*, é possível observar diversos usos presentes desde o primeiro.

#### **III.1.1. Repressão e recalque no plano constitutivo da produção desejante**

No âmbito do primeiro capítulo da obra dos pensadores franceses, a teoria do recalque psicanalítica – ao menos na figura de certos conceitos dela – aparece entremeada no processo de produção, especialmente nas máquinas que são engendradas ao longo do jogo de forças entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos. Os momentos do processo, embora sejam apresentados numa sequência que passa pelas esferas de produção, com as sínteses e as transformações energéticas envolvidas, compõem um ciclo de produção e reprodução, no qual as diversas máquinas produzidas ao longo dele, em realidade, coexistem. É próprio do modo de concepção dos autores a concomitância entre as condições de funcionamento e o funcionamento propriamente dito. Dito isso, o primeiro ponto a destacar é a caracterização do que seria o *recalcamento primário* ou *originário* no âmbito da produção desejante. Ele é relacionado à força de repulsão ou à máquina paranoica: “acreditamos ser esse o sentido do recalque dito originário: não um ‘contrainvestimento’, mas essa repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos”. Nos termos que eles colocam, diferentemente da teoria freudiana em que a rejeição e a censura seriam características dos sistemas capazes de consciência que rechaçam o representante pulsional ao estado de recalque e inconsciente, a atração e a repulsão estariam ambos relacionados ao corpo sem órgãos em sua relação com os elementos produtivos. A máquina paranoica decorre da “ação invasiva das máquinas desejantes sobre o corpo sem órgãos” que leva a uma “reação repulsiva”

deste em relação àquelas, “na medida em que este já não pode suportá-las”. É neste lugar que, precisamente, se daria o recalçamento originário, na “mutação das máquinas desejantes” em máquina paranoica.<sup>399</sup>

À máquina repulsiva, característica desse recalçamento originário, sucede uma máquina de atração, conforme o “corpo sem órgãos se assenta sobre a produção desejante, e a atrai, apropria-se dela”: eis a máquina miraculante. No entanto, atração e repulsão persistem na oposição entre as peças trabalhadoras e o elemento de antiprodução, de modo que “a reconciliação efetiva só pode ocorrer no nível de uma nova máquina, que funcione como ‘retorno do recalcado’”: a máquina celibatária.<sup>400</sup> Agora, onde estaria situado o *recalçamento propriamente dito*? Ele implica algumas facetas da relação entre produção desejante e produção social, assim como da relação entre o recalque e a repressão, pois os autores se valem de uma diferença entre elas.

Como analisamos anteriormente, dentre os pontos mais importantes de *O anti-Édipo*, está a concepção de que só há o desejo e o social, de modo que as formas mais repressivas e mortíferas da reprodução social são também produzidas pelo desejo (vide o problema fundamental da filosofia política).<sup>401</sup> Dito de outro modo, o desejo pode seguir numa “estranha aventura”, a de “desejar repressão” e, inclusive, a própria repressão. No entanto, frisam os autores, “só existe uma produção, que é a do real”. Seja ela produção desejante ou produção social, “são as mesmas máquinas, sob dois regimes diferentes”. E sobre essa identidade, indica-se que ela pode ser expressa de duas maneiras, posto que tanto é possível dizer que “toda produção social decorre da produção desejante em condições determinadas”, quanto que “a produção desejante é primeiramente social, e só no final tende a libertar-se”.<sup>402</sup> Ademais, considerando esses diferentes regimes de funcionamento e planos da produção, vale destacar a seguinte passagem que estabelece o lugar da repressão e dos recalçamentos primário e propriamente dito:

As máquinas desejantes são simultaneamente técnicas e sociais. E é neste sentido que a produção desejante é o lugar de um recalçamento originário, enquanto que a produção social é o lugar da repressão, e que, desta àquela, se exerce algo que se assemelha ao recalçamento secundário “propriamente dito”: tudo depende aqui da situação do corpo sem órgãos, ou do seu equivalente, conforme ele seja resultado interno ou condição extrínseca.<sup>403</sup>

---

<sup>399</sup> *AE*, p. 21-22 [15-16].

<sup>400</sup> *AE*, p. 24 [17]; p. 31 [23].

<sup>401</sup> *AE*, p. 46 [36-37].

<sup>402</sup> *AE*, p. 50-51 [39-40]; p. 143 [123-125].

<sup>403</sup> *AE*, p. 50 [40].

A libido, como mostra o fantasma de grupo, investe o campo social existente “inclusive nas suas formas mais repressivas”. Por outro lado, também é possível que a libido “efetue um contrainvestimento que propague o desejo revolucionário no campo social existente”, a partir de um “desinvestimento ou uma ‘desinstituição’ do campo social atual”. E, além disso, a existência de uma maciça repressão social que incide sobre a produção desejante, não faz com que o desejo deixe de ser essencialmente produção e produção de real, e que a produção social seja a própria produção desejante em condições determinadas.<sup>404</sup> Com efeito, as máquinas desejantes, nelas mesmas, “não dão testemunho da perda ou do recalçamento do desejo”, pois “a máquina continua a ser desejo, posição de desejo que prossegue a sua história através do recalçamento originário e do retorno do recalçado”.<sup>405</sup>

O esclarecimento da relação entre a repressão da produção social e o recalque propriamente dito, situado na relação entre a produção social e a produção desejante, é um dos pontos que está no cerne da crítica ao Édipo. Afinal, Édipo, ao fazer “das relações familiares a mediação universal da infância”, acaba por levar ao desconhecimento da “produção do próprio inconsciente” e dos “mecanismos coletivos que incidem diretamente [nele]”, ou seja, à desconsideração de “todo o jogo do recalçamento originário, das máquinas desejantes e do corpo sem órgãos”. Nesse sentido, Édipo não é nem “fácil”, nem “dado”, mas “supõe uma fantástica repressão das máquinas desejantes”.<sup>406</sup>

Na perspectiva da obra freudiana, vimos como Deleuze e Guattari observam que o imperialismo de Édipo se instaura no transcorrer da obra do psicanalista, o que é possível aferir a partir de diversos textos que dariam testemunho do processo de edipianização do desejo e do inconsciente.<sup>407</sup> Entretanto, encontramos outros que trazem pontos favoráveis à concepção deles, como é o caso do artigo de 1908, intitulado *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* – que, vale dizer, vem na esteira das “descobertas” dos *Três ensaios*, de 1905. Ele seria indicativo, ainda, de uma ênfase e primazia da repressão sobre o recalçamento, além de configurar um uso da noção de repressão de teor menos intrapsíquico e mais diretamente relacionado às forças do campo social em seu ímpeto repressivo – o que interessa especialmente aos autores de *O anti-Édipo*. Se uma tal consideração da repressão social não está de todo ausente da obra freudiana, ainda assim

---

<sup>404</sup> *AE*, p. 48 [37-38].

<sup>405</sup> *AE*, p. 56 [45].

<sup>406</sup> *AE*, p. 69 [57]; p. 13 [8].

<sup>407</sup> Para citar alguns dos abordados por Deleuze e Guattari, temos: *Totem e tabu* (1912), *Bate-se numa criança* (1919), *O Eu e o Id* (1923), *O declínio do Complexo de Édipo* (1924), dentre outros.

não seria o aspecto privilegiado em suas discussões e formulações teóricas. O que sobressai é uma teoria do recalque circunscrita imediata e principalmente ao domínio psicológico, inclusive acompanhando a formulação do conceito de inconsciente, e um inconsciente marcadamente representativo. Acerca do referido artigo, Deleuze e Guattari comentam o seguinte:

Consideremos o artigo de 1908 sobre a “moral sexual civilizada”: nele, Édipo não é ainda nomeado, o recalque é aí considerado em função da repressão, que suscita um *deslocamento* e se exerce sobre as pulsões parciais, enquanto estas representam, à sua maneira, uma espécie de produção desejante, antes de se exercerem contra as pulsões incestuosas ou outras que ameacem o casamento legítimo. Mas, em seguida, é evidente que, quanto mais o problema de Édipo e do incesto ganha em importância, mais o recalque e seus correlatos, a supressão e a sublimação, serão fundados em supostas exigências transcendentais da civilização, ao mesmo tempo em que a psicanálise se afundará cada vez mais numa visão familista e ideológica.<sup>408</sup>

Para enumerar algumas das operações efetuadas sobre a teoria freudiana, especialmente no segundo capítulo, podemos destacar: certa precedência da repressão sobre o recalque, mesmo que haja uma articulação direta e dependência recíproca entre os dois (como observado anteriormente); a contestação, tal qual formulada na citação acima, de que o alvo dessas operações seja primariamente as pulsões já qualificadas como incestuosas, regidas pelo código edípico e circunscritas ao território familiar, ao invés de ser a produção desejante, como a das pulsões parciais, de natureza marcadamente anedípica; por fim, as condições para o estabelecimento dos processos de recalque propriamente dito. Visando uma análise adequada dessa problemática, e a devida compreensão dos termos envolvidos, propomos recorrer ao texto de Freud para tornar preciso o sentido das diversas noções retomadas ou aludidas por Deleuze e Guattari. Afinal, o recalque é, sem dúvidas, o destino pulsional mais explorado por Freud. Dessa maneira, poderemos também tornar nítidas as mudanças mais significativas aí implicadas.

### III.1.2. A teoria metapsicológica do recalque

Em meio à vasta obra de Freud, outros ensaios de metapsicologia, além do inaugural dedicado às *Pulsões*, nos fornecem material suficiente para uma apresentação sumária da

---

<sup>408</sup> *AE*, p. 159 [139]. Consideramos adequado trazer novamente esta passagem, que havia sido citada no início da Parte I, mas nesse novo contexto: não mais sobre a marginalidade inicial de Édipo, mas sobre a questão da repressão e do recalque.

concepção psicanalítica de recalque ou recalçamento<sup>409</sup>. Para uma análise satisfatória, passaremos tanto pelo texto especificamente dedicado a esse que é um dos destinos pulsionais, *O recalque*, quanto pelo ensaio seguinte e fortemente complementar, *O inconsciente*.<sup>410</sup> A complementação não é de forma alguma fortuita, posto que o recalçamento é um traço distintivo da própria concepção freudiana de inconsciente. Com efeito, logo no início do primeiro desses dois artigos, Freud salienta que apenas irá reunir descritivamente algumas características do mecanismo que puderam ser apreendidas a partir da clínica, posto que haveria “uma tão extensa correlação entre recalque e inconsciente” que, para aprofundar o que seria a essência daquele, seria preciso, antes, saber algo “sobre a estrutura das instâncias psíquicas e a diferenciação de consciente e inconsciente” – o que se realiza no ensaio seguinte.<sup>411</sup>

O que a experiência psicanalítica traz, especialmente a partir do trabalho com as chamadas neuroses de transferência, permite estabelecer o conceito de recalque nos seguintes termos: “*a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência*”.<sup>412</sup> Ele é um dos destinos pulsionais, assim como a “transformação no contrário” e a “reversão contra a própria pessoa”, mas configura um mecanismo de defesa que não existiria desde o princípio, pois “não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente”. Considerando as condicionantes envolvidas, as moções pulsionais podem “encontrar resistências que buscam torná-las inoperantes” e, sob determinadas circunstâncias, chegar ao estado de recalçamento. Em resumo, a satisfação pulsional, em si prazerosa, pode se mostrar “inconciliável com outras exigências e intenções” e, ainda que gere prazer num lugar, geraria desprazer em outro. Conforme “o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer da satisfação”, o recalque seria um recurso, um destino possível, senão necessário. Ademais, Freud indica que, na impossibilidade da fuga frente à pulsão, “pois o Eu não pode fugir de si mesmo”, o recalçamento seria um “estágio preliminar” a um outro “bom recurso contra o impulso”, qual seja, a *condenação* ou “rejeição baseada no julgamento”.<sup>413</sup>

---

<sup>409</sup> *Verdrängung*, ocasionalmente traduzido como “repressão”, mas que temos vertido tanto por recalque como por recalçamento, como comentado anteriormente (ver nota 34, p. 27)

<sup>410</sup> Doravante também referidos como *Recalque* e *Inconsciente*, no texto.

<sup>411</sup> *REC*, p. 85.

<sup>412</sup> *REC*, p. 85.

<sup>413</sup> *REC*, p. 84-85. Aliás, no ensaio do *Inconsciente*, Freud afirma que a negação seria “um substituto do recalque em nível mais alto”, (pré)consciente, posto que no sistema *Ics* (designação topológica e sistemática do inconsciente) não haveria negação, tampouco dúvida ou grau de certeza. (p. 127).

O processo de recalçamento se mostra um pouco mais complexo do que essa apresentação inicial e a própria formulação de sua essência será revisitada algumas vezes nos dois ensaios, no intuito de fazer complementações e, quando necessário, modificações. Se o enunciado acima aponta para a antecedência da divisão do aparelho anímico entre as atividades conscientes e inconscientes como condição para a ocorrência do recalque, noutro sentido, esta vicissitude pulsional seria constitutiva da própria diferenciação das atividades. Por conta disso, o processo de recalçamento acaba por ser desdobrado em duas ou três manifestações: o *recalque primordial* ou *originário*, o *recalque propriamente dito* ou *a posteriori* e o *retorno do recalçado*.

Antes de destrinchar essas modalidades, vale abordar algumas formulações de *O inconsciente*: na abertura deste ensaio, Freud explicita que a essência do processo de recalçamento “não consiste em eliminar, anular a ideia que representa a pulsão, mas em impedir que ela se torne consciente”, portanto, pondo ou mantendo-a “em estado de ‘inconsciente’”, o que não denota uma inativação completa, posto que “também inconscientemente ela pode produzir efeitos, inclusive aqueles que afinal atingem a consciência”. Além disso, a relação entre inconsciente e recalque é colocada nos seguintes termos gerais: “tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente”.<sup>414</sup> Em contraste com esta formulação inicial, mais adiante afirma-se que, essencialmente, o recalque consiste em “um processo que se verifica em ideias na fronteira dos sistemas *Ics* e *Pcs* (*Cs*)”, devendo se tratar, a princípio, de uma “*retirada* de investimento”.<sup>415</sup> Quanto às duas modalidades, ou, mais precisamente, as duas *fases*, elas são apresentadas da seguinte maneira:

Temos fundamentos, portanto, para supor um *recalque primordial*, uma *primeira fase do recalçamento*, que consiste no fato de ser negado, à representante psíquica [*Vorstellungrepräsentanz*] da pulsão, o acesso ao consciente. Com isso se produz uma *fixação*; a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e a pulsão permanece ligada a ela. Isso acontece devido às propriedades dos processos inconscientes que discutiremos depois. O segundo estágio do recalçamento, o *recalque propriamente dito*, afeta os derivados psíquicos da representante recalçada ou as cadeias de pensamentos que, originando-se de outra parte, entraram em vínculo associativo com ela. Graças a essa relação, tais representações sofrem o mesmo destino que o que foi recalçado primordialmente. O recalque propriamente dito é, portanto, um “*recalque a posteriori*” [*Nachdrängen*]. Aliás, é um erro destacar apenas a repulsa que, a partir do

---

<sup>414</sup> *ICS*, p. 100-101.

<sup>415</sup> *ICS*, p. 118-119. As designações *Ics*, *Pcs* e *Cs* se referem ao sentido sistemático e topológico de, respectivamente, inconsciente, pré-consciente e consciente, que Freud propõe para diferenciar do sentido descritivo. Cada sistema possui certos atributos que são desenvolvidos ao longo do ensaio.

consciente, age sobre o que há de ser reprimido. Deve-se ter em conta, em igual medida, a atração que o primordialmente recalcado exerce sobre tudo aquilo com que pode estabelecer contato. Provavelmente a tendência para o recalçamento não alcançaria seu propósito se essas forças não atuassem juntas, se não houvesse algo recalcado anteriormente, disposto a acolher o que é repellido pelo consciente.<sup>416</sup>

Essas definições iniciais podem ser complementadas em alguns pontos. Antes disso, vale sublinhar que a suposição de um “calcamento”<sup>417</sup> originário produtor de uma fixação da representante psíquica permite conceber o jogo ou a dinâmica de forças envolvida no recalçamento propriamente dito a partir do par atração-repulsão, em sua atuação conjunta. Não à toa a proposta metapsicológica se desdobra nas vertentes dinâmica, tópica ou topológica e econômica. A relação de forças poderia ser referida aos sistemas ou regiões do aparelho anímico (que em nada tem a ver com localizações cerebrais) a partir dos quais ou nos quais agem, assim como articuladas às movimentações energéticas envolvidas. A perturbação, esclarece Freud, seria “apenas em relação com um sistema psíquico, o do consciente”, posto que “o recalque não impede a representante da pulsão de prosseguir existindo no inconsciente, de continuar se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões”, ou seja, tal representante acaba por se desenvolver até “de modo mais desimpedido e mais substancial”, conforme a influência consciente é subtraída pelo recalque.<sup>418</sup> Em resumo, temos que “a ideia recalcada permanece capaz de ação no *Ics*”, o que seria indicativo de uma conservação de investimento que contrasta com a definição do recalque como uma *retirada* ou *retração* de investimentos. Por conta disso, o autor relaciona os investimentos aos sistemas envolvidos, esclarecendo que, no âmbito do recalque propriamente dito, o processo opera apenas a retirada de investimentos dos sistemas capazes de consciência (*Pcs* e *Cs*), de modo que, em termos econômicos, uma ideia outrora (pré)consciente, por conta do recalçamento e do conseqüente desinvestimento, poderia tanto permanecer não investida como receber investimento do *Ics*, ou conservá-lo se já o tivesse. “Logo”, afirma, “há retirada do investimento pré-consciente, manutenção do inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um inconsciente”.<sup>419</sup> Porém, em se tratando do recalque primordial, os mecanismos descritos não

---

<sup>416</sup> *REC*, p. 85-86.

<sup>417</sup> Essa expressão é explorada por Schlachter e Beivida (2010) para se pensar as traduções possíveis para *Verdrängung* tendo em vista o conceito freudiano. Em se tratando de um mecanismo em dois tempos, a ideia de um re-calcamento, no recalque propriamente dito, supõe um calcamento primeiro.

<sup>418</sup> *REC*, p. 87.

<sup>419</sup> *ICS*, p. 119-120.

seriam suficientes, de modo que, ao mecanismo de retirada, deve ser acrescido um outro, de *contrainvestimento*:

Temos aqui necessidade, então, de outro processo, que no primeiro caso [recalque propriamente dito] sustente o recalque, e no segundo [recalque primordial] cuide da sua produção e continuidade, e só podemos enxergá-lo na suposição de um *contrainvestimento*, através do qual o sistema *Pcs* se proteja do assalto da ideia inconsciente. [...] É ele que representa o gasto permanente de um recalque primordial, mas que também garante a permanência dele. O *contrainvestimento* é o único mecanismo do recalque primordial; no recalque propriamente dito [...] sobrevém a subtração do investimento *Pcs*. É bem possível que precisamente o investimento retirado à ideia seja aplicado no *contrainvestimento*.<sup>420</sup>

A capacidade de ação do material recalcado, inclusive exercendo uma pressão contínua, além de uma “desinibida expansão da fantasia”, são fatores que propiciam que os chamados derivados do inconsciente, os “derivados do recalcado primordial”, possam, de alguma maneira, contornar as barreiras da censura e reaver o acesso ao consciente: conforme consigam se distanciar o suficiente da representante recalcada, por vias diversas, como “assumindo deformações”. Freud comenta que “é como se a resistência que o consciente lhes opõe fosse uma função do seu distanciamento do originalmente recalcado”.<sup>421</sup> Os derivados do recalcado são diversos, assim como são variados os destinos que podem ter. Suas formas – como a fantasia, o sintoma, as formações substitutivas etc. –, a conjunção de forças e as movimentações dos investimentos levam a múltiplas configurações que podem ser apreciadas nos diferentes quadros clínicos, desde as neuroses de transferência até as ditas neuroses narcísicas, que a psicanálise abordava. As manifestações típicas da clínica são ocasionalmente trazidas ao longo desses dois ensaios, de maneira a explicitar todos os mecanismos envolvidos nos processos de recalçamento e de formações substitutivas. Aliás, o movimento final do artigo *O recalque* coloca algumas questões importantes relativas ao(s) mecanismo(s) do processo de recalçamento: “existe apenas um mecanismo de recalçamento ou vários deles [?] [...] cada uma das psiconeuroses se distinguiria por um mecanismo de recalque próprio [?]”. No entanto, aparece a complicação de que tais mecanismos só se tornariam acessíveis a partir da dedução dos resultados do processo de recalçamento, tais como a produção de uma “*formação substitutiva*” ou então dos “*sintomas*” deixados. Quais seriam, interroga Freud, os mecanismos envolvidos nesses produtos? Seriam

---

<sup>420</sup> *ICS*, p. 120.

<sup>421</sup> *REC*, p. 87-88.

vários mecanismos? Haveria uma coincidência desses mecanismos com os do recalçamento?<sup>422</sup>

Enfim, pondera-se o seguinte acerca dessa suposta identificação:

Atualmente a probabilidade maior é de que os dois divirjam bastante, de que não seja o recalçamento mesmo que produz formações substitutivas e sintomas, mas que estes surjam como indícios de um *retorno do recalçado*, em virtude de processos inteiramente outros.<sup>423</sup>

Diante disso, Freud aventava que seria interessante examinar primeiro os mecanismos dessas formações para depois apreender melhor os do recalque. Entretanto, na falta de maior clareza das relações entre consciente e inconsciente, se limita a antecipar alguns pontos: primeiro, “de fato, o mecanismo do recalque não coincide com o ou os mecanismos da formação substitutiva”; segundo, “há mecanismos bastante diversos de formação substitutiva”; por fim, “há pelo menos uma coisa comum aos mecanismos de recalque: a *retração do investimento de energia* (ou *libido*, quando lidamos com instintos sexuais)”.<sup>424</sup> Não obstante, Freud não se exime de abordar, já no final do ensaio do *Recalque*, algumas neuroses de transferência, ainda que brevemente. Elas fornecem descrições dos mecanismos envolvidos nas diferentes formações associadas ao processo de recalçamento. Vale ao menos enumerar alguns deles: os processos de deslocamento e condensação, propostos desde *A interpretação dos sonhos*, são alguns desses mecanismos implicados na produção das formações substitutivas ou sintomáticas, assim como o mecanismo de conversão, que aparece, por exemplo, na transformação do fator quantitativo em angústia; além desses, destacam-se a inervação somática, seja excitatória ou inibitória, a formação de fobias, a formação de sintomas e, enfim, a formação reativa. Ademais, esses produtos indicativos do retorno do recalçado atestam para certo *fracasso* do recalque. Justamente, Freud salienta que o recalque fracassado “tem mais direito ao nosso interesse do que aquele mais ou menos bem-sucedido, que em geral escapa ao nosso estudo” – afinal, o material que fundamenta as descrições e conceituações é eminentemente clínico e, portanto, marcado pela declinação *patológica*.

O que permitiria aferir que se trata de um fracasso? De forma resumida, o insucesso na evitação do desprazer ou mesmo a incapacidade de impedir o desencadeamento de angústia. Mas, além disso, essa questão nos leva à consideração de algumas características do recalque e um ponto de suma importância para nossa pesquisa: como a *representante pulsional* se desdobra em duas

---

<sup>422</sup> REC, p. 93-94.

<sup>423</sup> REC, p. 93-94.

<sup>424</sup> REC, p. 94.

partes distintas, passíveis de diferentes destinações.<sup>425</sup> O recalque, afirma Freud, “trabalha de maneira *altamente individual*; cada derivado do inconsciente pode ter seu destino particular”, conforme o nível de deformação. Além de *individual*, o recalque é também “extremamente *móvel*”, ou seja, não se trata de “algo acontecido uma única vez e que tem resultado duradouro”. Trata-se de um processo que “exige, isto sim, um constante gasto de energia”, dado o risco de fracasso e de precisar renovar o ato de repressão. Nesse sentido, assim como vimos quanto ao contrainvestimento, é possível depreender a necessidade de uma “ininterrupta contrapressão” que permita compensar a “contínua pressão” exercida pelo material recalcado em direção ao consciente. Tal mobilidade estaria presente também nas características psíquicas do sono, que mostram um apaziguamento temporário da censura que permite a formação onírica.<sup>426</sup> Na mesma linha, o próprio inconsciente enquanto sistema deve ser considerado “algo vivo e capaz de desenvolvimento”, continua nos derivados “e mantém um bom número de outras relações com o *Pcs*, entre elas também de cooperação”, podendo influenciar e ser influenciado por ele.<sup>427</sup>

O material recalcado pode “encontrar-se em estados bem diferentes”, sem, com isso, prejudicar o recalque: ele pode tanto “estar inativo, isto é, investido de bem pouca energia psíquica”, quanto “investido em grau variável, e assim capacitado para a atividade”. Esta ativação não suprime o recalque, mas pode suscitar processos que possibilitam o acesso à consciência “por vias indiretas”. Além disso, é possível encontrar derivados não recalcados que podem permanecer dessa maneira, ainda que “seu conteúdo fosse adequado para despertar um conflito com o que é dominante no consciente”. O determinante para decidir qual o destino do componente ideativo de um derivado seria “a medida de ativação ou investimento”: quanto maior ou mais intenso o investimento, maior a “aproximação ao inconsciente”; no sentido contrário, maior o grau de “distanciamento” ou “deformação”. Em suma, “o fator quantitativo se revela decisivo para esse conflito”.<sup>428</sup> De que se trata esse *fator quantitativo*? Freud esclarece:

Em nossa discussão tratamos, até o momento, do recalque de uma representante pulsional, entendendo por isso uma ideia ou grupo de ideias investido de um determinado montante de energia psíquica (libido, interesse) a partir da pulsão. A observação clínica nos leva agora a decompor o que até então apreendemos como uma unidade, pois nos mostra que é preciso considerar, além da ideia, uma outra

---

<sup>425</sup> Vale ressaltar que Freud, nesses dois ensaios que estamos examinando, tende a começar pela parte ideativa ou representacional da representante psíquica da pulsão, mas, em algum momento subsequente, retoma as observações a partir também do outro aspecto: o fator afetivo ou quantitativo.

<sup>426</sup> *REC*, p. 89-90.

<sup>427</sup> *ICS*, p. 131.

<sup>428</sup> *REC*, p. 90-91.

coisa que representa a pulsão, e o fato de que ela experimenta um destino de recalçamento que pode ser inteiramente diverso do da ideia. Para designar esse outro elemento da representante psíquica já se encontra estabelecido o termo de *montante afetivo*; ele corresponde à pulsão, na medida em que esta se desligou da ideia e acha expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são percebidos como afetos. De agora em diante, ao descrever um caso de recalque, teremos de acompanhar separadamente aquilo em que resultou a ideia, devido ao recalque, e o que veio a ser da energia pulsional que a ela se ligava.<sup>429</sup>

Nesse ponto, nos reencontramos diante da problemática da relação entre pulsão e representação, sobre a qual tivemos a oportunidade de esboçar algumas considerações.<sup>430</sup> Será oportuno, agora, retomar alguns pontos para dar seguimento a esta discussão. Vimos, a partir de Birman, que seria a dimensão intensiva constitutiva do campo pulsional que estaria implicada em seu caráter fronteiro: depreende-se daí que o psiquismo é necessariamente encorpado e que são as intensidades pulsionais que levam ao imperativo de fazer o psiquismo efetivamente trabalhar. Enquanto intensidade ou pura excitabilidade, a pulsão implica o psiquismo no trabalho de inscrever as intensidades no registro dos representantes. Tais representantes poderão então ser destinados de maneiras diversas, uma delas sendo o recalque. E, veremos a seguir, os destinos serão distintos caso se trate do componente ideativo ou do fator afetivo. A partir de Garcia-Roza, chegamos a uma elucidação quanto à confusão de termos: o fundamental é não perder de vista a diferença entre três coisas, a pulsão, a pulsão enquanto representante de algo físico, e os representantes psíquicos da pulsão. A esse respeito, o termo alemão para ideia nesta passagem é o consagrado “*Vorstellung*”, comumente vertido como *representação*, ao passo que a *representante* se refere ao termo “*Repräsentanz*”. Por conta dessa conjunção de termos, algumas traduções acabam vertendo de uma forma que soa estranho: “representante da representação”. A coisa se complexifica, ainda, quando a representante psíquica da pulsão acaba por ser devidamente decomposta em representante ideativo (ou representante da representação) e representante afetivo, aqui indicado pelo termo *montante afetivo* ou *fator quantitativo*. Ambos *representam* a pulsão, são como que “delegados” ou “embaixadores” que a representam num dos lados da fronteira: no aparelho psíquico.

Aludimos a esses termos, pois eles abrem para um campo semântico interessante para se pensar as representantes pulsionais. Além disso, é oportuno mencionar um comentário de Guattari sobre essa problemática, tecido num seminário de 1981. O contexto é a apresentação dos componentes da pulsão em Freud – a pressão, a fonte, o objeto e a meta –, que o leva a mencionar

---

<sup>429</sup> REC, p. 91-92.

<sup>430</sup> Ver item I.2.3.6.

um problema que, embora ele não o desenvolva exatamente, merece um comentário. Guattari questiona qual seria aí o estatuto da representação, dado que evidentemente “há uma oposição entre uma infraestrutura biológica na pulsão e um sistema de representação”. Ao menos enquanto impulso ou fonte, “a pulsão tem necessidade de *enviar representantes*, de *delegar deputados*, daí essa expressão muito complexa que foi traduzida como representante da representação” (“*représentant de la représentation*”, em francês). Ele considera uma ambiguidade que paira sobre isso: questiona se é a pulsão em seus quatro componentes que delega uma representação (ou representante, conforme a tradução que temos utilizado) e se a infraestrutura biológica seria condizente apenas com a fonte e o impulso (a pressão) ou também com o objeto e a meta. Quando destrincha as duas coisas que compõe esse representante, ele afirma que sua preferência para verter “representante da representação” é o termo “representação delegada”<sup>431</sup> – o que parece interessante relacionar ao modo como, junto de Deleuze em *O anti-Édipo*, vemo-los se referindo à família como “agente delegado do recalçamento”. Retomaremos esse ponto na sequência. Um último elemento que caberia trazer a partir desse seminário é a breve conclusão do comentário, em que Guattari reitera a marca representacional do *inconsciente freudiano* e a não conservação dos componentes pulsionais:

De qualquer forma, é bem claro que o inconsciente freudiano - na medida em que veicula fantasias, cenários, frases complexas - diz respeito apenas à representação. O inconsciente freudiano não conserva o impulso, a fonte, a libido, como tais. É importante distinguir bem. Só existe inconsciente freudiano em um espaço de representação. Se não se acessa esse espaço - pela performance linguística, languageira, a associação livre, toda a técnica... - não é o inconsciente freudiano.<sup>432</sup>

De volta ao Freud, temos que o componente ideativo e o afetivo, embora distintos, estão intimamente relacionados. As ideias são representantes psíquicos pulsionais na medida em que elas se encontram investidas por um certo montante de energia. Tal investimento alocado em uma determinada ideia, porém, pode ser desligado e seu montante correspondente pode ganhar expressão em processos de outra natureza: os afetos. Um ponto de suma importância, então, é a diferença quanto aos destinos de cada componente da representante psíquica pulsional. Como Freud indica no trecho citado: o destino desse montante afetivo pode ser “inteiramente diverso” do da ideia. Ao passo que o “destino geral da *ideia*” será “desaparecer do consciente, se antes era

---

<sup>431</sup> GUATTARI, p. 1981, p. 2.

<sup>432</sup> *Ibidem*, p. 2, tradução nossa.

consciente, ou ser mantida fora da consciência, se estava a ponto de tornar-se consciente”, uma diferença que “já não é significativa”,<sup>433</sup> o “destino do fator *quantitativo*”, por sua vez, é triplo:

A pulsão é inteiramente suprimida [reprimida], de modo que dela nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia. As duas últimas possibilidades nos impõem a tarefa de contemplar, como nova vicissitude do instinto, a *conversão* das energias psíquicas das *pulsões* em *afetos*, muito especialmente em *angústia*.<sup>434</sup>

Vale confrontar o esquema acima com seu equivalente no ensaio do *Inconsciente*, em que é possível observar uma variação no tocante aos três destinos: i. “o afeto continua como é, no todo ou na parte”; ii. “ou se transforma num montante de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia”; iii. “ou é suprimido, ou seja, seu desenvolvimento é impedido” – sendo, este último, o “verdadeiro objetivo do recalque”.<sup>435</sup> Em relação à citação acima, é possível observar que o (iii) corresponde ao primeiro destino, o (ii) ao segundo e terceiro, e o (i) não parece corresponder exatamente a nenhum deles. De toda forma, considerando que o motivo do recalque seria o de evitar o desprazer, Freud afirma que “o destino do montante afetivo da representante é bem mais importante que o da ideia”, sendo “decisivo para o julgamento do processo de recalque”: caso não consiga “impedir o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, então podemos dizer que ele fracassou, ainda que tenha alcançado sua meta na parte ideativa”.<sup>436</sup>

À medida que conseguimos cobrir os principais pontos do ensaio do *Recalque*, caberia seguir percorrendo o outro, dedicado ao *Inconsciente*, para averiguar complementos interessantes para melhor compreender a teoria freudiana do recalque. Considerando, como apontado por Guattari, que o inconsciente freudiano é indissociável de um espaço de representação – e isso pode ser aferido nos termos segundo os quais ele é concebido e explorado –, ainda assim, é importante se ter em conta as determinações das forças que constituem o campo pulsional, desde seu plano sub-representativo até sua expressão na ordem do aparelho psíquico, na forma dos processos de pensamento, sejam conscientes ou inconscientes, mas também em seu aspecto quantitativo e intensivo correlato, como veremos a seguir. Nessa linha, uma questão de especial interesse para nossa investigação é colocada na terceira seção do ensaio: dado que até então a discussão se

---

<sup>433</sup> REC, p. 92.

<sup>434</sup> REC, p. 92.

<sup>435</sup> ICS, p. 116.

<sup>436</sup> REC, p. 93.

restringia às ideias, Freud indaga se faria sentido falar em “impulsos”, “sentimentos” ou “percepções” *inconscientes*. Acerca do primeiro, temos que:

De fato, creio que a oposição de consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. *Uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que a representa.* Mas também no inconsciente ela não pode ser representada senão pela ideia. *Se a pulsão não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ela.* Mas se, no entanto, falamos de um impulso inconsciente ou um impulso recalcado, trata-se de uma inócua negligência de expressão. Só podemos estar nos referindo a um impulso cujo representante ideativo é inconsciente, pois outra coisa não poderia entrar em consideração.<sup>437</sup>

Quanto aos sentimentos, Freud salienta que “é da [sua] natureza [...] que ele seja sentido, isto é, que se torne conhecido da consciência”, de modo que, a princípio, não seria apropriada a possibilidade de inconsciência no caso de sentimentos, sensações ou afetos. Entretanto, a própria prática psicanalítica mostraria o costume de falar em diversos afetos enquanto inconscientes - como amor, ódio, raiva -, ou outras expressões, até paradoxais, como a “consciência de culpa inconsciente”. Diferentemente da pulsão em si, seria plausível “o uso das expressões ‘afeto inconsciente’ e ‘emoção inconsciente’”: elas remetem “aos destinos do fator quantitativo da moção pulsional, em consequência do recalque”. Vimos os três destinos que esse fator pode ter. Vale dizer, além disso, que justamente por conta do recalque da verdadeira representação de um “impulso afetivo ou emocional”, ele acaba sendo obrigado “a unir-se com outra ideia”, de modo que ele pode ser percebido, “mas de forma equivocada”, enquanto manifestação dessa outra ideia. Tendo isso em vista, Freud afirma que, “se restabelecemos o vínculo correto, chamamos o impulso afetivo original de ‘inconsciente’, embora seu afeto jamais tenha sido inconsciente, apenas a ideia sucumbiu ao recalque”. Ademais, se a “supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo do recalque”, nos casos em que tal desenvolvimento do afeto é inibido, seria adequado falar em afetos inconscientes, sendo precisamente aqueles que acabam sendo restaurados no decurso da análise, “ao corrigir o trabalho do recalque”. De todo modo, não deixa de haver uma diferença significativa, pois a ideia recalcada “continua existindo como formação real no sistema *Ics*, enquanto ao afeto inconsciente corresponde, no mesmo lugar, apenas uma possibilidade incipiente”.<sup>438</sup> Portanto,

a rigor, e embora esse modo de falar continue sendo irrepreensível, não existem afetos inconscientes tal como existem ideias inconscientes. Mas bem pode haver,

<sup>437</sup> *ICS*, p. 114-115, grifo nosso.

<sup>438</sup> *ICS*, p. 115-116.

no sistema *Ics*, formações afetivas que, como outras, tornam-se conscientes. Toda a diferença vem de que ideias são investimentos – de traços mnemônicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações.<sup>439</sup>

Uma conclusão extraída disso é a de que o recalque, além de manter algo afastado da consciência, é capaz de “impedir que a moção pulsional se transforme em exteriorização de afeto”, e impedir não apenas o “desenvolvimento do afeto” como também “o desencadeamento da atividade muscular”. Isso atesta para a extensão que pode ter a luta entre os sistemas *Cs* e *Ics*, ao ponto de brigar pela “primazia sobre a afetividade” e a motilidade. Além disso, se o componente afetivo denota processos de pressionamento por descarga, quando há o recalque, a possibilidade de desenvolvimento do afeto pode tomar a forma de desencadeamento de angústia, ou então se impõe uma espera por um “substituto consciente” que viabilize um novo investimento e a expressão do afeto segundo qualidades diversas, para além da angústia.<sup>440</sup> Em suma, Freud conclui o seguinte:

Afirmamos que no recalque o afeto se separa de sua ideia, e depois os dois prosseguem para seus diferentes destinos. Em termos descritivos isso é indiscutível; via de regra, porém, o processo real é que um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema *Cs*.<sup>441</sup>

Adiantamos anteriormente outras teses importantes que aparecem no texto do inconsciente. Além da proposição da vertente topológica da metapsicologia, a partir das designações dos diferentes sistemas do aparelho psíquico, e da dinâmica que se dá entre eles, seja em comunicação ou em conflito, bem como das diversas forças envolvidas, sobressai desse texto a exploração da vertente econômica, a partir da qual os elementos constituintes dos sistemas e os processos envolvidos, como o de recalque, são analisados conforme as movimentações e destinações das quantidades de excitação e os modos de investimento, de ligação e desligamento delas. A definição exata trazida pelo autor indica que o ponto de vista *econômico* “procura acompanhar os destinos das quantidades de excitação e alcançar uma avaliação ao menos relativa dos mesmos”.<sup>442</sup>

Nesse sentido, podemos destacar quatro formas principais de movimentação das quantidades: alocação de investimento, retirada ou retração de investimento, contrainvestimento e sobreinvestimento. Os investimentos podem ser referidos aos diferentes sistemas dos quais partem e nos quais são feitos e se refere ao que vínhamos trabalhando acerca da relação do fator

---

<sup>439</sup> *ICS*, p. 117.

<sup>440</sup> *ICS*, p. 117-118.

<sup>441</sup> *ICS*, p. 118.

<sup>442</sup> *ICS*, p. 120.

quantitativo e do componente ideativo-representacional. Além disso, abordamos como o recalque, em suas duas fases ou modalidades, apresenta processos de retirada de investimento e/ou contrainvestimento, que estão implicados na produção das variadas formações e derivados. Da mesma forma, tais movimentações podem ser referenciadas aos sistemas envolvidos, de modo que o contrainvestimento designa um processo eminentemente do sistema (pré)consciente. A maneira como ele se dá, inclusive, permite esclarecer algumas das manifestações de processos patológicos. Com efeito, se no ensaio anterior, Freud chegou a abordar, ainda que de modo mais descritivo, os diferentes quadros de neuroses transferenciais, neste texto do *Inconsciente*, ele retoma esta consideração, agora propondo um comentário mais detalhado a partir dos três pontos de vista metapsicológicos. O contrainvestimento pode tomar parte no investimento de formações substitutivas ou mesmo no desdobramento de uma formação sintomática. Um ponto a ser destacado é a noção de que “a intensidade do recalque é medida pelo contrainvestimento aplicado”. Desse modo, à guisa de exemplo, numa histeria de conversão, o dispêndio de energia no recalque poderia ser considerado menor, na medida em que é possível observar certa confluência entre o investimento *Ics* e o contrainvestimento *Pcs* (*Cs*) na “porção eleita para sintoma”, em que o investimento pulsional é transformado em inervação somática. O sintoma surge, então, em conformidade com a “condição de exprimir tanto a meta de desejo da moção pulsional como o esforço de defesa ou castigo do sistema *Cs*”.<sup>443</sup>

Mais adiante, ao final do ensaio, Freud extrai outros elementos a partir de um grupo diferenciado de afecções: as chamadas “psiconeuroses narcísicas”, dentre as quais seriam situadas quadros como a esquizofrenia, a paranoia e a hipocondria. O interesse especial sobre esses quadros, que vinha desde antes dos estudos sobre o narcisismo, se deve a certas características que diferem em alguma medida das neuroses de transferência e que levaram Freud, naquela ocasião, a extrair conclusões acerca da estrutura do Eu. No ensaio sobre o *Inconsciente*, por sua vez, a peculiaridade do “comportamento ante a oposição Eu-objeto”, observada nas neuroses narcísicas, é trazido para dar seguimento à investigação, buscando extrair esclarecimentos acerca do “enigmático *Ics*”.<sup>444</sup> Nesse contexto, gostaríamos de destacar a noção de *sobreinvestimento* e alguns pontos que concernem ao recalque.

---

<sup>443</sup> *ICS*, p. 125.

<sup>444</sup> *ICS*, p. 138-139.

De partida, Freud apresenta uma contraposição entre as neuroses de transferência e as narcísicas, que é elucidativa da maneira como a psicanálise considera, de forma geral, a etiologia dos processos patológicos que comparecem à clínica. É de se notar como as neuroses de transferência conduzem à demarcação da realidade psíquica, pelo modo como se acomoda a *frustração* em relação ao objeto e pela maneira como se mantêm os investimentos objetivos, inclusive possibilitando a transferência em análise. Nas palavras de Freud:

Sabíamos, é verdade, que a frustração relativa ao objeto traz a irrupção da neurose, e que a neurose [de transferência] implica a renúncia ao objeto real, e também que a libido subtraída ao objeto real retrocede a um objeto fantasiado e dele a um recalçado (introversão). Mas nelas o investimento objetal é mantido com grande energia, e um exame mais cuidadoso do processo de recalçamento nos levou a admitir que o investimento objetal dentro do sistema *Ics* continua a existir, apesar – ou melhor, por causa – do recalque. [...] Já na esquizofrenia impôs-se, para nós, a hipótese de que depois do processo de recalçamento a libido retirada não busca um novo objeto, mas recua para o Eu; ou seja, de que os investimentos objetivos são abandonados e um estado primitivo de narcisismo sem objeto é restabelecido.<sup>445</sup>

Ademais, observava-se nesses quadros: a incapacidade para a transferência, uma “característica rejeição do mundo externo”, e “sinais de um sobreinvestimento do próprio Eu”, com possível desfecho em “completa apatia”. “Todos esses traços clínicos”, diz Freud, “parecem condizer perfeitamente com a hipótese de um abandono dos investimentos objetivos”. Sem entrar no mérito da atualidade dessa compreensão da esquizofrenia, que certamente não se coaduna com a perspectiva deleuzo-guattariana, sendo inclusive expressamente contestada e situada em uma longa tradição idealista, o que vale destacar, além dessa ideia de um “sobreinvestimento do próprio Eu” – este que, com o narcisismo, é alçado a objeto da pulsão sexual –, é uma outra observação: a de que “na esquizofrenia se exprime conscientemente muita coisa”. Isto se mostra contrastante em comparação com as neuroses de transferência, nas quais se sobressai o material inconsciente demonstrado pela psicanálise. Portanto, o interesse de Freud está em chegar a uma “conexão inteligível ante a relação Eu-objeto e as relações da consciência”.<sup>446</sup> Para isso, o psicanalista não apenas postula que as representações de objeto são decompostas entre representação de palavra e representação de coisa, como também considera que, na esquizofrenia, os *processos psíquicos primários* – como aqueles desvelados na formação dos sonhos, cujas imagens partem de pensamentos oníricos latentes – submetem as próprias *palavras*, que seriam objeto de condensação

---

<sup>445</sup> *ICS*, p. 139.

<sup>446</sup> *ICS*, p. 139-140.

e de deslocamento, de modo que “uma única palavra” pode assumir “a representação de toda uma cadeia de pensamentos”. O “caráter estranho” que pode adquirir a formação substitutiva e o sintoma esquizofrênico seria devido, justamente, a uma “predominância da referência à palavra sobre a referência à coisa”.<sup>447</sup> Quanto à referida decomposição da representação de objeto, Freud a apresenta da seguinte maneira:

Vamos relacionar essa percepção à hipótese de que na esquizofrenia os investimentos de objeto são abandonados. Então teremos que fazer uma modificação: o investimento nas representações verbais dos objetos é mantido. Agora o que poderíamos chamar de representação consciente do objeto se decompõe para nós em *representação da palavra* e em *representação da coisa*, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Acreditamos saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. [...] a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema *Ics* contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetivos propriamente ditos; o sistema *Pcs* surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. São esses sobreinvestimentos, conjecturamos, que levam a uma mais alta organização psíquica e tornam possível a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*.<sup>448</sup>

Nesse ponto, nota-se um certo traço desse momento da leitura freudiana acerca do aparelho anímico. Desde a atividade inconsciente até a consciente, além da diferença em termos de processo primário e processo secundário, encontramos uma mudança quanto ao nível de organização psíquica envolvida. Além disso, essa espécie de “progressão” da organização psíquica seria marcada por sucessivas censuras, ao menos na fronteira entre *Ics* e *Pcs*, na qual é localizada o recalque, mas também uma segunda que estaria localizada na fronteira entre o *Pcs* e o *Cs*, de modo que “tornar-se consciente não é um simples ato de percepção, mas provavelmente um *sobreinvestimento* também, um avanço mais na organização psíquica”<sup>449</sup> – o que é desdobrado nas definições acima acerca da representação de coisa e de palavra.

Vimos que o *Ics*, à medida que pode manter investimentos em formações cuja passagem não é bloqueada aos demais sistemas, continua agindo por meio de seus derivados. E, inclusive, “entre os derivados das moções pulsionais *ics* [...] há alguns que reúnem em si características opostas”, ou seja, traços atinentes tanto ao *Ics* quanto ao *Pcs* (*Cs*). As fantasias e formações

---

<sup>447</sup> *ICS*, p. 142-143; p. 145.

<sup>448</sup> *ICS*, p. 145-147.

<sup>449</sup> *ICS*, p. 135-136.

substitutivas seriam alguns exemplos desses. Com efeito, os derivados inconscientes estão entre os elementos de maior participação no sistema *Pcs*: uma parcela seria capaz de consciência, ao passo que outra “parte enorme”, aquela de origem inconsciente, acaba por estar submetida àquela segunda censura para que consigam aceder ao consciente. Em suma, temos que “a primeira censura funciona para o *Ics* mesmo; a última, para os derivados *ics* dele”.<sup>450</sup>

Enquanto “o âmago do *Ics* consiste de representantes pulsionais que querem descarregar seu investimento, de impulsos de desejo portanto”<sup>451</sup>, o *Cs*, por sua vez, poderia ser situado na proximidade também com a percepção do mundo externo. Ainda que as barreiras da censura se interponham nas fronteiras entre os sistemas, é possível considerar vias de comunicação entre eles, embora a suscetibilidade à influência difira bastante entre os sistemas. Por certo o *Ics* influencia bastante o *Pcs* e o *Cs* através de seus derivados, mas o contrário é menos garantido. Ao menos o tratamento psicanalítico seria indicativo dessa possibilidade, pois está fundado, justamente, “na influência sobre o *Ics* a partir do *Cs*”.<sup>452</sup> Quanto à comunicação entre o *Ics* e os demais sistemas, Freud salienta que:

Nas raízes da atividade pulsional os sistemas se comunicam amplamente entre si. Uma parte dos processos estimulados passa pelo *Ics* como por um estágio preparatório e alcança o mais alto desenvolvimento psíquico no *Cs*, enquanto outra parte é retida como *Ics*. Mas o *Ics* é também atingido pelas experiências vindas da percepção externa. Todos os caminhos que levam da percepção para o *Ics* permanecem normalmente livres; apenas os caminhos que do *Ics* levam adiante são submetidos à barreira do recalque.<sup>453</sup>

Além dessa ampla comunicação nas raízes da atividade pulsional, Freud aventa a possibilidade de uma cooperação entre impulsos *pcs* e *ics*. Nesse caso, “o impulso inconsciente é capaz de agir no mesmo sentido de uma das tendências dominantes”, de modo que “é suspenso o recalque” e “permite-se a atividade recalçada, como reforço daquela pretendida pelo Eu”. Porém, ressalta Freud, “o inconsciente torna-se conforme ao Eu nessa constelação única, sem que, de resto, algo se modifique em seu recalque”.<sup>454</sup> De todo modo, quais seriam, enfim, as diferenças mais significativas entre o *Ics* e o *Pcs*? O sistema *Ics* opera segundo o princípio de prazer e, de modo resumido, apresenta as seguintes características distintivas: “ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela

---

<sup>450</sup> *ICS*, p. 132-133; p. 135.

<sup>451</sup> *ICS*, p. 126-127.

<sup>452</sup> *ICS*, p. 137.

<sup>453</sup> *ICS*, p. 137.

<sup>454</sup> *ICS*, p. 137-138.

*psíquica*”. Em contraste, os processos dos sistemas *Pcs* ou *Cs* mostram: inibição da tendência à descarga, limitação ou exclusão de deslocamentos e condensações, estabelecimento da comunicação entre conteúdos ideativos e a possibilidade de mútua influência, sua ordenação temporal, as censuras, a prova de realidade e o princípio da realidade, portanto, o chamado *processo secundário*.<sup>455</sup>

O sobreinvestimento, além de participar dessa instauração de formas mais “elevadas” de organização psíquica, e de possibilitar a substituição do processo primário pelo secundário, cumpriria também um papel importante no recalque. Ou melhor, a ausência de um sobreinvestimento é o que denotaria a ausência de uma tradução que permitisse ao conteúdo recalçado acessar o consciente. Noutros termos, Freud afirma que, no caso das neuroses de transferência, o recalque “recusa à representação rejeitada [...] a tradução em palavras que devem permanecer ligadas ao objeto”. Portanto, “o ato psíquico não sobreinvestido permanece então no inconsciente, como algo recalçado”. Na esquizofrenia, embora a retirada de investimentos coincida ou seja até mais radical que a das neuroses de transferência, observa-se que a parcela *pcs* da representação de objeto, as *representações verbais* correspondentes, acaba experimentando não uma imediata supressão ou “o primeiro impacto do recalçamento”, mas, pelo contrário, um investimento mais intenso. Diante disso, Freud ajusta os termos, propondo uma saída: o investimento da representação verbal participaria, não do ato de recalque em si, mas das “primeiras tentativas de restabelecimento ou cura”, demonstrando os esforços para “reaver os objetos perdidos”, ainda que acabe precisando “se contentar com as palavras em vez das coisas”.<sup>456</sup>

Ao relacionarmos essa exposição da teoria freudiana do recalque ao texto de *O anti-Édipo*, uma face oculta acaba por se revelar em sua dimensão problemática: o que constitui o recalçado primordial? De que matéria se trata e qual a sua representação psíquica? De partida, em Freud, vimos que o material de base são as pulsões sexuais, os investimentos libidinais objetais, conforme haja uma *frustração* objetal que deflagre a introversão da libido e pareça fundar a cena privada da realidade tão-somente psíquica. Seria o caso de indagar o quanto essa situação determinante para a deflagração da neurose acaba tendo como pressuposto certa unificação do investimento libidinal em um ou alguns objetos privilegiados, não mais na multiplicidade de objetos referidos às variadas pulsões parciais. Nesse sentido, no ensaio sobre o inconsciente, Freud chega a comentar que “uma

---

<sup>455</sup> *ICS*, p. 128-130.

<sup>456</sup> *ICS*, p. 147-150.

divisão clara e definitiva no conteúdo dos dois sistemas só se estabelece, via de regra, no momento da puberdade”, apesar de compreender o conteúdo do *Ics* como se fosse uma “população aborígine da psique”, repleto de “formações psíquicas herdadas” no próprio “âmago do *Ics*”. Ele relaciona essas formações a “algo análogo ao instinto [*Instinkt*] dos animais”, ou seja, algo como a *Trieb*, as *pulsões*, sejam elas de autoconservação ou sexuais. E, além delas, se juntaria “mais tarde” ao conteúdo *Ics* “o que durante o desenvolvimento infantil é eliminado por ser inutilizável, e que não precisa ser diferente, em sua natureza, daquilo que foi herdado”. De toda forma, permanece incógnito o material mobilizado no âmbito do recalque originário, que denotaria os primórdios da delimitação de uma região do aparelho psíquico marcada profundamente pela atividade inconsciente. Entretanto, nos desenvolvimentos posteriores da teoria freudiana, é de se supor que esse material será preenchido, de forma cada vez mais prevalente, pela atividade pulsional circunscrita ao complexo edipiano.

Nesse sentido, vimos que um dos pontos de contestação levantados por Deleuze e Guattari é, justamente, que o alvo do recalque consista, primordialmente, em pulsões já qualificadas como incestuosas e que esta operação seja desatrelada de um esforço repressivo inerente ao campo social, que visaria, isto sim, a produção desejante das pulsões parciais ou, dito de outra forma, toda uma sexualidade anedipiana. Além desse ponto, seria proveitoso examinar a maneira como os filósofos retomam a teoria do recalque de Freud: a princípio, podemos destrinchar essa retomada tanto no âmbito da constituição da produção desejante, especialmente nas forças que atravessam o desarranjo entre as peças trabalhadoras e o elemento de anti-produção, conforme analisamos; como, também, no contexto de instauração da soberania edipiana e do confinamento ao território familiar, em que se observa, de forma mais acentuada, a diferença e a relação entre repressão e recalque. Embora o aporte freudiano trazido não esgote tudo o que poderia ser trabalhado acerca da teoria do recalque, ao menos nos oferece elementos suficientes para a análise comparada de *O anti-Édipo*. Vale a ressalva de que a topologia proposta neste momento será suplantada pelos desenvolvimentos posteriores a *Além do princípio de prazer*, principalmente em 1923, com *O Eu e o Id*.

### III.1.3. O sistema ou aparelho de repressão-recalque

Além dos usos no contexto do primeiro capítulo, a requalificação da teoria do recalque de Freud atravessa principalmente o segundo capítulo de *O anti-Édipo*, no qual os autores substanciam

sua crítica à psicanálise pela identificação de diversos “paralogismos” que fundamentam e condicionam a própria possibilidade de se fazer uma leitura edipianizante do inconsciente. A certa altura, eles comentam o seguinte: “tentamos analisar a forma, a reprodução, a causa (formal), o procedimento e a condição do triângulo edipiano. Mas *adiamos a análise das forças reais, das causas reais de que a triangulação depende*”.<sup>457</sup> O que querem dizer com isso? Quais seriam essas forças ou causas reais? E os demais objetos de análise? Posto que a crítica se faz dentro e fora da psicanálise, logo vemos que a “triangulação” é situada sobre o contexto mais amplo das forças da repressão social: “a linha geral da resposta é simples, foi traçada por Reich: é a da repressão social, a das forças de repressão social”. Porém, eles salientam que, sob essa “resposta simples”, subsistem *dois problemas* interconectados: “um, é o da relação específica do recalçamento com a repressão; o outro, é o da situação particular de Édipo no sistema repressão/recalçamento”. A começar com a questão que se mostra mais “urgente”, a segunda, Deleuze e Guattari indagam: “será que o recalçamento incide sobre o complexo de Édipo tido como expressão adequada do inconsciente? O que se pergunta é se Édipo exprime efetivamente o desejo; se ele é desejado, então é de fato sobre ele que incide o recalçamento”. A centralidade e urgência deriva do fato de que, “*se o recalçamento incidisse sobre desejos incestuosos, ele adquiriria [...] uma independência e um primado [...] em relação à repressão, que, assim, seria tão-só concernente aos retornos do recalçado numa sociedade constituída*”.<sup>458</sup>

Vimos que essa compreensão de Édipo como expressão adequada do desejo e do inconsciente será reiteradamente contestada, movimento que levará, por exemplo, ao contraponto entre, por um lado, a repressão sobre as pulsões parciais enquanto produção desejante e, por outro, o recalçamento, supressão ou sublimação das pulsões incestuosas, pulsões familiares etc. E, noutra perspectiva, os autores apontam que a própria “descoberta” de Édipo, na autoanálise de Freud, enseja já um problema, pois se tratava de outra coisa, antes de ser reportada a Édipo. O que seria isso? Deleuze e Guattari comentam que se referia a algo, “uma variante do ‘romance familiar’”, que tinha o potencial de explodir as determinações da família. E, esse romance familiar vai pouco a pouco sendo remetido a uma “dependência de Édipo”.<sup>459</sup>

A relação íntima que os “desejos edipianos” têm com o recalçamento não é a de serem os recalçados, mas a de consistirem no “engodo ou [n]a imagem desfigurada com que o recalçamento

---

<sup>457</sup> *AE*, p. 154 [134], grifo nosso.

<sup>458</sup> *AE*, p. 154-155 [134-135].

<sup>459</sup> *AE*, p. 77 [64].

arma uma cilada ao desejo”. Que o desejo possa ser recalçado, não seria pelo fato de ser desejo incestuoso ou de vingança, mas, inversamente, ele acaba se tornando desejo edipiano na condição de ser antes disso desejo recalçado: “só aparece com essa máscara sob o recalçamento que a modela e nele a coloca”. Além disso, Deleuze e Guattari afirmam que é pela potencialidade do desejo de “pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade” que ele acaba sendo recalçado. “O desejo é, na sua essência, revolucionário”, dizem. Ele é “perturbador” e pode explodir a ordem social, de modo que essa profunda ameaça faz com que seja “de uma importância vital para uma sociedade reprimir o desejo”. E mais: não apenas reprimi-lo, mas “achar algo melhor do que a repressão, para que até a repressão, a hierarquia, a exploração e a sujeição sejam desejadas”: o recalque. Ter em conta que o desejo ameaça por ser revolucionário, eles ressaltam, não significa que ele seja outra coisa que não a sexualidade. Significa apenas que “a sexualidade e o amor não dormem no quarto de Édipo”.<sup>460</sup> Enfim, Deleuze e Guattari salientam que, mesmo que haja uma identidade entre a produção social e a produção desejante, ainda assim, sua diferença de regime admite que

uma forma social de produção exerce uma repressão essencial sobre a produção desejante, e também que a produção desejante (um “verdadeiro” desejo) pode potencialmente explodir a forma social. Mas o que é um “verdadeiro” desejo, já que também a repressão é desejada? Como distingui-los? – reclamamos o direito de fazer uma longa análise. Porque, não nos enganemos, mesmo em seus usos opostos *são as mesmas sínteses*.<sup>461</sup>

E se, ao fim e ao cabo, a consequência da edipianização do inconsciente é o esmagamento da produção desejante e a submissão às exigências da representação<sup>462</sup>, ao diferenciar os termos da repressão e do recalçamento, ao ponderar sobre a relação entre esses mecanismos e ao desvelar as forças reais em jogo, chega-se ao seguinte entendimento:

O recalçamento distingue-se da repressão pelo caráter inconsciente da operação e do seu resultado (“mesmo a inibição da revolta se tornou inconsciente”), distinção que exprime bem a diferença de natureza, embora não se possa concluir dela uma independência real entre ambos. O recalçamento é tal que a repressão devém desejada, deixando de ser consciente; e ele induz um desejo de consequência, uma imagem falsificada daquilo sobre o que ele incide, o que lhe dá uma aparente independência. O recalçamento propriamente dito é um meio a serviço da repressão. E aquilo sobre o que ele incide, a produção desejante, é também objeto da repressão. Mas, justamente, o recalçamento implica uma dupla operação original: uma, pela qual a formação social repressiva delega o seu poder a uma instância recalçante; e outra, pela qual, correlativamente, o desejo reprimido é como que recoberto pela imagem deslocada e falsificada que o

---

<sup>460</sup> *AE*, p. 158 [137-138].

<sup>461</sup> *AE*, p. 159 [138-139].

<sup>462</sup> *AE*, p. 77 [63-34].

recalcamento suscita. [...] *É num mesmo movimento que a produção social repressiva se faz substituir pela família recalcante, e que esta dá, da produção desejante, uma imagem deslocada que representa o recalcado como pulsões familiares incestuosas.* A relação entre as duas produções é assim substituída pela relação família – pulsões, e é neste diversionismo que a psicanálise se perde. E é bem visível o interesse de uma tal operação do ponto de vista da produção social, que de outro modo não poderia conjurar a potência de revolta e de revolução do desejo.<sup>463</sup>

Essa passagem permite esclarecer, além da diferença entre recalcamento e repressão, qual a função e a dupla operação implicadas no processo do recalcamento, suas consequências e, ainda, o papel da família. O recalque em questão é, precisamente, o *propriamente dito*, que está posto a serviço da repressão. Quanto à diferença de operação, se o recalcamento é caracterizado como *inconsciente*, então seria a repressão do plano do consciente? Ao longo do livro, por vezes relaciona-se o inconsciente ao plano das máquinas desejantes, da produção desejante, que estaria permeado por “forças elementares através das quais o inconsciente se produz”. Tais forças, no entanto, estão numa “relação necessária” ou “inextrincavelmente ligadas” com outras: “as resultantes que reagem sobre as primeiras”, ou os “conjuntos estatísticos através dos quais o inconsciente se representa”, mas à medida que sofre “recalcamento e repressão de suas forças elementares”. Este segundo polo é o relativo às máquinas sociais e técnicas, às quais estaria atrelado, não um inconsciente, mas um “involuntário”, bem como todo o domínio da consciência e da crença.<sup>464</sup> Com efeito, a redução do inconsciente ao “estado de representação” é correlativa da substituição das produções por um “sistema de crenças”, de modo que: “é ao mesmo tempo que a produção social encontra-se alienada em crenças supostamente autônomas e que a produção desejante encontra-se desviada para representações supostamente inconscientes”. Essa “dupla operação”, por sua vez, é *executada pela instância da família*.<sup>465</sup> Estando o recalcamento a serviço da repressão, o que temos é uma convergência em que a produção desejante se torna alvo tanto da repressão quanto do recalcamento, posto que é este que faz aquela se tornar *desejada*, deixar de ser consciente. Além disso, essa convergência envolve também uma dupla operação, de delegação de instâncias e de falseamento: da formação social repressiva à instância recalcante da família; do desejo reprimido às pulsões familiares incestuosas, Édipo, como representante deslocado do recalcado.

---

<sup>463</sup> *AE*, p. 162-163 [142].

<sup>464</sup> *AE*, p. 373-374 [337].

<sup>465</sup> *AE*, p. 391 [352-353].

De toda forma, a antecedência da repressão sobre o recalçamento não exclui a dependência entre os dois, tampouco acarreta na mistura entre os conceitos. É importante considerar que “a repressão tem necessidade do recalçamento” e que o “recalçamento familiar” não estaria na base da repressão social, mas, pelo contrário, está colocado como meio dessa repressão, pois, vale reforçar, “é pelo recalçamento sexual que a repressão incide sobre o desejo, e não apenas sobre necessidades ou interesses”. Assim, Édipo “situa o desejo neste impasse querido e organizado pela sociedade repressiva”, impasse que é atualizado pela “estase da energia libidinal”, o que denota tanto a “repressão do desejo”, quanto o “recalçamento sexual”.<sup>466</sup>

O próprio postulado psicanalítico de que a representação inconsciente não pode “ser apreendida independentemente das deformações, disfarces ou deslocamentos que ela sofre”, ainda que considerado correto, é posto em perspectiva pelos autores de *O anti-Édipo*. Tal postulado implica que “a representação inconsciente compreende essencialmente [...] um representado deslocado em relação a uma instância em perpétuo deslocamento”, sendo Édipo “certamente o representado deslocado”. A castração, por sua vez, corresponderia ao “representante, [a]o deslocante, [a]o significante”. Entretanto, não se trataria de material ou produções do inconsciente, mas resultado, novamente, de “duas operações de captura”, quais sejam, a substituição da produção social repressiva por crenças e da produção desejante recalcada por representações. No fundamento desse equívoco estaria a conclusão ilegítima tirada desse postulado: supor que a instância deslocante poderia ser descoberta a partir do representado deslocado.<sup>467</sup> Nisso, encontramos um dos chamados “paralogismos” da psicanálise: o paralogismo do deslocamento e a desfiguração do recalcado. Segundo Deleuze e Guattari, se trata do problema de “concluir diretamente do recalçamento a natureza do recalcado”, relacionando-o ao movimento de extrair de uma proibição a natureza do que é proibido, ou seja, concluir os desejos incestuosos da lei de proibição do incesto. Mais do que isso: eles chegam a um problema que envolve três termos, ao invés de dois que seriam a “proibição formal” e o “realmente proibido”. Nesse novo sistema triádico, há a necessidade de distinguir: (i) “a representação recalcante, que opera o recalçamento”; (ii) “o representante recalcado, sobre o qual o recalçamento incide realmente”; (iii) “o representante deslocado, que dá do recalcado uma imagem aparente, falsificada, à qual se supõe que o desejo se deixa prender”. A partir desse esquema, depreende-se que o recalçamento não opera nem incide sobre Édipo, mas,

---

<sup>466</sup> *AE*, p. 161 [140-141].

<sup>467</sup> *AE*, p. 414-414 [373-374].

isto sim, que Édipo é “a imagem falsificada”: “nem sequer é um retorno do recalçado. É um produto factício do recalçamento”, “apenas o representado enquanto induzido pelo recalçamento”, que acaba por deslocar o desejo.<sup>468</sup> Além disso,

Édipo não é um estado do desejo e das pulsões, é uma *ideia*, é tão-só uma ideia que o recalçamento nos inspira a respeito do desejo; ela nem sequer é um compromisso, mas uma ideia a serviço do recalçamento, da sua propaganda ou da sua propagação<sup>469</sup>

Se as pulsões familiares incestuosas, ou Édipo, consistem na “imagem desfigurada do recalçado”, a família, por sua vez, é o “agente delegado do recalçamento, ou antes, delegado ao recalçamento”. Ela é a instância de que dispõe a produção social, pois, ainda que pertença essencialmente ao registro desta, ou seja, ainda que faça parte da “superfície de registro do *socius*”, ela é capaz “de se inscrever também na superfície de registro do desejo”. Embora seja por meio de uma “rede genealógica” não familiar que ocorra o registro da produção desejante sobre o corpo sem órgãos, acaba que a criança “‘reporta’ inocentemente aos pais um pouco da espantosa experiência produtiva que vai tendo com seu desejo”. É reportada, pois não se trata de uma experiência imediatamente relacionada “com os pais enquanto tais”. É por conta do efeito da “ação precoce da repressão social” que a família “aliena a seu proveito toda a genealogia” do registro do desejo. O processo, constituído pela multiplicidade transbordante dos objetos parciais, fluxos, signos e agentes passa a ser submetido, ainda que desde muito cedo, conforme a família se introduz na produção do desejo, operando “desde a mais tenra idade, um deslocamento, um recalçamento incrível”. E isto é possível por conta do *recalçamento originário* que o corpo sem órgãos exerce sobre a produção desejante: “cabe à família aproveitar-se disso e sobrepor a isso o *recalçamento secundário propriamente dito*”.<sup>470</sup> Sobre isso, Deleuze e Guattari comentam:

a psicanálise mostrou bem qual é a diferença entre estes dois recalçamentos, mas não o alcance dessa diferença ou a distinção de seu regime. [...] É por isso que o recalçamento propriamente dito não se limita a recalçar a produção desejante real, mas dá do recalçado uma imagem aparente deslocada, substituindo o registro do desejo por um registro familiar. O conjunto da produção desejante só adquire a bem conhecida figura edipiana na tradução familiar do seu registro, tradução-traição.<sup>471</sup>

---

<sup>468</sup> *AE*, p. 156-157 [136-137].

<sup>469</sup> *AE*, p. 157 [137].

<sup>470</sup> *AE*, p. 162-164 [142-144].

<sup>471</sup> *AE*, p. 164 [143-144].

Como esclarecer a relação entre o recalçamento originário e o recalçamento propriamente dito? Como que este efetivamente se aproveita daquele? De que maneira se dá a *tradução-traição* da produção desejante no código edipiano? Num dado momento, Deleuze e Guattari falam de como a interpretação “suscita as ilusões inevitáveis [...] pelas quais a consciência [...] forma para si uma imagem do inconsciente”, sendo que essas ilusões apenas “*pegam*” por conta “de uma coincidência e de um apoio no próprio inconsciente, que assegura esse ‘pegar’”: o recalçamento originário. Eles explicam que o recalçamento originário, exercido “no momento da repulsão no seio da produção desejante molecular” é o que permite ao recalçamento propriamente dito “representar as forças molares no inconsciente e esmagar a produção desejante”, ou seja, é a ocasião que o habilita a “imiscuir-se na maquinaria do desejo”, montando a “armadilha edipiana”. Talvez o contraste com o funcionamento propriamente maquínico permita esclarecer melhor. Os autores falam de uma “tarefa positiva” da esquizoanálise que seria seguir “as linhas de fuga e os índices maquínicos” em direção às máquinas desejantes, buscando, assim, “assegurar a conversão maquínica do recalçamento originário”, conforme cada caso. Isso significa “desfazer o bloqueio ou a coincidência sobre a qual repousa o recalçamento propriamente dito”, ou seja, “transformar a oposição aparente da repulsão (corpo sem órgãos-máquinas objetos parciais) em condições de funcionamento real, assegurar esse funcionamento nas formas da atração e da produção de intensidades”, e, desta maneira, “integrar as falhas no funcionamento atrativo, bem como envolver o grau zero nas intensidades produzidas”, fazendo “com que as máquinas voltem a funcionar”.<sup>472</sup> Tal oposição aparente cederia lugar à oposição real, aquela que contrapõe não as peças trabalhadoras ao motor imóvel, mas tanto os objetos parciais quanto o corpo sem órgãos ao organismo molar.<sup>473</sup>

O fator decisivo parece ser, portanto, o modo de uso das sínteses do inconsciente, os quais destrincharemos na sequência, especialmente o que concerne à maneira como a produção será registrada, posto que, como vimos, a produção tende a não ser registrada tal qual é produzida: o corpo sem órgãos serve de superfície para que o processo de produção seja inscrito, registrado, uma superfície encantada que faz aparentar que as máquinas desejantes, os órgãos nela miraculados, pareçam emanar dela. A atração e o assentamento da produção são marcados por uma apropriação, em que as conexões produtivas são submetidas a uma distribuição que pode se

---

<sup>472</sup> *AE*, p. 449-450 [405-406].

<sup>473</sup> *AE*, p. 435-436 [393].

dar de forma legítima ou ilegítima, atravessada pelo código edipiano, ou marcada pelas diversas antiformações que recobrem o inconsciente. Para retomar alguns pontos, podemos dizer que os códigos estocados nas máquinas, distribuídos pela malha disjuntiva, podem tanto consistir numa formação aberta e plurívoca, de vocação produtora de desejo, um código desejanste de extraordinária fluidez, quanto num código edipiano que constringe tal fluidez. Quanto à garantia das conversões maquínicas e da injeção do grau-zero em cada intensidade, o que se daria no âmbito da passagem à terceira síntese e ao tecido conjuntivo de produção e consumo de intensidades, esse tema suscita uma outra discussão, que é relativa ao problema da morte, mas que separamos uma ocasião para nos dedicar a ela (cf. capítulo III.2.3).

Em seguida, consideremos por que a castração é situada como representante, deslocante ou significante. De partida, vale considerar que a castração “coroa” a edipianização, pois designa uma “operação prática [...] obtida quando os mil cortes-fluxos das máquinas desejanstes [...] são projetados sobre um mesmo lugar mítico, isto é, o traço unitário do significante”, “operação pela qual a psicanálise castra o inconsciente, injeta a castração no inconsciente”. Conforme um paralogismo de *extrapolação*, a castração envolve a passagem “do objeto parcial destacável à posição de um objeto completo destacado (falo)”. Nesse ponto, é sublinhado, ainda, a concepção, reafirmada por Freud, de que “o órgão, do ponto de vista do inconsciente, só poderia ser compreendido a partir de uma falta ou de uma privação primeira, e não o inverso”. Assim, o falo configura o elemento comum aos dois sexos que distribui a falta nas duas séries edipianas, masculina e feminina, pois “é preciso haver algo em comum aos dois sexos, mas para que esse algo falte tanto a um quanto ao outro”. Além disso, “a castração, isto é, o Falo prevalente e transcendente”, não apenas é essa porção comum, como é, “ao mesmo tempo, a distribuição exclusiva”, que acaba por “fundar o uso exclusivo das disjunções do inconsciente”: pela série das meninas, aparece como “desejo do pênis”, enquanto que na dos meninos, “como medo de perdê-lo ou recusa de atitude passiva”. E, dessa maneira, a disjunção entre os dois sexos, entre menino e menina, se fundamenta na exclusão do outro sexo, conforme à relação com o elemento comum faltante: ou menino, ou menina.<sup>474</sup>

Afirmando o contrário, Deleuze e Guattari defendem que “ao mesmo tempo nada há de comum aos dois sexos e eles não param de se comunicar um com o outro de modo transversal”. Segundo a “lei dos objetos parciais”, é dito que “cada sujeito possui os dois sexos, mas

---

<sup>474</sup> *AE*, p. 84-86 [69-71].

compartimentos”, e que há comunicação entre um ou outro desses sexos compartimentados e os de um outro sujeito. Assim, um uso imanente da síntese disjuntiva de registro implica disjunções que são *inclusivas*, mais próprias ao inconsciente, em que “nada falta, nada pode ser definido como uma falta”. Uma tal afirmação, salientam os autores, poderia ter sido feita por Freud, “pois [ele] dispunha de um conceito, o de bissexualidade”. Ainda que a partir de uma noção de bissexualidade constitutiva, a passagem do objeto parcial destacável ao falo, ou objeto completo destacado, “implica um sujeito determinado como um eu fixo sob este ou aquele sexo”.<sup>475</sup> Enfim, segundo a concepção proposta em *O anti-Édipo*, a diferença se acentua

quando o objeto parcial é posto por si mesmo sobre o corpo sem órgãos, tendo como sujeito não um “eu”, mas unicamente a pulsão que forma com ele a máquina desejante, e que entra em relações de conexão, de disjunção e de conjunção com outros objetos parciais no seio da multiplicidade correspondente, na qual cada elemento só pode definir-se *positivamente*.<sup>476</sup>

Por fim, se quisermos retomar a questão da relação entre o recalçamento primário e o secundário, parece-nos plausível supor o que assegura ou, talvez, condiciona o recalçamento propriamente dito, com sua capacidade de imiscuir-se no funcionamento maquínico e de montar a armadilha edipiana: seria, justamente, o fato de que se tratam das mesmas sínteses do inconsciente, mas que podem entrar em usos e regimes de funcionamento distintos, como os qualificados como ilegítimos ou edipianos. Valeria destacar a operação de registro do desejo e bi-univocização das cadeia plurívocas, ou ainda a fixação de um sujeito em relação ao qual os objetos serão reportados. Além disso, as máquinas podem ser submetidas a uma situação em que o desarranjo e as falhas não mais sejam incluídas no funcionamento próprio das máquinas desejantes, mas que, tal qual as máquinas sociais técnicas, as repelem, reforçando a oposição aparente entre produção e antiprodução, entre a repulsão e a atração, não mais integrando-as conjuntamente na oposição real em relação ao organismo e às formas de totalização das peças constitutivas. Dessa forma, vejamos a seguir como tais distinções de uso são apresentadas e quais suas implicações.

### **III.1.4. A revolução materialista diante da metafísica psicanalítica de Édipo: paralogismos e usos das sínteses do inconsciente**

Dadas as sínteses do inconsciente o problema prático é o do seu uso, legítimo ou não, e das condições que definem um uso de síntese como legítimo ou

---

<sup>475</sup> *AE*, p. 85 [70-71].

<sup>476</sup> *AE*, p. 85-86 [71].

ilegítimo.<sup>477</sup>

Ao falar em revolução crítica, o propósito de Kant era descobrir critérios imanentes ao conhecimento para distinguir o uso legítimo e o uso ilegítimo das sínteses da consciência. Em nome de uma filosofia transcendental (imanência dos critérios), ele denunciava, pois, o uso transcendente das sínteses tal como aparecia na metafísica. Devemos também dizer que a psicanálise tem sua metafísica, a saber: Édipo. Assim sendo, uma revolução, agora materialista, tem de passar pela crítica do Édipo, denunciando o uso ilegítimo das sínteses do inconsciente tal como aparece na psicanálise edipiana, de modo a recobrar um inconsciente transcendental definido pela imanência dos seus critérios e uma prática correspondente como esquizoanálise.<sup>478</sup>

A declinação das sínteses (conectiva, disjuntiva e conjuntiva) nos usos ilegítimos, transcendentais e edipianos não se deve estritamente à psicanálise, mas a “todas as forças da produção, da reprodução e da repressão sociais”.<sup>479</sup> De todo modo, a apresentação da diferença entre esses usos e os imanentes e legítimos está atrelada aos referidos paralogismos teóricos e práticos cometidos pela psicanálise, segundo a crítica de *O anti-Édipo*. Resumidamente e a título de esquematização: (i) as sínteses conectivas podem apresentar um uso imanente, *parcial e não-específico*, ou transcendente-edipiano, *global e específico*; (ii) as sínteses disjuntivas podem ser usadas legitimamente, em uso *inclusivo* ou *ilimitativo*, ou ilegitimamente, em uso *exclusivo* e *limitativo*; (iii) as sínteses conjuntivas admitem o uso imanente *nômade* e *plurívoco*, ou o uso ilegítimo *segregativo* e *bi-unívoco*. Eventualmente, encontramos outras variantes das modalidades de uso, como o parental e conjugal da síntese conectiva. Quanto aos paralogismos, encontramos outros, além dos já abordados de *deslocamento* e de *extrapolação*, como o do *double bind*, da *aplicação* e do *após* (ou *só depois*).

O exame dos usos das sínteses e dos paralogismos permite compreender “como, em que condições, e sob que pressões, a triangulação edipiana intervém no registro do processo”, posto que não é inerente à natureza da produção desejante. Noutra sentença, se a relação entre a repressão e o recalçamento desvela as forças e causas reais envolvidas na instauração de Édipo, resta desenvolver alguns elementos que envolvem a “forma, a reprodução, a causa (formal), o procedimento e a condição”<sup>480</sup>, o que começamos a fazer. Se voltarmos à problemática da castração, temos não apenas o uso exclusivo das sínteses disjuntivas, como também a implicação

---

<sup>477</sup> *AE*, p. 95 [80].

<sup>478</sup> *AE*, p. 104 [89].

<sup>479</sup> *AE*, p. 165 [145].

<sup>480</sup> *AE*, p. 70 [58]; p. 154 [134].

das sínteses conectivas em seu uso global e específico: neste, dizem Deleuze e Guattari, o “desejo recebe, ao mesmo tempo, um sujeito fixo, o eu especificado sob tal ou qual sexo, e objetos completos determinados como pessoas globais”. A esse respeito, os autores notam que existem “reações mútuas entre as diferentes sínteses”, de modo que é no âmbito da síntese de registro que se “põe, sobre a superfície de inscrição nas condições de Édipo, um eu determinável ou diferenciável em relação a imagens parentais que servem de coordenadas (mãe, pai)”. Assim, a própria triangulação edipiana, “em sua essência, implica uma proibição constituinte” e “condiciona a diferenciação das pessoas”, o que se refere à “proibição do incesto com a mãe e de tomar o lugar do pai”. No entanto, alertam, “as pessoas globais [...] não preexistem às proibições que pesam sobre elas e que as constituem, nem à triangulação em que entram”.<sup>481</sup> Ademais, os autores acrescentam:

Vemos, pois, que a proibição tem a propriedade de deslocar a si própria, visto que, desde o início, ela desloca o desejo. Ela desloca a si própria, no sentido de que a inscrição edipiana não se impõe na síntese de registro sem reagir na síntese de produção e transformar profundamente as conexões desta síntese ao introduzir novas pessoas globais.<sup>482</sup>

De modo contrário, a síntese conectiva admite um outro uso, parcial e não-específico, que se mostra na imanência do funcionamento maquínico da produção desejante, conforme o trabalho conectivo dos objetos parciais, os elementos produtivos, em sua regra binária. No nível da produção desejante, mesmo com a intervenção do “terceiro termo”, o corpo sem órgãos – “que reinjeta o produzir no produto, prolonga as conexões de máquinas e serve de superfície de registro” –, ainda não aparece “triangulação alguma”, nem é produzida “operação bi-unívoca alguma”. Nesse nível, os objetos do desejo não são reportados a pessoas globais, tampouco o desejo a um sujeito específico e a produção não é assentada sobre representantes. No entanto, é possível que a conexão dos objetos parciais seja substituída por “um regime de conjugação de pessoas [...] sob as regras da reprodução familiar”, à medida que “o uso parental ou familiar da síntese de registro se prolonga no uso conjugal, ou de aliança, das sínteses conectivas de produção”.<sup>483</sup> Nessa substituição, “os objetos parciais parecem agora extraídos das pessoas e não de fluxos não-pessoais que passam de uns a outros”, e “vêm a ser posses de uma pessoa”, ou até “a propriedade de uma outra”. Em suma, “o triângulo [edipiano] se *forma* no uso parental e se *reproduz* no uso conjugal”. Além disso, a

<sup>481</sup> *AE*, p. 98-99 [83-84].

<sup>482</sup> *AE*, p. 99 [84].

<sup>483</sup> Os usos parental e conjugal são apresentados no âmbito da síntese conectiva, porém numa relação próxima com as sínteses disjuntivas. De toda forma, segundo a recapitulação feita posteriormente na obra, estariam ambas referidas à síntese conectiva, configurando aspectos do uso global e específico delas. (Cf. *AE*, p. 150 [131])

*causa formal* da triangulação consiste no “falo ou lei”, como adiantamos, que também envolve os usos transcendentais das sínteses do inconsciente, assim como o paralogismo da extrapolação. Os objetos parciais e o eu são referidos a uma suposta “totalidade-unicidade”, a qual “só pode ser posta como um tipo de ausência, como aquilo que ‘falta’”, seja aos objetos ou aos sujeitos. Extrapola-se um “algo de transcendente e comum”, um “universal-comum”, que introduz a falta no desejo, fixa e especifica pessoas e o eu, além de “impor um sentido exclusivo à disjunção dos sexos”. O falo designa “‘o’ significante que distribui no conjunto da cadeia os efeitos de significação”, introduzindo nela as exclusões, e atuando como a “causa formal da triangulação [...] que torna possíveis tanto a forma do triângulo quanto a sua reprodução”. A cadeia plurívoca, constituída por elementos destacáveis e não significantes em si, foi alvo “de um esmagamento [para] que dela [se] extraísse um objeto destacado, o significante despótico a cuja lei, a partir de então, toda a cadeia parece estar presa”.<sup>484</sup> Aliás, nesse processo observa-se outra aproximação da psicanálise com o capitalismo:

Por exemplo, no código capitalista e sua fórmula trinitária, o dinheiro como cadeia destacável é convertido em capital como objeto destacado, que só existe sob o aspecto fetichista do estoque e da falta. E o código edipiano faz o mesmo: a libido como energia de extração e desligamento é convertida no falo como objeto destacado, sendo que este só existe sob a forma transcendente de estoque e de falta (algo de comum e ausente que falta tanto aos homens quanto às mulheres). É esta conversão que consegue empurrar toda a sexualidade para o quadro edipiano: esta projeção de todos os cortes-fluxos num mesmo lugar mítico, de todos os signos não significantes num significante maior.<sup>485</sup>

Nota-se, nesses argumentos, a presença da noção de “significante”, que notoriamente remete à vertente lacaniana da psicanálise, que constitui uma das linhas de crítica mais contundentes da obra deleuzo-guattariana, porém que excede o escopo aqui proposto. Vale ressaltar que a problemática edipiana em questão não se resume ao Édipo freudiano, embora este seja o ponto de partida do Édipo psicanalítico de modo geral. Como é mencionado desde o início do segundo capítulo de *O anti-Édipo*, os autores identificam diversos sentidos de Édipo – de grupo, de série, de estrutura –, o que permite ver essa abrangência maior da problemática, além, é claro, de seu liame com o campo social e a forma social do capitalismo. Em todo caso, todas essas concepções são criticadas, não se restringindo a uma contraposição entre um Édipo estrutural e um imaginário, respectivamente, lacaniano e freudiano. Tanto como “dogma”, quanto como

---

<sup>484</sup> *AE*, p. 99-102 [85-87].

<sup>485</sup> *AE*, p. 102 [97].

“complexo nuclear”, o que se tem é uma *generalização* de Édipo, que culmina na vertente estrutural, em que a “estrutura edípiana” consiste num “sistema de lugares e de funções que não se confundem com a figura variável daqueles que a ocuparão numa determinada formação social ou patológica”. Essa estrutura, por vezes indicada pelo “3+1”, extrapolaria o próprio triângulo, pois é ela que “opera todas as triangulações possíveis ao distribuir, num determinado domínio, o desejo, seu objeto e a lei”.<sup>486</sup>

A noção de “falo” na psicanálise, por outro lado, pode ser esclarecida a partir das definições e comentários de Laplanche e Pontalis. Eles apontam que o termo “sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo ‘pênis’ é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica”. Aparece em Freud principalmente na forma adjetivada, remetendo a uma das etapas de organização da libido, comum ao menino e à menina: a “fase fálica”. Essa organização “ocupa lugar central na medida em que tem correlação com o complexo de castração no seu apogeu e domina a posição e a dissolução do complexo de Édipo”, indicando a “alternativa que se oferece ao sujeito” reduzida aos termos “ter o falo ou ser castrado”. Ou seja, diferente do pênis ou da vagina, que designam realidades anatômicas, o falo se apresenta em seu valor simbólico e implicado na alternativa exclusiva “entre presença ou ausência de um único termo”, comum aos sexos. Com efeito, salientam, “o complexo de castração nos dois casos está centrado apenas em torno do falo, concebido como destacável do corpo”, ainda que “assuma modalidades diferentes no menino e na menina”. Além disso, não sendo a presença, ou ausência, “reduzível a um dado puro e simples”, ela “é, antes, o resultado problemático de um processo intra e intersubjetivo”, de “assunção pelo sujeito do seu próprio sexo”. Enfim, segundo os comentadores, não se trata de uma significação alegórica, nem reduzível a simbolizar o órgão masculino em sua realidade corporal, mas, isto sim, algo da ordem da “significação”, “o que é simbolizado nas mais diversas representações”, “um dos simbolizados universais” na teoria do simbolismo freudiana, sendo caracterizado mais por ser um “objeto parcial”, “um objeto destacável, transformável”. A teoria lacaniana, por sua vez, “tentou recentrar a teoria psicanalítica em torno da noção de falo como ‘significante do desejo’”, reformulando o complexo de Édipo.<sup>487</sup> Feito esse comentário, vejamos a seguir a consideração das sínteses disjuntiva e conjuntiva, a começar pela primeira.

<sup>486</sup> *AE*, p. 73-74 [60-61]. A fórmula indicaria o triângulo edípiano, formado por papai-mamãe-eu (3), mais o falo (+1).

<sup>487</sup> LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 166-168, verbete “Falo”.

Acerca da síntese disjuntiva, sobre a qual alguns pontos foram adiantados em sua relação com os usos da conectiva, Deleuze e Guattari frisam que “é próprio do registro edipiano introduzir um uso exclusivo, limitativo, negativo” dela. Na outra linha, o uso imanente, “plenamente afirmativo, ilimitativo, inclusivo”, em que a “disjunção permanece disjuntiva, e que afirma [...] os termos disjuntos [...] através de toda a sua distância, *sem limitar um pelo outro nem excluir um do outro*”, seria aprendido a partir da “singular lição extraedipiana” da esquizofrenia. O uso limitativo-exclusivo “se confunde com a forma da triangulação – ser papai, mamãe ou filho”, e “é o reino do *Ou então* na função diferenciadora da proibição do incesto”. O outro funcionamento, por sua vez, estaria expresso na fórmula *Ora... ora*.<sup>488</sup> Sobre essa “lição”, observa-se o seguinte:

O esquizofrênico não é homem e mulher. Ele é homem ou mulher, mas está, precisamente, dos dois lados, homem do lado dos homens, mulher do lado das mulheres. [...] O esquizofrênico está morto ou vivo, não ao mesmo tempo, mas cada um dos dois ao termo de uma distância que ele sobrevoa, deslizando. Ele é filho ou pai, não um e outro [...] Ele não substitui sínteses disjuntivas por sínteses dos contraditórios, mas substitui o uso exclusivo e limitativo da síntese disjuntiva por um uso afirmativo. Ele está e permanece na disjunção: não suprime a disjunção identificando os contraditórios por aprofundamento; ao contrário, ele afirma a disjunção por sobrevoos de uma distância indivisível. [...] Não identifica dois contrários a um mesmo, mas afirma sua distância como aquilo que os relaciona um ao outro enquanto diferentes. Não se fecha sobre os contraditórios.<sup>489</sup>

O paralogismo associado ao uso edipiano da síntese disjuntiva é o do *double bind* ou *duplo impasse*. Segundo Deleuze e Guattari, “o ‘*double bind*’ não é outra coisa senão o conjunto do *Édipo*”: enquanto uma série, Édipo oscila entre dois polos, que seriam o da “identificação neurótica” e o da “interiorização dita normativa”, situando os sujeitos num impasse duplo em que não se escapa das saídas edipianas, seja ao modo da neurose, seja pela “normatividade”. Há uma alusão aqui à ideia freudiana de uma “solução” ou “dissolução” do problema imposto pelo complexo edipiano, que poderia ter o desfecho da normalidade ou da neurose. Além disso, os autores consideram a questão também no contexto de complexificação da problemática edipiana da vertente estrutural: pelo contraste, afirmam, “[é] como se Édipo tivesse [...] dois polos: um polo de figuras imaginárias identificatórias e um polo de funções simbólicas diferenciadoras”. Em todo caso, “o que se ganha com isso” é a fundação da “universalidade de Édipo para além da variabilidade das imagens”, e o movimento de “soldar ainda melhor o desejo à lei e à proibição”,

<sup>488</sup> *AE*, p. 105-106 [90]; 104 [89]. Optou-se por modificar a fórmula “Ou... ou” por “Ora... ora”, tendo em vista uma tradução de “*Soit... soit*” mais condizente com o sentido da disjunção inclusiva.

<sup>489</sup> *AE*, p. 106-107 [90-91].

levando “ao máximo o processo de edipianização do inconsciente”.<sup>490</sup> Trata-se ainda de “dois usos de Édipo”, porém o mesmo uso transcendente das sínteses: “uma dupla pinça que esmaga o inconsciente em sua disjunção exclusiva”. Por isso, conclui-se que a diferença de natureza estaria menos “entre o simbólico e o imaginário”, e mais na diferença entre o conjunto desses e o “elemento real do maquínico, que constitui a produção desejante”, ou seja, “entre o uso anedipiano das disjunções inclusivas, ilimitativas, e o uso edipiano das disjunções exclusivas”.<sup>491</sup>

Por fim, vale adicionar que os usos exclusivos e limitativos das sínteses disjuntivas acarretam não apenas na função simbólica diferenciadora, ou seja, a expressão das disjunções como *diferenciações*, como também introduz a “relação exclusiva” que opera “*entre o conjunto dessas diferenciações que ela impõe e um indiferenciado que ela supõe*”. Dito de outra forma, “Édipo cria os dois, *tanto as diferenciações que ele ordena, quanto o indiferenciado com que ele nos ameaça*”. Nota-se um mesmo movimento que “força o desejo a tomar como objeto as pessoas parentais diferenciadas”, e proíbe a satisfação do desejo com essas pessoas, “brandindo, então, as ameaças do indiferenciado”, indiferenciado que é “criado por ele como reverso das diferenciações”. Assim, o duplo impasse impõe a alternativa entre interiorizar as funções diferenciais das disjunções exclusivas, “resolvendo” Édipo pela via normativa, ou precipitar-se “na noite neurótica das identificações imaginárias”. E, ainda, o *risco* inerente ao problema de *transgredir a proibição*: a confusão pela identificação do eu com as pessoas e a “perda das regras diferenciadoras ou das funções diferenciais”.<sup>492</sup>

A seguir, cabe examinar os diferentes usos das sínteses conjuntivas do inconsciente. Como pudemos analisar, essa terceira síntese remete à produção de um sujeito residual, uma peça adjacente que percorre e consome as intensidades produzidas sobre o corpo sem órgãos, experimentando “devires, quedas e elevações, migrações e deslocamentos”. Partindo da experiência da *viagem* ou *passeio* esquizo, chega-se a este plano dos afetos, dos sentimentos e emoções intensivas, produzidos pelo “consumo de quantidades intensivas” que consistem, inclusive, na matéria de base para as alucinações e os delírios – elas são “ao mesmo tempo raiz comum e princípio de diferenciação dos delírios e alucinações”. Trata-se de “intensidades puras

<sup>490</sup> *AE*, p. 111 [95]; p. 113-114 [97-98].

<sup>491</sup> *AE*, p. 115 [98-99]. O termo dupla pinça, explica o tradutor, seria permutável com o duplo impasse, como acontece na obra seguinte a *O anti-Édipo*: em *Mil platôs*.

<sup>492</sup> *AE*, p. 108-109 [93-94].

acopladas, quase insuportáveis, pelas quais passa um sujeito nômade”. Além disso, nos devires, migrações e passagens “tudo se mistura”: “países, raças, famílias, denominações parentais, denominações divinas, históricas, geográficas e até pequenos fatos”. Porém, Deleuze e Guattari ressaltam, “se tudo se mistura assim, é em intensidade; não há confusão dos espaços e das formas, posto que estes são precisamente desfeitos em proveito de uma nova ordem, a ordem intensa, intensiva”. “Qual é essa ordem?”, se perguntam: “o que, primeiramente, se reparte sobre o corpo sem órgãos são as raças, as culturas e seus deuses”; as raças e culturas “que designam regiões sobre esse corpo, isto é, zonas de intensidades”, nas quais são produzidos “fenômenos de individualização, de sexualização”. Cada passagem entre essas zonas ou campos consiste na travessia de um *limiar*, de modo que “não se para de migrar”. Por vezes, os autores afirmam que o corpo sem órgãos é um *ovo* intensivo, “atravessado por eixos, retesado em zonas, demarcado por áreas ou campos, medido por gradientes, percorrido por potências, marcado por limiares”.<sup>493</sup> Outras vezes, afirma-se também que o corpo sem órgãos é um *deserto*: “é esse deserto [...] como distância indivisível, indecomponível, que o esquizo sobrevoa para estar em toda parte em que o real é produzido”. Essa concepção ontológica do real intensivo é inclusive mobilizada a partir de um contraste: diferente da perspectiva em que a realidade é um “princípio” de acordo com o qual o real seria estabelecido enquanto “quantidade abstrata divisível”, e repartível em “unidades qualificadas, em formas qualitativas distintas”, temos que “agora, porém, o real é um produto que envolve as distâncias com quantidades intensivas”. As intensidades *envolvem* as distâncias indecomponíveis e indivisíveis, e, elas sim, as intensidades “se dividem umas nas outras mudando de forma” ou de natureza. Há uma “escrita estranhamente plurívoca, diretamente no real”, que o leva “para fora do seu princípio, ao ponto em que ele é efetivamente produzido pela máquina desejante”.<sup>494</sup> Além disso, o eu não está no centro, tampouco se trata de pessoas: “há tão-somente uma série de singularidades na rede disjuntiva, ou estados intensivos no tecido conjuntivo, e um sujeito transposicional por todo o círculo passando por todos os estados”. O eu é apenas o “sujeito residual”.<sup>495</sup> Diante disso, quais seriam, então, os usos da síntese conjuntiva? Em resumo, Deleuze e Guattari afirmam o seguinte:

um uso nômade e plurívoco das sínteses conjuntivas opõe-se ao uso segregativo e bi-unívoco. Também aí, este uso bi-unívoco, ilegítimo do ponto de vista do

---

<sup>493</sup> *AE*, p. 116-118 [100-101].

<sup>494</sup> *AE*, p. 121 [103-104]. Essa concepção ontológica mencionada brevemente remete aos estudos pregressos de Deleuze em torno de Espinosa, Duns Scotus e a univocidade do Ser. Cf. BARBOSA, 2020.

<sup>495</sup> *AE*, p. 123 [106].

próprio inconsciente, tem como que dois momentos: o momento racista, nacionalista, religioso etc., que constitui, por segregação, um conjunto de partida sempre pressuposto por Édipo, mesmo que implicitamente; e depois, um momento familiar que, por aplicação, constitui o conjunto de chegada. Donde o terceiro paralogismo, o da aplicação, que fixa a condição de Édipo ao instaurar um conjunto de relações bi-unívocas entre as determinações do campo social e as determinações familiares, o que torna possível e inevitável o assentamento dos investimentos libidinais sobre o eterno papai-mamãe.<sup>496</sup>

O uso legítimo da síntese conjuntiva em seu aspecto *nômade* remete ao que abordamos acerca desse sujeito que percorre as intensidades e experimenta devires, migrações e passagens, e, no aspecto *plurívoco*, parece refletir a mistura que constitui o tecido conjuntivo, em que determinações diversas são reunidas nas zonas, regiões e campos da ordem intensiva. Agora, resta demarcar os usos ilegítimos, como mencionado no trecho acima. O elemento que perpassa essas considerações é o forte teor histórico e político da experiência do esquizo, como no conteúdo dos delírios, e a problemática da interpretação de toda essa produção a partir do referencial edipiano: a interpretação de “*todo o tema histórico-político [...] como um conjunto de identificações imaginárias*” sob a dependência de Édipo ou do que ‘falta’ ao sujeito para se deixar edipianizar”, seja pela vertente freudiana, como no Caso Schreber, seja na linha lacaniana, com o emprego do conceito de “foraclusão” do nome do pai. O problema está no papel concedido às determinações e indeterminações familiares: sendo evidente que elas desempenham algum papel, cabe questionar se seria “um papel inicial de organizador” ou algo de outra ordem. Retomando a noção do “ovo esquizofrênico” em sua proximidade com o ovo biológico, o ponto crucial está no entendimento quanto à natureza dos estímulos determinantes no início do desenvolvimento e da diferenciação desse ovo: “os estímulos não são organizadores, mas simples indutores [...], no limite, indutores de qualquer natureza”.<sup>497</sup> Em suma, chega-se ao seguinte ponto:

É esta a história de Édipo: as figuras parentais não são de modo algum organizadores, mas indutores ou estímulos de um valor qualquer que desencadeiam processos de uma natureza totalmente distinta, dotados de um tipo de indiferença ao estímulo. Sem dúvida, pode-se crer que, no começo (?), o estímulo, o indutor edipiano, é um verdadeiro organizador. Mas acreditar é uma operação da consciência ou do pré-consciente, é uma percepção extrínseca e não uma operação do inconsciente sobre si mesmo. E, desde o começo da vida da criança, já se trata de um empreendimento totalmente distinto [...], uma outra aventura que é a da produção desejante. Ora, não se pode dizer que a psicanálise não tenha reconhecido isso de uma certa maneira. Na sua teoria do fantasma originário, dos traços de uma hereditariedade arcaica e das fontes endógenas do

---

<sup>496</sup> *AE*, p. 151 [131-132].

<sup>497</sup> *AE*, p. 126 [108-109].

superego, Freud afirma constantemente que os fatores ativos não são os pais reais, nem mesmo os pais tal como a criança os imagina. O mesmo acontece, e com mais forte razão, com os discípulos de Lacan, quando retomam a distinção entre o imaginário e o simbólico, quando opõem o nome do pai à imago, e opõem a forclusão, relativa ao significante, a uma ausência ou carência real do personagem paterno. É fácil reconhecer que as figuras parentais são indutores quaisquer, e que o verdadeiro organizador está alhures, do lado do induzido e não do indutor. Porém, é aí que começa a questão, a mesma que a do ovo biológico. [...] Os pais foram postos no seu devido lugar no inconsciente, que é o de indutores quaisquer, mas se continua a confiar o papel de organizador a elementos simbólicos ou estruturais que são ainda os da família e da sua matriz edipiana. E mais uma vez não se consegue sair disso: foi tão-somente encontrado o meio de tornar a família transcendente.<sup>498</sup>

Além de situar Édipo na ordem de estímulos não necessariamente organizadores, os autores de *O anti-Édipo* especificam qual seria a *operação de Édipo*: ela “consiste em estabelecer um conjunto de relações bi-unívocas entre, de um lado, os agentes de produção, de reprodução e de antiprodução sociais e, de outro lado, os agentes da reprodução familiar dita natural”. Também chamada de *aplicação*, essa operação, que configura outro paralogismo, faz com que tais agentes sejam “forçosamente interpretados como derivados ou substitutos de figuras parentais num sistema de equivalência que em toda parte reencontra o pai, a mãe e o eu”, portanto, um “uso defeituoso da síntese conjuntiva”. Em todo caso, como se realiza essa operação? A “fórmula” da bi-univocização – “isto é, o esmagamento do real plurívoco em proveito de uma relação simbólica entre duas articulações – seria: “então era *isso* que *isto* queria dizer”. A bi-univocização é estabelecida entre dois conjuntos, um de partida e outro de chegada, de modo que “os agentes e relações da produção social”, bem como seus investimentos libidinais correspondentes, “são assentados sobre as figuras da reprodução familiar”. Enquanto “as formações sociais; as raças, as classes, os continentes, os povos, os reinados, as soberanias” estão no conjunto de partida, “no conjunto de chegada há somente papai, mamãe e eu”, e a relação estabelecida entre os conjuntos é a de aplicação ou assentamento. Porém, argumentam, Édipo não estaria no começo, no ponto de partida, mas no fim. Precisamente, Deleuze e Guattari afirmam que “*de Édipo como da produção desejante* é preciso dizer: está no fim, não no começo. Mas não da mesma maneira”. Por um lado, a produção desejante é o limite da produção social, “sempre contrariado na formação capitalista”, que precisa ser “tornado inofensivo”: “é essencial que o limite seja deslocado [...] que passe, ou aparente passar, para o interior da própria formação social”. Dito de outra forma, a produção desejante (ou a

---

<sup>498</sup> *AE*, p. 127-128 [109-110].

esquizofrenia) “é o limite entre a organização molar e a multiplicidade molecular do desejo”, e “é preciso que esse limite de desterritorialização passe agora para o interior da organização molar”, ou seja, é preciso “que ele se aplique a uma territorialidade factícia e submetida”. Dessa forma, Édipo significa justamente esse deslocamento e interiorização do limite, “é a última territorialidade submetida e privada do homem europeu”, um “incomparável instrumento de gregarismo”, “um meio de integração ao grupo” – seja essa integração adaptativa ou inadaptativa, normativa ou neurótica. Além disso, Édipo “pressupõe um certo tipo de investimento libidinal do campo social”: “as aplicações edipianas [...] dependem das determinações do grupo sujeitado, como conjunto de partida, e do seu investimento libidinal”. Na contramão do que postula a psicanálise, não se trata de uma projeção das determinações familiares nas formações sociais, mas da aplicação das determinações sociais no quadro familiar: “Édipo é que depende de um tal sentimento nacionalista, religioso, racista, e não o inverso”. É nesse sentido que se coloca o uso *segregativo* da síntese conjuntiva, atrelado aos investimentos inconscientes nas formas de sujeição, segundo o polo reacionário do desejo. E, a depender dos usos desta síntese, depreendem-se dois polos do delírio, o segregativo e o nomádico, bem como a oscilação dos investimentos do desejo entre os polos reacionário e revolucionário. Pode se dar toda sorte de deslizamento entre eles, com oscilações no inconsciente ou, então, a coexistência dos dois modos de investimentos, quando considerados tanto os investimentos inconscientes de desejo quanto os investimentos conscientes de interesse.<sup>499</sup>

Por fim, o quinto e último paralogismo psicanalítico identificado é o do *após* ou, como preferimos, do *só depois*. Ele envolve uma discussão despertada pela noção freudiana de “fator atual”, que indicaria, por contraste aos fatores infantis, o papel de determinados fatores vivenciais na deflagração da neurose. Deleuze e Guattari defendem que “a produção desejante é sempre o *fator atual*”, de modo que, tanto na neurose quanto na psicose, “a causa da perturbação [...] está sempre na produção desejante, na sua relação com a produção social, na sua diferença ou conflito de regime em relação a esta, e nos modos de investimento que ela opera nesta”. Portanto, se refere a algo que é “constitutivo da vida plena do desejo” e “contemporâneo da mais tenra infância”, mas que acompanha seu desenrolar. Eles frisam que é o fator “atual” pela “diferença com o ‘virtual’”, que seria o complexo de Édipo, e não “por ser o mais recente ou porque ele se oporia ao antigo ou infantil”. Novamente, seria Édipo que dependeria da produção desejante e não o contrário, e sendo

---

<sup>499</sup> *AE*, p. 138-144 [120-125].

esta o fator atual, ela “não sobrevém depois de Édipo”, nem “supõe em nada uma organização edipiana” ou “pré-edipiana”. Édipo seria apenas o “estímulo de valor qualquer”, um “simples indutor” para a “organização anedipiana da produção desejante”, ou ainda o “efeito do recalçamento-repressão” imposto pela reprodução social à produção desejante por meio da família; “*virtual é o complexo de Édipo*”, pois “*deve ser atualizado numa formação neurótica como efeito derivado do fator atual*”, ou então “*ser desmembrado e dissolvido numa formação psicótica como efeito direto desse mesmo fator*”. Com efeito, Édipo seria uma “formação reacional à produção desejante”, não devendo ser considerada “por si mesma, abstratamente, independente do fator atual com que coexiste e ao qual reage”. “Desde o início”, afirmam Deleuze e Guattari, “a produção desejante ativa investe no seu próprio processo um conjunto de relações somáticas, sociais e metafísicas que não sucedem às relações psicológicas edipianas”; “ao contrário”, são aquelas que “*se aplicarão* ao subconjunto edipiano definido por reação, ou o excluirão do [seu] campo de investimento”. O desejo sempre “remete a uma ordem de produtividade real e atual”, mas que pode encontrar “paradas” e “retomadas” em sua marcha, e que “é tão distinta de uma regressão pré-edipiana quanto de uma restauração progressiva de Édipo”.<sup>500</sup> Enfim, sobre este último paralogismo, vale destacar a seguinte passagem:

O grande argumento do familismo é: “ao menos no começo...”. [...] *Ao menos no começo*, o inconsciente se exprimiria num estado de relações e constelações familiares onde estariam misturados o real, o imaginário e o simbólico. As relações sociais e metafísicas surgiriam *após*, como um além. E como o começo nunca vem só (e é mesmo esta a condição para não se sair dele), invoca-se um primeiro começo pré-edipiano, “a indiferenciação primitiva das etapas mais precoces da personalidade” na relação com a mãe, invoca-se depois um segundo começo que é o próprio Édipo com a lei do pai e as diferenciações exclusivas que ela prescreve no seio da família – e por fim invoca-se a latência, a famosa latência *após o que* começa o além. Mas [...] é evidente que já foram simplesmente fechadas as duas extremidades de Édipo e que o além ou o após serão sempre interpretados em função de Édipo, em relação a Édipo, no quadro de Édipo. Tudo será assentado nele, como o testemunham as discussões sobre o papel comparado dos fatores infantis e dos fatores atuais na neurose: e como poderia ser de outra maneira se o fator “atual” é concebido sob a forma do após? Mas, na verdade, sabemos que os fatores atuais aí estão desde a infância e que determinam os investimentos libidinais em função de cortes e de conexões que eles introduzem na família. Por cima ou por baixo da cabeça dos familiares, a produção desejante e a produção social é que vivem na experiência infantil a sua identidade de natureza e a sua diferença de regime.<sup>501</sup>

<sup>500</sup> *AE*, p. 174-176 [153-155].

<sup>501</sup> *AE*, p. 136 [118].



### III.2. Da limitação à liquidação da libido: os dualismos freudianos em perspectiva

No item II.1.3, apresentamos o problema do abandono da posição sexual por Freud, em que Deleuze e Guattari trazem uma série de críticas levantadas por Reich, que, segundo os autores, estariam direcionadas a obras como o *Introdução ao narcisismo* (1914) e o *Além do princípio de prazer* (1920). Se pudemos aferir o retorno ao primado da procriação já no âmbito do terceiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), os demais momentos da renúncia freudiana, identificados por Reich, carecem de explicação: a introdução do instinto de morte (ou pulsão de morte) e de Eros, e a privação da sexualidade de seu papel motor, de gênese da angústia, tornando esta a causa autônoma do recalçamento sexual, ao invés de seu resultado. Soma-se a isso a questão dos postulados enquadrados como familistas, segundo os quais os investimentos sociais pressuporiam uma dessexualização ou sublimação da libido. Essas questões implicam tanto os desdobramentos de discussões internas à psicanálise, de Freud com seus discípulos e colegas, quanto as mudanças promovidas pelo psicanalista nos rumos da teoria pulsional.

A despeito de Freud mostrar-se contrário à proposta de seus discípulos e dissidentes, como é o caso da querela com Jung, que propunha abandonar o caráter sexual da libido, Deleuze e Guattari condenam que, ao fim e ao cabo, tenha sido promovida uma verdadeira “liquidação da libido”. Com efeito, reputam à insistência de Freud no “obstinado dualismo das paixões”, ou das pulsões, uma busca por “querer limitar a descoberta” da essência do desejo como libido, o que se amplificou “quando o dualismo virou instinto de morte contra Eros”: “não se obteve simplesmente uma limitação, mas uma *liquidação da libido*”.<sup>502</sup> As críticas sobre a liquidação da libido passam, inevitavelmente, pelos elementos da nova teoria pulsional, proposta em 1920, porém, vale notar que a discussão com Jung atravessa a formulação do conceito de narcisismo, que por um lado firma a natureza sexual-libidinal da energia e alarga seu escopo, mas por outro marca um império da libido que afrouxa o aspecto dualístico-conflitivo das pulsões, tornando difícil conceber outra energia que não fosse sexual, à medida que o Eu, outrora sede das pulsões de autoconservação, se torna objeto de investimento, lugar de acúmulo e ponto de partida dos movimentos libidinais objetivos. A teoria ganha, como chega a ser reconhecido pelos comentadores de Freud, contornos quase monistas, o que impele, posteriormente, a uma reformulação mais radical. Sabe-se que o

---

<sup>502</sup> *AE*, p. 439 [396], grifo nosso.

psicanalista vem a reafirmar a posição dualística, o que serve para dar sustentação ao aparato teórico tão marcado e dependente da categoria de conflito. Para lastrear as críticas de *O anti-Édipo* relativas a esse conjunto de questões, assim como as criações que as acompanham, propomos analisar os textos de Freud mais diretamente implicados, começando pelo *Introdução ao narcisismo* e seguindo para o *Além do princípio de prazer*, os dois supracitados. Retornaremos aos apontamentos de Deleuze e Guattari no capítulo III.2.3.

### III.2.1. A revisão da teoria da libido em *Introdução ao narcisismo* (1914)

O problema do narcisismo envolve uma linha de desenvolvimento que, de início, não ocupara a cena principal das análises, mas que passa a ganhar cada vez mais relevância. Avolumam-se materiais e questões que levam Freud a novas “descobertas” e a importantes revisões do que havia sido estabelecido até então, ampliando a teoria da libido. Se os *Três ensaios* (1905) e a problemática da sexualidade, na esteira da clínica das neuroses, haviam aberto caminho para esclarecimentos importantes acerca da libido e seu desenvolvimento, *Introdução ao narcisismo* (1914) vem à baila conforme outra esfera de fenômenos passam a ser tematizados: aqueles advindos, mas não apenas, da análise das *psicoses*. Esse outro campo, que aparece em obras como o *Caso Schreber*<sup>503</sup>, de 1911, leva à consideração de uma outra linha de questões: o desenvolvimento e a estrutura do Eu. O entendimento psicanalítico de que a sexualidade abarca toda sorte de manifestações da vida infantil se soma à concepção de que a estruturação egoica da subjetividade não consiste em uma realidade dada desde o princípio. Trata-se, isto sim, de algo a ser formado e cujo desenvolvimento percorre caminhos e dinâmicas próprias, pontos que ainda careciam de elaborações, mas cuja fonte de materiais ganha espaço nesse momento. Imbricado com a teoria pulsional, o narcisismo traz importantes mudanças às concepções provisoriamente estabelecidas no que concerne à libido e às pulsões, renunciando outras revisões que virão posteriormente e, ainda, selando o próprio destino do movimento psicanalítico, com a recusa de Freud à dessexualização da libido proposta por Carl Jung, um de seus mais proeminentes discípulos. A esse respeito, vimos como Deleuze e Guattari mantêm o aspecto sexual próprio à libido, embora a posição freudiana seja enquadrada criticamente.

---

<sup>503</sup> Título completo: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia ("O Caso Schreber")*.

### III.2.1.1. Considerações preliminares sobre o estatuto da noção de “Eu”

A teoria firmada nos *Três ensaios* (1905), ainda que viesse a ser revista e aprofundada posteriormente, já apresentava o modo de funcionamento mais originário das pulsões. Nem o Eu nem o narcisismo são tomados como realidades originárias, pois a atividade primeva seria a das pulsões parciais em funcionamento autoerótico. Qualquer ideia de uma unificação subjetiva deveria ser compreendida na esteira dessa atividade primária que, resume Garcia-Roza, era das “pulsões autoeróticas que coexistiam de modo anárquico e sem um objeto específico”.<sup>504</sup> Uma das grandes novidades trazidas pelo narcisismo é justamente a de que, antes de passar a expressar mais claramente sua natureza objetal, investindo objetos externos, a libido atravessaria uma fase intermediária, posterior ao estado bruto autoerótico. Essa fase marcaria, ainda, um ponto nodal para a estruturação subjetiva, sendo fruto de uma operação de primeira unificação das pulsões parciais. O objeto aqui não seria mais o próprio corpo, com suas satisfações ligadas aos mais diversos prazeres de órgãos. O que se anuncia é a concepção de que o próprio Eu se distinguiria como um objeto pulsional, de modo que a libido passaria por uma convergência e unificação, formando um reservatório energético para futuras trocas e alocações, aí sim, direcionadas aos objetos, sejam externos ou da fantasia. Dessa maneira, ao menos em parte, o campo das pulsões do Eu não estaria totalmente contraposto ao campo das pulsões sexuais e da libido objetal. Nessa disposição, investida no Eu, a libido passa a ser compreendida com *narcísica*, embora não tivesse uma natureza particular e distinta da energia sexual: a diferença seria, propriamente, uma *diferença de objeto*. Por esse motivo, Mezan chama o narcisismo de “conceito-limite entre a sexualidade e o ego [Eu]”<sup>505</sup>, numa clara alusão à passagem que toma a pulsão como conceito-limite entre o somático e o psíquico. Vejamos, então, como Freud chega a essa concepção e que impactos ela tem no quadro mais geral da teoria pulsional.

Para melhor compreender a concepção de narcisismo que se apresenta na obra de 1914, vale apresentar uma visão de conjunto da noção de “Eu” (ou “*Ego*”) com que trabalha Freud no período que a antecede, cujos reflexos já puderam ser vistos no âmbito dos artigos metapsicológicos de 1915, a exemplo do item I.2.3.8. Seguiremos as indicações de Mezan, que mostra bem este percurso. De início, o Eu esteve envolvido, já em 1894, no “primeiro conceito propriamente psicanalítico, o de ‘defesa’”, figurando como um dos polos do conflito. Na defesa

<sup>504</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 201.

<sup>505</sup> MEZAN, 2013, p. 180.

patológica, o Eu expulsaria da consciência as ideias incompatíveis com sua organização geral. No *Projeto* de 1895, o Eu de cunho neurônico tinha uma função inibidora, participando do controle dos investimentos característicos do processo primário. Derivado dessa concepção, notar-se-ia o Eu no processo de censura e no desejo de dormir, fundamentais na formação dos sonhos. De um modo geral, a concepção de Eu deste período inicial remete a “uma organização psíquica voltada para o mundo exterior, através da percepção e da motilidade, e com uma superfície de contato com o aparelho mental propriamente dito, na qual se desenvolvem os processos defensivos, patológicos ou normais”.<sup>506</sup> No momento seguinte, o Eu ganharia um papel mais central na teoria, conforme é introduzida a dualidade das pulsões sexuais e pulsões do Eu, de autoconservação, por volta de 1910.<sup>507</sup> Em 1911, no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, o Eu figura na função de suporte das pulsões de autoconservação e, mais importante, na distinção entre “Eu-de-prazer” e “Eu-realidade”, de modo que é compreendido a partir das modalidades de operação das pulsões de autoconservação, quer estejam operando sob o domínio do princípio de prazer ou do princípio de realidade.<sup>508</sup> Vemos com isso já um prenúncio da aproximação do Eu à pulsão sexual. A problemática de um desenvolvimento do Eu, juntamente com as questões suscitadas pelas psicoses (por exemplo, desenvolvidas no *Caso Schreber*, também de 1911) e pela homossexualidade, são alguns dos elementos que favorecem a proposta do conceito de narcisismo.

### III.2.1.2. Notas sobre os dois princípios do funcionamento psíquico

Antes de prosseguir com uma análise detalhada do *Introdução ao narcisismo* (1914), pode ser proveitoso adentrar um pouco nas *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911)<sup>509</sup>, que parece funcionar como um passo intermediário à proposição do narcisismo. Esse texto, retomando as noções de processo primário e secundário do *Projeto* de 1895, discorre, como revela o título, sobre os dois princípios que regem o funcionamento psíquico. Portanto, aborda diversas das teses que são retomadas no artigo *O inconsciente*, como analisamos no capítulo III.1.2. Os processos anímicos inconscientes (processos primários) seriam mais antigos e, de início, os únicos vigentes, operando em conformidade com o princípio de prazer, ou, para ser mais exato, o princípio de prazer-desprazer: busca pelo ganho de prazer ou evitação do desprazer. A própria

---

<sup>506</sup> *Ibidem*, p. 175-176.

<sup>507</sup> Em 1910, no texto *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*.

<sup>508</sup> MEZAN, 1913, p. 175-176.

<sup>509</sup> FREUD, 1911/2010a.

vida onírica seria modelar para seu entendimento: para manter um estado de repouso psíquico, haveria toda sorte de processos que lidariam com as perturbações oriundas de necessidades internas, com suas “exigências imperiosas” (o que lembra bastante a concepção de pulsão), produzindo os pensamentos oníricos, que colocam em cena de modo alucinatório o pensado e desejado – mediante, é claro, todo o mecanismo de formação dos sonhos. Essa forma de satisfação e de imaginação do que é agradável, ao modo alucinatório e análogo aos pensamentos oníricos, mostra justamente a operação da vida anímica conforme o princípio de prazer. Seria apenas com a ausência de satisfação, ou seja, por frustração, que se introduziria o princípio de realidade, de modo que o aparelho psíquico passaria a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior (vulgo pensar) e a se empenhar na transformação dele (agir). Trata-se da chamada prova ou teste da realidade. Nessa perspectiva, os processos de pensamento consciente ou pré-consciente seriam secundários e o princípio de realidade consistiria numa modificação do princípio de prazer-desprazer. Conforme as modalidades de expressão dos princípios de regulação econômica, ou seja, energética do aparelho psíquico, chegaríamos ainda a uma situação em que parcelas das atividades desse aparelho estariam submetidas a esses diferentes regimes de funcionamento. Como Freud coloca, haveria no decurso desses processos uma espécie de dissociação das atividades de pensamento. Uma parcela do pensamento, livre do “teste da realidade”, mantém sua atividade sob o domínio do princípio de prazer, como é o caso da *fantasia*, que persiste desde o brincar infantil até o *devaneio*, descolando-se dos objetos da realidade. Em suma, está em questão aqui a ideia de que “a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade [...] *não se efetua de uma só vez e simultaneamente em todos os pontos*”<sup>510</sup>, de modo que haveria uma disjunção no desenvolvimento das pulsões do Eu e pulsões sexuais, ou seja, daquelas que passam a operar sob o princípio de realidade e daquelas que manteriam o domínio do princípio de prazer. Colabora para isto a possibilidade de satisfação autoerótica e, portanto, a não frustração que levaria à modificação do princípio de prazer em princípio de realidade, além do processo de interrupção da atividade sexual no período de latência. Essa facilidade de satisfação fantasística, a possibilidade de contornar o esforço e o adiamento que uma satisfação real com o objeto sexual exigiria, apresenta-se como uma das vulnerabilidades do aparelho psíquico e um dos pontos cruciais à predisposição às neuroses – no dizer de Freud, o “atraso em educar a pulsão sexual na consideração da

---

<sup>510</sup> *Ibidem*, p. 115.

realidade”.<sup>511</sup> Além disso, considera-se aqui o quanto o recurso da repressão seria mais imperioso no âmbito da fantasia ou da atividade do processo primário, pela capacidade de “inibir ideias *in statu nascendi*, antes que sejam notadas pela consciência”.<sup>512</sup>

Em outra perspectiva, a possibilidade de renúncia de um prazer momentâneo e incerto em favor de um prazer seguro a ser obtido posteriormente seria mais um indicativo da não deposição do princípio de prazer, mas de sua salvaguarda no princípio de realidade. Por fim, como aludimos acima, é nesse texto que Freud introduz uma articulação do Eu aos dois princípios: o Eu-de-prazer da atividade primária e o Eu-realidade do processo secundário. Se o desenvolvimento da libido, ou seja, das pulsões sexuais seguiria no caminho que vai do autoerotismo ao amor objetal com fins de procriação, com todas as suas fases intermediárias, também o desenvolvimento das pulsões do Eu percorreria o caminho entre o Eu-de-prazer e o Eu-realidade. Na perspectiva freudiana, ao menos desta época, a base de predisposição à enfermidade neurótica e o encaminhamento, a “escolha”, de seu tipo seria reflexo do momento ou etapa em que esses desenvolvimentos seriam inibidos. De toda forma, a abertura para a investigação dessa outra linha, do Eu, se relaciona ao esforço de compreensão de outros quadros, como veremos a seguir.

### **III.2.1.3. A introdução ao conceito ampliado de narcisismo: de perversão a aspecto fundamental do desenvolvimento da libido**

Podemos tratar, agora, do exame do texto decisivo para esse momento da teoria pulsional: o *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Logo em sua primeira seção, essa obra tripartida nos apresenta as importantes modificações e, mesmo, extensões à teoria da libido, articuladas com os elementos que as inspiram. Encontramos aqui um conceito muito próprio de narcisismo, que destoa do que normalmente se imaginaria em termos de uma perversão. É preciso situá-lo em face do que já havia sido proposto na teoria da libido e do que sobressaía da análise das neuroses e, especialmente, das psicoses. Estamos também diante de um forte debate de Freud com Jung, em meio ao qual é forjado o *narcisismo*. Três são os elementos principais que teriam levado Freud a uma extensão da teoria, digamos, três conjuntos de materiais: a presença de traços narcísicos isolados em outros “distúrbios”, dentre eles homossexuais e parafrênicos; o limite à influência ou sugestão na clínica; a observação da vida psíquica infantil e dos povos ditos “primitivos”. Cabe

---

<sup>511</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>512</sup> *Ibidem*, p. 116.

observar que embora o “homossexualismo” fosse considerado um distúrbio à época, e Freud chegue a referenciá-lo enquanto tal, ele não deixa de mostrar suas ressalvas e discordâncias quanto a tratar a homossexualidade como sinal de degenerescência, como o vimos no contexto dos *Três ensaios*. Portanto, há de se ter o devido distanciamento histórico diante dessa designação e tratamento já há muito questionados. De toda forma, o mais importante aqui é saber: como cada um desses materiais é trabalhado e o que se concebe a partir deles?

O primeiro ponto é a ampliação da própria noção de narcisismo. No contexto da descrição clínica na virada do século XIX para o século XX, como em Paul Näcke, o narcisismo era concebido como uma perversão, que consistia na conduta de tratar o próprio corpo como um objeto sexual, obtendo satisfação e prazer sexual olhando-o, acariciando-o etc. No âmbito psicanalítico, por outro lado, chamará a atenção a ocorrência de “características isoladas da conduta narcisista” em “muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios”, como homossexuais e esquizofrênicos. Além disso, comportamentos tipicamente narcísicos se apresentavam na psicanálise de neuróticos como um empecilho, um limite na suscetibilidade à sugestão ou influência, condições da própria terapêutica. Esse limite, diga-se de passagem, levou Freud até a manifestar a impossibilidade do tratamento em quadros que hoje compreenderíamos como “psicóticos”. Não mais entendido como uma perversão, chega-se à conjectura do narcisismo como uma alocação da libido, potencialmente intensa, e que reivindica um lugar próprio “no desenvolvimento sexual regular do ser humano”. Essa operação se assemelha, vale dizer, ao que Freud realizou no estudo de outras “perversões” ou “aberrações sexuais”, como acontece no *Três ensaios*: de manifestações perversas globais, que tomam a vida sexual de alguns indivíduos, notam-se traços característicos e expressos em menor intensidade noutros casos ou momentos, diante do que se conjectura uma disposição prévia à emergência daquele quadro. Em todo caso, além de uma distinta disposição da libido, de intensidades variadas, presentes no curso “normal” do desenvolvimento sexual, o narcisismo é também compreendido como “o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação”, atribuído a cada ser vivo, também designado como “narcisismo primário”.<sup>513</sup>

A concepção de um narcisismo primário e regular deveu-se especialmente à tentativa de compreender os quadros que a nosografia da época designava por demência precoce ou esquizofrenia à luz da teoria da libido, afirma Freud. Esses distúrbios, que ele prefere chamar de “parafrenias”, apresentavam duas características principais: “a megalomania e o abandono do

---

<sup>513</sup> *IaN*, p. 14-15.

interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas)”. Esse abandono ou afastamento do mundo externo é que seria um dos limites ou impeditivos da influência da psicanálise e, portanto, da “cura”. Nota-se, aqui, a tal proximidade da psicanálise com a tradição idealista, como trabalhamos no capítulo II.2, que agora podemos apreender sob a perspectiva do próprio texto freudiano. Algum tipo de modificação na relação com a realidade não seria exclusiva das parafrenias, de modo que Freud discorre um pouco sobre a diferença desses quadros em face das neuroses. Essa problemática de uma “perda da realidade”, como antecipamos no capítulo II.2, aparece em diversos outros textos, inclusive mais tardios, por exemplo: *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924). No que concerne ao período de 1911-1914, a discussão envolve a ideia de uma *introversão* da libido proposta por Jung, com quem Freud está debatendo diretamente e discordando em uma série de pontos. Um deles diz respeito a sua aplicação: Freud admite essa noção de introversão no caso das neuroses, em que o afastamento e o abalo na relação com a realidade não denota uma suspensão efetiva da relação erótica com as coisas e as pessoas. Essas relações seriam mantidas na fantasia, com objetos imaginários substitutos dos reais, além da renúncia ao alcance das metas pulsionais nos termos de uma efetiva ação. A introversão dos investimentos libidinais em prol de um realocamento da libido no campo da fantasia seria uma concepção cabível aos quadros neuróticos, mas não tanto no caso dos parafrênicos que, segundo Freud, parecem “retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto”.<sup>514</sup> Diante disso, levanta-se a questão acerca do destino da libido retirada dos objetos, na esquizofrenia, cuja resposta estaria, justamente, na outra característica do quadro, a megalomania:

Ela se originou provavelmente à custa da libido objetual. A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetuais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias.<sup>515</sup>

Além desses elementos, mais um concorreria para a concepção de narcisismo, que, como vimos, apresenta uma modalidade primária e outra secundária. Se esta seria patente pela megalomania dos quadros patológicos, com uma retração significativa da libido em favor do

---

<sup>514</sup> *IaN*, p. 15-16. Vemos aqui a célebre ideia psicanalítica de que o delírio na esquizofrenia seria, ele próprio, a tentativa de cura, mediante o reinvestimento dos objetos e do mundo.

<sup>515</sup> *IaN*, p. 16.

investimento do Eu, isto seria possibilitado por um narcisismo primário, um estado anterior que pode ser retomado e ampliado em intensidade. Os elementos que corroboram essa conjectura seriam provenientes, como citamos, de outras observações e concepções, aquelas relativas à “vida psíquica das crianças e dos povos primitivos”, em que também poderiam ser notados traços característicos da megalomania. Freud destaca, sobre isso, desde uma certa “onipotência dos pensamentos”, ou seja, uma superestima do poder destes e dos desejos, além da própria “magia”, entendida como uma “técnica de lidar com o mundo externo” – atitudes atribuídas aos povos primitivos e, de forma análoga, às crianças. A abertura para estes outros aspectos e destinações da libido, que passam a ser melhor notadas nesses outros quadros, teria sido ignorada pelo fato de que, na análise dos sintomas neuróticos, prevaleceriam as vicissitudes da libido já enquanto “emanações” e investimentos objetivos.<sup>516</sup> Nessa oportunidade de extensão da teoria, porém, Freud salienta:

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam. [...] Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. [...] Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu.<sup>517</sup>

#### **III.2.1.4. Libido objetal e libido narcísica: mudanças na teoria pulsional**

Do que concerne à evolução da teoria pulsional, aqui vemos um quadro das mudanças mais significativas que advêm com a proposta do narcisismo. Pode-se notar como a ideia de um investimento libidinal do Eu, no mínimo, atenua uma oposição tão acentuada entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. As modalidades da libido contrapõem-se, no máximo, quanto a seu objeto de investimento, mas relacionam-se em termos de quantidades inversamente proporcionais de investimento (a exemplo do enamoramento e do delírio paranoico de fim do mundo). Além disso, Freud não deixa de postular a existência de energias distintas – contrariando a proposta de Jung – separando, por um lado, uma libido sexual e outra energia não sexual das pulsões do Eu, além da

---

<sup>516</sup> *IaN*, p. 16.

<sup>517</sup> *IaN*, p. 17-18.

nova distinção entre libido do Eu e libido objetal. Em alguma medida, esses problemas não tiveram uma resolução plena neste momento e acabam retornando posteriormente, porém, cabe analisarmos como são encaminhados. Ademais, uma dificuldade que o conceito de narcisismo coloca é em relação ao que outrora já era descrito como um “estágio inicial da libido”: o autoerotismo. De que maneira o narcisismo, como um investimento libidinal primário do Eu, relaciona-se e pode ser conciliado com o autoerotismo? A resposta inicial de Freud é a seguinte:

é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.<sup>518</sup>

A outra questão, das conjecturas acerca da energia das pulsões, é também desenvolvida ainda ao final da primeira seção do *Introdução ao narcisismo*, embora não seja de fato “resolvida”. O que temos é uma valoração dos conceitos propostos, considerando seu contexto de proposição. Os conceitos de libido do Eu e libido de objeto, afirma Freud, têm seu valor por derivarem da “elaboração de características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos” e por consistirem no “inevitável prosseguimento de uma primeira hipótese, que separava pulsões sexuais de pulsões do Eu”. Foram frutos das análises e prevaleceram à concorrência com outras tentativas de compreensão dos fenômenos. Além de aludir a razões que teriam favorecido essa hipótese inicial, Freud destaca o valor de utilidade destas construções para a própria análise, no caso, análise das neuroses de transferências. A exigência de fornecer e experimentar alguma hipótese deriva, por sua vez, da assumida falta de uma teoria das pulsões que desse uma orientação de saída. Nesse ponto, Freud não deixa de postular que, no horizonte das provisórias concepções psicológicas em jogo, haveria um sólido alicerce orgânico a ser descoberto, que iria explicar enfim as “operações da sexualidade” a partir de “substâncias e processos químicos especiais”. Tal flerte com a biologia é quase uma constante, por vezes esquecida ou escamoteada, da obra freudiana e tende a aparecer de forma mais explícita justamente nesses momentos mais especulativos, como a teoria pulsional – entretanto, essa discussão nos escapa. Em todo caso, dois pontos sobressaem para corroborar a hipótese de diferenciação entre as pulsões do Eu e pulsões sexuais: essa separação corresponderia, por um lado, àquela, tão popular e corriqueira, entre fome e amor; por outro, à ideia, de fundo

---

<sup>518</sup> *IaN*, p. 18.

biológico, que considera uma dupla existência de cada indivíduo: “como um fim em si mesmo e como elo de um corrente”.<sup>519</sup>

### **III.2.1.5. As movimentações da libido nos casos de doença orgânica e hipocondria**

Dada a dificuldade encontrada no estudo das parafrenias – estimadas como o acesso principal e, possivelmente, o meio para melhor compreender a psicologia do Eu – as seções seguintes do *Introdução ao narcisismo* (1914) exploram outros caminhos para pensar o narcisismo, extrair suas consequências e conceber as destinações da libido a partir do narcisismo primário. Essas outras vias mais acessíveis seriam: a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa dos sexos. Vejamos alguns pontos mais gerais sobre elas para, em seguida, tratar da terceira seção, que avança especialmente na concepção do Eu à luz do narcisismo.

A relação entre mudanças no Eu e distribuições libidinais, ou mesmo a confluência da libido com o interesse do Eu, são dinâmicas observáveis numa série de outras situações, tais como a doença orgânica, o estado de sono e quadros de hipocondria. Esses casos se somam aos já apresentados para reforçar e ampliar as facetas do narcisismo. Na enfermidade física e na sonolência (que se desdobra no desejo de dormir), por exemplo, é possível observar o movimento de retração da energia libidinal investida nos objetos e no mundo exterior, voltando-a para si próprio, cuja expressão é a de um egoísmo característico de cada um. Ambos “exemplos de mudanças na distribuição da libido graças à mudança no Eu”, como afirma Freud. Tal qual a doença orgânica, a hipocondria também seria indicativa de uma retirada de libido e interesse no mundo exterior, em favor de sua concentração nos órgãos e conforme uma sensibilidade especial à dor e ao desconforto. Freud articula essa excitabilidade dos órgãos à dor com sua concepção de uma erogenidade potencial de todos os órgãos, ou seja, a atribuição de uma excitabilidade tal qual a sexual-genital às demais áreas do corpo, que poderiam se comportar como zonas erógenas excitáveis. Erogenidade definida como “atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique”. Ademais, postula-se a correspondência ou paralelismo entre alterações da erogenidade dos órgãos, em termos de aumentos e decréscimos, e alterações dos investimentos libidinais do Eu: o aumento da concentração energética ou o “represamento” da libido num órgão seria correlato a um represamento da libido no Eu, característica que estaria na base da hipocondria e que permite

---

<sup>519</sup> *IaN*, p. 20-21.

explicar sua similaridade com os efeitos de uma doença material. Além disso, Freud relaciona os mecanismos de formação de sintomas e adoecimento das neuroses àqueles das parafrenias e hipocondrias, com a diferença que as primeiras estariam atreladas à libido objetal, enquanto essas últimas à libido do Eu. O mecanismo coincidente seria um estado regressivo da libido que ficaria represada em tal medida que atingiria o limiar que leva à qualidade de desprazer. A concepção econômica aqui colocada, que será objeto de discussão anos depois, é a de que a qualidade “desprazerosa” se origina de uma quantidade de energia que, represada e gerando um estado de tensão mais elevado, e cujo adequado escoamento não se faz possível, transforma-se em sensação de desprazer e, conseqüentemente, em angústia.<sup>520</sup> As modificações nesse modelo serão discutidas posteriormente. O interessante é que disso será levantada uma outra questão, que também esclarece algo acerca da natureza do aparelho psíquico, mas cuja problemática seria justamente o motivo de a libido transpor o narcisismo e passar a emanar aos objetos.

ousaremos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.<sup>521</sup>

Uma das características primordiais do aparelho psíquico consiste, justamente, no “expediente para lidar com excitações” que tendem a ser sentidas como patogênicas e penosas. Tal expediente pode se efetuar nos termos de uma *elaboração psíquica* que auxilia o encaminhamento interno de excitações cuja descarga externa direta não seja possível ou desejável, no momento. Partindo do princípio de que, inicialmente, seria indiferente que tal elaboração ocorresse em objetos imaginários ao invés de reais, o desdobramento disso em uma situação de teor patológico consistiria no represamento da libido acompanhado de seu fracasso. No caso da parafrenia, por exemplo, a megalomania seria indicativa de uma elaboração psíquica da libido retraída ao Eu, mas cujo represamento pode chegar a fracassar e seu efeito se tornar patogênico, liberando um estado análogo à angústia neurótica, que consiste no quadro hipocondríaco. A elaboração psíquica sobre essa libido liberada, numa tentativa de restauração e “cura”, pode tomar a forma efetiva de um delírio, mas que acaba por reconduzir a libido aos objetos.<sup>522</sup>

---

<sup>520</sup> *IaN*, p. 26-28.

<sup>521</sup> *IaN*, p. 29.

<sup>522</sup> *IaN*, p. 30.

### III.2.1.6. A libido e as relações objetais

Adiante, Freud explora o que seria uma terceira via de acesso ao estudo do narcisismo: a vida amorosa dos seres humanos, com suas variadas relações e modalidades de escolha objetal. Se, de início, como vimos, foi a libido de objeto a que foi evidenciada nas primeiras pesquisas que exploravam a sexualidade desde o despertar infantil e autoerótico da pulsão sexual, aqui Freud amplia a pesquisa acerca das movimentações da libido do Eu e uma outra modalidade de escolha objetal atravessada pelo narcisismo. Um dos pontos fundamentais trazido pelos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* foi a noção de que a pulsão sexual emerge apoiada nas funções vitais de autoconservação, como a nutrição, junto às quais ocorrem as primeiras experiências de satisfação de teor sexual, nesta concepção ampliada. Numa palavra, as pulsões sexuais “apoiam-se” de início na satisfação das pulsões do Eu, para apenas posteriormente tornarem-se independentes delas. Além disso, o que é enfatizado nesse momento de *Introdução ao narcisismo* é a ideia de que “esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” – modalidade de escolha objetal que é designada por seu tipo: “de apoio”. Um outro tipo de escolha objetal, porém, teria sido desvelada pela pesquisa psicanalítica a partir da vivência de pessoas consideradas “perversas” e “homossexuais”, nas quais o modelo de escolha objetal não seria a mãe ou cuidadora, mas que “escolhem seu posterior objeto de amor”, diz Freud, “conforme [o modelo] de sua própria pessoa”, tornando evidente um tipo narcísico de escolha de objeto sexual. Ademais,

Nessa observação se acha *o mais forte motivo que nos levou à hipótese do narcisismo*. Mas não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferenciados, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcísico ou ao “de apoio”. Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto.<sup>523</sup>

Uma série de outras considerações acerca da vida amorosa dos sexos, valendo-se da comparação entre o homem e a mulher, são realizadas por Freud. Nesse ponto, nos deparamos com

---

<sup>523</sup> *IaN*, p. 32-33, grifo nosso.

peculiaridades da teoria de Freud que valem ser ditas: primeiro, que a concepção de sexualidade, embora envolva também a ideia de uma bissexualidade fundamental, é significativamente marcada pela referência modelar da vida sexual do menino, portanto, de um ponto de vista de partida masculino; em segundo lugar, uma certa concepção de “masculino” e “feminino” se faz presente, que permite explorar diferenças que seriam fundamentais, embora não universalizáveis no sentido da plena correspondência entre “homem” e “masculino”, “mulher” e “feminino”. Essas e outras idiosincrasias acabam tornando certas facetas do texto um tanto datadas em face de debates e problemas que se sucederam posteriormente, muitos deles profundamente marcados ou atravessados pelas concepções psicanalíticas e a base freudiana. Trazemos essa ressalva por conta de alguns estranhamentos que podem ser suscitados ao ler e explorar esses temas a partir de textos já seculares. No entanto, uma adequada leitura crítica e atualizada acaba excedendo o escopo e mesmo os objetivos almejados aqui. Buscamos ao menos trazer o alerta. Um dos pontos que pode ser visto com tal inquietação é a relação, tecida nesse texto, entre os tipos de escolha objetal e os sexos. Embora Freud parta do princípio de que “a comparação entre homem e mulher mostra que há diferenças fundamentais [...] quanto ao seu tipo de escolha de objeto”, ele também considera que essas diferenças “não [são] universais, naturalmente”, ou, até mesmo, concebe o cenário em que mulheres amariam também segundo o modelo masculino. Qual seria este? Ele se refere ao postulado de que o “amor objetal completo” – ou seja, cuja modalidade é a “de apoio” –, seria característico do homem, ao passo que prevaleceria na mulher o tipo de escolha narcísico.<sup>524</sup>

O que encontramos sob tal consideração é a relação entre narcisismo, superestimação sexual e amor objetal. Freud menciona a superestimação do objeto sexual, cujo ápice seria encontrado em uma situação de enamoramento com contornos obsessivos em que a libido narcísica é empobrecida em favor do objeto amado. Seria uma forma, digamos, de abdicação do próprio narcisismo – aquele engrandecimento infantil de si mesmo –, transpondo-o ao objeto. É nesse sentido que se atingiria um amor objetal total. Da outra forma, o narcisismo original não seria plenamente abandonado, ou seria até mesmo reforçado, chegando ao outro polo em que, mais do que amar a outrem, depositando neste o maior montante de investimento libidinal, a relação objetal seria fundamentalmente caracterizada por *ser amado* de forma e intensidade semelhantes a amar a si mesmo. O que parece estar em jogo é, justamente, as diversas relações possíveis entre a libido narcísica e a libido objetal, no contexto das formas de amor, que podem em alguma medida confluir

---

<sup>524</sup> *IaN*, p. 33.

na relação de amor objetal ou separar-se em montantes investidos de forma inversamente proporcional. Uma última relação que valeria ser exposta aqui, exemplar de tal confluência, é a relação terna entre pais e filhos, onde é possível notar uma forma de amor objetal que coincide com o tipo narcísico, pois a superestimação do objeto, ou seja, a idealização da perfeição das crianças provém de montantes da libido inicialmente concentrados no próprio eu: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora”.<sup>525</sup>

### **III.2.1.7. Aprofundamentos na psicologia do Eu à luz do narcisismo: formação do ideal do Eu, instância crítica e recalçamento**

A terceira e última seção da *Introdução ao narcisismo* (1914) explora, de um modo geral, o conceito de *ideal do Eu*, que se relaciona intimamente com uma série de processos psíquicos e importantes facetas do desenvolvimento subjetivo. Este conceito responde à problemática dos destinos da libido do Eu, ou narcísica, partindo do pressuposto de que, no curso do desenvolvimento regular até a vida adulta, não se daria uma transposição completa dela para os investimentos libidinais objetais. A “psicologia do recalçamento” vem então à baila para começar a pensar tais destinos, não deixando de ser, também ela, alvo de revisões. Outros destinos libidinais são também explorados, como a sublimação, além de noções como amor-próprio, consciência moral etc. Trata-se de um texto fundamental não apenas para a psicologia do Eu – que será retomada na reformulação tópica dos anos 20 – como para a psicologia das massas, visto que o *ideal do Eu* envolve intimamente as dimensões individual e social nos processos de subjetivação. Ademais, se reflexões anteriores da investigação psicanalítica tomavam os destinos pulsionais já a partir da situação em que as pulsões sexuais e as pulsões do Eu encontravam-se em oposição, o que é possibilitado nesse momento é “fazer inferências sobre uma época e uma situação psíquica em que as duas classes de pulsões surgem como interesses narcísicos, ainda operando em concerto e inseparavelmente unidas”. A partir dessa perspectiva inexplorada, encontramos ideias e conjecturas bem importantes para a teoria pulsional de um modo geral. Subentende-se com isso que a oposição entre os grupos pulsionais não é de todo abandonada ou invalidada, já que, em alguma medida, as pesquisas sobre sua dinâmica estariam referidas a uma situação ou etapa distinta. Vejamos mais a fundo.

---

<sup>525</sup> *IaN*, p. 37.

Duas perguntas norteiam as reflexões que se seguem. Considerando o “adulto normal”, no qual os traços narcísicos primários (infantis) arrefeceram ou estão ocultos: “o que aconteceu à sua libido do Eu? Devemos supor que todo o seu montante passou para investimentos de objeto?”. A resposta imediata é “não”, mas para tratar com mais profundidade, recorre-se à “psicologia do recalçamento”, cujos elementos são precisados. A ideia básica é de que o recalque patológico acometeria os impulsos libidinais à medida que “entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo”.<sup>526</sup> Prestando contas a formulações anteriores, Freud coloca: “dissemos que a repressão [o recalque] vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu”. É de se considerar que, para cada pessoa, o nível de tolerância e rejeição varia, o que, por sua vez, condiciona o recalçamento pulsional:

Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para o recalque. A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição.<sup>527</sup>

Vemos, nesse trecho fundamental, um outro destino para a libido narcísica que não a transposição ao investimento objetal e, além disso, alguns dos aspectos condicionantes do recalçamento. Toda sorte de satisfações impelidas pela libido narcísica e desfrutadas na infância podem ser resguardadas dessa forma. Dada a possibilidade de perda ou privação da perfeição narcísica infantil, por conta das vicissitudes da vida e do desenvolvimento, junto à incapacidade de renúncia da satisfação de outrora, o que se passa é a busca por manter e reconquistar tal narcisismo primário sob a nova forma de um *ideal do Eu*. O que cada indivíduo “projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal”, pontua Freud.<sup>528</sup>

O processo de formação do ideal do Eu, ou seja, a *idealização* é, então, contrastado com a *sublimação*, outro dos destinos pulsionais. A diferença fundamental entres esses processos consiste no seguinte: enquanto a sublimação remete a algo que se passa com a própria pulsão, caracterizado pela mudança para uma meta de satisfação não mais sexual; a idealização envolve o objeto, no sentido de uma elevação dele no âmbito psíquico, como é o caso da superestimação sexual e, agora,

---

<sup>526</sup> *IaN*, p. 39.

<sup>527</sup> *IaN*, p. 40.

<sup>528</sup> *IaN*, p. 40.

da formação do ideal do Eu. Freud salienta que, se o Eu pode requerer e, até, instigar a sublimação, não pode, porém, executá-la ou forçá-la; e “haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus impulsos libidinais”.<sup>529</sup> No que concerne ao recalque e à causação da neurose, temos com a formação do ideal do Eu um aumento das exigências deste, o que leva ao favorecimento do recalque. A sublimação, por outro lado, permitiria uma saída: a possibilidade de cumprir a exigência do Eu sem levar ao recalque. Esses apontamentos agregam elementos interessantes à apresentação da teoria do recalque feita no capítulo III.1.2.

Uma questão premente é a dos motivos que concorrem para a formação do ideal do Eu. Além do processo de idealização e do refugio para o narcisismo, temos o aspecto indicado acima, de que o Eu atual teria no seu ideal um ponto de referência a partir do qual ele passa a ser medido, ao qual busca corresponder. A esse respeito, Freud conjectura a existência de uma instância psíquica especial – a ser descoberta –, que responderia à “tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu”, e que fosse dotada do poder de observação contínua do Eu atual, e sua medição crítica. Essa tal “instância” – que anos depois, no contexto da segunda tópica freudiana, será explorada pela noção de “Super-Eu” – é identificada à *consciência moral*, própria a cada pessoa, dotada de “um tal poder, que observa todos os nossos propósitos, inteirando-se deles e os criticando”. Além disso, a instituição da consciência moral e a incitação à formação do ideal do Eu são ambos remetidos à influência crítica dos pais, de outras figuras, como educadores, e da própria sociedade, desde as pessoas do entorno mais ou menos imediato até, mais ao largo, a própria opinião pública. Essa gama de influências críticas seria como que corporificada e introjetada, dando forma a essa instância de consciência moral<sup>530</sup> ou, noutros termos, um *ensor* interno, capaz de auto-observação e autocrítica – censor, este, que estaria presente e alerta até durante o sono, participando da formação dos sonhos e da vida onírica.<sup>531</sup>

Esse processo é exemplar do que seria a passagem do âmbito da repressão, de teor mais social e ligado à influência de instâncias externas, de agentes do campo social, para o do recalque, que envolve exigências internas, que não deixam de ser construídas a partir do exterior, mas já num ponto em que se instanciam internamente. O “delírio de ser notado”,

---

<sup>529</sup> *IaN*, p. 41.

<sup>530</sup> *IaN*, p. 42-43.

<sup>531</sup> *IaN*, p. 44.

característico de algumas paranoias, seria a constatação de expressões dessa instância atuando de forma regressiva.<sup>532</sup> Para além dos aspectos psicológicos individuais, é importante ressaltar a confluência da dimensão social na formação e no funcionamento desses processos e instâncias. Nas palavras do Freud:

Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação.<sup>533</sup>

### III.2.1.8. Narcisismo, amor-próprio, erotismo e outras considerações

Uma outra temática que aparece na seção III do *Introdução ao narcisismo* (1914) é a da relação entre narcisismo, amor-próprio e erotismo (ou seja, os investimentos libidinais de objeto). O ponto de partida é o reconhecimento de uma relação íntima entre a libido narcísica e o amor-próprio, fundamentada nas variações do amor-próprio nas parafrenias e nas neuroses de transferência; nas mudanças do amor-próprio no âmbito da vida amorosa, quais sejam, o aumento e diminuição confluyente com a variação em *ser amado*, marca da escolha narcísica de objeto; e, por fim, o dado de que o investimento libidinal objetal não aumenta o amor-próprio, mas tende, até, a rebaixá-lo. Sobre as relações entre erotismo e amor-próprio, Freud apresenta a seguinte síntese. Primeiro, a distinção entre investimentos amorosos “em sintonia com o Eu” (i) e investimentos libidinais em oposição ao eu (ii), por isso recalçados. Em relação a (i): “amar é visto como qualquer outra atividade do Eu”, de modo que, amar rebaixa o amor-próprio e ser amado o eleva. No segundo caso (ii), onde a libido é recalçada, “o investimento amoroso é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível” e a possibilidade de enriquecer o Eu novamente implicaria um desinvestimento da libido alocada nos objetos.<sup>534</sup> Em suma, o amor-próprio seria composto, primariamente, do resto do narcisismo infantil, mas este seria incrementado pelo cumprimento do ideal do Eu, por um lado, e pela satisfação da libido objetal, por outro.<sup>535</sup>

Por fim, o texto do narcisismo é encerrado com uma série de observações mais soltas e algumas conclusões dignas de nota. Em primeiro lugar, temos a ideia de que o desenvolvimento do

---

<sup>532</sup> *IaN*, p. 41.

<sup>533</sup> *IaN*, p. 50.

<sup>534</sup> *IaN*, p. 47.

<sup>535</sup> *IaN*, p. 48.

Eu “consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo”, que ocorre por meio do deslocamento de sua libido para um ideal do Eu imposto de fora e cuja satisfação é acessada pelo cumprimento desse ideal. Paralelamente, uma parcela da libido do Eu é emanada para os investimentos objetais, de modo que ele acaba se empobrecendo em razão deles, mas pode novamente se elevar com as satisfações objetais, embora o ideal do Eu acabe dificultando tais satisfações, posto que “seu censor rejeita parte deles como intolerável”. Ademais, temos o enamoramento como um “transbordar da libido do Eu para o objeto”, que teria a capacidade de suspender recalques e restaurar perversões, além de elevar o objeto sexual mediante sua idealização, o que, por sua vez, pode facilitar uma satisfação substitutiva, com o auxílio do ideal do Eu. Diante de reais impedimentos à satisfação narcísica, esta poderia ser resguardada no amor objetal, quando a pessoa, em conformidade com o ideal do Eu, pode amar aquilo que ela foi e deixou de ser, ou aquilo que queria ser e não foi – ou seja, de acordo com a fórmula “aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal é amado”.<sup>536</sup> Nesse sentido, aqueles que são amados tendem a apresentar características que se adequam ao que o Eu tinha como ideal para si. No limite, eles são escolhidos, ainda que de modo inconsciente, justamente a partir desse crivo. Isso tanto no sentido de apresentar traços que a pessoa apresentava ou idealizava em si, ou então que pretendia ter mas não o conseguira.

Feito o exame do narcisismo, a seguir, pretendemos analisar o livro *Além do princípio de prazer* (1920), que retomará temas candentes cujo desenvolvimento não se mostrava satisfatório nem suficiente, os quais circundam um dos fundamentos da economia pulsional e psíquica: o *princípio de prazer*. A consideração da problemática econômica trará consigo, já nessa obra, uma nova perspectiva da dinâmica pulsional, a ser amparada na demarcação de um novo dualismo pulsional, ou seja, a proposta de um agrupamento das “pulsões primordiais”, que difere do que até então se estabelecera: a distinção entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. Com essa virada da teoria pulsional, veremos que esses tipos de pulsões não vão ser de todo abandonadas, dado que provêm de sólido e amplo material clínico e cuja dinâmica se manterá, em grande medida, válida. Elas serão, de todo modo, remanejadas e reunidas, as duas modalidades, num grupo maior, das pulsões de vida, a serem contrapostas a uma nova pulsão primordial: a pulsão de morte.

---

<sup>536</sup> *IaN*, p. 49.

### III.2.2. A pulsão sexual diante do novo dualismo pulsional de *Além do princípio de prazer* (1920)

Uma das mais importantes noções da teoria psicanalítica proposta por Freud é a ideia de *conflito*. No percurso teórico da pulsão que exploramos até agora, vimos como o dualismo pulsional perpassa significativamente os processos conflituais que acometem os indivíduos e levam, dentre outras coisas, aos quadros neuróticos, onde fenômenos de *negação* da pulsão, como aquele central que é o *recalque*, implicam a própria clivagem do psiquismo. Segundo Garcia-Roza, “a emergência do conceito de pulsão” leva Freud “a dispor de um suporte dinâmico para sua concepção do conflito psíquico”. No entanto, a ideia de “conflito” não é restrita às pulsões: “ele pode se dar entre dois tipos de pulsões (pulsões do ego [Eu] vs. pulsões sexuais), como pode ocorrer entre duas instâncias psíquicas (sistemas Ics vs. sistema Pcs/Cs), ou ainda entre o desejo e a defesa”, ou ainda o “conflito edipiano”, aquele que “produz a clivagem do psiquismo” e “institui a ordem humana”.<sup>537</sup> Considerando que a pulsão é concebida como surgindo por *apoio* nas funções de conservação que seriam pertencentes às pulsões do Eu, e que estas são repensadas à luz do narcisismo, chegando à concepção do Eu como objeto de investimento libidinal, ainda que não em sua totalidade, o que temos é uma atenuação do aspecto conflitivo entre esses grupos pulsionais, além de exprimirem menos uma diferença de natureza e mais de objeto, com um mesmo substrato energético. O que se costuma observar sobre esse trajeto da teoria é que a perspectiva dualista de partida começa a tender para um monismo pulsional onde há dificuldades de conceber propriamente outra pulsão que não seja sexual, e que o artigo *As pulsões e seus destinos* (1915) mantém meio que em suspenso essa declinação da teoria, como pudemos examinar. *Além do princípio de prazer* (1920) chega então com a proposição de um novo dualismo pulsional, ratificando a recusa pela afirmação de um monismo pulsional, tal como aquele que propôs Jung, mas que é rechaçado por Freud. O que prepondera nessa revisão, de toda forma, é a problemática econômica do império do princípio de prazer como hipótese explicativa da regulação do psiquismo e da atividade pulsional. Ainda sobre o contexto, Garcia-Roza observa o seguinte:

Em consequência dessa nova distinção [entre libido narcísica e objetal], a autoconservação nada mais seria do que um amor a si mesmo, o que tornaria caduca a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do ego: toda pulsão é, em última instância, sexual. Essa teoria dualista das pulsões foi sendo progressivamente enfraquecida até que, quando tudo indicava que Freud iria afirmar um monismo pulsional análogo ao de Jung, ele introduziu um novo

<sup>537</sup> GARCIA-ROZA, 1985, p. 124-125.

dualismo: o das pulsões de vida e das pulsões de morte. Essa substituição ocorre em 1920, em *Além do princípio de prazer*, onde as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação são unificadas sob a denominação de “pulsões de vida” e contrapostas à “pulsão de morte”, isto é, à tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado anorgânico com a eliminação completa das tensões. O novo dualismo pulsional tem sua base mais voltada para a biologia do que para a psicologia. Apesar de a antiga distinção entre pulsões sexuais e pulsões do ego terem sido sugeridas a Freud pela análise das neuroses de transferência, ele mesmo declara ter as maiores dúvidas de se poder chegar a uma diferenciação e classificação das pulsões a partir da elaboração do material psicológico.<sup>538</sup>

Para termos uma ideia ampliada do contexto de elaboração e dos elementos constitutivos da obra, vejamos alguns pontos trazidos na edição crítica recém-publicada no Brasil de *Além do princípio de prazer* (1920). Um primeiro ponto a considerar é a dimensão coletiva do campo psicanalítico desde seus primórdios, em meio à qual o debate e a construção teórica se efetuam: o pensamento de Freud, longe de ser produzido em solipsismo – numa elaboração de gabinete a partir do material que a clínica com indivíduos neuróticos fornecia –, envolve a circulação e o debate de questões, além de sua origem em uma colaboração com outros médicos no âmbito da clínica da histeria. Seja pela troca de correspondências, seja pela reunião em sociedades ou grupos, seja pela articulação de publicações periódicas e apresentação de conferências, é notável o quanto a psicanálise se fez *movimento* desde muito cedo. Desse ponto de vista, vale indicar que a provável primeira aparição explícita do termo “pulsão de morte” tenha se dado já em abril de 1907, numa das “famosas reuniões das quartas-feiras”, sendo enunciado por Steckel, a respeito da neurose de angústia, mas debatido por Freud, Hitschmann e Wittels. Ainda que tenha sido recusada tal ideia, é interessante que termos como “pulsão de vida” e “pulsão de morte” (*Todestrieb*), “Eros” e “Tânatos”, tenham circulado desde tão cedo nos debates entre os psicanalistas. Esse registro em minuta seria “a primeira ocorrência textual registrada de que temos notícia. Mas ela não terá sido a única”: “a pulsão de morte, ou seus cognatos próximos”, antes de elaborada no *Além do princípio de prazer*, “fizeram movimentos de ir e vir, significativamente mais frequentes do que a história oficial da psicanálise viria a consagrar”. Exemplos de “termos frequentemente debatidos” seriam: “pulsões de agressão”, “impulso para a morte”, “instinto de morte”, envolvendo nomes como Adler, Stärcke e Spielrein. Termos que eram apresentados enquanto resposta para questões suscitadas por fenômenos de angústia, agressividade, sentimento de culpa, dentre outros.<sup>539</sup> O princípio de prazer-desprazer seria como um “paradigma metapsicológico” que prevalecera em

<sup>538</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>539</sup> OLIVEIRA; IANNINI, “Prefácio” in: FREUD, 1920/2020, p. 10-12.

meio aos debates e à busca por explicar as eventuais “anomalias” provenientes da clínica psicanalítica<sup>540</sup>. A discussão de temas biológicos, por sua vez, figura, dentre outras formas, na correspondência de Freud com Ferenczi, e a “encomenda”, feita daquele para este, de “resenhas de trabalhos científicos de ponta da época”, material que aparece dentre as “principais referências mobilizadas no famoso capítulo VI do *APP* [*Além do princípio de prazer*]”. De todo modo, esse contexto não retiraria o “caráter inovador” da concepção da pulsão de morte proposta por Freud em 1920.<sup>541</sup>

Uma das particularidades contextuais do *Além do princípio de prazer* é a primeira guerra mundial total, transcorrida entre 1914 e 1917, com profundas consequências sociais e, inclusive, clínicas. Soma-se à guerra a pandemia de gripe espanhola, que vitimou um incontável número de pessoas a partir de 1918, dentre elas uma das filhas de Freud – fator que chegou a ser relacionado como um dos motivos fundamentais para a redação da obra e para a proposição da pulsão de morte. Acontece, porém, que foi possível tomar conhecimento do processo de escrita do *Além do princípio de prazer* a partir de suas versões, desde um manuscrito inicial, do início de 1919, até as versões finais. A análise dessas versões fornece alguns pontos interessantes. Sabe-se a partir delas que o texto inicial tinha quase a metade da extensão final, especialmente pela ausência da seção que foi adicionada posteriormente entre as partes V e VI do manuscrito original. Além disso, é justamente no novo capítulo VI, cujo tamanho quase equivale ao restante escrito da obra, que são apresentadas explicitamente noções fundamentais como a “pulsão de morte” e “Eros”. Além da ausência desses termos, destacam-se duas características importantes do manuscrito inicial: a primeira é que Freud não se vale de “recursos maiores à filosofia nem à biologia” (não havia menções a Platão, Schopenhauer, Fechner, Weismann, Lipschütz ou Fliess), menciona poucos nomes (principalmente aqueles envolvidos com as neuroses de guerra), ou seja, “Freud está sozinho, por conta própria”; a segunda é que “o fundamento metapsicológico do que viria a se tornar o *turning point* da teoria pulsional é apresentado como tal desde a primeira versão”, ou seja, já se apontava a insuficiência do princípio de prazer-desprazer, uma das premissas metapsicológicas, para explicitar a regulação do aparelho psíquico e a necessidade de ir *além*. Dessa forma, temos que “o problema colocado pela clínica da repetição de eventos desprazerosos” e a atribuição do caráter elementar e originário da compulsão à repetição implicam não “apenas a reformulação do novo dualismo pulsional, mas

---

<sup>540</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>541</sup> *Ibidem*, p. 12-13.

também a reformulação do próprio conceito de pulsão”. Se o termo “pulsão de morte” não figura na primeira versão, a afirmação do “caráter regressivo” da pulsão já era feita desde o princípio; o que não é o caso de Eros, ausente tanto como ideia quanto como palavra. Outros tantos detalhes da reelaboração e edição do texto antes de ser publicado trazem a marca de hesitações e dúvidas, mas também de ênfases e afirmações mais decididas sobre alguns temas, o que é atestado por rasuras ou rephraseamentos. Além disso, o severo adoecimento e rápido falecimento da filha de Freud se dá após a construção do primeiro manuscrito, mas antes da edição final, o que faz afastar a correlação completa da tematização com o ocorrido na sua vida pessoal.<sup>542</sup>

Com esse contexto mínimo em vista, e partindo do trajeto feito nos capítulos anteriores, vejamos enfim o que traz o *Além do princípio de prazer* para a teoria pulsional. O movimento inicial da obra expressa uma tentativa de examinar até onde pode ser estendido sem grandes percalços o domínio do princípio de prazer-desprazer como guardião da vida psíquica. Mais ou menos na ordem de tematização, Freud aborda de saída dois casos já bastante estabelecidos na experiência psicanalítica: a modificação e substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, o que envolve adiamento e renúncia da satisfação pulsional ou até a tolerância temporária de desprazer; as experiências de prazer e desprazer no contexto de cisão ou clivagem do aparelho psíquico, devido aos conflitos pulsionais e ao conseqüente processo de recalçamento, em meio ao qual o prazer pode ser sentido, de uma outra perspectiva, como desprazer. Esses casos, como veremos, pouco abalarão o domínio do princípio de prazer, podendo ser explicados mantendo-se tal pressuposto. Outros elementos serão mobilizados para testar mais a fundo tal domínio: as neuroses traumáticas e de guerra, e casos de brincadeira infantil marcados pela revivência de experiências desprazerosas. O ponto que testemunhará de modo mais enfático a favor de um *além* do princípio de prazer será a consideração dos fenômenos clínicos de *compulsão à repetição*, que darão um contorno diferenciado para alguns dos outros casos e exigirão uma modificação mais significativa da teoria. Examinaremos em maior detalhe os casos e tipos de desprazer que são analisados para pôr à prova o princípio de prazer, abarcando assim o trecho inicial da obra, referente aos capítulos I a III.

---

<sup>542</sup> Apanhado de elementos do “Prefácio” (OLIVEIRA; IANNINI in *APP*, p. 7-20) e do “Para introduzir *Além do princípio de prazer*” (IANNINI; TAVARES in *APP*, p. 21-36).

### III.2.2.1. A abrangência e os limites do princípio de prazer: considerações preliminares

Na teoria psicanalítica pressupomos sem hesitação que o curso dos processos anímicos seja regulado automaticamente pelo princípio de prazer, isto é, acreditamos que ele seja, a cada vez, estimulado por uma tensão desprazerosa e toma então uma direção tal que seu resultado final coincide com uma diminuição dessa tensão, portanto, com uma evitação de desprazer ou com uma geração de prazer.<sup>543</sup>

Esse postulado, que configura a vertente econômica da análise metapsicológica, vinha sendo defendido há muito tempo, como pudemos ver nos exames das obras cruciais da teoria pulsional. A função de afastar, reduzir ou livrar-se de estímulos, ou a tarefa de domínio dos estímulos imposta ao aparelho psíquico, que vimos no âmbito de *As pulsões e seus destinos*, reflete esse pressuposto de uma regulação *automática* dos processos psíquicos em face do incômodo originado pelas tensões desprazerosas e corrobora a admissão do domínio do princípio de prazer. A ênfase que recaía na noção de “estímulo” [*Reiz*] em 1915 será deslocada para os termos “excitação” [*Erregung*] e “tensão” [*Spannung*], aqui em 1920. Freud salienta, como de praxe, que essas “hipóteses especulativas” são enunciadas “devido ao empenho de descrever e de prestar contas dos fatos de observação cotidiana em nosso campo”, não importando tanto a originalidade de tais pressupostos. Uma diferença que talvez se perceba no texto de 1920 é que o empenho do aparelho psíquico se daria no sentido de “manter a quantidade de excitação nele presente *tão baixa quanto possível*, ou pelo menos *constante*”, ou seja, não se concebe a possibilidade de livrar-se por completo. É por isso que Freud é levado a relacionar seu pressuposto – observando que “o princípio de prazer deriva do princípio de constância”, mas que “na realidade, o princípio de constância foi depreendido a partir dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio de prazer” – à concepção do “princípio de tendência à estabilidade” proposto por Fechner, pesquisador alemão que teria fundado a psicofísica e a psicologia experimental. Freud percebe e declara uma aproximação entre suas concepções de prazer e desprazer e às de Fechner, bem como no modo de regulação anímica. No caso de Fechner, teríamos um princípio de tendência à estabilidade, onde prazer e desprazer remetem a limiares quantitativos que, ao serem ultrapassados, levariam às qualidades de prazer e desprazer ou aos polos, respectivamente, de estabilidade e instabilidade. Freud, por sua vez, ainda lida com a assumida indeterminação do significado e da fundamentação das sensações de prazer e desprazer, considerado o “campo mais obscuro e inacessível da vida anímica”, embora inevitável

---

<sup>543</sup> APP, p. 59.

de ser abordado, o que exige, segundo Freud, uma “hipótese mais frouxa”.<sup>544</sup> Nessa perspectiva, a definição de base – que se mostra próxima da de Fechner – é a seguinte:

Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade da excitação disponível na vida anímica – e não ligada de alguma maneira –, de tal forma que desprazer corresponde a uma elevação, e prazer, a uma redução dessa quantidade. Com isso, não estamos pensando em uma relação simples entre a intensidade das sensações e as alterações relacionadas a ela [...] [nem] uma proporcionalidade direta; é provável que a medida de redução ou de ampliação no tempo seja o fator decisivo para a sensação.<sup>545</sup>

Vale notar que essa caracterização, embora se aproxime de outras que vimos anteriormente, traz a ideia de quantidades livres e não livres, disponíveis ou ligadas, presentes no aparelho psíquico, de modo que o aumento de quantidade tenderia ao desprazer e a redução ao prazer, o que parece ser um elemento novo. Sobre o empenho do aparelho psíquico, pensado a partir dos princípios de prazer e de constância que indicamos acima, diz-se que ele “subordina-se, como um caso particular, ao princípio da *tendência à estabilidade* proposto por Fechner”.<sup>546</sup>

No que consistiria, afinal, o *problema* relativo a tais princípios? Freud levanta a ressalva de que falar num “domínio” do princípio de prazer no âmbito dos processos psíquicos significaria admitir que a “imensa maioria” de tais processos “deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer”, o que seria contradito pela experiência comum de qualquer pessoa. Para acomodá-lo, de modo mais imediato, caberia ao menos conceder que haveria, sim, “uma forte tendência” a este princípio, mas que não impera sozinha e soberana, à medida que lida com a oposição de “certas outras forças ou circunstâncias, de modo que o resultado final nem sempre possa corresponder à tendência”. A meta e o alcance da meta, observa Freud a partir de Fechner, seriam coisas diferentes: por vezes apenas é possível se aproximar dela. É por conta disso que levanta-se a seguinte questão: “quais circunstâncias são capazes de impedir o prevalecimento do princípio de prazer”?<sup>547</sup>

O primeiro ponto, ou “caso de uma inibição como essa”, explorado para responder a tal pergunta é a articulação entre processo primário e secundário. Freud considera que, embora o princípio de prazer configure um “modo *primário* de trabalho do aparelho psíquico”, diante das “dificuldades do mundo exterior”, o organismo, “sob a influência das pulsões de autoconservação do Eu”, para autoafirmar-se, acaba levando a uma modificação do princípio de prazer em *princípio*

---

<sup>544</sup> APP, p. 59-61.

<sup>545</sup> APP, p. 61.

<sup>546</sup> APP, p. 65.

<sup>547</sup> APP, p. 65.

*de realidade*, o qual não abdica do ganho final de prazer, mas “exige e estabelece [...] o adiamento da satisfação, a renúncia às diversas possibilidades dessa satisfação e a tolerância temporária do desprazer”. Pelas pulsões sexuais, aquelas que são “difíceis de ‘educar’”, o princípio de prazer persiste enquanto modo de funcionamento e acaba vencendo ocasionalmente o princípio de realidade, “em prejuízo do organismo inteiro”. De toda forma, tal substituição responderia apenas por uma “pequena parte e não pela parte mais intensa das experiências de desprazer”, o que leva à tematização dos “conflitos e clivagens no aparelho anímico”, pelo processo de recalçamento que atinge algumas pulsões, ou partes de pulsões, que “revelem-se inconciliáveis em suas metas ou reivindicações”, o que acontece com alguma frequência com as pulsões sexuais. É possível que essas pulsões recalçadas consigam, “através de desvios, lutar para chegar a uma satisfação direta ou substitutiva” e conseguí-lo: “esse êxito, que normalmente teria sido uma possibilidade de prazer, será sentido pelo Eu como desprazer”. Trata-se de uma transformação da possibilidade de prazer, de outrora, “em uma fonte de desprazer” – a marca de “qualquer desprazer neurótico”, “prazer que não pode ser sentido como tal”. Essas “duas fontes”, considera Freud, não cobririam de forma abrangente as experiências de desprazer, tampouco contradiriam o domínio do princípio de prazer. Além desses dois casos, Freud avança, ao que parece, uma terceira modalidade, que se refere à percepção do perigo, ou seja, um “desprazer de percepção”, que seria responsável pela “maior parte do desprazer que nós sentimos”. A percepção pode ser tanto provocada pelo mundo externo, sendo “desagradável em si” ou despertando “expectativas desprazerosas ao aparelho anímico”, como advir da “pressão de pulsões insatisfeitas”, com seu incremento de tensão.<sup>548</sup> Em torno dessa percepção do perigo, abrem-se perspectivas para uma gama de materiais e questões novas:

A reação a essas exigências pulsionais e às ameaças de perigo, na qual se manifesta a atividade característica do aparelho anímico, pode, então, ser dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade que o modifica. Com isso, não parece necessário reconhecer uma limitação adicional ao princípio de prazer; no entanto, é justamente a investigação da reação anímica ao perigo exterior que poderá fornecer um novo material e novas interrogações ao problema de que aqui tratamos.<sup>549</sup>

---

<sup>548</sup> *APP*, p. 65-69.

<sup>549</sup> *APP*, p. 69.

### III.2.2.2. O perigo, o traumático e a brincadeira infantil: repetição e desprazer como indícios de um *além*

Freud se refere ao que será objeto na seção seguinte: os quadros de neurose traumática e neurose de guerra. São estados de adoecimento ligados a eventos envolvendo risco de morte, como acidentes e abalos mecânicos graves, marcados por um elevado grau de sofrimento e ricos sintomas motores (por isso aproximados tanto da histeria quanto da hipocondria e melancolia). Enfatiza-se certa independência em relação a um efetivo dano orgânico e, principalmente, “o fator da surpresa, do terror”, ou susto. O terror seria diferente de outros estados vulgarmente correlacionados, por não requerer um objeto determinado, como no temor, nem envolver um estado de “expectativa do perigo e preparação para ele”, como na angústia. A marca distintiva é, justamente, o fator da surpresa, ou seja, correr risco sem estar preparado para ele. Pela via do estudo da atividade onírica na neurose traumática, nota-se “a característica de repetidamente reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto”, algo da ordem de uma fixação psíquica no trauma, de modo que a forte impressão deste impõe-se “sem cessar, até mesmo no sono”. Essa fixação no momento traumático seria correlata ao sofrimento histérico e permitiria explicar sintomas motores nas neuroses de guerra, como o fizeram Ferenczi e Simmel. Uma questão que sobressai é como acomodar tal funcionamento onírico a partir da concepção psicanalítica do sonho como “tendência à realização de desejo”, segundo a qual seria mais apropriado ao sonho conduzir o adoentado não à situação traumática, mas à sua esperada recuperação e saúde. Freud não sana essa dúvida de imediato – será retomada mais adiante –, apenas aventa a possibilidade de ter-se “abalado e desviado” a função do sonho, ou então que seria devido às “enigmáticas tendências masoquistas do Eu”, e sugere passar para um outro caso: a *brincadeira das crianças*.<sup>550</sup>

Freud apresenta o caso de uma brincadeira infantil que, sabidamente, se refere à observação de seu netinho, à idade de 1 ano e meio, e tornou-se célebre pela expressão “*fort-da*”. Trata-se de analisar tal atividade sob o ponto de vista econômico. De modo breve, a brincadeira observada consistia em atirar quaisquer objetos para longe de si, para um canto ou debaixo da cama, e ao fazê-lo a criança pronunciava um “*o-o-o-o*” que denotava, segundo os observadores (a mãe e Freud), “*fort*”, que em português significa algo como “desapareceu, sumiu”. Em suma, uma brincadeira de

---

<sup>550</sup> APP, p. 71-75.

fazer sumir as coisas, mas que, em sua ocasional configuração completa, podia envolver também a segunda parte: saudar o aparecimento do objeto com a expressão alegre “*da*”, ou “eis aqui, achô, chegô”. Brincar de sumir e retornar. Não obstante o prazer maior estivesse no segundo ato, a criança não deixava de repetir isoladamente o primeiro. A brincadeira remeteria à própria saída da mãe da criança, recolocada em cena pelo desaparecimento e retorno de objetos. De acordo com Freud, “a interpretação da brincadeira estava clara [...] estava associada com a grande realização cultural da criança, com a renúncia [à satisfação] pulsional levada a cabo por ela [...] ao consentir, sem oposição, que a mãe fosse embora”.<sup>551</sup>

O problema consistiria no fato de que a partida da mãe seria notadamente desagradável, de modo que a sua repetição como brincadeira, sendo a repetição de uma experiência dolorosa, entraria em confronto com o princípio de prazer, ainda mais porque o ganho final de prazer por vezes nem era visado, com a restrição ao primeiro ato. Em tratando-se de um caso isolado, Freud aventa motivos pelos quais a criança teria “[feito] da experiência uma brincadeira”, destacando-se duas interpretações: uma que atribuiria, ao esforço de colocar-se em papel ativo diante da vivência que vivera passivamente, a ideia de uma “*pulsão de apoderamento*”, “que passa a ser independente do fato de a lembrança ter sido em si prazerosa ou não”; outra que apontaria para a “satisfação de um impulso de vingança contra a mãe reprimido ao longo da vida”, por conta de seu desaparecimento, ou seja a expressão de moções pulsionais hostis que tomam objetos no lugar das pessoas.<sup>552</sup>

“Dessa maneira”, afirma Freud, “ficamos na dúvida se a pressão para elaborar psiquicamente algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode *manifestar-se de maneira primária e independentemente do princípio de prazer*”, ainda que o caso indique um vínculo entre a repetição de uma impressão desagradável na brincadeira com “um ganho de prazer de outra ordem, porém direto”. Ademais, observa-se que as crianças não apenas “repetem na brincadeira tudo aquilo que lhes causou forte impressão em sua vida, que ao fazê-lo ab-reagem à intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, senhoras da situação”; como são influenciadas, em sua brincadeira, por um “desejo que domina esse período de suas vidas”, a saber, “o desejo de ser grande e de poder fazer o que aqueles que são grandes fazem”.<sup>553</sup> Não raro, ainda, é a ocorrência de brincadeiras em que as crianças repetem vivências desagradáveis em brincadeiras

---

<sup>551</sup> APP, p. 79.

<sup>552</sup> APP, p. 81.

<sup>553</sup> APP, p. 81-83.

onde se vingam de uma experiência dolorosa vivida, ao infligir dores ou algo analogamente desagradável a outrem, uma pessoa substituta. O deleite sentido por uma plateia diante de um espetáculo artístico marcado por impressões dolorosas, como uma peça trágica, seria mais um caso.

A conclusão parcial que se coloca é a seguinte:

Assim, ficamos convencidos de que mesmo sob o domínio do princípio de prazer existem meios e caminhos suficientes para fazer daquilo que em si é desprazeroso objeto de recordação e de elaboração anímica. Deixemos que os casos e as situações que desembocam em um ganho final de prazer sejam abordados por uma estética de orientação econômica; para os nossos propósitos, eles não servem de nada, pois pressupõem a existência e o domínio do princípio de prazer e não dão testemunhos da *eficácia de tendências que estão além do princípio de prazer*, isto é, de *tendências que seriam mais primevas que ele e independentes dele*.<sup>554</sup>

### III.2.2.3. Tendências além e aquém do princípio de prazer: a compulsão à repetição

O testemunho de tais tendências e sua eficácia vem com a demarcação dos fenômenos de compulsão à repetição, no capítulo III, estes que, agora sim, são anunciadores de um “fato novo e digno de nota”: sua capacidade de trazer “de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações”.<sup>555</sup> Para apresentar esses processos de repetição, Freud faz um breve recenseamento do movimento da técnica psicanalítica, cujo percurso já girava em torno de 25 anos e cujas “metas imediatas” sofreram significativas modificações se comparadas ao início. De partida a psicanálise se configurou como uma “arte da interpretação”, que se voltava a descobrir e estabelecer conexões sobre o inconsciente oculto do paciente e, oportunamente, comunicá-las. Dada a inconclusão da “tarefa terapêutica”, surge “o propósito seguinte”, que envolvia o paciente na confirmação da construção comunicada a partir de sua lembrança, voltando-se especialmente para as “resistências do doente”, cabendo à arte psicanalítica: “descobri-las o mais rápido possível, mostrá-las ao doente e levá-lo, através de influência”, de sugestão sob transferência, a abandoná-las.<sup>556</sup> Mesmo nessa perspectiva, tampouco a “meta [...] de tornar consciente o inconsciente” se atingia, dada a dificuldade em *recordar* de tudo que havia sido recalçado, “talvez justamente do que seja essencial”: “ele [o paciente] se vê antes forçado a *repetir* o recalçado como experiência no presente, em vez de *lembrá-lo* como uma parte do passado”. Essa repetição envolvia comumente a

<sup>554</sup> APP, p. 85, grifo nosso.

<sup>555</sup> APP, p. 91.

<sup>556</sup> APP, p. 85.

reprodução fidedigna de conteúdos da vida sexual infantil, que se colocava *em cena* “no campo da transferência, isto é, da relação com o médico”, o psicanalista. O estabelecimento desse campo denotava uma substituição da “neurose anterior [...] por uma nova neurose de transferência”, sobre a qual se centrariam os esforços do psicanalista, mais particularmente delimitando-a, buscando o máximo de recordação e o mínimo de repetição, cuja relação variava de caso a caso. De toda forma, alguma dose de repetição e revivência mostrava-se inevitável, o que indicava algo da ordem de uma *compulsão à repetição*.<sup>557</sup>

O passo seguinte, antes de aprofundar esta noção, é a consideração da resistência: a começar por esclarecer que não se trata de uma resistência *do inconsciente*, posto que o recalco, diz Freud, “não impõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento”; em verdade, ele busca abrir caminho e à consciência ou à descarga, travando uma luta “contra a pesada pressão sobre ele”. A resistência seria, antes, atribuída às “camadas e sistemas [...] que outrora empreenderam o recalco”. Nesse ponto, Freud propõe um deslocamento de uma perspectiva descritiva para uma sistemática e dinâmica, antecipando alguns termos de *O Eu e o Isso*, de 1923: mais do que opor o consciente ao inconsciente, caberia a oposição entre “o *Eu* coerente e o *recalco*”, considerando uma parte do *Eu* inconsciente e outra pré-consciente ou consciente. Com esses novos termos, afirma-se que “a resistência dos analisandos provém de seu *Eu*, e [...] a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalco inconsciente”, manifestando-se apenas conforme o tratamento consiga “afrouxar o recalco”. Além disso, a resistência do *Eu* estaria, sem dúvidas, “a serviço do princípio de prazer”, buscando “evitar o desprazer que seria estimulado pela liberação do recalco”, ao passo que o analista se esforçaria para a admissão de um tal desprazer mediado pelo princípio de realidade. A questão que se impõe, enfim, é acerca da relação mesma entre a compulsão à repetição (“a manifestação de força do recalco”) e o princípio de prazer. Por um lado, teríamos uma experiência de desprazer nos moldes do que abordamos acima: a revivência impelida pela compulsão à repetição se dá às expensas do *Eu*, não contradizendo, mas seguindo o princípio de prazer ao revelar “moções pulsionais recalcoadas”, mas que serão sentidas pelo *Eu* como desprazerosas – “é desprazer para um sistema ao mesmo tempo satisfação para o outro”. Por outro, o tal “fato novo”: a retomada de experiências do passado sem possibilidade de prazer, nem agora nem na época.<sup>558</sup>

---

<sup>557</sup> *APP*, p. 87.

<sup>558</sup> *APP*, p. 89-91.

A que experiências repetidas de modo compulsivo Freud se refere? Considerando a compulsão à repetição um fenômeno clínico circunscrito na relação transferencial – a qual será relacionada a uma espécie mais abrangente de compulsão ao destino –, trata-se da emergência de uma gama de pulsões insatisfeitas, pela via, não da lembrança ou dos sonhos, mas da (re)vivência. Com efeito, seriam as variadas experiências ligadas ao “primeiro florescimento da vida sexual infantil” que estariam na base desse processo de repetição, frisando seu caráter desagradável, desprazeroso ou, até, doloroso. Isso, pois tal florescimento “estava destinado ao declínio em consequência da incompatibilidade de seus desejos com a realidade e pela insuficiência do estágio evolutivo infantil”. São elencadas desde as investigações ou pesquisas sexuais infantis e sua inconclusão, até os laços de ternura estabelecidos, porém marcados por decepções, satisfações não efetivadas e outras tantas desventuras dessas experiências infantis: “ciúme pelo nascimento de uma nova criança”; “redução da ternura dispensada à criança, a exigência crescente da educação, palavras severas e punição ocasional”; para citar “alguns poucos exemplos, que retornam regularmente, de como o amor típico desse período infantil chega a um final”.<sup>559</sup> Em suma,

*Todas essas circunstâncias indesejadas e situações afetivas dolorosas são então repetidas e revividas com grande habilidade pelo neurótico em transferência. [...] Nada disso podia propiciar prazer naquela época; poderíamos pensar que tudo isso deveria hoje trazer um desprazer menor se emergisse como lembrança ou em sonhos, do que se se configurasse como uma vivência nova. Trata-se naturalmente da ação de pulsões que deviam conduzir à satisfação, só que a experiência de que, em vez disso, mesmo naquela época, elas apenas trouxeram desprazer não rendeu frutos. Ela é repetida, apesar de tudo; uma compulsão pressiona a isso. O mesmo que a psicanálise revela nos fenômenos de transferência dos neuróticos pode ser encontrado também na vida de pessoas não neuróticas. Com elas temos a impressão de um destino que as persegue, de um traço daimoniaco em seu viver e desde o início a psicanálise considerou esse destino como sendo em grande parte preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces. A compulsão que se manifesta nesses casos não é diferente da compulsão à repetição dos neuróticos, mesmo que essas pessoas nunca tenham apresentado indícios de um conflito neurótico resolvido através de formação de sintoma.*<sup>560</sup>

Dentre esses destinos desenhados por si mesmos – espécies de profecias autorrealizadas –, ainda que não conscientemente, teríamos as inúmeras repetições nas relações amorosas e nas amizades, ou nas relações de autoridade da vida social, que tendem a um mesmo curso, a uma dinâmica reiterada. Um exemplo interessante é aquele mencionado por Freud de uma mulher que

---

<sup>559</sup> APP, p. 91-93.

<sup>560</sup> APP, p. 93-95, grifo nosso.

acaba se casando três vezes seguidas com homens que logo adoecem e precisam de cuidado até a morte. A noção de destino que aí se coloca não remete a um ordenamento que é experienciado por cada um de modo passivo, pela falta de influência em determiná-lo. Diz respeito, isto sim, a um processo que, embora não explícito e tão evidente, acaba mostrando um certo grau de participação na determinação dos eventos da vida, que normalmente ocorre sem qualquer suspeita ou surpresa:

*Nós nos surpreendemos muito pouco com esse “eterno retorno do mesmo” quando se trata de uma conduta ativa da pessoa em questão e quando descobrimos em seu ser o traço de caráter que se mantém, e que deve necessariamente se manifestar na repetição das mesmas vivências. Muito mais intensamente nos atingem os casos em que a pessoa parece vivenciar passivamente algo sobre o que não tem nenhuma influência, enquanto está sempre vivenciando apenas a repetição do mesmo destino*<sup>561</sup>

O tal testemunho de tendências para além do princípio de prazer é obtido, enfim, pelas últimas observações analisadas, as quais demarcam e dão o merecido destaque aos processos de repetição, que vinham se avolumando e ganhando importância no contexto clínico, na conduta transferencial, mas também observáveis na vida cotidiana, com os destinos ativamente auto-corroborados, ainda que de forma inconsciente e implícita. Esses elementos expostos levam Freud, enfim, a tomar “coragem para supor que realmente exista na vida anímica uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer”, a qual poderia ser relacionada aos sonhos das neuroses traumáticas, acidentárias ou de guerra, e também ao brincar infantil – mas com a ressalva de que “só em casos raros podemos entender os efeitos da compulsão à repetição de maneira pura, sem a intervenção de outros motivos”, como indicado nas brincadeiras infantis. Portanto, “compulsão à repetição e satisfação pulsional direta e prazerosa parecem nesse caso cruzar-se em íntima associação”.<sup>562</sup> No caso do tratamento psicanalítico, por exemplo, seria notável que a compulsão à repetição, a qual busca-se colocar a serviço do tratamento, seja aproximada do Eu, o qual estaria a serviço tanto da resistência, arraigado no recalçamento, quanto do princípio de prazer. No caso dos sonhos com acidentes, conjectura Freud, talvez fosse mais clara e pura a expressão da compulsão à repetição, mas isto será evidenciado apenas mais adiante. A passagem seguinte conclui o capítulo III e apresenta as questões que vão suscitar um movimento de alto teor especulativo, no capítulo seguinte da obra:

*Ainda resta muito para justificar a suposição da compulsão à repetição, e esta nos parece mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado. Mas, se existe uma compulsão à repetição*

<sup>561</sup> APP, p. 95-97, grifo nosso.

<sup>562</sup> APP, p. 97-99.

como essa no anímico, então *gostaríamos de saber algo sobre ela*, saber a que *função* ela corresponde, sob quais *condições* ela pode se manifestar e em qual *relação* ela se encontra com o princípio de prazer, ao qual, afinal, até agora confiamos o domínio sobre o curso dos processos de excitação na vida anímica.<sup>563</sup>

#### III.2.2.4. Da proteção contra estímulos aos sistemas psíquicos: uma especulação a partir dos organismos primitivos

Vejam os a seguir como o *Além do princípio de prazer* encaminha as questões levantadas e como aprofunda a compreensão da compulsão à repetição e sua relação com o princípio de prazer. O primeiro movimento – que Freud declara ser uma grande especulação mas eticamente comprometida com a exploração de uma ideia e até onde ela pode levar – aborda alguns dos sistemas que compõem o aparelho psíquico, com especial ênfase à origem da consciência e sua relação com as peculiaridades dos processos excitatórios. Para isso, lança-se mão de conjecturas de perfil biológico que dão corpo à especulação. Se os fenômenos apresentados ao início da obra envolvem, via de regra, grandes montantes excitatórios, o que se apresenta agora são, justamente, suas destinações possíveis, dada a configuração do aparelho psíquico, em especial do sistema perceptivo e consciente (“*Pcp-Cs*”)<sup>564</sup>. Faremos uma exposição resumida, buscando extrair os elementos principais, tendo em vista que eles são mobilizados para precisar a caracterização do princípio de prazer e o que o contrapõe.

O ponto de partida é a concepção, fundamental na psicanálise, de que a consciência é limitada: não seria “a característica mais geral dos processos anímicos, mas apenas uma função destes”, dentre outras, como a memória. Nos termos da metapsicologia, seria a operação do sistema *Cs*, caracterizado pelo fornecimento de percepções das excitações provenientes do mundo externo e das sensações de prazer e desprazer originadas do interior do aparelho. Dada essa função, em termos tópicos, o sistema *Pcp-Cs* estaria localizado precisamente na fronteira entre o interior e o exterior, envolvendo então outros sistemas psíquicos. No contraste com os mecanismos mnêmicos e de formação das memórias, fundamentados na modificação produzida pelas impressões excitatórias, seria próprio do sistema *Pcp-Cs* não apenas o processo de consciência, mas também a capacidade ou aptidão para deixar passar os fluxos excitatórios sem deixar marcas ou modificações permanentes nos elementos desse sistema, possivelmente pela dissipação provocada pelo

<sup>563</sup> *APP*, p. 99, grifo nosso.

<sup>564</sup> Como assinala a nota de tradução 31, da página 101 do *APP*.

fenômeno de conscientização. Haveria, portanto, uma incompatibilidade entre os mecanismos formadores da memória e geradores da consciência, posto que as modificações mais permanentes conflitam com a necessidade de recepção de novos afluxos de estímulos, ou seja, estar o *Cs* apto à excitabilidade.<sup>565</sup> Em suma, “poderíamos então dizer que no sistema *Cs* o processo de excitação tornar-se-ia consciente, mas não deixaria nenhum vestígio duradouro; que todos os vestígios desse processo, nos quais a lembrança se apoia, seriam nele produzidos através da reprodução da excitação nos próximos sistemas internos”, o que convergiria com uma tese levantada desde a *Interpretação dos sonhos* (1900) e aludida aqui por Freud, segundo a qual “*a consciência surgiria no lugar do vestígio de lembrança*”.<sup>566</sup>

Considerando essa apresentação inicial, Freud propõe um exercício imaginativo, que perpassa o restante do capítulo: imaginar um “organismo vivo” dos mais simples e primitivos evolutivamente; precisamente, uma “vesícula indiferenciada de substância estimulável”, que tem “sua superfície voltada para o mundo exterior”, a qual, por sua localização, “serve como órgão receptor de estímulos”. Essa substância primitiva estaria relacionada, evolutivamente, à formação posterior de regiões do sistema nervoso como o córtex cerebral, ou, analogamente, do sistema *Cs*. O mais importante, em todo caso, é a leitura dos processos a partir desse imaginado organismo. Freud apresenta a ideia de uma modificação que se daria na superfície dessa substância estimulável, dada a sua exposição ao “impacto incessante dos estímulos externos”, até um certo limiar, produzindo-se, assim, uma diferença na maneira como fluiriam os estímulos: se em camadas mais superficiais ou mais profundas. Formaria-se, enfim, um “córtex” com “condições favoráveis para a recepção de estímulos”, porém não mais “capaz de qualquer modificação posterior”.<sup>567</sup> O sistema *Cs* seria algo dessa ordem: tendo sido modificado ao máximo pelo contato com o mundo externo, tende a não mais aceitar modificações pelos fluxos excitatórios, mas acaba sendo capacitado, em consequência, para o surgimento da consciência. Uma suposição complementar seria a de uma “resistência” entre os elementos constitutivos de qualquer sistema psíquico, através dos quais as excitações precisam passar. Essa resistência, no entanto, é diminuída no sistema *Cs*, permitindo uma passagem *facilitada*. Essa ideia é relacionada, ainda, a uma distinção proposta por Breuer, antigo colaborador de Freud, que propõe a diferença entre uma “energia de investimento quiescente (ligada) e uma “energia de investimento livremente móvel”, não ligada, permeando os elementos

---

<sup>565</sup> *APP*, p. 99-101.

<sup>566</sup> *APP*, p. 103.

<sup>567</sup> *APP*, p. 105.

dos sistemas psíquicos, sendo que os do *Cs* “não conduziriam [...] nenhuma energia ligada, apenas energia livremente capaz de descarga”.<sup>568</sup>

Ao considerar a situação da substância viva, com sua superfície que agora toma a forma de uma “camada cortical receptora de estímulos”, que paira em meio às intensas energias cujos estímulos a fazem correr o risco de aniquilamento, Freud atribui a ela um “*protetor contra estímulos*”. A descrição, um tanto truncada, desse protetor é a seguinte: a camada mais externa da sua superfície abandona a estrutura do ser vivo, “torna-se inorgânica e passa então a agir como um invólucro especial ou uma membrana que detém os estímulos”, permitindo a passagem das energias do meio externo para as “próximas camadas que continuaram vivas”, porém, “com uma fração de sua intensidade”. A mortificação da camada mais externa permite que as demais, mais profundas, perseverem e lidem com uma carga de estímulos menos intensa, ao menos enquanto ela se mantém, enquanto não apareçam estímulos “de uma intensidade tamanha a ponto de romper a proteção”. Por esse motivo, Freud salienta sua importância: “para o organismo vivo, o protetor contra estímulos é uma tarefa quase que mais importante do que a recepção do estímulo”; o organismo precisaria se resguardar da “influência equalizadora, portanto, destrutiva das energias superintensas que trabalham do lado de fora”, preservando sua reserva de energia interna e suas operações de transformação energética. Essa camada receptora da antiga vesícula, complementa Freud, seria interiorizada nos organismos mais desenvolvidos, mas com partes ainda próximas da superfície e das camadas protetivas, formando os “órgãos dos sentidos”, que, de certa maneira, se especializam para a recepção de estímulos específicos e constroem também meios protetivos para tipos de estimulação inadequadas e cargas excessivas.<sup>569</sup>

### **III.2.2.5. O pulsional, a falta de proteção contra os estímulos internos e a dor: perturbações econômicas da ordem do traumático**

A ênfase concedida à relação com o fora é agora deslocada para a relação com o meio interno: afinal, a “camada cortical sensível, o futuro sistema *Cs*, também recebe excitações do interior”, ratificando a importância da posição fronteira desse sistema e sua capacidade de ser influenciado por ambos os lados, mas de maneira distinta numa via e na outra, o que será decisivo para o funcionamento do sistema e do aparelho anímico de forma geral. A camada de proteção e

---

<sup>568</sup> *APP*, p. 105-107.

<sup>569</sup> *APP*, p. 107-109.

de redução dos estímulos externos, e eventualmente a capacidade de subtrair-se deles, se mostra inócua em relação às excitações endógenas: “a proteção é impossível”. As excitações internas, das camadas mais profundas, não apenas se propagam diretamente e sem redução de intensidade, como também “engendram a série das sensações de prazer-desprazer”. No entanto, essas excitações que vêm de dentro podem ser “mais adequadas ao modo de trabalho do sistema”, em comparação com os estímulos externos, por conta de características quantitativas e, até, qualitativas; elas serão, com efeito, mobilizadas para diversos processos, como, inclusive, o manejo dos estímulos externos. Dois pontos decisivos são elencados por Freud: a prevalência das sensações de prazer-desprazer sobre os estímulos externos, sendo “um índice dos processos no interior do aparelho”; uma conduta protetiva interna, que se orienta “contra todas essas excitações internas que provocarem um aumento muito grande do desprazer”, configurando uma “tendência a tratá-las como se elas não agissem a partir de dentro, mas de fora” e, por isso, “poder utilizar contra elas os mecanismos de defesa da proteção contra estímulos” (o que denota, ainda, “a origem da *projeção*”).<sup>570</sup> Diante de todo esse esforço especulativo experimentado, Freud acredita ter melhorado a compreensão do domínio do princípio de prazer, mas não ainda um esclarecimento satisfatório dos casos opostos a ele. Os próximos passos, então, seguem na direção de caracterizar o que seria o traumático e suas implicações:

Essas excitações que chegam de fora e são suficientemente intensas para romper a proteção chamaremos de *traumáticas*. Acredito que o conceito de trauma requeira que uma relação desse tipo seja remetida a uma defesa contra estímulos que, normalmente, é eficaz. Um acontecimento como o trauma externo provocará uma enorme perturbação no funcionamento energético do organismo e colocará em movimento todos os meios de defesa. Mas nesse caso o princípio de prazer é, de início, colocado fora de ação. A inundação do aparelho anímico por grandes quantidades de estímulo não pode mais ser detida; o que ocorre é bem mais o surgimento de outra tarefa, a de dominar o estímulo, de ligar psiquicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para levá-las, depois à liquidação.<sup>571</sup>

A irrupção de grandes quantidades de estímulo que conseguem se sobrepor à defesa precisa ser então acomodada de alguma maneira. O mecanismo de “contrainvestimento” é, então, introduzido por Freud como uma maneira de lida com tal inundação: seguindo a tarefa de dominar os estímulos, convoca-se “de todos os lados” montantes de “energia de investimento”, de intensidade similar, que são reunidos “nas proximidades do ponto de ruptura”. Tamanha

---

<sup>570</sup> APP, p. 111-113.

<sup>571</sup> APP, p. 113-115. A nota de tradução 40 esclarece que o motivo da suspensão do princípio de prazer se deve a que “nesse momento não se trata de descarregar a energia, mas de *inibi-la*, de fazer com que não possa fluir livremente”.

mobilização acaba por “empobrecer” os demais sistemas psíquicos, levando a uma espécie de paralisia e redução de funcionamento<sup>572</sup>. Nesse sentido, Freud observa:

extraímos dessa conduta a conclusão de que mesmo um sistema altamente investido é capaz de receber energia adicional fluente, de transformá-la em investimento quiescente, portanto, de ligá-la psiquicamente. Quanto mais elevado for o próprio investimento quiescente, tanto maior também seria sua força de ligação; portanto, inversamente, quanto mais baixo for seu investimento, menos o sistema será capaz de receber energia afluenta e mais violentas serão, necessariamente, as consequências de uma tal ruptura da proteção.<sup>573</sup>

Freud admite um alto grau de indeterminação de suas considerações, a exemplo da incógnita sobre a “natureza do processo de excitação nos elementos dos sistemas psíquicos”. De toda forma, não deixa de extrair consequências e suposições importantes, como a que se observa na passagem acima. Há, por um lado, uma relação entre a energia presente enquanto investimento quiescente, ou em repouso, e a possibilidade de conter o impacto de energias de investimento móveis que atravessam o aparelho psíquico, eventualmente, de maneira desmedida e imprevista. Diante desses elementos, Freud levanta uma outra “suposição”, novamente em diálogo com essas noções breuerianas: “de que a ‘ligação’ da energia que flui para o aparelho anímico consista em uma passagem do estado de livre fluência para o estado quiescente”.<sup>574</sup>

Tendo em vista todo esse movimento especulativo efetuado, cabe ainda demarcar os casos levantados anteriormente à luz dessas conjecturas. O desprazer da dor corporal, por exemplo, poderia ser atribuído a um rompimento limitado da proteção contra estímulos, fazendo afluir “excitações contínuas”, cuja característica se assemelha às do interior do organismo.<sup>575</sup> As descargas ligadas à dor, porém, seriam indicativas de um movimento reflexo, não mediado pelo aparelho anímico. A neurose traumática comum seria fruto de uma ruptura mais extensa e acentuada da proteção contra estímulos, preponderando, talvez, não tanto o puro dano direto, como preconizaria uma teoria do choque, mas o impacto dessa ruptura e seus efeitos sobre o aparelho. Não só: há ainda o próprio terror e efeito de surpresa, condicionado pela “falta de prontidão para a angústia, que inclui o superinvestimento nos sistemas que recebem o estímulo em primeiro lugar”. Uma tal prontidão e preparação para a recepção de estímulos seria “a última linha da proteção contra estímulos”, de modo que a eficácia do trauma poderia recair, justamente, sobre esse fator de

---

<sup>572</sup> *APP*, p. 115.

<sup>573</sup> *APP*, p. 115.

<sup>574</sup> *APP*, p. 117.

<sup>575</sup> *APP*, p. 115.

preparo ou não dos sistemas psíquicos, embora “a partir de certa intensidade do trauma essa diferença, sem dúvida, não tem mais um grande peso”. As neuroses de guerra, por sua vez, seriam “neuroses traumáticas que foram facilitadas por um conflito do Eu”.<sup>576</sup> Esses exemplos seriam indicativos de uma necessária operação do aparelho não calcada na descarga de excitações, como indicaria o princípio de prazer, mas em sua devida contenção, seja através das camadas protetivas, seja através da mobilização preventiva de superinvestimentos, seja, ainda, na mobilização reativa de contrainvestimentos, mecanismos que envolvem uma redistribuição energética e a ligação e arrefecimento das energias de investimento fluentes.

Um outro caso importante que aparece é o dos *sonhos* nos neuróticos vítimas de acidentes, que “certamente não estão a serviço da realização de desejo, cuja produção alucinatória tornou-se a função dos sonhos sob o domínio do princípio de prazer”. Haveria, talvez, uma “outra tarefa” a “ser resolvida antes que o princípio de prazer possa iniciar seu domínio”: “tais sonhos procuram recuperar o domínio sobre o estímulo por meio do desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornou-se a causa da neurose traumática”. Esses sonhos, sim, seriam testemunhos de “uma função do aparelho anímico, a qual, sem contradizer o princípio de prazer, é, contudo, independente dele e parece mais primitiva do que o propósito do ganho de prazer e da evitação de desprazer”. Diferentemente de outros tipos de sonhos – como os de angústia e de punição –, os sonhos dos acidentados e, até, os sonhos de lembrança de traumas psíquicos infantis, ocorridos em análise, seriam, sim, independentes do princípio de prazer: “eles obedecem muito mais à compulsão à repetição que, na análise, encontra seu apoio no desejo – incentivado pela “sugestão” – de evocar o esquecido e o recalado”.<sup>577</sup> Prossegue Freud:

Assim, portanto, também a função do sonho de eliminar os motivos de interrupção do sono pela realização de desejo das moções perturbadoras não seria a sua função originária; ele só poderia dominá-la depois que o conjunto da vida anímica tivesse aceitado o domínio do princípio de prazer. Se existe um “além do princípio de prazer”, é coerente admitirmos também um período anterior para a tendência à realização de desejos do sonho. Isso não contradiz sua função posterior. Mas, uma vez que essa tendência irrompe, uma nova questão se coloca: esses sonhos, que no interesse da ligação psíquica de impressões traumáticas obedecem à compulsão à repetição, não são eles também possíveis mesmo fora da análise? A resposta é absolutamente afirmativa.<sup>578</sup>

---

<sup>576</sup> APP, p. 117-123.

<sup>577</sup> APP, p. 119-121.

<sup>578</sup> APP, p. 121-123.

Por fim, acerca da possibilidade de que um ferimento grave possa inibir o surgimento de uma neurose, como no contexto dos acidentados ou neuróticos de guerra, Freud remete à concepção apresentada nos *Três ensaios* que considera o abalo mecânico uma fonte excitadora sexual, ou seja, se relaciona com a distribuição da libido. Dessa forma, dois movimentos se contrapõem nos eventos de um traumatismo físico por violência ou impacto mecânico: a liberação de um “*quantum* de excitação sexual [pelo abalo mecânico], que tem efeito traumático, em razão da falta de prontidão para a angústia”; um “superinvestimento narcísico no órgão em sofrimento” por ferida física, de modo que se “ligaria o excedente de excitação”.<sup>579</sup>

### **III.2.2.6. Confluências e dissonâncias entre o pulsional e a compulsão à repetição: chegando ao caráter regressivo e conservador da pulsão**

Ao acompanhar o movimento inicial da obra, podemos examinar o caminho que leva Freud a admitir, finalmente, um *além do princípio de prazer*, que dá contorno a processos que envolvem uma outra maneira de dar cabo à tarefa de *domínio de estímulos*, elencada desde ao menos *As pulsões e seus destinos* como uma das tendências inerentes ao funcionamento do aparelho psíquico. O recuo a conjecturas especulativas envolvendo momentos tão primevos e partindo de um ponto de vista da formação dos organismos mais primitivos talvez não seja de todo fortuita, afinal, esse *além* vem sendo mostrado como um modo de funcionamento não apenas independente, mas, em tese, também mais primitivo. A contradição com o princípio de prazer também não parece ser absoluta: trata-se de situações anteriores ou que excedem seu domínio, de modo que a tarefa de lidar com os estímulos toma formas outras, seja pelo desenvolvimento da angústia, por superinvestimentos energéticos, seja por meio de mecanismos de ligação psíquica de impressões traumáticas notabilizadas pelos fenômenos de compulsão à repetição. Os passos seguintes, a começar pelo capítulo V, vão aprofundar tais conclusões e, especialmente, vão contrapor a compulsão à repetição aos processos pulsionais, que serão conceitualmente revisados.

De início, temos que as movimentações dos estímulos de origem interna seriam de acentuada importância por sua capacidade de causar “perturbações econômicas que podem ser equiparadas às das neuroses traumáticas”, devido à falta de uma camada protetiva como aquela voltada ao exterior. Dentre as fontes de excitação interna, as “mais abundantes” seriam, justamente, as “*pulsões do organismo*”, “representantes de todos os efeitos de forças que se originam no interior

---

<sup>579</sup> APP, p. 123.

do corpo e são transferidos para o aparelho anímico” – “o que há de mais importante, bem como de mais obscuro na investigação psicológica”. Ademais, se relacionadas aos tipos de investimento, a suposição mais direta seria a de que as pulsões envolvam as modalidades de investimento livremente móvel, dada sua pressão para descarga. Além dessa relação entre pulsão e energia livremente móvel, Freud articula-as à noção de processo primário, pelo saber que se tem dos processos e sistemas inconscientes, dentre os quais reconhecidamente atuam e participam as moções pulsionais. O processo secundário, por sua vez, seria identificado “com as modificações que se produzem no investimento ligado”. Portanto, “seria então a tarefa das camadas superiores do aparelho anímico ligar a excitação das pulsões que afetam o processo primário”, enquanto que “o fracasso dessa ligação provocaria uma perturbação análoga à neurose traumática”. Talvez o mais importante nessa costura dos conceitos seja a ideia de que “só depois de uma ligação bem-sucedida é que poderia se estabelecer, sem inibição, o domínio do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade)”; até essa situação a prioridade recairia em outra tarefa, justamente “a de dominar ou ligar a excitação”, portanto de forma independente do princípio de prazer “e, em parte, sem levá-lo em consideração”.<sup>580</sup>

Acerca das “manifestações de uma compulsão à repetição”, como as da brincadeira infantil e no contexto do tratamento psicanalítico, Freud considera que, quando não estão em oposição ao princípio de prazer, elas “exibem, em alto grau, o caráter pulsional” ou então, caso estejam em oposição, “o caráter daimônico”. A repetição até de experiências desagradáveis, no brincar infantil, denota uma atividade que, em vez de vivê-las passivamente, permite à criança adquirir controle e domínio sobre as fortes impressões mobilizadas – “cada nova repetição da brincadeira parece aprimorar esse domínio almejado”, de modo que “a criança não se farta das repetições e insiste de maneira inexorável na identidade da impressão”. Diferentemente da situação em épocas posteriores da vida, em que “a novidade será sempre a condição do gozo”, da fruição de uma experiência (como uma peça, um filme, um livro, etc.), a criança é capaz e insiste na repetição à exaustão, fato notável ao se observar qualquer criança. De toda forma, não haveria aí uma contradição com o princípio de prazer: “fica evidente que a repetição, o reencontrar a identidade, constitui por si mesma uma fonte de prazer”. O que não é o mesmo na situação de um analisando em tratamento, na qual “a compulsão em repetir na transferência os acontecimentos do período infantil de sua vida ultrapassa o princípio de prazer de *todas* as maneiras”. Em seu agir, acabam

---

<sup>580</sup> APP, p. 125-127.

revelando “que os vestígios de lembrança recalçados de suas primeiras experiências psíquicas não estão presentes nele em estado ligado”, ausência de ligação que denota uma inaptidão para o processo secundário, mas também a capacidade para formação de fantasias de desejo e sonhos.<sup>581</sup>

Enfim, Freud levanta a questão acerca do modo de associação entre o pulsional e a compulsão à repetição, o que dá ensejo a uma das passagens fundamentais na obra acerca do conceito de pulsão, onde se afirma, pela primeira vez, seu caráter regressivo:

Mas de que maneira o pulsional está associado à compulsão à repetição? Aqui precisa impor-se a nós, necessariamente, a ideia de que chegamos à pista de um caráter geral das pulsões e até mesmo de toda a vida orgânica em geral, caráter que até o presente não foi claramente reconhecido – ou pelo menos não expressamente destacado. *Uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior*, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica.\* Essa concepção de pulsão soa estranha, pois nos habituamos a ver na pulsão o fator que pressiona para a mudança e o desenvolvimento, e agora temos de reconhecer nela justamente o contrário, a expressão da natureza *conservadora* do ser vivo.

\* Não tenho dúvida de que suposições semelhantes sobre a natureza das “pulsões” já tenham sido formuladas repetidas vezes.<sup>582</sup>

Vale notar, de início, que Freud não acredita que tal reconhecimento seja inteiramente novo, indicando que suposições semelhantes tinham sido formuladas repetidas vezes, como ratifica em nota, o que deixa ambíguo se por ele ou por outros psicanalistas que, como vimos acima, de fato o enunciaram. De toda forma, a afirmação de uma natureza *regressiva e conservadora* da pulsão, definindo-a como uma pressão da vida orgânica animada para restabelecer um estado anterior, soa contrastante com as definições previamente propostas, estranhamento que logo é declarado ao contrapor o caráter conservador com a impressão de que a pulsão estaria envolvida nos processos de desenvolvimento e mudança. É na tensão entre os polos do desenvolvimento e da regressão que a pulsão, com seu ímpeto e pressão, deverá ser (re)pensada.

Outro ponto a ser sublinhado é a articulação da pulsão com a vida orgânica de modo geral, o que acaba por situar o conceito de uma forma aparentemente mais abrangente do que o fizera anteriormente. Talvez não seja apropriado articular a pulsão a uma distinção eminentemente humana, embora tenha sido notabilizada pela disjunção com o instinto, por ser característica da sexualidade, a princípio, humana, e também a partir de questões relativas ao funcionamento do

<sup>581</sup> APP, p. 127-131.

<sup>582</sup> APP, p. 131. O trecho atrelado ao asterisco se refere a um comentário de Freud em nota de rodapé.

aparelho psíquico e da análise da vida infantil e neurótica. De toda forma, o escopo parece ter sido deslocado. O caráter fronteiro entre o somático e o psíquico, ainda que tenha aparecido acima, não é o aspecto destacado do conceito. A inspiração biológica de diversos pressupostos envolvidos no discurso sobre a pulsão não é apenas ampliada: as especulações mais determinantes do texto estão enraizadas na consideração de temas característicos da biologia, versando a partir dos seres vivos mais primevos. Com alguma frequência, também, se fala em “pulsões do organismo” ou “pulsões orgânicas”. Enfim, é algo a ser enfatizado, mas o interesse ainda é sobre os desenvolvimentos seguintes do texto. Até nesse sentido, vale destacar os exemplos que Freud mobiliza para falar dessa nova concepção da pulsão: ele cita exemplos dos fluxos migratórios animais como uma busca pelas moradas anteriores da espécie, ou então, o que seria mais indicativo, os “fenômenos da hereditariedade” e os “fatos da embriologia” – exemplos que forneceriam “as provas mais grandiosas da compulsão orgânica à repetição”, como a ideia de que “o gérmen de um animal vivo é obrigado a repetir em seu desenvolvimento as estruturas de todas as formas das quais o animal descende”.<sup>583</sup>

### **III.2.2.7. Retorno ao inanimado e repetição: o pulsional entre a vida e a morte**

Na sequência do texto, Freud procura “levar até as últimas consequências a suposição de que todas as pulsões visam restabelecer algo anterior”, mantendo em suspenso as objeções que poderiam ser levantadas a essa concepção, especialmente aquela que conjectura a existência de outros tipos de pulsão, especialmente que atuassem no sentido do desenvolvimento e progresso evolutivo. O primeiro ponto é a demarcação da relação entre as pulsões e o processo evolutivo. A pressão evolutiva será, de início, identificada puramente à “influência de forças externas, perturbadoras e desviantes”, sendo o “ser vivo elementar” impelido a repetir seu curso de vida, à medida que “todas as pulsões orgânicas são conservadoras, adquiridas historicamente e orientadas à regressão, à recuperação de um estado anterior”.<sup>584</sup> As vicissitudes do meio deixariam marcas profundas no desenvolvimento dos organismos. Há, porém, uma relação entre as forças influenciadoras do meio, com sua pressão à mudança e a imposição de adaptações, e as pulsões e o curso das transmissões hereditárias. A caracterização dessa relação e a delimitação de uma meta geral a tudo que é vivo aparecem na seguinte passagem:

---

<sup>583</sup> *APP*, p. 133.

<sup>584</sup> *APP*, p. 133-135.

As pulsões orgânicas conservadoras assimilaram cada uma dessas modificações impostas ao curso de vida do organismo e as preservaram para a repetição, passando assim a impressão enganosa de forças que anseiam por mudança e progresso, na verdade, procuravam apenas alcançar uma antiga meta por caminhos antigos e novos. Também poderíamos indicar qual é essa meta final de todo esse anseio orgânico. Seria contrário à natureza conservadora das pulsões se a meta da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Essa meta deve ser bem mais um estado antigo, um estado inicial que o ser vivo um dia abandonou e ao qual ele anseia retornar através de todos os desvios do desenvolvimento. Se nos for permitido supor, como uma experiência sem exceção, que tudo o que é vivo morre por razões *internas*, retorna ao inorgânico, então só nos resta dizer: *A meta de toda vida é a morte*, e, remontando ao passado: *O inanimado esteve aqui antes do vivo*.<sup>585</sup>

As pulsões assimilam e conservam as mudanças impostas passando a aparência de buscarem o progresso e a mudança elas mesmas. Haveria, na realidade, uma meta geral e final de toda vida orgânica que, não sendo bem admissível ser de um estado nunca alcançado, seria o retorno a um estado anterior e mais antigo, aquele que remonta à própria animação do ser vivo: o estado *inanimado*, *inorgânico*. Precisamente nesse sentido que “a meta de toda vida é a morte”. Acontece, porém, que as circunstâncias sejam fortuitas e a meta tenha que conciliar com outras forças e influências. Por um lado, Freud mobiliza um novo exercício imaginativo (“semelhante àquele [processo] que posteriormente fez surgir a consciência em certa camada da matéria viva”), baseado em um momento inaugural do vivo: na matéria inanimada é despertada, por forças inconcebíveis, as “propriedades do vivente”; diante da tensão gerada aí, teria surgido “a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado”; nesse estágio inicial, a morte era acessível e rápida, mas, por força de “influências externas decisivas” que foram se alterando, a substância viva é obrigada “a desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e a rodeios cada vez mais complicados para alcançar a meta da morte”.<sup>586</sup>

De outro ponto de vista, agora abarcando os grupos pulsionais já estabelecidos teoricamente, Freud é levado à seguinte caracterização: as pulsões de autoconservação – assim como pulsões “de poder” e “de valorização” – apesar de aparentemente opostas a essa tendência pulsional conceituada, serão repensadas como espécies de “pulsões parciais, destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte”. Com efeito, cabe a elas “manter afastadas quaisquer outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam as imanentes”, posto que “o organismo só quer morrer à sua maneira”. Por consequência, afirma-se que “mesmo esses

---

<sup>585</sup> APP, p. 135-137.

<sup>586</sup> APP, p. 137.

guardiães da vida foram originariamente os serviçais da morte”. Com esse esquema em vista, Freud sublinha seu teor paradoxal, dado que o organismo vivo se esforçaria com toda sua energia contra as influências e perigos externos que lhe encurtariam o caminho para atingir sua meta, em prol da busca por uma morte *imane*nte, nos seus próprios termos. Esse paradoxo se tornaria menos esquisito ao se considerar que tal conduta, afirma, seria caracterizada por “um anseio puramente pulsional” e não por “uma tendência inteligente”.<sup>587</sup>

Uma vez que a pressão evolutiva não tenha ocorrido de forma homogênea, nem atingido todos os organismos de modo a forçá-los ao desenvolvimento, haveria alguns aos quais se sucedeu conservarem-se em seu “estágio inferior”. Analogamente, dentre os “organismos elementares que integram o corpo complexo de um ser vivo superior”, encontraríamos organismos como aqueles, a exemplo das células germinativas: “provavelmente conservam a estrutura originária da substância viva e, depois de algum tempo, carregadas com todos os dispositivos pulsionais herdados e adquiridos, separam-se do conjunto”. Dadas as condições, podem gerar substâncias novas, repetindo “o jogo ao qual devem seu surgimento”: elas, em parte, seguiriam o curso do desenvolvimento, mas também guardariam outra parte enquanto “novo resíduo germinal”. Por isso que “essas células germinativas trabalham contra a morte da substância viva e sabem como conseguir para ela o que nos deve parecer imortalidade potencial”. Ademais, é de sua característica depender da “fusão com outra célula semelhante a ela e no entanto diferente”. Nesse ponto entram em cena as *pulsões sexuais*, compreendidas agora não mais com seu teor egoístico, buscando satisfações em larga medida à despeito da reprodução e às expensas da integridade individual. Considerando que elas estariam envolvidas justamente no “cuidado” do material germinativo, sua acomodação, proteção, e a oportunidade de encontro com outras, são consideradas também *conservadoras*<sup>588</sup>, e até mais:

Elas são conservadoras no mesmo sentido que as outras [pulsões], quando trazem de volta estados anteriores da substância viva, mas o são em uma medida mais intensa, quando se mostram particularmente resistentes contra influências externas, e o são ainda em um sentido mais amplo, já que preservam a própria vida por períodos mais longos.\* *Elas são as verdadeiras pulsões de vida* [...] trabalham contra o propósito das outras pulsões [que levam à morte].

\*E, no entanto, são as únicas que podemos levar em consideração para falar de uma tendência interior ao “progresso” e ao desenvolvimento superior!<sup>589</sup>

---

<sup>587</sup> APP, p. 139.

<sup>588</sup> APP, p. 141.

<sup>589</sup> APP, p. 141. O trecho atrelado ao asterisco se refere a uma nota de rodapé do Freud.

### III.2.2.8. Os agrupamentos em perspectiva: problemas e revisões na teoria pulsional

Reencontramos aqui a oposição tão longeva entre os grupos pulsionais do Eu e sexuais, porém re-enquadrados como pulsões de morte e de vida, respectivamente. Trata-se, ao que tudo indica, de um arranjo provisório a ser precisado posteriormente na obra. De toda forma, aparece já uma ideia de oposição entre esses novos grupos pulsionais, de morte e de vida, também na forma de um “ritmo hesitante” inerente à vida dos organismos com suas díspares tendências pulsionais: uma espécie de vai-e-vem, no qual um grupo se coloca a favor de alcançar a meta final da vida, ou seja, de tender para a morte, enquanto um outro grupo de pulsões busca retroceder nesse caminho até a meta final, prolongando a duração do percurso. Ainda sobre as pulsões sexuais, Freud postula a presença de sua atividade “desde o verdadeiro começo”, a despeito de que a sexualidade e a diferença sexual sejam florescimentos de organismos mais tardiamente desenvolvidos e que não tenham, ainda, “assumido o seu trabalho contrário ao jogo das ‘pulsões do Eu’”.<sup>590</sup>

Voltemos atrás agora, uma primeira vez, para perguntar se não está faltando fundamento a todas essas especulações. Será que realmente não existem outras pulsões, *excetuando-se as pulsões sexuais*, além daquelas que querem restabelecer um estado anterior, e será que há outras que anseiam por um estado nunca antes alcançado? Não conheço no mundo orgânico nenhum exemplo seguro [...] Certamente uma pulsão geral que leva a um desenvolvimento superior no mundo animal e vegetal não pode ser constatada, mesmo que uma direção no desenvolvimento como essa permaneça de fato incontestável. [...] Desenvolvimento superior, bem como retrocesso, poderiam ambos ser consequência de forças externas pressionando à adaptação, e o papel das pulsões poderia, nos dois casos, limitar-se a reter, como fonte interna de prazer, a modificação imposta.<sup>591</sup>

Freud se mostra refratário à admissão de outras pulsões que não fossem definidas pelo aspecto regressivo e conservador. Uma eventual pressão interna ao desenvolvimento é expressamente rejeitada, como no trecho acima, recaindo o peso sobre as forças externas. Um argumento interessante é a ideia de que superior e inferior, desenvolvimento e retrocesso, muitas vezes confluem no processo adaptativo, ficando tais qualificações mais a cargo da apreciação e do julgamento. Em face da conjectura e crença numa “pulsão de aperfeiçoamento” própria aos seres humanos – que explicaria suas realizações intelectuais e sublimações éticas, além de sua tendência à “transformação em super-humano” (em alusão à Nietzsche) –, Freud levanta alguns pontos que

---

<sup>590</sup> APP, p. 143.

<sup>591</sup> APP, p. 145.

merecem destaque: primeiro, a teoria evolutiva cabível aos demais animais não careceria de nada para abarcar os humanos; segundo, uma pressão em direção ao aperfeiçoamento, observável em alguns indivíduos humanos, seria melhor explicável pelos processos de recalçamento e renúncia pulsional, que pela pressão de uma pulsão em particular; em última instância, um substituto digno para uma possível “pulsão de aperfeiçoamento” poderia consistir na conjunção entre Eros, com seu anseio “em agrupar o orgânico em unidades cada vez maiores”, e os efeitos do recalçamento. A definição de Eros será possível com o exame do próximo capítulo, mas a participação efetiva do recalçamento no desenvolvimento humano é explicitada por Freud já ao final do quinto. Antes de trazê-lo, vale indicar que um modelo possível para a pulsão de aperfeiçoamento seria, segundo Freud, os processos ligados à formação de uma fobia neurótica, mais precisamente, de “fuga diante de uma satisfação pulsional”, a renúncia pulsional, mas que não seria plenamente generalizável pelas vicissitudes das relações econômicas que favorecem o desenlace à fobia.<sup>592</sup> Em todo caso, vale destacar que:

A pulsão recalçada não desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação; todas as formações substitutivas ou reativas e sublimações são insuficientes para remover sua tensão contínua, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido surge o fator pulsionante [...] O caminho regressivo, que leva à satisfação completa, é, em regra geral, barrado pelas resistências que mantêm os recalçamentos, e com isso não resta outra coisa a não ser continuar progredindo na outra direção do desenvolvimento [...] sem a perspectiva de poder concluir o processo e alcançar a meta.<sup>593</sup>

### **III.2.2.9. Pulsões de vida e pulsão de morte: o problema da morte natural**

Caminhamos, enfim, para o capítulo VI do *Além do princípio de prazer*, em que Freud realiza uma revisão mais abrangente dos momentos de sua teoria pulsional e consolida os termos e elementos de sua nova concepção, travando articulações decisivas de pesquisas da embriologia e de teses filosóficas, movendo-se pelo esforço especulativo quando este se faz necessário. Que Freud hesite quanto à correção desse novo passo não faz com que este deixe de ser um momento fundamental para o campo psicanalítico. Vejamos como se desenha esse movimento, a começar pela acomodação do dualismo antigo no novo e pelo problema da morte natural.

---

<sup>592</sup> APP, p. 145-149.

<sup>593</sup> APP, p. 147.

De partida, Freud declara que a correspondência da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais com as pressões para a morte e para a vida mostra-se insatisfatória e, além disso, que o caráter regressivo da pulsão digno de uma compulsão à repetição só ficou melhor expresso nas pulsões do Eu. Estas pulsões poderiam ser melhor baseadas no processo de animação da matéria e na busca por “restabelecer o estado inanimado”. Embora as pulsões sexuais guardem relações com estados primitivos do ser vivo de modo “evidente”, elas cumpririam sua função de prolongar a vida e dotá-la de uma aparente imortalidade apenas caso realizassem a meta de união ou “fusão de duas células germinais diferenciadas”. Diante desse quadro, Freud levanta a seguinte questão: “qual acontecimento importante no curso do desenvolvimento da substância é repetido pela reprodução sexuada ou por seu precursor, a cópula de dois indivíduos entre os protozoários?”. Na ausência de uma resposta e em face de uma eventual invalidação das construções realizadas, propõe-se voltar para um ponto em especial, uma suposição abordada que deveria ser colocada à prova: o “pressuposto de que todo ser vivo deveria, necessariamente, morrer por causas internas”.<sup>594</sup> Nele estaria colocado um dos – se não o principal – motivos para se admitir uma *pulsão de morte*.

A ideia de uma morte natural acompanharia, de certo modo, a crença comum na inevitabilidade da morte e no “consolo” que costuma acompanhá-la: a crença de que nossa morte ou de qualquer ente querido viria por força da *necessidade*, seguiria uma “lei implacável da natureza”, e não por mero *acaso*. Talvez seja, pondera Freud, “apenas uma das ilusões que criamos para ‘suportar o fardo da existência’”. Tal crença, porém, se contrastada antropológicamente, não poderia ser considerada *originária*: entre povos “primitivos” a morte natural soaria estranha, sendo mais comum a ideia de que a morte ocorre por “influência de um inimigo ou de um mau espírito”.<sup>595</sup> Por isso, Freud propõe “colocar essa crença à prova” pela via das *ciências biológicas*. As ciências da vida, porém, parecem não dar uma resposta unânime à questão da morte natural, flutuando entre fatos como a duração média da vida de animais superiores e a duração inestimável de certas espécies de animais e árvores. Dessa forma, em meio à biologia, Freud devotará seu interesse a um autor que tratou do tema da *duração da vida* e da *morte* nos organismos, Weismann, bem como às reverberações de sua teoria e seus possíveis contraditórios.

---

<sup>594</sup> APP, p. 149-151.

<sup>595</sup> APP, p. 151.

Examinando Weismann, Freud se depara com uma “inesperada analogia com a nossa própria concepção”: a distinção, proposta por Weismann, da substância viva entre uma metade sujeita à morte natural e outra metade potencialmente imortal, entre soma ou corpo e as células germinais, respectivamente, parece-lhe próxima da distinção ensejada entre pulsões que conduzem à morte e pulsões que almejam conservar a vida. “Isso soa como um corolário dinâmico à teoria morfológica de Weismann”: enfatiza-se menos os componentes da substância e mais as “forças que nela atuam”. Aparece, porém, um dissenso quanto ao problema da morte: a distinção acima seria válida apenas para os organismos multicelulares, enquanto nos unicelulares “indivíduo e célula reprodutora são ainda uma só coisa”, de modo que declara-os “potencialmente imortais”, ou seja, “a morte só surge com os metazoários, os multicelulares”. A morte natural, por causas internas, não admitida em organismos unicelulares, como os protozoários, não seria uma “propriedade originária da substância viva”, tampouco uma “necessidade absoluta, fundada na essência da vida” – seria mais como uma “adaptação às condições externas” e por conta da “diferenciação das células do corpo em soma e plasma germinal”. Por outro lado, “a reprodução [...] não foi introduzida apenas com a morte, ela é muito mais uma propriedade originária da matéria viva, como o crescimento do qual ela procede”.<sup>596</sup> Weismann não corroboraria, por isso, a consideração da pulsão de morte como força que remontaria ao surgimento da vida; a morte seria, segundo ele, uma *aquisição tardia*, atestável em organismos mais complexos, porém por motivos que não os que Freud busca demonstrar. Voltando-se o interesse da investigação para a “comprovação experimental da afirmada imortalidade da substância viva nos animais unicelulares”, foi possível encontrar alguns contrapontos à hipótese de Weismann. Em linhas gerais, pesquisas que pareciam demonstrar a imortalidade de protistas, aferindo a ausência de envelhecimento ou degeneração, são contrapostas a outras, nas quais estariam excluídas “influências revigorantes”, como a troca do meio nutritivo, mostrando, sim, a morte em organismos unicelulares: sem essas influências, “os protozoários morreriam após uma fase de declínio por envelhecimento, exatamente como os animais superiores, portanto, diretamente em contradição com as afirmações de Weismann”.<sup>597</sup>

---

<sup>596</sup> APP, p. 155-157.

<sup>597</sup> APP, p. 159-161.

### III.2.2.10. As forças pulsionais e a aplicação da teoria da libido ao nível celular: a apresentação de Eros e a consolidação da nova teoria

Marcadas por certa inconclusão sobre a imortalidade dos organismos simples, as investigações analisadas ao menos forneceram “dois fatos que parecem oferecer um firme apoio”, como ressalta Freud. Seriam eles: i. a cópula ou fusão entre dois indivíduos poderia fazer com que eles fossem “poupados do envelhecimento” e, até, “rejuvenescidos”, sendo a cópula compreendida como precursora da reprodução sexuada e seus efeitos passíveis de serem substituídos por fatores ligados ao “meio estimulante e nutritivo”; ii. a provável condução à morte natural dos infusórios protistas “através de seu próprio processo de vida”, como pela imperfeição e efeito prejudicial dos “produtos de seu próprio metabolismo” – “talvez morram também todos os animais superiores pela mesma incapacidade”. Era possível, considera Freud, que a “organização primitiva” de tais organismos pudesse “ocultar importantes relações que também existem neles, mas que só podem ser reconhecidas nos animais superiores, nos quais elas criaram uma expressão morfológica”.<sup>598</sup> Portanto, adotando-se uma outra perspectiva, como o ponto de vista dinâmico, talvez não fosse tão imprescindível assim a demonstração da morte natural entre os protozoários. Nesse sentido, Freud, além de reafirmar a semelhança da diferenciação de Weismann com a sua, tece os seguintes comentários conclusivos:

Neles [nos protozoários], a substância reconhecida mais tarde como imortal ainda não havia se separado de forma alguma da substância mortal. As forças pulsionais que visam conduzir a vida para a morte também poderiam estar operando neles desde o início, e, no entanto, seu efeito poderia estar tão encoberto pelas forças conservadoras da vida que seria muito difícil prová-lo diretamente. [...] as observações dos biólogos nos autorizam a supor, mesmo entre os protistas, processos internos que conduzem à morte. Mas, mesmo que os protistas se provem imortais no sentido de Weismann, sua afirmação de que a morte é uma aquisição posterior valeria apenas para as expressões evidentes da morte, e não torna impossível nenhuma suposição sobre os processos que impelem para a morte. Nossa expectativa de que a biologia eliminasse diretamente o reconhecimento das pulsões de morte não se realizou.<sup>599</sup>

É possível observar nesse trecho algo sobre a atuação *em conjunto* das forças pulsionais, uma mescla bastante característica do funcionamento pulsional em seu novo dualismo. Os passos decisivos serão dados na sequência, conforme se explora os meandros da “concepção eminentemente dualista da vida pulsional” e se aplica a teoria da libido ao nível celular. Freud chega a mencionar uma teoria de E. Hering, segundo a qual ocorreria na substância viva

---

<sup>598</sup> APP, p. 161-163.

<sup>599</sup> APP, p. 165.

ininterruptamente “duas espécies de processo de direção oposta”: processos construtivos, por assimilação; processos desconstrutivos, por dissimilação. Outra menção breve, mas que se destaca por ser mais uma referência explícita à filosofia (junto com Nietzsche e Platão) – o que é raro em Freud –, é aquela feita a Schopenhauer, pensador tão caro a Freud: “não podemos ocultar”, diz Freud, que “inesperadamente, adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é, afinal, ‘o verdadeiro resultado’ e [...] a finalidade da vida”, enquanto que “a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver”.<sup>600</sup> Essas alusões se somam às anteriores, expressando a amplitude das relações e correspondências da teoria em construção, marcada pelo dualismo das pulsões de vida e pulsões de morte. O mais importante, de toda forma, parece ser o “passo a mais” que Freud propõe “audaciosamente”:

Assim, poderíamos fazer a tentativa de *transferir para a relação das células entre si a teoria da libido* conquistada pela psicanálise e imaginar que são as *pulsões de vida ou sexuais operando em cada célula que tomam as outras células como objeto, neutralizando*, em parte, *suas pulsões de morte*, isto é, os processos suscitados por elas.<sup>601</sup>

Parte-se da consideração de como a união celular e a associação que constitui os organismos multicelulares denotam uma maneira de prolongar a duração da vida. “Uma célula ajuda a conservar a vida das outras, e o estado celular pode continuar a viver, mesmo que certas células tenham que morrer”, afirma. A conveniência entre as células já era aferida no efeito rejuvenescedor e conservador das fusões entre organismos unicelulares, e esse funcionamento já era considerado o modelo da união sexuada posterior. A novidade, agora, é a aplicação da teoria da libido nas próprias relações entre as células, tomando-as como espécies de relações objetais, tais quais os investimentos da libido de objeto. E o passo vai além: tal qual os desdobramentos da pesquisa sobre o narcisismo, não haveria apenas a libido de objeto, mas também a libido narcísica, que aqui será articulada às células germinais: com sua “conduta absolutamente ‘narcísica’”, elas retêm a libido em si, “como reserva para a sua atividade posterior, grandiosamente construtiva”.<sup>602</sup> No mais, “é assim que *a libido de nossas pulsões sexuais iria coincidir com o Eros dos poetas e dos filósofos, que mantém unido tudo o que é vivo*”.<sup>603</sup>

<sup>600</sup> APP, p. 165-167. Para um detalhamento dessa aproximação à filosofia de Schopenhauer, cf. “A morte como finalidade da vida”, ensaio de Drawin e Fonseca, presente no mesmo volume, p. 318-348.

<sup>601</sup> APP, p. 167, grifo nosso.

<sup>602</sup> APP, p. 167-169. Diga-se de passagem, uma similar conduta narcísica é aventada no comportamento de células cancerosas.

<sup>603</sup> APP, p. 169, grifo nosso.

É possível observar uma retomada de avanços anteriores da teoria pulsional, que dá a oportunidade para Freud recapitular o desenvolvimento de sua teoria da libido, apresentando uma “visão de conjunto”. Trata-se do movimento que buscamos refazer em detalhes neste trabalho. Desse modo, vale ao menos um resumo dos pontos destacados por Freud, tendo em vista um problema subjacente ao remanejamento da teoria em curso: o contraste entre a confluência da pulsão sexual com as pulsões do Eu, pelo narcisismo, e o esquema provisório, já tido como insatisfatório, que ainda opunha esses grupos, mas enquanto pertencentes às pulsões de vida e de morte. Em linhas gerais, Freud indica que o início da teoria da libido (que, como fica claro, coincide com a teoria pulsional), cujo contexto é o da análise das neuroses de transferências, apresentava uma oposição entre pulsões sexuais, dirigidas ao objeto, e “outras pulsões”, chamadas “provisoriamente” e “de maneira muito insatisfatória” de “pulsões do Eu”, dentre as quais as pulsões de autoconservação. Além disso, considerava-se o modelo do par “fome e amor” para se pensar tais “pulsões básicas”, posto que a delimitação dessas é atravessada pelos mais profundos dissensos, seja no senso comum, seja entre os psicanalistas. Curiosamente, Freud relaciona essas diversas postulações de pulsões básicas às *archés* dos filósofos da antiguidade: seriam como que os modernos princípios fundamentais da natureza.<sup>604</sup> Nesse contexto, vimos como se deu a ampliação do conceito de sexualidade e da pulsão sexual, para muito além da função reprodutora.

O segundo passo destacado por Freud é aquele referente às pesquisas mais detidas sobre o “Eu psicológico”, ou seja, aquelas do narcisismo. Dentre as consequências mais significativas temos o alargamento do conceito de libido, outrora restrito às pulsões sexuais direcionadas ao objeto, especialmente devido à regularidade dos movimentos libidinais de *introversão*. Propõe-se, então, a noção de “libido narcísica”, em que o Eu figura dentre os objetos sexuais, ou melhor, “o mais eminente entre eles”, constituindo “o verdadeiro e originário reservatório da libido”, a partir do qual ela poderia ser estendida aos objetos. Ademais, torna-se “insuficiente” aquela “oposição original entre pulsões do Eu e pulsões sexuais”: “a diferença entre as duas espécies de pulsão, que originalmente [...] foi pensada qualitativamente, agora devia ser determinada de outra maneira, a saber, topicamente”. A eficácia do conflito entre esses grupos pulsionais, embora “uma parte” das pulsões do Eu tenha sido reconhecida como libidinal, não é de todo anulada e sua fórmula mantém-se válida, com o ajuste de que o “conflito” seria, mais precisamente, “entre o Eu e o investimento

---

<sup>604</sup> APP, p. 169-171.

libidinal de objeto”.<sup>605</sup> Vale ressaltar que nessa retrospectiva Freud imprime uma ênfase tanto no caráter provisório da designação “pulsões do Eu”, quanto na irreducibilidade completa delas às pulsões de autoconservação, frisando a possível atuação de “outras pulsões” no Eu. Não sendo uma faceta inteiramente nova, é de se notar que se guarda espaço para outras pulsões, como as de teor agressivo, que serão indicadas adiante. Além disso, Freud conecta esses dois passos ao terceiro, que acabara de fazer:

Agora, mais do que nunca, precisamos acentuar o caráter libidinal das pulsões de autoconservação, já que ousamos dar *o próximo passo*, o de *reconhecer na pulsão sexual o Eros que tudo preserva*, e fazer derivar a libido narcísica do Eu dos montantes de libido, com os quais as células somáticas se aderem umas às outras.<sup>606</sup>

De imediato, coloca-se a questão de haver ou não alguma outra pulsão que, afinal, não seja sexual, dado a confirmação da natureza libidinal das pulsões de autoconservação. Freud cairia, enfim, num monismo pulsional tal qual Jung? “Certamente esse resultado não fazia parte de nossa intenção”, logo responde. Se o movimento que se esboçava antes no *Além do princípio de prazer* tendia a “uma nítida separação entre pulsões do Eu = pulsões de morte, e pulsões sexuais = pulsões de vida”, o que se choca com o que acaba de ser visto, Freud salienta que “nossa concepção foi, desde o início, *dualista*, e hoje ela o é mais rigorosamente do que antes, depois que nomeamos os opostos [...] de pulsões de vida e pulsões de morte”.<sup>607</sup> Ademais, admite-se *outras pulsões em ação no Eu*, para além das libidinais de autoconservação, mesmo embora não seja possível identificá-las com acurácia:

Supomos que no Eu estejam em ação outras pulsões além das pulsões libidinais de autoconservação; só teríamos de ser capazes de apontá-las. [...] [Elas] podem, além disso, estar conectadas, de uma maneira particular, a outras pulsões do Eu ainda desconhecidas por nós. [...] É desagradável que até agora a análise só nos tenha colocado em posição de comprovar as pulsões libidinais. Mas nem por isso queremos participar da conclusão de que não existam outras.<sup>608</sup>

Em meio às incertezas que pairam sobre a nova proposta, e “dada a atual obscuridade da doutrina das pulsões”, Freud convida a dar espaço para qualquer tentativa de esclarecimento. Eis então que um caminho se abre: articular os opostos pulsões de vida–pulsões de morte a uma “segunda polaridade”, uma que se observa em meio ao “amor de objeto” e que se refere a pulsões

---

<sup>605</sup> APP, p. 171-173.

<sup>606</sup> APP, p. 173, grifo nosso.

<sup>607</sup> APP, p. 175.

<sup>608</sup> APP, p. 175-177.

parciais das mais importantes – trata-se da polaridade entre “amor (ternura)” e “ódio (agressão)” e do sadismo observado junto à pulsão sexual. Partindo do reconhecimento de um “componente sádico da pulsão sexual” – que pode ser dominante enquanto pulsão parcial e, até, ganhar autonomia enquanto perversão – como compatibilizar com Eros, a nova delimitação das pulsões sexuais?<sup>609</sup> Freud, além de passar a admitir um masoquismo primário, encontra no sadismo um exemplo, enfim, de pulsão de morte, “muito embora deslocada”:

como fazer derivar de Eros, conservador da vida, a pulsão sádica que tem como meta o prejuízo do objeto? Será que não *cabe supor que esse sadismo seja, afinal, uma pulsão de morte que foi pressionada para fora do Eu* por influência da libido narcísica, de modo que ela só apareça no objeto? Depois ela passa a servir a função sexual; no estágio de organização oral da libido, o apoderamento amoroso ainda coincide com a aniquilação do objeto; mais tarde a pulsão sádica se separa e, finalmente, no estágio do primado genital, ela assume, com o propósito de reprodução, a função de lidar com o objeto sexual até o ponto em que a realização do ato sexual exigir. De fato, poderíamos dizer que *o sadismo, impelido para fora do Eu, teria mostrado o caminho da pulsão sexual* aos componentes libidinais; mais tarde estes impelem em direção ao objeto. Lá onde o sadismo originário não sofre nenhuma *atenuação e fusão* instaura-se a conhecida ambivalência amor-ódio da vida amorosa. Se for permitido fazer uma suposição como essa, então *teria se cumprido a exigência de apontar um exemplo de pulsão de morte, muito embora deslocada.*<sup>610</sup>

Podemos observar algumas coisas sobre essa reconfiguração do sadismo (e masoquismo): com a concepção da *pulsão de morte*, o sadismo ganha uma explicação diferenciada em face do que se estabelecera anteriormente, ainda que sua especificidade tenha suscitado já importantes elaborações teóricas; sem a delimitação de outras modalidades pulsionais que abarcariam as manifestações destrutivas e agressivas, sua leitura seria outra; dada sua íntima relação com a pulsão sexual, ainda que articulado à pulsão de morte, o sadismo implica uma noção importante, a de *fusão pulsional*, segundo a qual as pulsões de vida e de morte podem ou não se mesclar, a ponto de uma poder atenuar a expressão da outra.

### III.2.2.11. O mito platônico como arremate da relação entre pulsões sexuais e compulsão à repetição

Uma questão que volta a ocupar Freud se refere ao esclarecimento do que dotaria a cópula, e a união sexuada, de um “efeito revigorante e rejuvenescedor”, introduzindo “novas *diferenças vitais*”: “de que maneira”, questiona, “a fusão de duas células pouco distintas traz uma renovação

<sup>609</sup> APP, p. 177.

<sup>610</sup> APP, p. 177-179, grifo nosso.

como essa da vida?” Em conformidade com experimentos que atingiram efeitos similares ao substituir a fusão dos protistas por outros estímulos, de ordem química ou mecânica, chega-se à conclusão de que se trata da “introdução de novas quantidades de estímulos”. Se o curso da vida, “por razões internas, conduziria as tensões químicas a uma “equiparação”, ou seja, “à morte”, a união com outra substância, por outro lado, “aumenta essas tensões”.<sup>611</sup>

Diante dessa retomada da problemática econômica, vemos, ainda, uma requalificação das tendências ao domínio das excitações inerentes à vida anímica e nervosa como um todo, referida acima pela noção de “equiparação”. Nesse ponto, Freud designa não exatamente um “princípio de constância” na base de um “princípio de prazer” que estabeleceria posteriormente seu domínio. A resolução das tensões ganha uma designação distinta, já marcada pela admissão de um *além do princípio de prazer* e tomada de empréstimo da Barbara Low, a saber: o *princípio de Nirvana*. Com efeito, Freud pontua o seguinte:

Que tenhamos reconhecido como sendo a tendência dominante da vida anímica, talvez da vida nervosa em geral, o anseio por reduzir, manter constante e anular [*aufheben*, suspender] a tensão interna de estímulos (*O princípio de Nirvana*, segundo a expressão de Barbara Low), tal como ela encontra expressão no princípio de prazer, eis aqui um de nossos motivos mais fortes para acreditar na existência das pulsões de morte.<sup>612</sup>

Além disso, Freud é levado a aprofundar a investigação sobre a relação da pulsão sexual com o “caráter de compulsão à repetição”, direcionando seus esforços a “conseguir informação sobre o surgimento da reprodução sexuada e sobre a proveniência das pulsões sexuais em geral”. Faz-se então um condensado de opiniões díspares, mas que estejam conectadas “com a nossa linha de pensamento”. Nos termos de Darwin, por exemplo, e a partir do pressuposto da “reprodução como uma manifestação parcial do crescimento”, a cópula teria ocorrido de modo “casual”, mas por denotar uma “vantagem”, digamos, evolutiva, seria então “mantida no desenvolvimento posterior”. Ainda que em alguma medida pudesse ser postulada uma pulsão sexual em ação desde o ser vivo mais simples, de modo que a cópula não fosse tomada como completo oposto à meta de “esgotar a vida” e retornar ao inorgânico, e fosse então “mantida e aperfeiçoada”, restaria que “o ‘sexo’ não seria, portanto, muito antigo” e a repetição da união sexual iria se referir a “algo que aconteceu uma vez acidentalmente”, mesmo que trazendo alguma vantagem. Em face dessas inconsistências, e reconhecendo estar diante de “uma equação de duas incógnitas”, Freud ao menos

---

<sup>611</sup> APP, p. 181-183.

<sup>612</sup> APP, p. 183.

aventa uma conclusão plausível: “se não queremos abandonar a suposição sobre pulsões de morte, temos de associá-la, desde todo o início, com as pulsões de vida”.<sup>613</sup>

O ajuste fino para as considerações tomadas a partir da ciência biológica será obtido de um “outro lugar”, uma hipótese que é “mais um mito do que uma explicação científica” – embora seja um *mito filosófico*. Assim, Freud aborda uma teoria de Platão, proposta no *Banquete* (ou *Simpósio*) – possivelmente de inspiração mais antiga, dos *Upanixades*, como é comentado em nota – que faria, agora sim, “derivar uma pulsão *da necessidade de restabelecer um estado anterior* [...] e que trata não apenas da proveniência da pulsão sexual, mas também de sua mais importante variação em relação ao objeto”.<sup>614</sup> Essa citação talvez ajude a compreender um dos motivos para a crítica que fazem Deleuze e Guattari à filiação da psicanálise ao platonismo e à filosofia da representação. O mito, grosso modo, versa sobre a formação originária de nosso corpo, na qual haveria não dois, mas “três sexos” – “o masculino, o feminino e o “masculino-feminino”, “que unia os dois”. “Tudo nesses seres humanos era duplo”, de modo que “Zeus foi levado a dividir cada ser humano em duas partes”: “agora o ser inteiro estava cortado em dois, a saudade apressou as duas metades a se juntarem [...] entrelaçaram-se uma com a outra, no *anseio de crescerem juntas*”.<sup>615</sup> Então, de que maneira Freud “costura” o mito platônico com a teoria pulsional, em sua aplicação à animação da matéria viva? Com efeito, ele apresenta a especulação a seguir, que funciona como uma espécie de arremate, o ponto limite em que se chega, até que se deva *parar*:

Será que devemos, seguindo a indicação do filósofo-poeta, arriscar a suposição de que a substância viva, no momento de sua animação, foi rasgada em pequenas partículas, que desde então empenham-se em uma reunificação através das pulsões sexuais? E que essas pulsões, nas quais prossegue a afinidade química da matéria, superam lentamente, através do reino dos protistas, as dificuldades que um meio ambiente carregado de estímulos perigosos para a vida opõe a esse empenho, estímulos que as obrigam à formação de uma camada cortical protetora? E que, assim, essas partículas dispersas de substância viva atingem a multicelularidade e finalmente transferem para as células germinais a pulsão para a reunificação, com a máxima concentração? Creio que aqui seja o lugar em que devemos parar.<sup>616</sup>

---

<sup>613</sup> APP, p. 185-187.

<sup>614</sup> APP, p. 187.

<sup>615</sup> PLATÃO *apud* APP, p. 189.

<sup>616</sup> APP, p. 191.

### III.2.2.12. Ressalvas sobre a nova teoria e outras considerações

De resto, Freud pondera sobre os resultados apresentados, refletindo criticamente sobre esse “terceiro passo” da teoria pulsional. Ele afirma não estar plenamente convencido das “suposições desenvolvidas”: “não sei até que ponto eu acredito nelas”.<sup>617</sup> Certamente ele buscou ir até onde podia e conseguia com essa “linha de pensamento”, especulando conforme necessário, mas não ignorando por completo o material fruto da observação. Diferente da ampliação do conceito de sexualidade e da formulação do narcisismo, esse novo passo acaba não fornecendo “a mesma certeza que os dois anteriores”:

Essas inovações foram traduções diretas da observação para a teoria, sem maiores fontes de erro que não sejam inevitáveis em todos esses casos. A afirmação sobre o caráter *regressivo* das pulsões também se apoia, de fato, em material observado, a saber, nos fatos da compulsão à repetição. Só que talvez eu tenha superestimado a sua importância. De qualquer forma, a implementação dessa ideia não é possível de outra maneira, a não ser combinando muitas vezes seguidas o que é factual com o que é meramente cogitado.<sup>618</sup>

Os limites do princípio de prazer em função da característica – potencialmente geral – das pulsões de “querer restaurar um estado anterior” volta a ser abordado no capítulo final do *Além do princípio de prazer*. Freud salienta que não seria nada surpreendente a ocorrência de processos na vida anímica independentes do princípio de prazer, embora não necessariamente opostos a ele, ou simplesmente marcados pela característica de *repetição* de um estado ou etapa anterior. Este seria o caso, até, nas pulsões parciais. A função das “mais precoces e importantes do aparelho psíquico”, a tarefa de ligação das moções pulsionais que o atravessam, a transformação da “energia de investimento livremente móvel em investimento predominantemente quiescente”, seria uma espécie de “ato preparatório, que introduz e assegura o domínio do princípio de prazer”, e pode expressar a substituição do processo primário pelo processo secundário.<sup>619</sup> Para melhorar em precisão e nitidez, Freud propõe uma distinção entre “função” e “tendência”, de modo que:

O princípio de prazer é então uma tendência que está a serviço de uma função à qual cabe tornar o aparelho anímico absolutamente isento de excitação ou de nele manter constante ou tão baixo quanto possível o montante de excitação. [...] percebemos que a função assim definida teria participação no empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso do mundo inorgânico.<sup>620</sup>

---

<sup>617</sup> APP, p. 191.

<sup>618</sup> APP, p. 193.

<sup>619</sup> APP, p. 199.

<sup>620</sup> APP, p. 199-201.

A experiência de prazer das mais intensas, aquela do ato sexual, envolveria, então, uma “extinção momentânea de uma excitação elevada intensamente”, mas cuja preparação em “dispor a excitação para a liquidação definitiva no prazer de descarga”, estaria a serviço da função de “ligação da moção pulsional”.<sup>621</sup>

Adiante, considerando a disjunção entre os dois processos de excitação, os ligados e não ligados, Freud procura circunscrever a produção das sensações de prazer e desprazer. Os processos não ligados, inerentes ao processo primário, parecem produzir inequivocamente “sensações muito mais intensas que os ligados”, do processo secundário. Ademais, considerando a antecedência temporal dos primários, os únicos que estariam presentes “no início da vida anímica”, Freud aventava a conclusão de que, para instaurar-se posteriormente, o princípio de prazer deveria já estar em ação neles. Nota-se, então, que a busca por prazer no início seria bastante intensa, porém frequentemente interrompida, restringida (ela “tem, necessariamente, de passar por interrupções frequentes”), enquanto que, mais tardiamente, com o efetivo domínio do princípio de prazer, essa busca ou “anseio” por prazer seria atenuado por conta da domesticação das pulsões. “Em todo caso”, afirma Freud, “aquilo que no processo de excitação faz surgirem as sensações de prazer e desprazer tem, necessariamente, de estar presente da mesma maneira tanto no processo secundário quanto no processo primário”. Nesse ponto, esboça-se uma outra distinção que tem por base o modo como as sensações de prazer e desprazer são transmitidas à consciência: caberia talvez distinguir, por um lado, as sensações de prazer e de desprazer e, por outro, “uma tensão peculiar que, por sua vez, pode ser também prazerosa ou desprazerosa”. E, além disso, cogita-se as relações entre tensão e quantidade absoluta ou grau de investimento, e entre a série prazer-desprazer e as alterações quantitativas no tempo. Por fim, considerando que as tensões são passíveis de serem percebidas internamente, Freud comenta uma diferença na atividade dos grupos pulsionais. As pulsões de vida trabalham, digamos, de modo mais “barulhento”: elas “se apresentam perturbando a paz”, ativando a percepção interna, devido ao fornecimento contínuo de tensões. Com efeito, trata-se de um certo caráter perturbador inerente aos estímulos, no geral, e aos estímulos pulsionais, em particular. Diferentemente, “as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho discretamente”.<sup>622</sup> E segue:

O princípio de prazer parece estar de fato a serviço das pulsões de morte; contudo, ele vigia também os estímulos externos, que são avaliados como perigos pelas

---

<sup>621</sup> *APP*, p. 201.

<sup>622</sup> *APP*, p. 201-205.

duas espécies de pulsão, mas ele vigia particularmente os aumentos de estímulos vindos de dentro, que visam dificultar a tarefa de viver. A isso se juntam inúmeras outras questões, às quais agora não é possível responder.<sup>623</sup>

Completamos assim o exame do *Além do princípio de prazer* (1920). É importante considerar o esforço empregado nessa revisão da teoria, que é “divisora de águas” para o que virá a seguir. Os problemas, a incompletude e as eventuais imprecisões, embora justifiquem “boas razões para a desconfiança”, também merecem uma “fria benevolência”, resguardados os direitos para rejeitar a teoria conquanto exija a observação: sua “correção [...] é apenas provisória”, afirma Freud.<sup>624</sup> A mudança de curso, vale dizer, não invalida os passos anteriores, mas os remaneja e produz, isto sim, uma radical diferença de leitura dos processos dinâmicos e econômicos – e, futuramente, com *O Eu e o Isso* (1923), tópicos. Que esse (re)direcionamento seja objeto de debate e disputa, não apenas à época, como também na posteridade do campo psicanalítico, é algo cujo dimensionamento e análise adequados excedem o escopo aqui proposto.

Além das questões já trabalhadas, os rumos da teoria pulsional como um todo e, principalmente, as consequências desse último passo nos colocam diante de uma última problemática levantada por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, a qual destacamos neste capítulo III.2 e que merece ser abordada: a questão da liquidação da libido e a retomada do conceito de pulsão de morte – ou mais ao largo, do problema da morte no inconsciente.

---

<sup>623</sup> APP, p. 205.

<sup>624</sup> APP, p. 193-195.

### III.2.3. Instinto, pulsão e desejo: o dualismo freudiano revisitado

Agora que examinamos os desdobramentos e revisões da teoria pulsional freudiana, podemos retomar os problemas elencados no início deste capítulo, a começar pelo da angústia. No material que tivemos a oportunidade de analisar, a noção de “angústia” figura de diferentes maneiras. De forma geral, esteve atrelada principalmente à sensação de desprazer produzida pelo represamento e incremento de tensão de uma quantidade de energia, ou então, situada como um dos destinos possíveis e prevalentes do fator quantitativo da pulsão: o afeto recalcado e impedido de efetivar sua pressão por descarga tem seu desenvolvimento inibido e pode ser convertido em angústia, desencadeando o desprazer, ou esperar uma via menos inibida, com um outro representante ideativo no qual possa investir. Portanto, tratava-se sobretudo de uma consequência do recalçamento da pulsão sexual. No âmbito do *Além do princípio de prazer*, a angústia figura ao lado de afetos correlatos, como o terror e o temor, indicando um estado de expectativa e preparação para o perigo, mas que poderia estar atrelada a uma função mais fundamental e, até, anterior à instauração do princípio de prazer, que seria a tarefa de domínio de estímulos por desencadeamento de angústia e superinvestimentos energéticos. Em todo caso, a crítica, trazida por Deleuze e Guattari, de que a angústia tenha sido alçada a causa autônoma do recalçamento sexual e que privaria a sexualidade de seu papel motor, parece se referir, principalmente, a uma das facetas da edipianização: a demarcação do medo ou angústia da castração, um dos elementos constitutivos do complexo de Édipo, no contexto de instauração do recalçamento sexual.<sup>625</sup>

Considerando as definições de Laplanche e Pontalis em torno da angústia, podemos complementar os pontos indicados. Tendo em vista outros textos, posteriores aos que abordamos, sabe-se que Freud tenha revisado sua teoria da angústia, por exemplo na obra *Inibição, sintoma e angústia* (1926), no qual são introduzidas noções como “angústia ante um perigo real”, que se diferencia da angústia motivada por um perigo pulsional, ou “angústia ante a pulsão”. Além desses termos, podemos contrapor uma “angústia automática” – que consiste na “reação do sujeito sempre que se encontra numa situação traumática”, ou seja, “quando submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar” – a um “sinal de angústia”, o qual designa “um dispositivo que o ego põe em ação diante de uma situação de perigo, de forma a evitar ser submerso pelo afluxo das excitações”. A angústia, em ambos os casos, é vista como um produto

---

<sup>625</sup> Como indicado na Conferência 32 “Angústia e instintos” (FREUD, 1933/2010c, p. 228-231).

do primitivo estado de desamparo psíquico do lactente, que implica a deflagração, seja da resposta espontânea, seja do sinal. Este, por sua vez, participa das operações de defesa do Ego, quando “reproduz de forma atenuada a reação de angústia vivida primitivamente numa situação traumática”. De acordo com Laplanche e Pontalis, o *sinal de angústia* “condensa a contribuição essencial da nova teoria”, pois, na explicação econômica pregressa, justamente, a angústia era “considerada como um *resultado*: é a manifestação subjetiva do fato de uma quantidade de energia não ser dominada”. Com a noção de *sinal de angústia*, evidencia-se “uma nova função [...] que faz dela um motivo de defesa do ego”. Entre a angústia automática e o sinal de angústia do Ego, podemos entrever o trabalho de *dominação de estímulos*, que tematizamos no âmbito da reformulação da teoria pulsional e circunscrito no contexto de reconsideração dos efeitos das situações traumáticas.<sup>626</sup>

Para chegar às demais questões, antes, vale indagar: como *O anti-Édipo* aborda o encaminhamento do dualismo pulsional? De acordo com os filósofos franceses, as implicações das dualidades pulsionais freudianas – seja a de alcance apenas tópico (pulsões sexuais e pulsões do eu), seja a qualitativa ou dinâmica (Eros e Tânatos) – se resumem no “mesmo empreendimento que continua e se fortifica”, qual seja, “eliminar o elemento maquínico do desejo [...] eliminar a libido, uma vez que ela implica a possibilidade de conversões energéticas na máquina”, “impor”, enfim, “a ideia de uma dualidade energética que torna impossíveis as transformações maquínicas”. Elimina-se, assim, “o ponto de vista da multiplicidade funcional, o único econômico”. Por conta disso, a aposta de Deleuze e Guattari é, justamente, nessa perspectiva de uma *multiplicidade funcional*, tida como a única verdadeiramente econômica, em contraponto às dualidades tópicas e dinâmicas promovidas por Freud na reelaboração de sua teoria pulsional.<sup>627</sup> Portanto, observa-se um apreço pela noção de libido, sem problemas quanto a sua natureza sexual, e uma rejeição dos postulados dualistas que reclamam oposições limitadoras. Porém, ao absorver elementos dessa teoria sobre novos termos, mudanças e deslocamentos serão inevitáveis: por exemplo, as sínteses que constituem os diversos aspectos do processo de produção desejante remetem cada uma a energias correlatas que, longe de reclamarem oposições incontornáveis ou exigirem mediações, serão compreendidas a partir de transformações, e transformações no plano maquínico. Inclusive, o último dualismo proposto por Freud em *Além do princípio de prazer*, aquele que opunha *pulsões*

<sup>626</sup> LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 26-27, verbetes “Angústia ante um perigo real” e “Angústia automática”; p. 115, verbe “Desenvolvimento de angústia”; p. 486-487, verbe “Sinal de angústia”.

<sup>627</sup> *AE*, p. 441 [398].

*de vida à pulsão de morte*, aparece muitas vezes transfigurado, por exemplo, ao utilizar outros termos como “desejo de vida” e “desejo de morte”, ou “instinto de morte”. Em relação a essas noções, vemos uma recusa categórica à posição dualista de Freud: “é absurdo falar de um desejo de morte, que se oporia qualitativamente aos desejos de vida”.<sup>628</sup>

Enquanto diversas passagens apontam para uma relação entre as pulsões – sobretudo as pulsões parciais, portanto sexuais – e as máquinas desejantes, outras tantas relacionam o conceito de *corpo sem órgãos* ao de “instinto de morte”. Caberia perguntar o quanto isso se deve a uma diferença de tratamento dado às diferentes teorias pulsionais freudianas e se indica uma afinidade maior da pulsão sexual com o conceito de desejo e de produção desejante. Ou talvez seja mais apropriado dizer que se trata de focos problemáticos diferentes, a serem distinguidos. Com efeito, é importante se ter em conta que Deleuze, em obras anteriores à colaboração com Guattari, como *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967), já travava discussões relevantes com a psicanálise, de onde sai uma concepção de um “Instinto de morte”, distinto da pulsão de morte, que será relacionado, de uma certa maneira, ao Corpo sem órgãos n’*O anti-Édipo*: “o corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inegendrado, o inconsumível [...] Instinto de morte é o seu nome, e a morte não fica sem modelo”. Temos aqui a problemática da morte do ponto de vista do desejo e do inconsciente, mas, agora, segundo a perspectiva de um inconsciente maquínico. Por um lado, os filósofos franceses chegam a afirmar que “o desejo deseja *também* isso, a morte, pois o corpo pleno da morte é seu motor imóvel, assim como deseja a vida, pois os órgãos da vida são a *working machine* [o funcionamento maquínico]”.<sup>629</sup> Por outro, apontam para o absurdo da oposição qualitativa entre desejo de morte e desejo de vida, como citado acima. De acordo com eles, “a morte não é desejada, há somente a morte que deseja, enquanto corpo sem órgãos ou motor imóvel”, assim como “há também a vida que deseja, enquanto órgãos de trabalho”. Enfim, “não se trata de dois desejos, mas de *duas peças*, de duas espécies de peças da máquina desejante”, peças “diferentes e coexistentes”.<sup>630</sup>

Deleuze e Guattari contestam a ideia freudiana de uma pulsão de morte por seu teor de “princípio transcendente”: “o instinto de morte é puro silêncio, pura transcendência, não doável e não dado na experiência [...] é porque a morte, segundo Freud, não tem modelo e nem experiência,

---

<sup>628</sup> *AE*, p. 436 [393].

<sup>629</sup> *AE*, p. 20 [14].

<sup>630</sup> *AE*, p. 436 [393], grifo nosso.

que ele próprio, Freud, faz dela um princípio transcendente”.<sup>631</sup> Tomando um caminho diferente, contrário à consideração psicanalítica, os autores afirmam: “não há instinto de morte, porque há modelo e experiência da morte no inconsciente” – o que remete à ideia de devir, de consumo e passagem por intensidades –, sendo que “a morte é uma peça de máquina desejante, peça que deve ser julgada, avaliada no funcionamento da máquina e no sistema de suas conversões energéticas, e não como princípio abstrato” – ou seja, o ponto de vista da *multiplicidade funcional*.<sup>632</sup>

Tivemos a oportunidade de apreciar tal funcionamento maquínico ao apresentar a teoria do desejo e da produção desejante em *O anti-Édipo*: vimos a operação das sínteses, o modo como elas abarcam, cada uma, algum dos aspectos ou esferas da economia (produção, distribuição/registro e consumo) e suas energias correlatas, o que caracteriza o funcionamento maquínico do inconsciente. Nesse sentido, vale sublinhar que, além dos elementos produtivos e antiprodutivos, o quadro completo das máquinas desejantes é composto, na realidade, por três energias, três sínteses e três peças:

Eis as máquinas desejantes com as suas três peças (as peças trabalhadoras, o motor imóvel, a peça adjacente), com suas três energias (*Libido*, *Numen*, *Voluptas*) e com suas três sínteses (as sínteses conectivas de objetos parciais e fluxos, as sínteses disjuntivas de singularidades e cadeias, as sínteses conjuntivas de intensidades e devires).<sup>633</sup>

Além disso, a perspectiva de uma multiplicidade funcional é bem expressa numa pergunta trazida pelos autores: “por que dois tipos de pulsões qualificadas molares [...] em vez de  $n$  genes de pulsões [...] funcionando maquínicamente?”.<sup>634</sup> Quanto à resposta, Deleuze e Guattari dizem que a imposição de um princípio transcendente, como o instinto de morte, e a realiação da Libido, tida como a “essência subjetiva abstrata do desejo”, se deve justamente ao modo como a prática é concebida, ou melhor, ao modo como se impõe à prática uma certa concepção que se faz dela: trata-se, seguindo as indicações dos autores, de uma manifestação do *ideal ascético* por “conceber a essência da vida sob uma forma voltada contra si própria, sob [a] forma da própria morte”, a partir do “sistema subjetivo de representação do eu”, da “territorialidade residual de Édipo” e do “significante despótico da castração”.<sup>635</sup>

---

<sup>631</sup> *AE*, p. 440 [397].

<sup>632</sup> *AE*, p. 441 [397-398].

<sup>633</sup> *AE*, p. 448 [404].

<sup>634</sup> *AE*, p. 441 [397-398], levantada a partir de Szondi.

<sup>635</sup> *AE*, p. 441-442 [398].

Segundo outro apontamento d’*O anti-Édipo*, “o instinto de morte celebra as núpcias da psicanálise com o capitalismo”. Partindo da admissão, feita por Freud, do liame entre a “descoberta” do instinto de morte e a guerra de 1914–1918, considerada por eles o “modelo da guerra capitalista”, Deleuze e Guattari retomam a ideia de que o capitalismo herdava e difundia “uma instância transcendente mortífera [...] por toda a imanência do próprio sistema: corpo pleno, que deveio o corpo do capital-dinheiro”<sup>636</sup> e complementam:

Empreender a morte é uma das formas principais e específicas da absorção de mais-valia no capitalismo. É esse mesmo curso que a psicanálise reencontra e refaz com o instinto de morte: este, em sua transcendente distinção relativamente à vida, é tão somente um puro silêncio, mas não deixa de difundir-se através de todas as combinações imanentes que ele forma com essa mesma vida. E a morte imanente, difusa, absorvida.<sup>637</sup>

Vale indagar o que leva os filósofos franceses a atribuir à teoria freudiana a impossibilidade de transformações energéticas, tais quais eles defendem, e como eles encaram a problemática da morte para o inconsciente. A começar pela primeira questão, encontramos uma nota que explicita a referência para tais afirmações: ela consiste em *O Eu e o Isso* (1923), texto que dá prosseguimento à reelaboração da teoria pulsional de *Além do princípio de prazer* (1920) e que é tido – conforme vimos numa passagem abordada anteriormente – como o momento efetivo de formulação teórica do complexo de Édipo, com a apresentação do Édipo completo. Segundo Deleuze e Guattari, Freud parece apontar, nesse texto, para a “impossibilidade de conversões qualitativas imediatas e a necessidade de passar por uma energia neutra”, o que eles consideram incompreensível: “se admitirmos, com Jean Laplanche, que ‘a pulsão de morte não tem energia própria’ [...] então, a pulsão de morte não poderia entrar num verdadeiro dualismo ou deveria confundir-se com a própria energia neutra, o que Freud não admite”.<sup>638</sup>

Encontramos na referida obra de Freud um trecho que parece se adequar aos comentários de Deleuze e Guattari. Nele, o psicanalista se põe a tratar de casos de ambivalência e aparente transformação entre impulsos eróticos e hostis, amor e ódio, que remetem às duas espécies de pulsões, Eros e pulsão de morte – um dos exemplos sendo a transformação por, via reativa, dos impulsos amorosos em hostis na paranoia, sem notáveis modificações no objeto. “Cabe perguntar”, indaga Freud, “se nesses casos devemos supor uma conversão direta de ódio em amor”. Justamente,

---

<sup>636</sup> *AE*, p. 444 [400].

<sup>637</sup> *AE*, p. 445 [400-401].

<sup>638</sup> *AE*, p. 441 [398], nota 46.

diante de eventuais casos em que seria possível aventar alguma forma de transformação, toma-se um outro caminho: “não precisamos supor, em nenhum desses casos, uma transformação direta de ódio em amor, que seria incompatível com a diferença qualitativa das duas espécies de pulsões”. Contorna-se, assim, a necessidade de promover alguma modificação na dualidade pulsional. Seguindo por via alternativa, ele dá seguimento a uma suposição antes implícita em suas considerações: “procedemos como se houvesse na psique – seja no Eu ou no Id – uma energia deslocável, que, em si indiferente, pode juntar-se a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e elevar o investimento total deste. Sem supor uma tal energia deslocável não avançamos. A questão é de onde procede, a que pertence e o que significa”. O curioso é que essa “energia deslocável” e “indiferente”, que proporciona um incremento nos investimentos de um impulso ou outro, seria a própria libido, posto que “as pulsões eróticas nos aparecem como mais plásticas, desviáveis e deslocáveis que as pulsões de destruição”. Mais precisamente, a hipótese mais plausível (e não a prova, salienta) apresentada por Freud é a de que essa energia neutra, para usar o termo de Deleuze e Guattari, “provenha da reserva de libido narcísica, seja Eros dessexualizado”. Assim sendo, essa “libido dessexualizada” poderia ser igualmente descrita, afirma Freud, como “energia *sublimada*”, “pois ainda manteria a principal intenção de Eros, a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade – ou o esforço por unidade – que caracteriza o Eu.”. É importante destacar que um dos pontos mobilizados por Freud para chegar a essa hipótese se refere à observação das pulsões sexuais parciais, mais particularmente, de seu potencial de comunicabilidade: “há certo grau de comunicação entre as pulsões parciais, [de modo] que a pulsão de uma fonte particularmente erógena pode ceder a sua intensidade para o fortalecimento de uma pulsão parcial de outra fonte, que a satisfação de uma pulsão substitui a de outra”. Ademais, em se tratando de uma *libido deslocável*, Freud indica que não seria estranho encontrar um certo traço de “indiferença”: ao trabalhar segundo o princípio de prazer, ou seja, “a fim de evitar represamentos e facilitar descargas”, “é possível notar uma certa indiferença quanto ao caminho pelo qual sucede a descarga, desde que ela aconteça”. As transferências em análise seriam, nesse sentido, exemplos da presença desse traço típico “dos processos de investimento que há no Id”.<sup>639</sup> Poderíamos enxergar aí o que caracterizaria a anterioridade do traço intensivo em relação a sua qualificação e passagem à extensão.

---

<sup>639</sup> FREUD, 1923/2011, p. 54-57.

Essas observações, ainda que não tenham esgotado a questão, nos ajudam a compreender o sentido das críticas que vínhamos examinando. Vemos com maior acuidade o papel de uma energia “neutra”, a libido dessexualizada e sublimada, como mediadora das transformações pulsionais. Diante disso, resta aprofundar como Deleuze e Guattari concebem, por sua vez, esses mecanismos de transformação energética, o que nos recoloca diante da problemática da morte. Considerando que os autores recusam a oposição entre pulsões e energias qualitativamente distintas, *dois desejos*, e que propõem, ao invés disso, pensar a vida e a morte como duas peças das máquinas desejanças, temos que o funcionamento maquínico consiste em “traduzir constantemente, [...] converter constantemente o modelo da morte em algo totalmente distinto, que é a experiência da morte”. Esta conversão está no âmago da operação das máquinas, posto que essas peças são diferentes e não se opõem, mas coexistem. No entanto, a relação entre as peças trabalhadoras e o motor imóvel, entre os objetos parciais e o corpo sem órgãos, é constitutiva da *dispersão* e do *desarranjo* característicos das máquinas em seu funcionamento molecular, dado que é uma relação baseada em repulsão e atração. A esse respeito, os autores explicam que “a repulsão é a condição do funcionamento da máquina, mas a atração é o próprio funcionamento”, e que o funcionamento *em conjunto* dessas peças “aparece quando o motor, sob as referidas condições, isto é, sem deixar de estar imóvel e sem formar um organismo, atrai os órgãos ao corpo sem órgãos e se apropria deles”<sup>640</sup> – como vimos acerca da retomada da teoria do recalque. Portanto, o funcionamento depende da condição de funcionamento e, eles sublinham, não se trata de uma oposição real entre corpo sem órgãos e objetos parciais, posto que ambos têm o “organismo molar” como “inimigo comum”. Ora, se “o corpo sem órgãos é o modelo da morte [... a] Intensidade-zero” e “o modelo da morte aparece quando o corpo sem órgãos repele e depõe os órgãos”, no que consiste, então, a *experiência da morte*? Nas palavras de Deleuze e Guattari:

o que é a experiência da morte e o que a distingue do modelo? [...] A experiência da morte é a coisa mais ordinária do inconsciente, precisamente porque ela se faz na vida e para a vida, ela se faz em toda passagem ou todo devir, em toda intensidade como passagem e devir. É próprio de cada intensidade investir em si própria a intensidade-zero a partir da qual ela é produzida num momento como o que cresce ou diminui sob uma infinidade de graus.

[...] São esses devires e sentimentos intensos, são essas emoções intensivas [...] as portadoras da experiência inconsciente da morte, já que a morte é o que volta a ser sentido em todo sentimento, é o que não para e não acaba de advir em todo devir [...] formando as zonas de intensidade sobre o corpo sem órgãos. Toda

---

<sup>640</sup> *AE*, p. 436 [394].

intensidade é portadora, em sua própria vida, da experiência da morte, e a envolve. E, sem dúvida, toda intensidade se extingue ao final, todo devir devém ele próprio um devir-morte! Então a morte sobrevém efetivamente.<sup>641</sup>

As intensidades, emoções intensivas, estados e sensações envolvem a intensidade-zero e, por isso, portam a experiência da morte que consiste na experiência de devir, de passar por esses sentimentos que aumentam e diminuem a partir do grau zero. Além disso, esses estados intensivos, produzidos em meio às relações de atração e repulsão das peças, “implicam uma nova conversão energética e formam o terceiro tipo de síntese, as sínteses de conjunção” e a produção da terceira e última peça da máquina desejante, que vem a ser disseminada: “um sujeito aparente, residual e nômade”, a “peça adjacente” que “o inconsciente como sujeito real disseminou por todo o contorno do seu ciclo”, e tem o papel de consumir tais intensidades.<sup>642</sup> “Um estranho sujeito, sem identidade fixa”, sem “identidade específica ou pessoal”, que “consume os estados pelos quais passa, e nasce destes estados”, “definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir”, nascendo e renascendo em cada estado que consome.<sup>643</sup>

Com uma ideia mais precisa das concepções de modelo e experiência da morte propostas em *O anti-Édipo*, cabe considerar o contraponto que fazem com a noção de instinto de morte. Vimos como Deleuze e Guattari situam o instinto de morte como um princípio transcendente em meio a um empreendimento capitalista de difusão da morte, do qual a psicanálise participaria. Partindo de uma definição de instinto como “as condições de vida histórica e socialmente determinadas pelas relações de produção e de antiprodução num sistema”<sup>644</sup>, e considerando a ideia de que há uma identidade de natureza, mas com diferença de regime, entre a produção social e a produção desejante, eles afirmam – tendo em perspectiva a situação do capitalismo frente a formações pregressas – que “há tanto menos instinto de morte quanto melhor codificados estão o modelo e experiência num circuito” e que “ao mesmo tempo em que a morte é descodificada, ela perde sua relação com um modelo e uma experiência, e devém instinto, isto é, difunde-se no sistema imanente no qual cada ato de produção acha-se inextrincavelmente misturado com a instância de antiprodução como capital”. Uma “axiomática mortuária”, em que, conforme os códigos são

---

<sup>641</sup> *AE*, p. 436-437 [394-395].

<sup>642</sup> *AE*, p. 437 [394].

<sup>643</sup> *AE*, p. 30 [22-23]; p. 60 [48-49].

<sup>644</sup> *AE*, p. 446 [402].

desfeitos, “o instinto de morte se apodera do aparelho repressivo, e se põe a dirigir a circulação da libido”.<sup>645</sup>

Enfim, a difusão do instinto de morte pode ser considerada como uma das “antiformações que desnaturam o inconsciente” e recobrem suas produções e formações, o seu funcionamento real. Possivelmente a mais derradeira das antiformações, dentre as quais temos ainda as “imagens edipianas”, as “encenações fantasmáticas”, a “simbólica da castração”, as “reterritorializações perversas”.<sup>646</sup>

---

<sup>645</sup> *AE*, p. 447-448 [403-404].

<sup>646</sup> *AE*, p. 449 [405].

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar o tema da produção desejante desde Freud até Deleuze e Guattari, partindo de alguns apontamentos destes autores n’*O anti-Édipo*. Na parte I, consideramos diversos enunciados fundamentais que corroboravam a hipótese inicial de que o conceito de pulsão, especialmente o de pulsão sexual, seria de suma importância para o programa de retomada crítica e subversão interna da psicanálise, perpassando a nova concepção de inconsciente e de desejo proposta pelos pensadores franceses. Certa confluência entre o campo intensivo das pulsões e o plano do funcionamento maquínico da produção desejante, indicada ou sugerida em diversas passagens de *O anti-Édipo*, nos levou, inicialmente, ao exame detalhado de duas obras seminais de Freud: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *Pulsões e seus destinos* (1915). Esse primeiro movimento, atinente ao objetivo de realizar uma leitura sistemática da teoria pulsional freudiana, nos colocou diretamente no contexto da “grande descoberta” psicanalítica, descoberta da sexualidade e da libido, considerada a essência subjetiva abstrata do desejo, permitindo entrever o que seria a produção desejante no momento nascente da psicanálise, por vezes articulada às pulsões parciais.

Na sequência, para verificar o modo de apropriação e retomada crítica da teoria pulsional na criação deleuzo-guattariana, antes, foi necessário abordar os problemas associados à descoberta psicanalítica e estabelecer o campo problemático do desejo como produção. Essas coordenadas forneceram um contexto adequado para se analisar a natureza e a constituição da produção desejante em *O anti-Édipo*, integrando, junto aos problemas, os capítulos que compõem a parte II do desenvolvimento. Além disso, pudemos situar dois eixos principais da crítica de Deleuze e Guattari referida especialmente à teoria pulsional, que buscamos destrinchar na parte III. Nesta última, tivemos a oportunidade de examinar outros textos de Freud e assim completar a leitura sistemática proposta. Os artigos metapsicológicos *O recalque* e *O inconsciente*, ambos de 1915, fomentaram a compreensão das críticas à edipianização do inconsciente e aos paralogismos psicanalíticos e do modo de utilização da teoria do recalque de Freud, não mais restrita a sistemas do aparelho psíquico, mas imbricada na relação de imanência entre as produções desejante e social, também atravessada pelos processos e forças de repressão. Por outro lado, as obras *Introdução ao narcisismo* (1914) e *Além do princípio de prazer* (1920) possibilitaram apreender as mudanças da teoria pulsional no Freud e lastrear a discussão promovida por Deleuze e Guattari acerca de uma

derradeira liquidação da libido, com o abandono de seu papel motor, ao se chegar à oposição entre Eros e pulsão de morte. Se o potencial subversivo mais notável da psicanálise, segundo Deleuze e Guattari, residia na descoberta da sexualidade e das pulsões sexuais parciais, ou de certas facetas da circuitaria pulsional, vimos como, em prol de sua devida retomada, outros elementos associados à teoria pulsional ensejaram um trabalho mais acentuado de desmontagem e remanejamento, como foi o caso da teoria do recalque no sistema repressão-recalcamento, que favoreceu a requalificação do estatuto de Édipo, bem como a crítica ao idealismo e ao familismo psicanalíticos. Ademais, Deleuze e Guattari, com a noção de Corpo sem Órgãos, produzem relevantes torções na teoria pulsional de 1920, preparadas pela lida pregressa de Deleuze com esse material de Freud, a qual não chegamos a aprofundar, mas que forneceria um interessante contexto do devir do conceito. Além disso, vimos como a pulsão de morte se relaciona com a noção de fantasma de grupo e participa do movimento a partir do qual se chega na tese central da obra, a da univocidade da produção.

De forma geral, a retomada crítica da teoria freudiana mostrou-se justificada pelos descaminhos da descoberta do psicanalista, que são expressos, principalmente, pelo processo de edipianização do inconsciente e sua subordinação ao plano da representação, do mito e da fantasia. Soma-se o resgate do projeto reichiano, que, apesar de alimentar, inclusive, diversas das críticas à psicanálise, foi considerado também insuficiente quanto ao modo de se estabelecer o liame entre a produção desejante e a produção social. Diante disso, conseguimos averiguar que o problema da produção desejante perpassa, em *O anti-Édipo*, tanto a criação conceitual, que se detém sobre a sua natureza, seus elementos constitutivos, seus mecanismos de engendramento e regimes imanentes de funcionamento, quanto ao discernimento do que lhe seria extrínseco e transcendente, o que lhe sobrevém como movimentos de captura, submissão, limitação e esmagamento da potência produtiva, em face do que insurge a crítica.

Para retomar os termos de Machado acerca da filosofia dos autores, podemos esboçar uma resposta à questão de como a pulsão participa da história e do devir do conceito deleuzo-guattariano de desejo ou de produção desejante. Parece-nos plausível estabelecer que especialmente a pulsão sexual participa da história do conceito de máquina desejante, dada sua articulação com o polo produtivo e com o trabalho conectivo característico da libido, além da proximidade ou mesmo filiação entre as pulsões parciais – em referência às quais Deleuze e Guattari chegam a falar diretamente de uma espécie de produção desejante – e os objetos parciais, termo este que é

mobilizado para designar as peças trabalhadoras. O polo de antiprodução do Corpo sem Órgãos, por sua vez, tem na vertente psicanalítica de sua história a noção de pulsão de morte como um dos elementos conceituais que preparam terreno para seu estabelecimento. Em última instância, por via de uma mudança mais acentuada, poderíamos pensar na instância do Eu em sua diferença frente ao sujeito como peça residual. Os rumos dessa história, porém, são atravessados pelo abandono da perspectiva de um dualismo pulsional conflitivo, com dois grupos qualitativa e energeticamente distintos e opostos, e dos postulados que imprimem uma mediação entre o desejo e o campo social. Nesse sentido, evidencia-se a marca de outros atravessamentos e relações que impulsionam devires nos conceitos freudianos, dentre os quais podemos entrever a inspiração de autores como Reich, Marx, Nietzsche e Espinosa, mas também Artaud, Klossowski, Lenz, Jaspers, Klein e tantos outros. Para enumerar algumas dessas marcas: Reich, com a proposta de psiquiatria materialista, com os rudimentos da produção desejante e a articulação entre o desejo e o campo sócio-político-histórico, além da insistência no caráter sexual da libido, etc.; Marx, presente especialmente nas noções de processo (que parte de Jaspers) e produção; Espinosa e a univocidade; Artaud e o Corpo sem Órgãos; Lenz e o passeio esquizo.

Enfim, não cabe aqui esgotar as inter-relações em jogo no sistema d'*O anti-Édipo*, mas apenas considerar a importância delas para as mudanças e torções promovidas nos conceitos freudianos explorados e, de forma geral, na imagem do inconsciente. Se partimos de uma disjunção discursiva interna à obra freudiana para entrever a prevalência do discurso pulsional na criação deleuzo-guattariana, isto logo mostrou-se condizente com as diversas afirmações destes autores que sugerem uma imbricação entre as pulsões e sua concepção própria de desejo e de produção desejante. Talvez não tenhamos esgotado os motivos para que a pulsão venha a ser retomada enquanto desejo, mas, ao menos, pudemos identificar os principais atravessamentos para a ocorrência desse devir. Um possível avanço nessa investigação poderia se dar a partir de um aprofundamento na teoria do desejo e do inconsciente de Freud, especialmente atento às bases lançadas na *Interpretação dos sonhos* (1900), e de uma análise da concepção espinosana de desejo, junto à ampliação do escopo na obra de Deleuze e de Guattari, para além de *O anti-Édipo*, como em sua sequência, o *Mil platôs*. No entanto, isso ficaria para outra ocasião.

Quanto ao alcance que o conceito de pulsão ganha, desde as teorias pulsionais freudianas até a proposição da produção desejante pelos autores franceses, podemos aventar um sucessivo incremento, uma ampliação de seu escopo. Se o ponto de partida é a consideração acerca da

sexualidade, e de certa especificidade do ser humano, dado o desvio diferencial a partir do instinto, em sua sistematização no âmbito da metapsicologia, o conceito, ressalvadas as ambiguidades de sua definição, ganha o estatuto de conceito fundamental e fronteiro entre o corporal e o anímico, o somático e o psíquico. Com a reformulação da teoria em 1920, a acentuada e, digamos, derradeira aproximação com o campo da biologia imprime a característica de um conceito inerente à vida orgânica de modo geral, forjado pelas facetas de sua origem a partir do inorgânico. Em que se pese o enquadramento da constituição da psicanálise enquanto um campo que se diferencia da psicologia da época e preocupado inicialmente com os fenômenos de adoecimento e sofrimento psíquico, principalmente neurótico, podemos aventar, com a reconstituição da imagem do inconsciente e do desejo promovida pelo *Anti-Édipo*, um alcance ainda mais amplo para a pulsão: inserida na própria infraestrutura de uma produção que é, por natureza, desejante e social, libidinal e política, a pulsão, em sua transmutação maquínica, passa a ser posicionada, enquanto desejo, como o próprio princípio imanente de produção do Real. Para se chegar a tal concepção, examinamos o empreendimento de destituição dos postulados familistas e idealistas, ou seja, a redução materialista do problema ideológico de Édipo, bem como a fundamentação em pressupostos que ativamente esconjuram quaisquer formas de separação entre Homem, Natureza e História, desbancando, assim, as conseqüentes teses de uma necessidade de mediação entre o desejo e o investimento do campo social. Na nova concepção, ainda temos a dissolução das dualidades pulsionais em prol da perspectiva da *multiplicidade funcional*, que envolve, no seio do funcionamento maquínico, toda sorte de mutações e transformações energéticas. Eis alguns pontos que tornam profícua e proveitosa a leitura de uma tal obra como *O anti-Édipo*, mesmo mais de 50 anos após sua publicação, inclusive e principalmente para aqueles interessados pela psicanálise e pela filosofia. Para concluir, fiquemos com o convite de Deleuze e Guattari:

Para a psicanálise, pode-se dizer que há sempre desejos demais. Para nós, ao contrário, *não há nunca desejos o bastante*. [...] trata-se, para nós, de produzir inconsciente: não há um inconsciente que estaria já por aí, *o inconsciente deve ser produzido* e deve ser produzido politicamente, economicamente, historicamente.<sup>647</sup>

O inconsciente é uma substância a ser fabricada, a ser colocada, posta para escorrer, um espaço social e político a ser conquistado. Uma revolução é uma formidável produção de inconsciente, e não há muitas outras [...]. O inconsciente não é um sujeito que produziria rebentos na consciência, é um objeto de produção, é ele que deve ser produzido, com a condição de que não haja impedimento. Ou

<sup>647</sup> DELEUZE, 1973/2002a, p. 199 [381-382], grifo nosso. Capítulo 36. “Cinco proposições sobre a psicanálise”.

melhor, não há sujeito do desejo, tampouco objeto. Somente os fluxos são a objetividade do próprio desejo. *Nunca há desejo o suficiente.*<sup>648</sup>

---

<sup>648</sup> DELEUZE, 1977/2016, p. 82-84 [72-74], grifo nosso. Capítulo 8. “Quatro proposições sobre a psicanálise”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, O. de. “O procedimento da imanência em Deleuze”. *Alceu*, v. 5, n. 9 (2004), p. 87-104.
- BARBOSA, M. T. “A ontologia espinosista de Deleuze: univocidade, imanência, diferença”. In: *Aurora*. Curitiba, v. 32, n. 56 (2020), p. 463-481.
- BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. [s.l.] Editora José Olympio, 2016. Livro eletrônico - edição Kindle.
- \_\_\_\_\_. BIRMAN, J. “Retomada da psicanálise no discurso político na contemporaneidade”. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, v. Ano XIII, n. spe. (2021), p. 49–55. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912021000100008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912021000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- BITTENCOURT, H. S. **A história da filosofia de Gilles Deleuze e o procedimento interpretativo em *Espinosa e o problema da expressão***. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- CORTÁZAR, J. (1963). **O jogo da amarelinha**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- COSTA, R. da; GONDAR, J. (1992). “Video-entrevista com Félix Guattari”. In: MOURA, A. H. (org.). **As pulsões**. São Paulo: Escuta/EDUC, 1995. p. 97-107.
- D'ANGELO, L. B. **D De Desejo: O Que É Desejo Para Deleuze? #AbecedárioDeleuze**, 2016. Disponível em: <<https://jornalnota.com.br/2016/06/14/d-de-desejo-o-que-e-desejo-para-deleuze-abecedariodeleuze/>>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- DAVID-MÉNARD, M. **Deleuze e a psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DECARLI, L. C. **Da diferença sexual à proliferação de N sexos: intercessões entre Preciado e Deleuze & Guattari**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- DELEUZE, G. **A ilha deserta e outros textos (1953-1974)**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002a.
- \_\_\_\_\_. (1981). **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002b.
- \_\_\_\_\_. (1953). **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Dois regimes de loucos:** textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Ed. 34, 2016.

\_\_\_\_\_. (1968a). **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Cartas e outros textos.** São Paulo: n-1 edições, 2018b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1972). **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. (1980). **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

\_\_\_\_\_. (1980). **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **O Abecedário de Gilles Deleuze.** Entrevista em vídeo. Paris: Éd. Montparnasse, 1988.

FREUD, S. (1911). “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”. In: \_\_\_\_\_. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).** Obras completas, vol. 10. São Paulo: Cia. das Letras, 2010a, p. 109-121.

\_\_\_\_\_. (1914). “Introdução ao narcisismo”. In: \_\_\_\_\_. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Obras completas, vol. 12. São Paulo: Cia. das Letras, 2010b, p. 13-50.

\_\_\_\_\_. (1915a). “A repressão”. In: \_\_\_\_\_. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Obras completas, vol. 12. São Paulo: Cia. das Letras, 2010b, p. 82-98.

\_\_\_\_\_. (1915b). “O inconsciente”. In: \_\_\_\_\_. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Obras completas, vol. 12. São Paulo: Cia. das Letras, 2010b, p. 99-150.

\_\_\_\_\_. (1933). “Angústia e instintos”. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise, 32. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** Obras completas, vol. 18. São Paulo: Cia. das Letras, 2010c.

\_\_\_\_\_. (1923). “O Eu e o Id”. In: \_\_\_\_\_. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1923-1925).** Obras completas, vol. 16. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, p. 13-74.

\_\_\_\_\_. (1914). “Contribuição à história do movimento psicanalítico”. In: \_\_\_\_\_. **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Obras completas, vol. 11. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. (1905). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Obras completas, vol. 06. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. (1915). **As pulsões e seus destinos**. 1. ed.; 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

\_\_\_\_\_. (1920). **Além do princípio de prazer**. Edição crítica bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

\_\_\_\_\_. (1924). “O problema econômico do masoquismo”. In: \_\_\_\_\_. **Neurose, psicose, perversão**. Obras incompletas de Sigmund Freud; 5. 1. ed.; 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 287-304.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**, v. 3. Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GUATTARI, F. **La pulsion, le trou noir** (Les séminaires de Félix Guattari - 10.02.1981). 1981. Disponível em <<https://www.revue-chimeres.fr/10-02-1981-La-pulsion-le-trou-noir>>. Acesso em: 24 set. 2024.

GUÉRON, R. **Capitalismo, Desejo & Política: Deleuze e Guattari leem Marx**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2020.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. “Para introduzir *Além do princípio de prazer*”. In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Edição crítica bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Livro eletrônico.

MAGIOLI, D. **A ontologia de Deleuze e Guattari: uma produção intensiva do real**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

- NÉRI, R. “Anti-Édipo/Psicanálise: um debate atual”. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, v. 6, n. 1 (2003), p. 21-43.
- ORLANDI, L. B. L. “Pulsão e campo problemático”. In: MOURA, A. H. (org.). **As pulsões**. São Paulo: Escuta/EDUC, 1995, p. 147-195.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SANCHES, A. **Máquinas, corpo sem órgãos e pulsões** - um diálogo entre O Anti-Édipo de Deleuze e Guattari e a metapsicologia freudiana. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- SCHLACHTER, L.; BEIVIDAS, W.. Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 13, n. 2 (2010), mar., p. 207–227. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/PqcbLtKchgfVpgHxndPdTmt/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 16 set. 2024.
- SIBERTIN-BLANC, G. **Deleuze & Guattari e o Anti-Édipo: a produção do desejo**. Trad. Maria Cecília Lessa da Rocha. São Paulo: Ed. Politeia; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2022.
- SILVA, C. V. da. **O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588981>. Acesso em: 13 out. 2024.
- SIMANKE, R. T. “O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução”. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 1 (2014), mar. p. 73–95. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ss/a/RcbhzNdBLf8ctwcKzRmnbPC/>>. Acesso em 14/02/2024.
- VINCI, C. F. R. G. “A filosofia em discurso indireto livre”. *Kínesis*, v. 10, n. 25 (2018), p. 98-110.
- ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCANTARA, S. B de C. “O que pode um corpo? Espinosa e Deleuze, o desejo como produção”. **Profanações**, v. 6 (2019), p. 220–237. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/2437>>. Acesso em: 1 fev. 2024.

- ANDRADE, A. D. de. “Negatividade e produção: elementos para uma teoria do desejo em Deleuze”. **Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 10, n. 1 (2017), p.73-92.
- ANTUNES, M. Â. O. de S. L. C. **O desejo maquínico em Gilles Deleuze**. Tese (Doutorado). Departamento de Filosofia, Universidade de Évora, Évora, 2014. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12329>>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- BARBOSA, M. de T. “Comentário A ‘O Fascismo Transindividual’”. **Trans/Form/Ação**, v. 45, n. 1 (2022), p. 39–44.
- BOGO, F. H. M. **(Im)potência: considerações acerca do desejo na psicanálise e na esquizoanálise**. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/226967>>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- CARRILHO, M. M. (org.) **Capitalismo e Esquizofrenia - Dossier Anti-Édipo**. Lisboa: Ed. Assírio & Alvim, 1976.
- CASTEL, R. **O psicanalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.
- CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, M. “O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. **Cadernos de subjetividade**, v.1, n.1 (1993), p. 197-200.
- GABARRON-GARCIA, F. **Uma história da psicanálise popular**. [s.l.] Ubu Editora, 2022.
- JUNIOR, B. P. “Monique David-Ménard: Deleuze ou Freud/Lacan?”. **Discurso**, n. 36 (2007), p. 11–16. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38070>>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LEOPOLDO, R. “Análise d’O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud”. **Rev. Psicol. Política**, v. 17, n. 39 (2017), p. 293–303.
- MÉNARD, M. D.; MARANHÃO, B (trad.). “Como ler Além do princípio do prazer?”. **Reverso**, v. 37, n. 69 (2015), p. 99–112. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5369226.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- MONZANI, L. R. (1989) **Freud: o movimento de um pensamento**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

MOURA, A. H. (Org.) **As pulsões**. São Paulo: Escuta/EDUC, 1995.

MUSTO, M. “OS MANUSCRITOS ECONOMICO-FILOSÓFICOS DE 1844 DE KARL MARX: dificuldades para publicação e interpretações críticas”. **Caderno CRH**, v. 32, n. 86 (2019), p. 399. Disponível em: <[https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article /view/25803](https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/25803)>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SILVA, C. V. da. “Um só ou dois desejos?”. **Discurso**, v. 49, n. 1 (2019), p. 71–77.